Ensina-nos a Rezar

CATEQUESE 2º ANO

EDIÇÃO REVISTA DE 2017
25 CATEQUESES

Guia do Catequista

FUNDAÇÃO SNEC
Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã

ENSINA-NOS A REZAR

2

Guia do catequista

A Comissão Episcopal da Educação Cristã, por delegação da Conferência Episcopal Portuguesa, publica o Catecismo "ENSINA-NOS A REZAR", correspondente ao 2.º ano do Programa de Catequese da Infância e Adolescência

Lisboa, 30 de julho de 2008

+ Tomaz P. B. Silva Nunes

Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

Coordenação geral e Edição
do Secretariado Nacional da Educação Cristã

Capa: Zonadesign

ISBN: 978-972-8690-34-2

Depósito Legal: 430 425 / 17

1ª Edição – Agosto 2017

© Todos os direitos reservados para o SNEC

FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
Quinta do Bom Pastor - Estrada da Buraca, N.os 8 - 12 | 1549-025 LISBOA
Telef.: 218 851 285 Fax: 218 851 355 E-mail: snec@snec.pt

SIGLAS

AG *Ad Gentes*, Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja, CONC. ECUM. VATICANO II (1965)

AL *Amoris Laetitia*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal de Francisco, sobre o Amor na Família (2016)

ATV *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual*, CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2005)

CEJC *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,* CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2017).

CEP Conferência Episcopal Portuguesa

CIC *Catecismo da Igreja Católica* (1992)

CT *Catechesi Tradendae*, Exortação Apostólica de João Paulo II (1979)

DCE *Deus Caritas Est*, Carta Encíclica de Bento XVI (2005)

DGC *Directório Geral da Catequese,* CONGREGAÇÃO PARA O CLERO (1997)

DV *Dei Verbum*, Constituição conciliar, CONC. ECUM. VATICANO II (1965)

EN *Evangelii Nuntiandi*, Exortação Apostólica de Paulo VI (1975)

EG *Evangelii Gaundium*, Exortação Apostólica de Francisco (2013)

GS *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, CONC. ECUM. VATICANO II (1965)

LG *Lumen Gentium,* Constituição Dogmática sobre a Igreja, CONC. ECUM. VATICANO II (1964)

LS *Laudato Si*, Carta Encíclica de Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum (2015)

SC *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, CONC. ECUM. VATICANO II (1963)

SS *Spe Salvi,* Carta Encíclica de Bento XVI (2007)

«**a catequese** não se pode reduzir à transmissão de conteúdos doutrinais, como no modelo escolar. A transmissão **tem de fazer-se de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo**. De resto, todo o encontro de catequese tem de ser encontro com Ele. Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos, que, segundo o Papa Francisco, necessariamente se correlacionam: a cabeça para "pensar o que se sente e o que se faz"; o coração para "sentir o que se pensa e o que se faz"; e as mãos para "fazer o que se sente e se pensa"»

Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo, 12.

APRESENTAÇÃO

Caros amigos Catequistas / Caras amigas Catequistas,

Todos temos consciência de como as mudanças no mundo atual são rápidas e constantes. Inserida na comunidade humana, a Igreja tem, necessariamente, de acolher os novos desafios e lançar propostas que ajudem os homens e as mulheres a responder, em cada tempo, às realidades e problemas com a luz e o impulso do Evangelho de Jesus Cristo.

A catequese da infância e adolescência, dirigindo-se a pessoas em crescimento e inseridas em ambientes que se transformam, está também sujeita a dinamismos de mudança, os quais implicam que, periodicamente, se aprofunde a natureza da catequese, se avaliem resultados obtidos e se apontem novos caminhos. Neste sentido, as novas circunstâncias sugerem que, na fidelidade à identidade e aos conteúdos essenciais da catequese, se dê maior ênfase a aspetos doutrinais mais esquecidos, para os quais os documentos do magistério da Igreja alertam, ou a experiência da prática catequética requer, se renovem métodos e se apresentem novas propostas de ação, que favoreçam o crescimento humano e cristão dos catequizandos.

Toda esta tarefa renovadora se consubstancia na publicação de novos catecismos para um itinerário de 10 anos e de guias, correspondentes, destinados aos catequistas. São instrumentos de trabalho, a utilizar em estreita relação com as famílias e com as comunidades cristãs de referência dos catequizandos.

Com o 1º ano de catequese, inicia-se a I etapa do referido itinerário, intitulada "Inserção na comunidade".

O guia do catequista e o manual do catequizando, com o título "Jesus gosta de mim", são instrumentos de apoio e orientação para os encontros de catequese. Para enquadrar estes textos, torna-se indispensável estudar o documento da Conferência Episcopal Portuguesa "Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual" (Fátima, 23 de junho de 2005), dedicado sobretudo aos catequistas, "como manifestação do apoio pela nobre e bela missão da educação da fé que lhes foi confiada" (n. 7). Nele se apresenta uma visão global sobre a catequese no contexto das transformações culturais que marcam a atualidade, do pensamento do Magistério da Igreja e da relação da catequese com a comunidade

cristã, e se sistematizam os principais critérios a ter em conta na revisão dos catecismos.

"Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo" (*Para que acreditem e tenham vida*, n. 7). Os catequistas constituem o primeiro dos meios para a catequese em cada Diocese e, com a ajuda de uma adequada "formação tanto de base como permanente", devem ser "eles mesmos uma catequese viva" (Congregação para os Bispos, *Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos*, n. 128).

Neste sentido, é imprescindível que o catequista se assuma como testemunha da fé e que a catequese se desenvolva na globalidade e complementaridade das suas dimensões. Valorizar a pedagogia em detrimento da transmissão fiel e clara dos conteúdos do mistério cristão, ou transformar a catequese em ensino, desprezando a experiência de vida cristã dos catequizandos, expressa e alimentada na oração, na participação na Eucaristia, no compromisso na comunidade cristã e no testemunho do amor, seria uma grave deturpação e uma ameaça aos bons resultados da ação catequética.

Por outro lado, a missão do catequista não pode prescindir da responsabilidade da família do catequizando, particularmente na fase da infância. Com efeito, a família é a primeira responsável pela educação dos filhos, e a educação, entendida na sua globalidade, inclui a dimensão religiosa. Quer a família seja cristã quer não, o catequista há de sempre procurar estabelecer a relação mais adequada, que conjugue a sua ação com a da família do catequizando.

Bom trabalho!
Lisboa, 09 de julho de 2007

D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes
Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

(Na apresentação da edição de 2007)

Caras Catequistas/Caros Catequistas

Com mais este volume vos apresentamos a nova edição do Guia 2. Trata-se de uma revisão que mantém todos os conteúdos da edição de 2008, mas fundindo alguns objetivos que a prática tinha mostrado estarem demasiado dispersos ou confusos. Assim, tal como no Guia do Catecismo 1, encontrareis **25 catequeses** preparadas para trabalhar com crianças entre **os sete e os nove anos** durante um período de tempo de cerca de cinquenta minutos por encontro. E, do mesmo modo, esta nova edição do Guia e a nova edição do Catecismo foram preparadas em consonância com a Catequese Familiar e a Escola Paroquial de Pais, de modo a facilitar o trabalho dos catequistas. E, como sempre, o Guia propõe a cada catequista um caminho de aprofundamento da sua própria fé a partir do estudo do Aprofundamento do Tema, da leitura orante do texto bíblico, da reflexão adulta sobre as propostas que vão ser feitas às crianças e na vivência antecipada da celebração da fé a preparar.

Como definido desde a primeira edição, o 2º Catecismo é um Catecismo de inserção na Comunidade de Fé, de aproximação à experiência com Deus Pai através da oração do Pai-Nosso proposto por Jesus e de descoberta do mandamento do amor, sempre na linha do encontro com Jesus Cristo.

No documento "*Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*" que a Conferência Episcopal Portuguesa recentemente editou[1], encontramos a seguinte chamada de atenção: «"**No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo**". A afirmação é do Papa Bento XVI, que lhe deu especial relevo, ao inseri-la na introdução da sua primeira encíclica, "Deus é Amor", o documento programático do seu pontificado. Dois anos depois repetiu-a a nós, bispos portugueses, na *visita ad limina apostolorum*, acrescentando: "A evangelização da pessoa e das

[1] Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, 13 de maio de 2017, 1.

comunidades depende totalmente da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo"[2]. Encontro da parte de quem é evangelizado e de quem evangeliza. O Papa Francisco, também na introdução da Exortação Apostólica "A Alegria do Evangelho", de caráter igualmente programático, dirige-se a evangelizadores e é ainda mais interpelativo: "**Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo** ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar no dia a dia sem cessar"[3]. E retoma o tema no capítulo final, aí a propósito dos efeitos do encontro na ação evangelizadora: "Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor se não se está convencido, por experiência própria, de que **não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer**; não é a mesma coisa poder escutá-l'O ou ignorar a sua Palavra; não é a mesma coisa poder contemplá-l'O, adorá-l'O, descansar n'Ele ou não o poder fazer. (...) O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio do compromisso missionário. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar seguro do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém"[4].»

Apesar das crianças estarem mais crescidas – mais atentas, mais familiarizadas com a catequese e umas com as outras, mais capazes de participar e de desempenhar pequenas tarefas com acrescida autonomia – a qualidade da relação pedagógica e espiritual do catequista mantém-se como o principal e mais relevante instrumento de trabalho da catequese. A sua primeira preocupação deve ser a de garantir que o encontro é fiel ao espírito e ao programa da formação catequética que as crianças necessitam como discípulas e discípulos de Cristo em crescimento e, ainda, reforçar relações maduras e saudáveis entre elas, com verdadeiro espírito de grupo, e com o catequista, educador da pessoa toda e de toda a pessoa que lhe está confiada.

---

[2] Bento XVI, *Discurso aos Bispos de Portugal* (Roma, 10.11.2007), in *Lumen,* III, 68 (2007, 6) 20.
[3] Papa Francisco, *Exortação Apostólica "A Alegria do Evangelho"*, 3. Acerca do caráter programático da Exortação Apostólica vejam-se os n. 1 e 25.
[4] Papa Francisco, *Exortação Apostólica "A Alegria do Evangelho"*, 266.

Nesse sentido, e ao longo de todo o percurso catequético, a participação e o acolhimento dado aos Pais/Educadores continua a ser primordial: «tem crescido o número de pais que acompanham os filhos nas festas ao longo do seu percurso catequético. E dizem-nos que, em muitas comunidades, a preocupação de os preparar para uma participação ativa tem resultado. Há agora que aprofundar e alargar essa participação: aprofundá-la no campo espiritual, para que também os pais saboreiem o encontro pessoal com Jesus Cristo; e alargá-la, tanto quanto possível, aos encontros de catequese, informando os pais dos conteúdos doutrinais aí transmitidos e, principalmente, incentivando-os a viver, com os filhos, de acordo com esses conteúdos.»[5]

Com a revisão do Catecismo 2 continuamos a propor o Álbum de Férias correspondente, assim como os materiais necessários ao Catequista (a Pasta com os dísticos, as imagens, o CD de música e o respetivo cancioneiro). Os cânticos indicados ao longo do Guia do Catequista são os que se encontram no catecismo da criança e no CD, mas podem ser substituídos por outros que exprimam a mesma ideia. Quando ainda não são conhecidos devem ser ensaiados e só depois utilizados como oração.

É muito importante fazer participar as crianças em toda a catequese: criar condições para o diálogo, promover atividades, dar possibilidade às crianças de se movimentarem, por exemplo, afixando elas as gravuras, etc.. E, agora que as crianças estão mais maduras, é muito importante dar-lhes espaço para se manifestar e, efetivamente, escutá-las com atenção e adequar as propostas às suas perguntas e observações.

A Bíblia deve estar sempre na sala de catequese em cima da mesa, colocada numa estante, almofada, ou pano bonito, podendo estar uma vela junto dela. Sempre que faz uma leitura bíblica, o catequista deve pegar na Bíblia com muito respeito, fazer a leitura pausadamente e colocar de novo a Bíblia no seu lugar antes de prosseguir.

Cada criança deve trazer sempre para a catequese o seu catecismo e lápis de cor. No entanto, é conveniente que o catequista tenha uma caixa de lápis de cor para obviar a algum esquecimento (e algumas folhas de papel para o caso de haver crianças que se esqueçam do catecismo e estar prevista alguma atividade a realizar nele). O Guia sugere as atividades previstas no Catecismo.

---

[5] Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,* 35.

No início de cada catequese, o Catequista deve acolher carinhosamente as crianças, fazendo-as sentir bem-vindas. Procurará conhecê-las pelo nome o mais depressa que lhe seja possível. Deve conhecer os pais, ou algum familiar e, de preferência, preparar reuniões de pais regulares, bem estruturadas e calorosas, seguindo as indicações da Escola Paroquial de Pais, caso não esteja a acompanhar um grupo em Catequese Familiar.

Antes de entrar no assunto de cada catequese, o catequista deve sempre fazer uma revisão da catequese anterior, ou mesmo de várias se tal for útil para o tema que vai ser abordado. E, no final de cada Catequese, explicar o Compromisso que as crianças recebem para pôr em prática ao longo da semana, sempre com a intenção de procurar a colaboração ativa da família. Assim será possível conseguir que as crianças vivam «**a mesma alegria das primeiras testemunhas da ressurreição**: a alegria, não apenas por Jesus voltar à vida, como principalmente por nisso se confirmar "tudo quanto (Ele) em pessoa fez e ensinou"; a alegria de perceberem que n'Ele se cumpriam as "promessas do Antigo Testamento"; a alegria, enfim, por Ele, com a "vitória sobre a morte e o pecado", nos oferecer uma vida nova e ilimitada, ser "princípio e fonte da nossa ressurreição futura"[6]».[7]

Com votos de um trabalho que também promova o amadurecimento, a fé e a alegria de viver em Cristo de adultos – catequistas e famílias – e das crianças,

A Equipa do Secretariado Nacional da Educação Cristã

julho de 2017

---

[6] Catecismo da Igreja Católica, 651.652.654.655: sobre o sentido e alcance salvífico da ressurreição.
[7] Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo,* 51.

ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

(6-16 ANOS)

INFÂNCIA

I ETAPA – Inserção na comunidade

1º Ano	JESUS GOSTA DE MIM	Festa do Acolhimento
2º Ano	ENSINA-NOS A REZAR	Festa do Pai-Nosso
3º Ano	QUEREMOS SEGUIR JESUS	Festa da Eucaristia

II ETAPA – A vida da fé

4º Ano	TENS PALAVRAS... ETERNA	Festa da Palavra
5º Ano	SEREIS O MEU POVO	Celebração da Esperança
6º Ano	CREIO EM JESUS CRISTO	Creio em Ti, Senhor

ADOLESCÊNCIA

III ETAPA – Sentido cristão da vida

7º Ano	PROJETO MAIS	Bem-aventuranças
8º Ano	SOMOS MAIS	Festa da Vida

IV ETAPA – Compromisso cristão

9º Ano	O DESAFIO DE VIVER	Celebração de Compromisso
10º Ano	A ALEGRIA DE CRER	Festa do Envio

DEZ ANOS DE CATEQUESE - QUATRO ETAPAS

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em abril de 2005. Em junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *"Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual"*, que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes.
Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respetivos guias) que apresentam "a fé da Igreja que nos gloriamos de professar". A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

1ª Etapa – Inserção na Comunidade

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

2ª Etapa – A vida da fé

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

3ª Etapa – O sentido cristão da vida

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

4ª Etapa – O compromisso cristão

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

INTRODUÇÃO

INSERÇÃO NA COMUNIDADE

I. O QUE É A CATEQUESE

A catequese é uma ação eclesial. É a Igreja, no seu todo, que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa-Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (cf. DV 8).

A *comunidade eclesial* é a *origem,* porque o catequista não actua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (cf. EN 60). O catequista pode, e deve, dizer como São Paulo: **"Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi"** (1Cor 15,3).

Este anúncio não pode prescindir da *família*, do ambiente em que o catequizando vive. Quando falamos em família – como principal transmissora da fé – referimo-nos à família cristã que "tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que, melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra" (DGC 188). Contudo, é preciso ter em conta que muitas famílias, mesmo quando procuram a catequese para os seus filhos e netos, não são, ainda, maduramente cristãs, no sentido de que são incapazes de transmitir a fé ou porque se encontram numa fase de questionamento e, eventualmente, dúvida ou falta de convicção.

Assim, cada catequizando há de ser acolhido, de acordo com a sua situação, por uma comunidade cristã onde encontre um clima fraterno e hospitaleiro, que lhe permita observar e sentir a alegria de ser cristão, capaz de lhe suscitar o desejo de seguir Jesus Cristo. O *grupo de catequese*, como grupo primário, é uma boa porta de entrada na família paroquial.

A comunidade é o *âmbito* ou *lugar* normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação Cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.

A *meta* da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se tornar estéril, se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Assim, a comunidade tem uma dupla responsabilidade: de catequizar cada um dos seus membros e de os acolher, de modo que possam viver tão plenamente unidos Àquele a quem aderiram quanto a sua maturidade humana e religiosa lhes vai permitindo (cf. CT 24).

Por último, a catequese renova a comunidade. Através da Iniciação Cristã, a Igreja gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé as comunidades e cada fiel (cf. DGC 21). Assim, torna-se claro que a catequese, se quer cumprir os seus objetivos, tem de introduzir o catequizando na vida da comunidade.

Finalidade da catequese

O objetivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão íntima com Jesus Cristo (cf. CT 5). Pela sua própria natureza, "a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus, seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar" (DGC 81).
A comunidade, família de famílias, tem um lugar de destaque. São precisas comunidades catequizadas e maduras, que mostrem a fé em que acreditam e acolham aqueles que querem aderir a Cristo. A vida litúrgica e de comunhão, o testemunho alegre e o acolhimento caloroso, são expressões de comunidades missionárias que convocam à fé e geram espaços de receção para aqueles que querem aderir ao Reino de Deus.

Tarefas da Catequese

Para que a pessoa se realize, precisa de encontrar, no contexto da sua existência e experiência de vida, um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflete; e que procura a sua origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objetivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar na missão (cf. DGC 82-87).

É dever da catequese educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada; a fé celebrada; a fé vivida; e a fé rezada. Tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário. Neste processo de educação da fé, há intervenientes que têm um lugar de destaque. São eles a família e a comunidade cristã.

O conhecimento da fé: a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

A educação litúrgica: a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese "além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo «para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a perceção justa do significado dos símbolos...», uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica" (DGC 85).

A formação moral: a conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

Ensinar a rezar: a comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam a atitude orante e contemplativa do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante "é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória" (DGC 85).

Educar para a vida comunitária: a educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com ela. Para isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (cf. DGC 86).

A iniciação para a missão: só se adquire a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

II. ADESÃO A JESUS CRISTO E À SUA IGREJA, NA INFÂNCIA

De acordo com o documento da Conferência Episcopal Portuguesa, *Para que acreditem e tenham vida – Orientações para a catequese actual,* a primeira etapa do itinerário da catequese da infância e adolescência está centrada na "**adesão a Jesus Cristo, na comunidade"** que culminará com a Primeira Comunhão (cf. *ATV, Orientações* 6). No entanto, a catequese é um dos momentos que integram um processo mais vasto, "o processo de Evangelização". Neste processo, a catequese é precedida por uma etapa anterior e precisa de ter continuação. Segundo a *Evangelii Nuntiandi*, a catequese é precedida pela presença e acolhimento, que aqui é entendido como despertar religioso, e do primeiro anúncio (cf. *ATV, Orientações* 3 b). De acordo com estas orientações, o 1º,

o 2º e o 3º ano deste itinerário catequético visam o despertar religioso, a iniciação à fé cristã da criança, o desencadear da sua adesão a Jesus Cristo e à sua inserção na comunidade.

O despertar religioso

O despertar religioso da criança deveria ser preferencialmente feito no seio da sua família. Contudo, o modo de viver na sociedade atual leva a que muitas crianças tomem contacto com o ambiente religioso, apenas quando entram para o 1º ano de catequese.

O despertar religioso, sobretudo nas famílias cristãs, é uma forma eminente de convocação e chamamento à fé em Jesus Cristo. Faz-se essencialmente pelo acolhimento, o testemunho e o contacto informal com o religioso. Os destinatários só escutam verdadeiramente a Boa-Nova, se tiverem o coração bem disposto, atento e acolhedor e é essa postura e atitude que o despertar religioso promove. Nesse sentido, o primeiro passo e a atitude constante para evangelizar consiste em despertar a fé, isto é, "captar a benevolência" dos destinatários, tornando-se, no meio deles, uma presença amiga, acolhedora e solidária. À semelhança de Jesus que, pela Sua Encarnação, se situou no meio de nós, para nos anunciar o Evangelho (cf. EN 21; AG 10; *ATV, Orientações* 3 b1).

Esta é a dimensão que mais imediatamente se deduz do mandato missionário de Jesus. Realiza-se através do "primeiro anúncio", dirigido aos não-crentes: aqueles que ainda não fizeram uma opção de fé por Cristo, aos batizados que vivem à margem da vida cristã, aos seguidores de outras religiões, etc. (cf. AG 14; DGC 51).

Não podemos permanecer na presença solidária e no acolhimento. É indispensável o anúncio explícito de Jesus como Salvador do homem, que conduza ao despertar da conversão da fé.

A iniciação à fé cristã

Esta etapa destina-se às crianças que já fizeram o seu despertar religioso no seio familiar e na comunidade e que, movidas pela graça, decidem seguir Jesus, iniciando uma caminhada que tem como objetivo introduzi-las na vivência da fé, na vida litúrgica e caritativa do Povo de Deus (cf. EN 51-53; DGC 51). A Igreja realiza esta tarefa essencialmente por meio da catequese de infância, para os já batizados, e pelo catecumenado, para aqueles que ainda o não foram, e sempre em estreita relação com os sacramentos da iniciação cristã, nomeadamente o Batismo e a Eucaristia.

A adesão a Jesus Cristo, na comunidade eclesial

"Ao anunciar ao mundo a Boa-Nova da Revelação, a evangelização convida homens e mulheres à conversão e à fé. O apelo de Jesus «arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15) continua a ressoar hoje, através da evangelização da Igreja. A fé cristã é, sobretudo, conversão a Jesus Cristo, adesão plena e sincera à Sua Pessoa e decisão de O seguir. A fé é um encontro pessoal com Jesus Cristo, é tornar-se Seu discípulo. Isso exige o empenho permanente de pensar como Ele, de julgar como Ele e de viver como

Ele viveu. Desse modo, o crente une-se à comunidade dos discípulos e assume como sua a fé da Igreja" (DCG 53).

"Este «sim» a Jesus Cristo, plenitude da revelação do Pai, encerra em si uma dupla dimensão: a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revelou. Isto só é possível através da ação do Espírito Santo" (DCG 53).

Em síntese, a adesão a Jesus Cristo origina uma transformação no modo de viver e dá início a um processo de conversão permanente que durará toda a vida.

III. DESTINATÁRIOS

A primeira fase do Programa Nacional de Catequese de Infância e Adolescência destina-se às **crianças de 6-9 anos**, o que corresponde aos três primeiros anos do ensino básico. É a primeira vez que entram em contacto com a escolaridade formal e, provavelmente, com a catequese paroquial.

A linguagem da Bíblia, a mais utilizada na catequese, é uma *linguagem religiosa*, fundamentalmente *simbólica*, na qual se tenta unir o Transcendente à vida humana. É por ela que se procura ajudar a criança a entender a Boa-Nova e a aprender a comunicar com o Deus que Jesus nos revelou.

Assim, o despertar religioso e a iniciação à fé cristã passam pela aprendizagem da linguagem simbólica, uma vez que, se esta não for utilizada na catequese, a criança fica incapacitada de aceder ao Mistério de Deus e de poder expressar a sua fé. Mas a aprendizagem da linguagem simbólica apresenta dificuldades pedagógicas, nomeadamente de natureza cultural, pois vivemos num ambiente de positivismo na sociedade atual e temos de contar com o realismo psicológico da infância que, geralmente, acompanha os primeiros anos de contacto com a escolaridade.

De entre as **características desenvolvimentais** da criança desta idade, sublinhamos alguns dos aspetos mais relevantes de um processo em que a criança está a crescer em todas as dimensões da sua personalidade e experiência: física, intelectual, emocional e espiritual.

a) **Desenvolvimento fisiológico**

Dos seis aos oito anos – O rápido crescimento ponderal, o fortalecimento de ossos e músculos e o amadurecimento do sistema nervoso permitem que a criança realize uma intensa e cada vez mais sofisticada e controlada atividade física: correr, saltar, mexer, construir, desenhar. Este crescimento, saudável, favorece as exigências de atividade da criança que, de um ponto de vista cognitivo e afetivo, tem necessidade de um contacto direto com o mundo e as coisas que a rodeiam: explora, questiona ativamente, "aprende a fazer, fazendo".

Ao aproximar-se dos 9 anos – Entra numa fase de certa estabilidade que antecede as grandes mudanças fisiológicas que irá sofrer com a puberdade. O controlo motor, grosso e fino, está muito aperfeiçoado.

Para os rapazes é a idade da força, em que o jogo físico continua a dominar a sua forma de se relacionar com o mundo à sua volta.

As meninas procuram brincadeiras mais calmas: conversam entre si e começam a partilhar os primeiros segredos.

b) Mudanças psicológicas

Dos seis aos oito anos – Aos seis anos, gosta muito de ouvir histórias, por vezes não conseguindo distinguir o real do imaginário, uma vez que capta a realidade de modo indistinto e global, segundo um mesmo plano: a realidade concreta (pessoas à sua volta) e a realidade invisível (personagens religiosos e dos contos). Só perto dos sete anos começa a distinguir o real do imaginário, o concreto e o invisível. O concreto é **verdadeiro e real.** O que não se pode ver ou tocar é **falso**.

Começa a desenvolver a sua capacidade de raciocínio objetivo – idade de razão – mas perde em sensibilidade e criatividade, o que, por vezes, dificulta a educação artística, emocional e religiosa. Compreende ideias simples, mas não de natureza ou modo abstrato e apercebe-se de alguns dos problemas que a envolvem. Vai desenvolvendo progressivamente a capacidade de se exprimir de acordo com a realidade que vive, aprendendo a rotular não só objetos e acontecimentos que estejam a ter lugar, mas ideias, sentimentos e experiências registadas na memória.

Ao aproximar-se dos 9 anos – Continua a gostar de ouvir histórias e, até, de as ilustrar e escrever, mas já distingue o real do imaginário, sobretudo em situações correntes.

É já capaz de pensar, de raciocinar, pois o seu pensamento é lógico-concreto, isto é, raciocina com base em dados concretos de um problema, dados que pode manusear diretamente. A sua **inteligência** permanecerá ligada à **realidade concreta** até à puberdade.

- Esta forma de pensar limita a aplicação de um raciocínio lógico apenas a realidades estritamente concretas.
- No entanto, o seu desenvolvimento emocional e estético – quando devidamente estimulado – permite que a criança admita que a **realidade** pode ser percebida a partir de **duas dimensões,** uma **concreta,** prática, útil, e outra **simbólica**, aberta a sentimentos humanos, às experiências e à transcendência.

Tem já uma certa consciência de si e das suas capacidades.

c) Transformações emocionais

A criança precisa de um clima de confiança, de ternura e alegria, para que se sinta bem e o seu crescimento seja harmonioso e feliz. O afeto e o carinho, dispensados pelos adultos (pais, catequistas e professores), exercem uma enorme influência no

seu desenvolvimento e permitem que estes possam educar pela modelagem, isto é, servindo de modelos que a criança – porque os aprecia e respeita – observa atentamente e imita com gosto. Este tipo de aprendizagem está presente em todo o processo de socialização, de aquisição de padrões culturais de uma sociedade, de que é a base, isto é, o processo pelo qual aprendemos os comportamentos pelos quais nos integramos no nosso grupo social.

Dos seis aos oito anos – A criança encontra o clima amoroso, recetivo, aceitante e educador de que necessita, sobretudo e de um modo particular nos pais. Esta situação manter-se-á quase inalterável até ao início da adolescência, em que muda de forma, mas não de substância, e a sua falta ou constrangimento tem um penoso e negativo efeito em todo o processo desenvolvimental da criança. Porque os pais são as pessoas que mais ama, em quem mais confia e aquelas que melhor conhece e compreende, constituem para ela um convite ao desenvolvimento de sentimentos amorosos intensos, constituindo-se como principais modelos e pontos de referência. A imagem de Deus como Pai e Amigo deve apoiar-se nesta ligação afetiva e na conceção positiva que, regra geral, a criança tem dos pais, pois há uma estreita relação entre o comportamento dos pais e a construção cognitiva e afetiva que as crianças fazem da ideia de Deus.
A sua independência afetiva dos pais só terá lugar nas etapas finais da adolescência, quando termina o processo de construção da identidade e quando a personalidade está praticamente estruturada, o que em nada limita a influência dos pais na formação dos filhos e nas suas características de personalidade e que é a mais duradoura e profunda influência que sofre o ser humano.

Aos nove anos – Se bem educada e fortalecida nas suas relações sociais, a criança reage às pessoas e situações de forma bastante estável, mas muito global e ainda com base, sobretudo, na componente afetiva, o que sublinha o encanto que tem o trato com as crianças desta idade, não só capazes de estabelecer laços fortes e duradouros com os educadores, como de experimentar e exprimir muitos sentimentos novos e de um modo produtivo. É muito sensível à qualidade de relação que os educadores estabelecem com ela: precisa de se sentir aceite e reconhecida por eles, estimulada a crescer, progredir e realizar as tarefas com gosto e autonomia. A confiança em si própria e nos seus recursos pessoais deve ser estimulada, evitando-se – pelo apoio dado pelo educador, pelo bom uso das regras e do seu treino – que as crianças sofram situações de insucesso, sob pena de desenvolverem sentimentos de inferioridade que conduzem à adoção de mecanismos de defesa como a preguiça, a falta de entusiasmo pelo trabalho, a apatia e o desinteresse.

d) Processo de socialização

Dos seis aos oito anos – O egocentrismo, característico da etapa anterior, entra em regressão, conforme se alarga a sua inteligência e experiência vital. A escola

desempenha um papel muito relevante, pois se o Jardim de Infância é percebido como uma segunda família, a escola é, verdadeiramente, uma pequena sociedade, em que cada turma é uma unidade social com um líder, e as diferenças de comportamento e atitude podem ser observadas e experimentadas, tanto na relação com os adultos como com as crianças que estão a ser sujeitas a padrões educativos que não lhe são familiares. O seu interesse e capacidade de se relacionar com os outros aumentam, e a criança encontra-se num processo de desenvolvimento e integração social muito rico, em que fazer amigos e realizar "coisas" em conjunto – jogos, atividades escolares, passeios... – é muito intenso e divertido, sobretudo quando proporcionam algumas oportunidades de competição saudável e mitigada. Assim, começa a alargar o seu círculo social com os amigos e vizinhos, à medida que vai contactando com novas realidades: a escola, a catequese, o bairro... A relação que estabelece com os companheiros de escola e brincadeira é homogénea e de igual para igual. Vai formando um grupo de iguais em que as lideranças são instáveis e brandas.

Aos nove anos – A vida na escola e nos espaços educativos fora de casa deve estar estabilizada e ser confortável e interessante, pelo que a criança deseja a companhia dos outros, gosta de estar e de brincar com amigos e colegas, de participar e colaborar, começando a aceitar as regras do jogo, quer no convívio em geral quer nas atividades lúdicas, considerando-as quase sagradas é capaz de assumir, com interesse e gosto, responsabilidades perante os outros, de os respeitar e aceita as pessoas de forma generosa e sem grande distinção.

Entregando-se com generosidade ao trabalho – que realiza com brio e entusiasmo, embora os resultados possam ser irregulares –, como aprecia a integração em actividades de grupo. A convivência comunitária é muito do seu agrado.

e) Desenvolvimento moral

Dos seis aos nove anos – A moralidade nesta idade parece surgir espontaneamente, pela facilidade e motivação para imitar alguém de quem gosta e com quem se identifica, mas a moralidade das crianças e adolescentes, realmente, desenvolve-se na relação entre pares e na administração das experiências quotidianas, já que durante toda a infância tem uma orientação heterónoma de evitação do castigo e de tentativa de agradar à autoridade do adulto. De facto, a qualidade particular do desenvolvimento moral das crianças é formada pela natureza das relações que as crianças estabelecem entre si. As crianças têm amigos, uma família e alguns objetos da sua posse, assim como obrigações em casa, tais como obedecer e ajudar. E entre os pares, há trabalho e padrões de conduta a respeitar, nomeadamente na escola. Também são expostas aos padrões da sua sociedade e lidam habitualmente com figuras de autoridade. Assim que a criança está em condições de comunicar com as outras pessoas, tem acesso a valores e crenças.

À medida que os anos passam, desperta para o sentido da responsabilidade e da justiça, começa a distinguir o bem do mal e a consciencializar a opção das suas ações – inicia o desenvolvimento da sua consciência moral através da perceção que vai tendo das emoções morais – empatia, culpa, vergonha – que determinados atos seus geram, e de um modo bastante físico, como a ansiedade provocada pela culpa e o mal-estar que esta provoca. Por outro lado, se as crianças experimentam muitos dos sentimentos morais dos adultos, também são capazes de ter vontade própria, usando-a para fazer escolhas morais: partilhar, ser generoso, ter cuidado com alguém, ser honesto perante as pressões dos outros, ser leal e muitas outras, percebendo, cada vez melhor, o valor moral das ações e fortalecendo um crescente sentido de responsabilidade e justiça na relação com os outros.

f) **A nível religioso**

Dos seis aos oito anos – Nascimento do sentimento religioso: pelo seu desenvolvimento cognitivo da comunicação e da representação da realidade, a criança articula o conceito de Deus, e porque a estruturação da relação com a mãe (comunicação e estruturação emocional) e com o pai (segurança e interiorização das normas) a amadureceram consideravelmente, a criança pode entrar em relação com Deus a partir da sua identidade e autonomia crescentes. A perda da omnipotência parental, que se inicia por volta dos 9 anos, abre passo a Deus no seu coração. A socialização e educação religiosas têm grande importância, pois não proporcionar o despertar religioso e não educar a dimensão religiosa da personalidade, não permite a abertura ao transcendente, ao mistério que explica as razões e as dúvidas profundas do ser humano e que a criança, de algum modo, já vai vivendo. A oração e os relatos sagrados provocam interesse e prazer, evidenciando a importância da imaginação nos processos educativos da fé. Aceita os ensinamentos, sem contestar, e traduz as ideias mais complexas ou abstratas naquilo que lhe é familiar, o que dificulta a formação de ideias corretas em torno de algumas questões teológicas mais difíceis.

A experiência religiosa deve ser vivida como natural, no mesmo plano da vida humana, através do desenvolvimento das virtudes teologais e da experiência social e afetiva, sempre num clima afetuoso que evite o temor. O educador deve considerar a hipersensibilidade à observação dos adultos, mostrando-se como um exemplo de experiência religiosa e tendo em conta a importância da coerência e sintonia do comportamento adulto. A aquisição de hábitos de piedade é relevante, compreendendo o seu sentido, assim como o treino da aquisição das virtudes morais e hábitos de convivência, educando com firmeza e tolerância.

A criança tem uma relação com Deus muito dominada pela emoção e o sentimento. Daí a oportunidade de se usar o símbolo como meio para aprofundar essa relação, assim como a relação no grupo da catequese. A religião, descobre-a a partir de "coisas" concretas: A **oração** está ligada a um lugar (igreja); a **Palavra de Deus** é um livro; a

cruz um objecto religioso. Não consegue libertar-se do concreto nem compreender o sentido simbólico da realidade, mas sim de o "perceber" como condição imanente das coisas e situações. Assim, se o sentido da oração, da Palavra, da cruz se pode limitar só ao que vê, também pode adquirir o seu sentido pleno através da sensibilidade, da intuição, do trabalho dos sentidos e dos sentimentos.

Acontece algo semelhante quanto às implicações **morais da Religião**. A criança limita-se a fazer coisas (obedecer, não mentir, ajudar, rezar), se corrermos o risco de propor a fé como uma lista de obrigações comportamentais. Mas se soubermos introduzir a noção de compromisso cristão como um ato de amor, lho demonstrarmos e o centrarmos, não em generalidades, mas na sua vida quotidiana de relações interpessoais próximas e fortes, a criança aprende a iluminar a sua vida e a formar a sua consciência a partir da sua quase ilimitada capacidade de amar os pais e a família, os educadores, os colegas e Deus.

Aos nove anos – Na vivência da sua fé, ultrapassa o círculo familiar e integra-se com gosto na comunidade cristã. Tem gosto em vivenciar a sua fé de um modo ativo, particularmente em celebrações em que se integre na comunidade e em que desempenhe um papel concreto.

Estando na fase do realismo religioso infantil, gosta de saber muitas "coisas" sobre a fé e a religião, mas demorará muito até ter capacidade de abstração, embora esta seja importante para a espiritualização de Deus que está na base da personalização da fé que ocorre na adolescência. Como as competências linguísticas – escritas e orais – estão numa fase de expansão, pode aprender a expressar-se com uma linguagem mais adequada ao sentido das coisas, se para isso for ensinada. Tem facilidade em captar os valores cristãos na vida dos adultos, se eles forem vividos e testemunhados com coerência.

Até aos 10 anos deve ser adequadamente ensinada sobre as verdades centrais da fé, proporcionando-se uma bem adaptada aprendizagem que conduza a uma verdadeira iniciação cristã, mas feita de modo a respeitar as suas características psicológicas e sociais: a preocupação dos educadores deverá centrar-se nas linguagens utilizadas, pois quase tudo pode ser ensinado, desde que adequadamente traduzido. Esta preocupação é muito importante, pois, quando começar a rejeitar a religiosidade infantil, no início da puberdade e adolescência, e a entrar no processo de profunda reestruturação e revisão crítica da atitude religiosa recebida por tradição, principalmente na família, convém que as suas ideias sejam corretas, claras e justificadas, e que a sua inserção eclesial tenha sido conseguida, sob pena de optar pela indiferença religiosa.

IV. OBJETIVOS

A catequese eclesial tem como objetivos a transmissão do conteúdo integral da fé e a inserção na vida da comunidade. Tendo em conta a progressividade da catequese, propõe-se

nesta primeira fase a inserção e o acolhimento na comunidade, pelo despertar religioso, a iniciação à vida cristã e à celebração dos sacramentos, principalmente do Batismo, sobretudo para quem é catecúmeno, da Reconciliação e da Eucaristia, para os já batizados.

Na definição destes objetivos, devem ter-se em conta os seguintes aspetos fundamentais:
- Partindo da situação específica de cada criança, é nesta fase que ela desperta para a fé e a adesão a Jesus Cristo.
- Importa ajudá-la a descobrir Deus Pai e Jesus Cristo à luz do Evangelho.
- Partindo das experiências quotidianas, procure-se facultar a possibilidade de iluminar a sua vida com os valores do Reino.
- Trata-se de propor uma catequese ativa, que permita à criança fazer uma caminhada na descoberta da presença do Outro (Deus) e dos outros, em comunidade.

OBJETIVOS GERAIS DA PRIMEIRA FASE

- Aderir a Jesus Cristo, pelo conhecimento e a vivência do Mistério Cristão (cf. CT 20).
- Inserir-se gradualmente na vida litúrgica da Igreja: oração, descoberta do significado dos sacramentos, principalmente do Batismo, da Eucaristia e da Reconciliação (cf. CT 23 e 37).
- Desenvolver atitudes de fé, como resposta ao amor de Deus.
- Aprender a ser cristão ou discípulo de Jesus e a integrar-se progressivamente na comunidade cristã.

Objetivos gerais de cada ano

1º ANO – "JESUS GOSTA DE MIM"

- Proporcionar às crianças um bom acolhimento eclesial, pelos catequistas e por toda a comunidade cristã (cf. CT 16 e 24).
- Ajudá-las a conhecer, de modo vivencial e de acordo com as suas capacidades, alguns dos principais mistérios da fé cristã: Deus, Criador e Amigo que cuida de nós; Jesus, na sua relação única com o Pai e o Espírito Santo; a Igreja, como família de Deus.
- Motivá-las para a adesão a Jesus e a celebração da fé na comunidade cristã, levando-as a participar na sua vida litúrgica e experiência de oração.
- Ajudá-las a assumir atitudes de louvor, de gratidão e de amor a Deus e aos irmãos.

2º ANO – "ENSINA-NOS A REZAR"

- Proporcionar às crianças um maior conhecimento de Jesus, como Filho de Deus, em ordem a um encontro mais pessoal e íntimo com Ele (cf. CT 5).
- Levá-las a descobrir que o Pai de Jesus é também nosso Pai e que, por isso, em união com Jesus todos somos irmãos.

- Aprofundar a sua adesão a Jesus e a sua experiência de fé, na comunidade cristã a que pertence, continuando a integrá-las na vida litúrgica e de oração.
- Ajudá-las a assumir atitudes de escuta, obediência, respeito, verdade e amor a Deus e aos irmãos.

3º ANO – "QUEREMOS SEGUIR JESUS"

- Motivar as crianças para o seguimento de Jesus e a consequente inserção na Igreja.
- Aprofundar o seu conhecimento vivencial do mistério cristão.
- Despertá-las para a conversão e adesão a Deus, em ordem à educação moral da consciência.
- Levá-las a participar ativamente na vida litúrgica, a fazerem experiências de oração e a prepararem-se para a celebração dos sacramentos (do Batismo, se ainda o não receberam), da Eucaristia e da Reconciliação.

V. CONTEÚDOS

No centro do itinerário catequético da primeira etapa da infância, está a descoberta da pessoa de Jesus Cristo e o encontro com Ele. Ele é "o Caminho, a Verdade e a Vida; e a vida cristã consiste em seguir a Cristo" (CT 5).

1º ANO – "JESUS GOSTA DE MIM"

"Jesus chama-nos" – 1º bloco

No primeiro bloco, os catequizandos são levados a descobrir que são chamados por Jesus para a catequese e, se for o caso, a fazerem o seu despertar religioso.

Assim as primeiras catequeses são essencialmente de descoberta:

- da existência de Jesus, e por meio dele, de Deus como Amigo e Criador, que cuida de nós e nos faz crescer, nos fala através de sacerdotes, leitores e catequistas;
- dos vários espaços da sua casa e do grupo dos seus amigos, a comunidade cristã que os acolhe e na qual são convidados a integrar-se.

Nas últimas catequeses deste bloco, as crianças descobrem Maria como a escolhida por Deus para ser Mãe de Jesus. Ela acolhe na Anunciação, o dom de Deus: ser Mãe do Seu Filho Jesus. No seguimento disto, as crianças são iniciadas na descoberta do verdadeiro sentido do Natal.

"Um Menino chamado Jesus" – 2º bloco

No segundo bloco, Jesus é apresentado, em primeiro lugar, como um menino que cresce em estatura, em sabedoria e graça: que ama os seus pais e lhes obedece e que também

ama o seu Pai do Céu e faz a sua vontade. Depois de este contacto com Jesus, as crianças são levadas a vê-lo como o grande Amigo, que nos ama ao ponto de dar a vida por nós, e que nos revela como podemos comunicar com ele e amá-lo.

Na parte final, são convidadas a entender e a viver em comunidade a Páscoa como a festa que celebra a ressurreição de Jesus.

"Nós somos do grupo de Jesus" – 3º bloco
Os últimos encontros realizam-se no contexto do tempo pascal. As crianças, como os discípulos de então, são convidadas a anunciar a Boa-Nova de que Jesus ressuscitou e atua no meio de nós, nomeadamente através da presença do Espírito Santo. Deste modo a própria criança entra no mistério: é o Espírito Santo que faz crescer o número dos cristãos e que nos faz acreditar que Jesus está para sempre connosco.

2º ANO – "ENSINA-NOS A REZAR"

No 2º ano, procura-se aprofundar o conhecimento de Jesus e de outros conteúdos introduzidos no 1º ano. Nesta continuidade temática, respeitem-se as características psicológicas dos destinatários.

"Queremos conhecer Jesus" – 1º bloco
Nos primeiros encontros, aprofunda-se o conhecimento de Jesus, retomando-se temas apenas introduzidos no ano anterior. Assim, Jesus é apresentado como uma pessoa que, sendo em parte como nós, gostamos de escutar e de seguir como modelo. Com Ele, as crianças são motivadas para amar, respeitar, obedecer e dizer a verdade, na catequese, em família, na escola e na comunidade a que pertencem.
Nas catequeses antes do Natal, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Deus connosco. Pela sua encarnação, Deus dá-nos Jesus; e Maria, sua Mãe é, por isso, a bendita entre as mulheres.

"Aprendo a dizer «Pai-Nosso»" – 2º bloco
Após o Natal, o Batismo de Jesus é visto como a manifestação do amor de Deus Pai e início da sua atividade messiânica para anunciar o Reino de Deus.
É de Deus que, nos encontros seguintes, Jesus nos fala: como seu Pai e nosso Pai.

- Com isso, e ao mesmo tempo, as crianças vão sendo progressivamente introduzidas na oração que Jesus nos deixou como modelo.
- À medida que a vão aprendendo e compreendendo o sentido das suas palavras, serão motivadas para fazerem dela a expressão da sua fé que será afirmada na oração, nomeadamente, na oração em Igreja.
- Termina-se com uma referência vivencial ao Mistério Pascal: Jesus, entregando-se ao Pai, deu a vida por nós e, pela sua ressurreição, venceu a morte.

"Em Jesus somos irmãos" – 3º bloco

Nestes encontros, as crianças são levadas a redescobrir e a celebrar a fé em comunidade:

- Que Jesus Cristo está vivo e vive connosco;
- Que o Espírito Santo, principalmente pelo Batismo, faz de nós Filhos de Deus, irmãos em Cristo, e membros da Igreja.

O tema dos últimos encontros é o mandamento do amor a Deus e ao próximo, ensinado por Jesus durante a sua vida pública e realizado por Ele sobretudo na sua morte e ressurreição.

Encerra-se o ano com a entrega solene da oração do Pai-Nosso, no seio da comunidade.

3º ANO – "QUEREMOS SEGUIR JESUS"

No 3º ano continua a aprofundar-se a fé e a adesão a Cristo e a incentivar-se a uma maior inserção na comunidade, no respeito pela evolução das características psicológicas das crianças.

"Eu creio!" – 1º bloco

Até ao Natal procura-se que as crianças, ao aprofundar a sua fé em Deus e em Jesus, se disponham a segui-l'O, possam confessar de modo convicto: "Eu creio que sois Cristo!" e celebrar, na comunidade cristã a que pertencem, o Amor de Deus por todos os seus filhos, experimentado e assumido sobretudo no Batismo.

No tempo do Advento são preparadas para a vinda do Senhor, na perspetiva do seguimento de Jesus: respondendo ao convite de João Baptista, olhando para José, pai adotivo de Jesus, como um homem justo e associando-se a Maria no acolhimento do Filho de Deus. No Natal é acentuada a sua dimensão familiar e eclesial, relacionando-a com o Batismo e a felicidade de pertencer a Cristo.

"A vida nova" – 2º bloco

As crianças, após uma síntese sobre o Batismo, são introduzidas nos restantes sacramentos da iniciação cristã, com especial relevo para o da Eucaristia; são ainda preparadas para o sacramento da Penitência, até à sua celebração. Havendo tempo, aprendem também a conhecer e viver o outro sacramento de cura, a Unção dos Enfermos. Em todos eles, são motivadas para acolher a vida nova que Deus, por meio deles, lhes oferece, sempre na perspetiva do seguimento de Jesus e como membros ativos da comunidade cristã, vista primariamente como corpo de Cristo.

Para a celebração da Penitência, são confrontadas, primeiro, com o pecado – como rejeição livre e destrutiva do amor de Deus, proposto por Jesus e vivido em Igreja – segundo, com a oferta do perdão – também ela expressão do amor paciente e paterno de Deus – em

ordem a acolhê-lo, pelo reconhecimento da culpa e pela conversão, principalmente na festa do perdão.

Na vivência do Mistério Pascal, é realçado o significado da última Ceia de Jesus, como memorial eucarístico da sua morte e ressurreição.

"A comunhão com Cristo e os irmãos" – 3º bloco

Depois da preparação no bloco anterior, este começa com a celebração da Primeira Comunhão, dada a relação íntima entre a Eucaristia e o acontecimento pascal. Segue-se um aprofundamento do mistério eucarístico, de carácter mistagógico, isto é, a partir da vivência eucarística das crianças, no qual é inserido também o Domingo, como dia especial da Eucaristia, vivida em Igreja.

Os sacramentos do serviço de comunhão (Ordem e Matrimónio) aparecem enraizados no mesmo dom da vida por parte de Jesus e como contributo imprescindível para a construção da Igreja.

Depois de uma visão de conjunto de todos os sacramentos, na sua relação com as principais etapas da vida cristã, as crianças são motivadas para se manterem no seguimento fiel de Jesus, designadamente pela participação comunitária na Eucaristia.

Ao longo deste ano, as crianças são levadas a assimilar e memorizar breves e variadas sínteses dos conteúdos de cada encontro catequético, com relevo para as **orações e fórmulas expressivas da sua fé**, usadas principalmente nas celebrações **da Eucaristia e da Penitência**.

VI. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como diz o Diretório Geral da Catequese, "a tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele" (DGC 139). Assim, todo o método empregado na catequese está ao serviço da conversão entendida como adesão afetiva e efetiva à pessoa de Jesus Cristo.

   É para esse encontro que se orienta a pedagogia catequética, inspirada e modelada pela pedagogia de Deus e que procura essencialmente situar o homem na história do povo de Deus e educá-lo no seguimento de Cristo. A pedagogia divina – do dom, da encarnação e do sinal – é fonte inspiradora da pedagogia da fé (cf. DGC 143).

   A metodologia proposta vai ter em conta, por um lado, as características psicológicas da criança e a sua situação familiar, social e eclesial; por outro, os conteúdos doutrinais, apresentados de uma forma orgânica e progressiva.

   Pretende-se, assim, respeitar a lei fundamental da catequese: fidelidade a Deus e ao homem. Podem encontrar-se sinais da revelação divina na experiência de cada um. O importante é saber captá-los e aprofundá-los.

A forma de concretizar esta dupla fidelidade varia consoante as acentuações de cada catequese e a situação do grupo dos catequizandos.

Por exemplo, para as crianças provenientes de um ambiente descristianizado, a abordagem aos sinais e às palavras eclesiais tem de ser mais lenta e simples, porque em nada estão familiarizadas com estes. Também a vivência num ambiente centrado, apenas, nas dimensões científico-técnicas da realidade tende a fechar a pessoa ao transcendente. Por outro lado, as crianças de meios rurais convivem mais com os elementos da natureza e talvez estejam mais dispostas para os interpretar à luz da fé. As crianças de meios urbanos talvez estejam mais familiarizadas com os meios audiovisuais e tenham uma maior riqueza de linguagem icónica. Para todos, geralmente se verifica que apresentam algumas dificuldades ao nível da linguagem verbal oral, com um vocabulário empobrecido pelo detrimento a que o uso da imagem o vota e, consequentemente, apresentam, nestes três anos, menos progressos na leitura e na escrita do que seria de esperar.

Outra realidade que condiciona as crianças e se deve ter em conta na catequese, é o ambiente familiar: estrutura familiar, vivência do amor, situação económica, participação na vida da comunidade cristã, etc. Particular cuidado merecem as crianças em situação de institucionalização ou, por qualquer motivo, afastadas do seu núcleo familiar de origem. Muitas haverá que vivem apenas com um dos membros do par parental e, até, entregues aos avós. Todas estas situações merecem um cuidado extremo e muita delicadeza no trato.

Semelhante preocupação pedagógica importante é a de estabelecer uma ligação entre a vida dos catequizandos e a mensagem que vai sendo proclamada, em ordem à sua compreensão e aceitação. Sob este ponto de vista, o catequista deve ter presente tanto a importância da vida familiar – pelo que procurará conhecer as famílias e, tanto quanto possível, interagir com elas – como da vida na escola, espaço de relação com os pares, de descoberta da diversidade social e ocupação quotidiana de larga duração. É nestes espaços, também, que as crianças vão poder colocar em prática os seus propósitos de nova vida em Cristo, pelo que a catequese deve reconhecê-los e acarinhá-los.

Para tudo isto, exige-se de cada catequese uma dinâmica ativa que proporcione a participação constante e gere unidade entre a fé e a vida. Igualmente relevante é a capacidade do catequista para avaliar a evolução de cada criança e as ensinar a avaliar a sua própria vivência. É reconhecendo os seus esforços e verificando os seus resultados que caminham no aperfeiçoamento da mente e do coração.

2. Sem pretender que cada catequese seja rigidamente compartimentada, mas apenas para uma maior facilidade didática, os encontros apresentam-se organizados em três momentos:

Experiência humana

A experiência humana é o caminho para chegar ao conhecimento de si mesmo, ao encontro com Deus e à verdade das coisas. São as experiências que já vivemos que nos convidam a entrar mais profundamente na realidade e a vincular-nos com o que ela suponha e signifique. O sentido da vida – e também da vida na fé – vai-se construindo com a adaptação à realidade, a autodescoberta das nossas possibilidades e a comprovação do que é possível fazer para mudar e melhorar a realidade.

Como o humano é o lugar idóneo, imediato e universal em que cada pessoa define o sentido da sua vida, do ponto de vista da pedagogia catequética compreende a vida humana e cristã das crianças e a sua capacidade de reflexão sobre ela numa matriz espiritual e religiosa de natureza existencial.

Todo o ser humano, como imagem de Deus, está aberto ao mistério. Precisamente por isso, quando reflete de um modo mais profundo sobre a sua experiência, sente que tem sede de algo mais do que aquilo com que, imediatamente, se depara. É para saciar essa sede que é oferecida a vida que jorra do mistério de Cristo; é nas interrogações que se nos levantam que Deus aparece como resposta à procura da parte da pessoa. O que está em causa é a "atenção constante ao ser humano" (ATV, Orientações 6) e a noção de que, como a fé, de que forma parte, a experiência religiosa tem a sua origem na presença do mistério e na iniciativa que esta presença origina. Deus está presente no ser e na vida quotidiana da pessoa. Esta presença, por ser pessoal, reclama a liberdade do sujeito, requer o seu reconhecimento; e a experiência humana de cada um pode potenciar ou dificultar esse reconhecimento e aceitação. Para que a voz de Deus possa ser ouvida, a pessoa, deste a infância, deve aprender a olhar e olhar-se para além da sua superfície, a exercitar o seu espírito e a capacitar-se para, por si mesma, descobrir a presença de Deus e lhe dar uma resposta adequada.

Neste quadro, a experiência humana, como aqui a invocamos, deve proporcionar reflexão, gerar desejo de Deus e deixar transparecer os signos de transcendência presentes na vida das crianças enquanto percebidos por estas, isto é, oportunidades estruturadas de iluminar e interpretar a experiência à luz da fé.

Palavra

A palavra tem três funções: nomear a realidade, expressar a realidade interior do ser humano e interpelar. Por sua vez, a Palavra de Deus consiste na comunicação – nomeação, expressão e interpelação – da mensagem cristã, para dar sentido à existência humana e abrir ao mistério da salvação. A semente da Palavra frutifica na mente e no coração humanos por ação do Espírito e, embora a fé tenha um importante papel que escapa ao catequista, é necessário trabalhá-la quanto às condições humanas da pessoa ou a sua situação.

Neste sentido, o trabalho pedagógico em torno da Palavra deve educar para a admiração, desenvolver o sentido do profundo e despertar para ver para além das aparências. É também essencial que se criem condições para o compromisso da criança com o mundo, facultando-lhe um vocabulário que lhe permita compreender e expressar o seu mundo interior e a sua perceção do mundo exterior, desenvolver a capacidade de escuta e de comunicação e educar o sentido da responsabilidade perante o mundo concreto em que vive, adotando compromissos de acordo com as suas descobertas.
A palavra de Deus – que devido à dimensão cristocêntrica da revelação bíblica (Cristo como chave de tudo e eixo da história da salvação) é, nestes catecismos, sobretudo do Novo Testamento – vem iluminar a experiência humana. A catequese "deve estar totalmente impregnada pelo pensamento, o espírito e as atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos" (CT 27).

Expressão de Fé
Trata-se da manifestação de fé nas suas diferentes formas: proclamação de verdades reveladas, oração em sentido mais restrito, celebração e compromisso cristão na vida. Quando o catequizando for capaz de confessar a fé, na sua vida, em Igreja, com a sua memória, inteligência e coração, o processo catequético chegou ao seu cume. Porquê? Na confissão de fé, que une a catequese ao Batismo, dá-se o encontro de comunhão com Jesus Cristo.

A finalidade da ação catequética é precisamente a de proporcionar a viva, explícita e operante profissão/expressão da fé, pelo que a catequese é sempre uma iniciação sistemática e ordenada à revelação de Deus, feito homem em Jesus Cristo, conservada na memória da Igreja e comunicada pela tradição viva e ativa (cf. DGC 66).

É neste âmbito que se situa a relação entre **a catequese e a liturgia** que, no entanto, se tem fragilizado, talvez pelo facto de os catequistas se preocuparem, sobretudo, com acentuar a dimensão antropológica da catequese e o compromisso com a transformação da realidade mundana. Mas a liturgia, considerada na sua globalidade, tem uma clara dimensão educativa. Catequese e liturgia são duas dimensões de uma mesma realidade. Por um lado, toda a celebração tem uma dimensão catequética: proclama-se a Palavra de Deus e esta é explicitada e vivida, através da homilia e dos ritos, para que o crente capte a atualização da salvação de Deus, aqui e agora, para a comunidade celebrante. Por outro lado, a catequese tem de iniciar à celebração litúrgica, já que ela "é uma formação cristã integral, aberta a todas as esferas da vida cristã. Em virtude da sua mesma dinâmica interna, a fé pede para ser conhecida, celebrada, vivida e feita oração.

A catequese deve cultivar cada uma destas dimensões" (DGC 84).
Esta questão é ainda mais relevante numa fase do itinerário catequético, como esta, cujo objetivo é a educação e iniciação sacramental dos crentes, a partir da riqueza e beleza dos ritos, gestos, símbolos, atitudes, calendário litúrgico, etc, constitutivos das

celebrações. Com a vantagem de ser a mais ativa das pedagogias: experimenta a presença e ação de Cristo na Sua Igreja.

Por isso, os momentos de expressão de fé semanais devem ser bem preparados e sentidos pelo catequista. Apesar de, na maioria dos casos, ser um dos momentos finais de cada catequese, não devem ser vividos com pressa e dispersão. É sobretudo nessas alturas que as crianças começam a preparar-se para as Celebrações propostas pelo itinerário, vivendo-as já durante a sua preparação.

Um dos seus maiores resultados está em levar a entender e viver toda a vida como celebração: como oferenda espiritual do crente no seu dia-a-dia (cf. DGC 87), vivido na presença de Deus, que chama continuamente a sair da morte para a vida, como Cristo e com Ele. Toda a vida se converte, assim, numa expressão de fé que atua pela caridade.

3. Para a preparação de cada encontro são apresentadas algumas **observações pedagógicas**. Com elas se pretende despertar o catequista para a necessidade de uma pedagogia ativa, participativa e dinâmica, em que se desenvolvam as competências de interpretação, de descoberta, de raciocínio, de leitura simbólica, em que pode entrar o trabalho de grupo, o uso do audiovisual, atividades artísticas (como a pintura, o desenho, o jogo, a dança e a música).

   As crianças desta fase precisam de um ambiente rico de símbolos litúrgicos e de sinais que manifestem os valores fundamentais do Evangelho e sustentem uma verdadeira experiência religiosa. Elas apreendem mais por imitação e pelo ambiente de fé que as rodeia, do que pelas palavras que ouvem. Daí se conclui que o instrumento pedagógico mais importante do ato de desenvolver e educar a fé é o **testemunho do catequista**, a força emocional e intelectual que coloca na transmissão das verdades da fé e da sua experiência de descoberta e relação com Deus. Portanto, a primeira medida pedagógica ao serviço da catequese é o esforço de aprofundamento e vivência da fé que faz o catequista, na qual a assiduidade aos sacramentos tem um papel fulcral.

   Além disto, nesta etapa de crescimento, fazer e construir é mais eficaz do que ver ou assistir, uma vez que os catequizandos se encontram numa etapa caracterizada pela transição do pensamento pré-operatório, pré-lógico, para o raciocínio concreto, em que a capacidade de abstração e a competência para compreender conceitos de natureza teológica é reduzido. No entanto, essa limitação é bastante compensada pela crescente vontade de aprender, pelo aumento progressivo da capacidade de concentração, pelo gosto que proporciona a descoberta baseada na iniciativa própria e pela disponibilidade e importância do jogo, como treino essencial das competências simbólicas e experiência de criar relação entre o mundo interno da criança e a realidade externa. Por exemplo, participar numa dramatização é mais eficaz do que assistir ou ouvir, apenas, a narração do episódio. Mas a participação ativa e criativa dos catequizandos não é só pedida pela sua psicologia ou as leis da comunicação, mas, essencialmente pela **dinâmica interna da revelação cristã**, pela necessidade de exercitar a atividade da fé, da esperança e da caridade (cf. DGC 157).

Além disso, a importância do grupo e o interesse em trabalhar e brincar em conjunto é muito propícia à criação de uma pequena comunidade de fé em que se faz, em conjunto, tanto o que é ordinário como o que é extraordinário. No entanto, deve o catequista ter em consideração que a pedagogia ativa e centrada no catequizando – embora seja a mais adequada para lançar e cimentar uma fé viva e consequente e aquela que mais cria na catequese um ambiente de experiência religiosa, e não de aulas – é morosa e exigente. Para que esse clima pedagógico possa ser vivido com o grupo, o bom ambiente no grupo, a relação entre as crianças e de cada uma delas com o catequista – **a relação pedagógica e humana** – constituem os primeiros objetivos a trabalhar, condição indispensável para que o trabalho flua com empenho, participação, concentração e abundante fruto, como se deseja. Caso contrário, a ênfase acaba por ser colocada na manutenção da disciplina e na dificuldade em levar a cabo as estratégias planeadas, e a atividade solicitada às crianças, em vez de concentrar, dispersa.

Nos primeiros anos do itinerário da catequese, isto é, durante esta etapa, para que a criança se vá integrando e amadurecendo as suas atitudes, convém que nos diversos encontros seja ajudada a assumir o ritmo da catequese, através do domínio corporal (ter controlo nas mãos, na boca, nos pés, e em geral, sobre as suas atitudes), da descoberta do valor do silêncio, do gosto pela ordem (entrada e saída ordenada, disposição na sala), da capacidade de escuta, do conhecimento mútuo, do pensamento crítico... Para tal, o catequista recorrerá a jogos, cânticos ou exercícios práticos, sempre que for necessário recordar ou treinar estas aprendizagens atitudinais.

VII. PERFIL DO CATEQUISTA

O catequista é um cristão chamado por Deus para a missão de anunciar Jesus Cristo Ressuscitado e o projeto de Deus para todos os homens. É sob a acção do Espírito Santo que se torna porta-voz duma mensagem de Deus, testemunha do Seu Reino, para as crianças que lhe são confiadas.

O catequista é portador de um convite a cada criança, para que, a partir da sua situação pessoal, inicie o desabrochar da sua fé, a sua adesão a Jesus Cristo e a sua inserção na comunidade cristã, aperfeiçoando progressivamente uma vida teologal alicerçada na razão, nos sentimentos, na atividade e na dimensão comunitária da fé e em que conhecimento teológico, iniciação sacramental, educação moral e introdução na comunidade de crentes se adaptam às crianças e promovem a sua maturidade.

Estas tarefas não são fáceis e, ainda que nenhum catequista, como qualquer educador, seja perfeito, há características que deve ter, procurando desenvolvê-las e aperfeiçoá-las de modo ativo e intencional.

a) Fidelidade a Deus e atenção ao grupo

O catequista deve apresentar a mensagem de Deus de um modo, ao mesmo tempo, fiel às mensagens e adaptado ao grupo. Na adaptação, na comunicação da Palavra revelada, "deve permanecer a lei de toda evangelização" (DGC 169).

O catequista partilha a sua fé, que nasce e se alimenta do Evangelho que anuncia. Esta fidelidade exige o respeito pelo sentido original e mais profundo da Palavra, tal qual é entendida pela Igreja. A Palavra não pode ser manipulada por interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjetivas. Esta fidelidade implica também que o catequista não selecione os aspetos mais fáceis de comunicar, deixando os outros, porventura muito mais importantes, no esquecimento. Implica uma grande humildade diante da Palavra, deixar-se julgar por ela, transformar-se por ela, e não o contrário. Aquilo que deve procurar adaptar é, tão-somente, as escolhas pedagógicas, selecionando o melhor veículo como aquele que mantém a integridade da mensagem enquanto a torna acessível e aceitável para os destinatários, tal como o próprio Cristo o fez, enquanto pregava.

O catequista tem também de ser fiel ao grupo a que se dirige. Um grupo cristão não é só um lugar de aprendizagem, mas um grupo chamado a viver uma experiência de comunidade cristã que conduz, ativamente, à participação na vida eclesial e que tem como fonte e cume a celebração da eucaristia. Neste sentido, o catequista é, também, um construtor de comunidades, através de uma permanente atitude de acolhimento e de escuta de cada um dos catequizandos que lhe está confiado, e do exemplo humano e cristão que proporciona. É um amigo que valoriza as descobertas e atitudes de cada um, ainda que por vezes sejam incompletas e ambíguas, mas é, igualmente, um adulto maduro que sabe proteger, corrigir e orientar.

Ser fiel ao grupo exige levar a sério as suas experiências de vida, esforçar-se por chegar à criança em concreto, com as suas interrogações, recusas e anseios. Ser fiel supõe respeitar a liberdade da criança e as etapas por que passam a sua vida e a sua fé. Ser fiel ao grupo supõe o respeito por todas as opiniões dos elementos do grupo e a capacidade de não fazer juízos de valor. Falhas, cansaços e desilusões hão de ser vistas como passos necessários, dentro do longo processo de amadurecimento dos catequizandos. Desta forma, a maturidade do catequista ajudá-lo-á a lidar com os erros dos catequizandos e a integrar, adequada e sensatamente, as suas opiniões e experiências, guiando-os na procura da verdade.

O catequista é sobretudo alguém que testemunha a sua fé com clareza, convicção e alegria. Atitudes que são, já por si próprias, expressão de fé, uma vez que fazem parte da mensagem em que acredita, pois têm a sua origem em Deus.

b) A atitude do catequista

A forma de atuar do catequista – a sua atitude no grupo, a sua maneira de estar e de se relacionar, o modo como apresenta a mensagem – é fundamental para a educação da fé.

Em catequese, a atitude pedagógica correta é aquela que leva a criar um ambiente de amizade, confiança e liberdade; faz com que cada membro do grupo se sinta amado, reconhecido e aceite, para que possa participar livremente, de acordo com as suas capacidades. Há que desenvolver um clima que convide à criatividade e à participação empenhada. Mas não se esqueça de que a educação da fé, tal como qualquer outro processo educativo, exige um rumo definido e objetivos claros.

O catequista deve conservar a sua autoridade, como um amigo mais velho, de forma discreta, mas ativa e dinâmica, orientada em favor do grupo. Essa autoridade, baseada nos valores do Evangelho e no exercício da caridade, deve ser exercida como parte da responsabilidade do catequista e como parte das necessidades educativas das crianças. A educação exige condições para aprender, interesse na aprendizagem, curiosidade e atenção. Só pelo devido exercício de uma autoridade que se baseia no saber e na capacidade moral do educador tomar decisões, se criam essas condições e assim se está em condições de propor, com clareza, os objetivos a alcançar, apresentar os temas a desenvolver, procurar as dinâmicas de trabalho mais adequadas. Essa autoridade deve exercer-se no sentido não de ***dirigir*** – dar ordens, controlar, emitir leis ou ideais que não se discutirão – aplicar um padrão imutável e único, mas de ***formar*** – colocar perante uma novidade, envolver, transformar; integrar a diferença, "caminhar com", respeitar ritmos diferentes, ajudar a **crescer** na fé.

c) Um novo estilo de relação

O catequista, liberto das tentações do "deixar fazer" e do "dirigismo", tem que ensaiar um estilo de relação, que seja criador de comunidade, que suscite, em todos os membros do grupo, a vontade de participação, em ordem ao trabalho comum e a uma sadia convivência, ciente de que a pessoa se constrói na relação e a fé amadurece num autêntico clima comunitário.

Para tal, é necessário:

- **Ajudar a amadurecer.** Os membros do grupo movem-se entre formas de relação infantis e outras mais maduras. O catequista saberá distingui-las e ajudar a superar as que não levam ao crescimento. É dependência infantil a excessiva identificação da criança com o catequista, que se converte em ídolo, sabe tudo, decide tudo e concretiza tudo. Neste caso, a criança vem à catequese pelo catequista e não por querer descobrir mais sobre Deus, Jesus …

O catequista realiza verdadeiramente a sua missão, se aprende a "desaparecer", continuando presente e próximo do grupo e de cada um. Fá-lo, quando procura que, no grupo, cada um construa a sua própria personalidade. A pedagogia de Deus, revelada em Jesus, é a do dom, da proposta, do respeito pela pessoa e seus dinamismos.

- **Criar uma relação libertadora.** O catequista procure um estilo de relação que permita aos membros do grupo ser atores principais da sua própria educação. Trata-se duma educação libertadora na fé, de promoção humana dentro do plano de Deus (cf. EN 30-39). Para isso, o catequista deve:

  - Convidar à ação, motivando os catequizandos para descobrirem as coisas por eles mesmos, desenvolverem atitudes e capacidades, criarem formas originais de expressão de fé, sem medo de se relacionar e comunicar. Mas a ação perde-se, se não é interiorizada pela reflexão. Para isso, necessitam também de aprender a fazer silêncio, deixando-se interpelar pela Palavra.
  - Estar atento a cada catequizando, disponível para partilhar a sua vida e animá-lo a superar as dificuldades. E isto, não só no encontro, mas durante a semana, numa profunda amizade.
  - Ser autêntico, como um adulto na fé, que cumpre a sua missão com convicções, entusiasmo e em nome da Igreja. A autenticidade da vida na fé que encontra a sua raiz e inspiração na aproximação aos sacramentos.
  - Ter, como atitudes construtivas de um relacionamento libertador, amor, disponibilidade, alegria de viver; exigência e, simultaneamente, compreensão; justiça para com todos; aceitação de si próprio e ajuda aos outros.

  No campo da fé, deve, ao mesmo tempo, aceitar-se no nível de maturidade cristã e deixar-se interpelar pelo grupo, como voz do Espírito. Quando se fala do grupo na catequese, o catequista também faz parte desse grupo e, embora seja determinante a sua vida de fé, já amadurecida, a vida do grupo, embora não seja o espaço adequado para experiências e mecanismos de compensação, é mais uma oportunidade de o catequista crescer humana e espiritualmente.

d) Atitudes básicas do catequista

O catequista deve:

* **Confiar**

Reconhece os valores pessoais da criança, ainda que frágeis ou confusos. As crianças intuem com facilidade esta confiança. A confiança não se diz, manifesta-se. O catequista saberá dar-lhes um apoio especial nos momentos críticos e valorizar o seu desejo de descobrir, de jogar, a sua capacidade de iniciativa, de desenvolver o sentido crítico.

* **Respeitar**

Não pode cair na tentação de manipular as pessoas, impor saberes, maneiras de ver, critérios de atuar, mesmo que lhe pareçam os mais adequados. Deve, sim, propor os critérios que brotam da Palavra, suscitando a liberdade na escolha do bem. Nesse sentido, deve esforçar-se ativamente por aceitar cada catequizando como é, acreditando no poder salvador de Cristo. E, como Ele, opta por uma atenção personalizada e sabe ter imensa paciência.

* **Criar um clima propício à comunicação:**

O grupo avança, quando os membros se sentem bem e livres para expressar as suas ideias, sentimentos, projetos, dúvidas e interrogações, o que são e o que vivem. Por isso, é necessário desenvolver nos catequizandos competências de escuta, de silêncio, respeito pelo outro, de autocontrolo, de esperar pela sua vez para intervir. Isto exige que o catequista seja um bom comunicador e seja, simultaneamente, capaz de criar um clima de sinceridade e atenção. Cultiva a serenidade e tem um coração aberto a todos os catequizandos.

* **Ser testemunha da fé:**

O catequista é uma pessoa de fé, capaz de a comunicar e partilhar com o grupo. Educa pela presença. Contagia pelo testemunho alegre de vida. Vive em comunidade e educa para a dimensão comunitária da fé e da vida. É rosto e porta-voz da Igreja e testemunha da vivência de fé da comunidade (ATV, Orientações 5).

* **Adulto nas suas responsabilidades e compromissos:**

Educar é sempre uma tarefa muito complexa que exige competências sociais e morais diversas – como as acabadas de descrever – e um compromisso para com as tarefas a levar a cabo. Neste sentido, o catequista deve aderir à tarefa que a Comunidade de Fé lhe propõe, determinando-se a trabalhar com afinco e profundidade: em primeiro lugar, vivendo maduramente a sua fé, com particular atenção e assiduidade à escuta da Palavra, aos sacramentos e à oração pessoal; em segundo lugar, reservando, nas suas atividades quotidianas, tempo para se preparar e preparar cada encontro de catequese, nomeadamente através de uma leitura atenta do Guia do Catequista.

e) Em síntese...

O catequista aceita o papel de educador, consciente, por um lado, do risco, do desafio e do esforço e, por outro, da realização cristã e da felicidade que isso traz. Por isso, procura continuamente aprofundar os seus conhecimentos e a sua vivência de fé e é capaz de a partilhar, como algo imprescindível e valioso para o cristão, preparando-se devidamente e aplicando-se com entusiasmo na implementação.

VIII. O CATECISMO E OS MATERIAIS DE APOIO

1. O **catecismo** é o livro do catequizando.

É indispensável para o encontro catequético, pelas seguintes razões:

- Contém imagens, que servem para o motivar, dinamizar a aprendizagem e ilustrar os conceitos principais;
- Apresenta os textos da Palavra a utilizar em momentos de reflexão individual ou de grupo;
- Oferece sínteses «Para guardar na memória e no coração» (a partir do 3º ano), que, sem qualquer desvantagem educativa, as crianças devem memorizar;
- Propõe, pelo menos, um «Compromisso» semanal, com pequenas tarefas que a criança deve realizar durante a semana, centradas no seu quotidiano e que exprimem o modo de viver cristão anteriormente trabalhado, assim como o espaço para a criança avaliar o seu cumprimento (a partir do 3º ano), pois o hábito favorece a virtude;
- Apresenta orações, cânticos, passagens de salmos e outros meios para a expressão de fé (desenho, pintura, fotografia, texto...);
- Contém, juntamente com sugestões de trabalho individual ou em família, uma mensagem em que se procura envolver a família da criança na catequese – «Em família» – nalguns casos com convites às famílias para participarem, nomeadamente em diversas celebrações.

O catecismo tem, assim, duas funções muito importantes:

- Ajudar a criança a fazer memória, registando o fundamental de cada catequese – e, mesmo, das diversas Celebrações – apelando à atividade da criança, com desenhos, fotos, textos que relatem a experiência do seu crescimento na fé;
- Mostrar às famílias o que as crianças estão a aprender, contribuindo para a sua evangelização através dos filhos e netos, razão pela qual o «Em Família» foi colocado no próprio catecismo, procurando que se torne, também, o resumo da sua fé.

Com tudo isto, procura-se corresponder à orientação dos nossos Bispos: "A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo «mistagógico», no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo" (ATV, Orientações 7).

Por todas estas razões, o catequista deve ler – antes de começar o ano catequético – todo o Catecismo das crianças, para o conhecer bem e manusear sem hesitações.

2. Os **materiais de apoio** deverão ser abundantes e adequados:
   - As músicas, nomeadamente em CD, têm especial atrativo, sublinhando, sobretudo, a dimensão estética do crer e mostrando, sensorial e sensivelmente, a dinâmica da fé e da conversão. Além disso, o cântico educa pela aprendizagem das palavras, pela exploração do sentido da mensagem. Os cânticos devem ser, por um lado, adequados, em estilo, à idade dos catequizandos e, por outro, ao conteúdo da catequese, ritmo e letra, e foram esses os critérios usados na sua seleção. Alguns, pelo seu habitual uso litúrgico, facilitam a integração da catequese na vida da comunidade.
   - As imagens e os dísticos favorecem a interiorização do essencial da mensagem, envolvendo o olhar com a escuta e motivando pela exploração das extraordinárias competências icónicas das crianças.

3. Este **Guia do Catequista** completa os materiais essenciais do catequista.
   O Guia do Catequista é um instrumento pedagógico insubstituível, pois contém todas as indicações práticas necessárias à preparação e implementação da catequese, logo a partir da Introdução a cada catequese e começando pelo «Aprofundamento do tema». Numa perspetiva de verdadeira autoformação, este é o instrumento que lhe permitirá compreender o sentido teológico e espiritual da catequese a desenvolver, pelo que deve ser abordado com generosidade – pois, inicialmente, pode parecer longo – e com verdadeira atitude de escuta, pois o que, eventualmente, seja de mais difícil compreensão pela via da razão – foi escrito para adultos com alguma preparação doutrinal, como é devido a um catequista – pode ser explorado e entendido com o coração, humilde e bom, de quem ama a Deus e ao próximo.

Depois, o catequista deve analisar os «Objetivos», para ficar a saber, bem, para que metas se dirige, pois a educação ao acaso, sem rumo definido, é sempre improdutiva. De seguida, e para se situar melhor perante as suas exigências, recorre ao contributo das «Observações Pedagógicas». Depois, necessita de preparar os «Materiais» e as «Músicas», podendo recorrer aos materiais de apoio que para isso foram preparados na paróquia e/ou editados. Finalmente, abordará os textos do «Desenvolvimento da Catequese», procurando visualizar e imaginar as atividades, o modo como as crianças reagirão e as explicações que deverá dar, elaborando umas **fichas** com as etapas e conteúdos essenciais, que terá junto de si durante a catequese, pois não é adequado, nem nada prático, que oriente a catequese diretamente a partir do Guia. De todo este trabalho de planificação destaque-se, ainda, a preparação da «Palavra»: o catequista deve lê-la, atentamente, atempadamente, procurando-lhe o sentido e preparando, conscientemente, a forma como a sua leitura será feita com as crianças.

Uma boa preparação, cuidada e atenta, é a melhor garantia de que a catequese vai correr bem, as crianças vão participar com interesse e as aprendizagens vão ter lugar.

Uma preparação bem feita também favorece a espontaneidade do catequista que, mais organizado, se sente confiante e à-vontade no uso dos materiais e na interação com as crianças. As **Catequeses** que a seguir se apresentam são **25 (edição revista de 2017)**, garantindo que todas se poderão realizar ao longo do ano. Prevê-se que possam ser realizadas tranquilamente em cerca de 50 minutos, embora com grupos maiores se gaste mais tempo a ouvir as crianças, sendo que o **diálogo** com as crianças nunca deve ser suprimido ou acelerado. Na última Catequese, as crianças receberão o «**Álbum de Férias**», que recapitula e aprofunda o que foram descobrindo e aprendendo ao longo do ano, aproveitando as férias para crescer na fé e na prática do bem.

Introduziu-se, nas páginas que se seguem deste Guia do Catecismo 2, um **Plano Pedagógico do Catecismo** que ajuda o catequista a ter a visão global das atividades a desenvolver, qual o calendário que deve estabelecer para as poder planificar atempadamente, nomeadamente as catequeses em que contará com algum convidado-participante, as Celebrações, as informações a enviar, com antecedência, aos pais, assim como a preparação ou aquisição de algum material especial.

PLANO PEDAGÓGICO DO CATECISMO 2

Cat	Objetivos	Experiência Humana	Palavra	Expressão de Fé	Compromisso	PLANIFICAÇÃO de ATIVIDADES
	BLOCO I ***Queremos conhecer Jesus***					
1	– Partilhar a vivência da proposta para férias da catequese 25 do 1º ano; – Fortalecer, pela admiração, a fé em Jesus; – Dispôr-se a vir sempre à catequese.	Juntos de novo. O nosso coração para Jesus.	Mc 9, 5 Revelação de Jesus na transfiguração, no Monte Tabor	Cântico: **"Quero estar sempre contigo, Ó Jesus meu doce bem.** **É o meu melhor amigo.** **Conta comigo também".** ***Receber o catecismo.***	Entrevista: O que mais admiras em Jesus?	**Para todas as catequeses preparar Bíblia e castiçais com velas; folhas de papel, lápis de cor.** Preparar os corações, de cartolina resistente. Questão aos pais ou familiares sobre o que mais admiram em Jesus.
2	– Acolher a revelação de Jesus Cristo como Filho amado de Deus; – Exprimir, pela oração a fé em Jesus, Filho de Deus.	Aprender a escutar Jesus	Mc 9, 7 **"Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o."**	– A importância dos nossos gestos e atitudes que nos ajudam a rezar melhor **"Jesus, eu amo-Te Tu és Filho de Deus Jesus, eu creio em Ti ..."**	Quando rezo...	Garantir que se têm as respostas à pergunta sobre Jesus. Cartolinas em forma de coração.
3	– Despertar para a importância de escutar Jesus; – Desejar pôr em prática as palavras de Jesus, escutadas na catequese e na missa; – Venerar a Bíblia como Palavra de Deus.	Lembrar o que ouvimos. Quando as palavras são importantes não as esquecemos.	Mt 7, 24-27 Ao escutarmos e lembrarmos o que nos é dito é sinal de que gostamos de quem nos fala e lhe damos importância.	A Bíblia antes e depois de Jesus Agradecemos a Deus ter-nos dado a Bíblia.	Fala, Senhor... ...quando escuto as palavras de Jesus...	Preparar 2 ou 3 pedras para servir de suporte à Bíblia, um pano bonito e grande, 2 castiçais. Flores numa jarra e uma para cada criança e catequista. *No final, recolher e guardar as cartolinas em forma de coração para a catequese 8.*

4	– Descobrir o amor especial de Jesus para com os mais pequeninos; – Descobrir o respeito como forma e expressão do amor; – Unir-se a Cristo no respeito e no amor para com todas as pessoas.	As palavras do nosso maior amigo. Os nossos amigos.	Mc 9, 36-37 **"quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe".** (Amar; respeitar)	Ter um coração como o de Jesus Amar e respeitar como Jesus **"Senhor, para Ti o meu coração"**	Amar e Respeitar ...na nossa casa.	Preparar o seguinte material: Bíblia e 2 castiçais com velas.
5	– Descobrir em Jesus a fonte da verdade, com base no amor e no respeito; – Descobrir a importância da obediência, na sequência de Jesus; – Querer dizer sempre a verdade e viver a alegria de obedecer como Jesus nos ensina.	Dizer a verdade Obedecer	Jo 14, 6 **"... Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida..."** (Jesus é a Verdade; Jesus obedecia)	– Amar e respeitar leva-nos a ser verdadeiros e obedientes – Pedimos a Jesus que nos ajude a ser verdadeiros e obedientes **"Deus nosso Pai, que sois tão bom".**	Amor Respeito Verdade Obediência	Ter em especial atenção as indicações dadas no Aprofundamento do Tema quanto à Verdade e à Obediência: **"evitar uma obediência cega ou uma desobediência sem motivo"**.
6	– Descobrir a alegria de seguir Jesus; – Viver e exprimir essa alegria; – Manifestar a fé em Jesus pela oração.	É bom estarmos juntos. Aprendemos muitas coisas sobre Jesus.	Lc 10, 23-24 Podemos ver e ouvir Jesus.	Subimos ao monte. Nós amamos Jesus.	Jesus, eu creio em Ti!	Preparar o seguinte material: Catecismo 1; Foto Monte Tabor; quadro da transfiguração.
7	– Descobrir Maria, a Mãe de Jesus, como modelo de fé e prática cristã; – Confiar-se a Deus, pela mediação de Maria; – Iniciar a preparação da celebração de Natal;	O Natal está perto Começamos a construir o presépio	Lc 11, 28 **Felizes os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática**	Rezamos à Mãe de Deus e nossa Mãe. Também nós queremos fazer a vontade de Deus	Avé-Maria.	Preparar palavras AVÉ MARIA em letras separadas. Imagem de Nossa Senhora adequada ao presépio. Papel pardo para fazer a gruta. Convite para os pais participarem na catequese 8.

8	– Descobrir e acreditar que Jesus é Deus connosco; – Celebrar o Natal em comunhão com Jesus e com os outros.	Amar, Respeitar, Dizer a Verdade, Obedecer.	Mt 1, 20-21 **"...dará à luz um filho ao qual porás o nome de Jesus..."** Mt 1, 23 **"Eis que uma Virgem..."**	É bom ter Deus connosco em seu Filho, Jesus. Adoração do Menino **"Alegrem-se os céus e a terra"** Gesto da paz	Natal, Tempo de Paz.	***CELEBRAÇÃO DE NATAL*** Combinar com as famílias a organização de um lanche partilhado e contactar os pais que colaboram ativamente na Celebração. Corações em cartolina (a recolher no fim). Preparar o seguinte material: Imagens do presépio: Menino Jesus, Nossa Senhora, S. José (em tamanho proporcional à Bíblia); 2 castiçais com velas; Bíblia; pedra de suporte para a Bíblia; motivos natalícios para ornamentação da sala.

BLOCO 2
Aprendo a dizer "Pai-Nosso"

9	– Descobrir como Jesus é amado por Deus; – Entender como a oração de Jesus manifesta a sua união com Deus.	Recordar o Natal O coração que tem mais amor	Mc 1, 10-11 **"Tu és o meu Filho muito amado"** Lc 10, 21-22 **"Bendigo-te, ó Pai, ... porque escondestes estas coisas aos sábios ... e as revelastes aos pequeninos."**	Agradecemos a Deus o amor que nos tem Queremos fazer parte do Reino de Deus **"Jesus Cristo é o Senhor"**	Obrigada, meu Deus, pelo teu grande amor. Juntos, junto do coração de Deus: rezando.	Preparar o seguinte material: Bíblia; 2 castiçais com velas. Coração recortado de cartolina tamanho A2 Corações de cartolina das crianças
10	– Dispôr-se a aprender a rezar com Jesus; – Acolher a rezar a oração que Jesus nos ensinou. – Compreender o sentido da invocação "Pai--Nosso que estais nos Céus".	A oração de Jesus Aprender a rezar com Jesus	Mt 6, 9-13 **"Rezai, pois, assim: Pai-Nosso, que estais nos Céus..."**	Cantamos ao Pai dos Céus Rezamos como Jesus nos ensinou	Rezar é bom! Avé-Maria Pai-Nosso.	Preparar o documento com as preces do Pai-Nosso.

11	– Compreender o significado da prece: "Santificado seja o vosso nome"; – Descobrir o sentido da importância do nome "Senhor"; – Contribuir para a santificação do nome de Deus pela oração em união com Jesus e por uma vida em união com Deus.	Santo é o Senhor! Jesus é o Senhor	Jo 17, 17-19 **"Pai Santo, Santifica na verdade Aqueles que Tu me deste."**	Rezamos ao nosso Pai do Céu Ficamos a conhecer alguns santos	Na nossa Paróquia veneramos…	Pesquisar sobre a vida de santos com o mesmo nome que as crianças, procurar e adquirir ou imprimir imagens que os representem e preparar um resumo sobre a obra de cada um, para colocar na parte de trás das imagens, para oferecer às crianças.
12	– Compreender o significado da petição "Venha a nós o vosso Reino"; – Aperceber-se de que o Reino de Deus já começou com Jesus.	**Reis e Rainhas** **O Reino de Deus está próximo**	Mt 11, 4-5 O Reino de Deus está entre nós **"…a Boa-Nova é anunciada aos pobres."**	O Reino de Deus ainda não está entre todas as pessoas. Rezamos por aqueles que ainda não vivem no Reino de Deus.	O Reino de Deus – quando ainda não está presente; – para que venha até nós!	Preparar o seguinte material: Imagens de pessoas em situações de sofrimento MAS adequadas à idade das crianças.
13	– Compreender a prece "Seja feita a Vossa vontade assim na Terra como no Céu" – Querer fazer sempre a vontade de Deus.	Os pais ficam contentes quando fazemos a vontade deles Jesus também fazia a vontade do Pai	Mt 7, 21 **"entrará no Reino dos Céus …aquele que faz a vontade de meu Pai"**	Falamos com o Senhor Como é que nós fazemos a vontade de Deus	Faço a vontade de Deus	Preparar o seguinte material: Leitor de CD e CD (ou outro suporte áudio) com a melodia oficial do Pai-Nosso.
14	– Compreender a petição "O pão nosso de cada dia nos dai hoje"; – Fazer sua esta petição.	Nem todas as pessoas têm a comida de que precisam O pão é símbolo de toda a nossa alimentação	Mc 6, 35-44 **"Partiu os pães e dava-os aos seus discípulos para que os repartissem."**	O pão nosso de cada dia nos dai hoje Pedimos pão para todas as pessoas	O pão nosso de cada dia nos dai hoje.	Esta catequese deve ser feita à volta de uma mesa, num ambiente parecido com sala de jantar. Preparar o seguinte material: 2 castiçais com velas; Bíblia; Cesta do pão; um ou dois pães grandes; toalha de mesa e guardanapo. Imagens de campo de refugiados.

15	– Compreender a prece "Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido"; – Dispor-se a viver o perdão de Deus no perdão ao próximo e rezar a Deus para que nos ajude a não cair nas tentações e para nos livrar de todo o mal.	Exame de consciência Pedimos perdão pelas nossas faltas	Mt 5, 23-24 **"... vai primeiro reconciliar-te com teu irmão..."**	Rezamos o Pai-Nosso Filhos do mesmo Pai, saudamo-nos como irmãos	Rezar o Pai-Nosso Em Família	Preparar a sala de modo idêntico à catequese anterior. Cesto da catequese 14.
16	– Compreender a unidade e complementaridade das duas partes do Pai-Nosso; – Rezar o Pai-Nosso como oração por excelência do Reino de Deus.	O que é rezar? Falamos com o Pai do Céu como filhos	Jo 17, 20-21 **"...assim também eles estejam em nós e o mundo acredite que tu me enviaste."**	Unidos como irmãos Viver no Reino de Deus	O Reino de Deus já está no nosso mundo.	Preparar o seguinte material: Bíblia; 2 castiçais com velas.
17	– Celebrar o mistério da morte de Jesus; – Descobrir o lugar e a importância da oração na vivência da paixão e morte de Jesus; – Unir-se a Jesus, pela oração, na oferta da vida a Deus.	Convidar cada criança a associar-se a Jesus na oração e na entrega da própria vida	Lc 22, 42 Lc 23, 34 Lc 23, 46	Adoração da cruz Oração e gesto da paz	Jesus, eu amo-te! Joias para Jesus.	***Celebração do Mistério e Morte de Jesus*** Um crucifixo razoavelmente grande e com base. Bíblia e dois castiçais com velas, se possível, mais grossas e mais bonitas do que as habitualmente usadas.

BLOCO 3
Em Jesus somos irmãos

18	– Acolher a Boa-Nova da Ressurreição de Cristo; – Celebrar na alegria a festa pascal.	A festa da Páscoa Aleluia, louvai o Senhor!	Lc 24, 4-6ª **"Porque procurais entre os mortos Aquele que está vivo?... Ressuscitou."**	A festa da Páscoa é uma festa de luz Acreditamos em Deus que ressuscitou Jesus	Jesus ressuscitou! Dá-nos a vida! Aleluia!	Preparar a palavra ALELUIA em letras soltas; Círio pascal. Para a próxima catequese: Pedir aos pais uma foto ou fotocópia de foto do batismo das crianças.
19	– Descobrir a ligação do Batismo à ressurreição de Cristo, celebrada na Vigília Pascal; – Compreender que, pelo Batismo, nos tornamos filhos de Deus, em Jesus ressuscitado; – Exprimir a alegria do Batismo, através de alguns ritos batismais mais significativos.	O nosso batizado No batizado recebemos a vida nova de Jesus ressuscitado	Gal 3, 26-27 **"Todos vós sois filhos de Deus, em Jesus Cristo, mediante a fé; pois todos fostes batizados em Cristo."**	Recordamos o nosso Batismo Cantamos a alegria do nosso Batismo	Para o batismo: objetos simbólicos.	Preparar: recipiente ou pequena bacia cheio de água e um pano para tapar. Círio pascal.
20	– Conhecer melhor a ação do Espírito Santo em nós; – Deixar-se guiar pelo Espírito, na oração e no amor a todas as pessoas.	Cantamos ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo Batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo	Gal 4, 4-6	Cantamos a alegria de termos em nós o Espírito Santo Com o Espírito Santo, vivemos como filhos de Deus	No nosso batismo o Espírito Santo… Sentimos o Espírito Santo quando sentimos ... Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.	
21	– Tomar consciência de que é pelo Batismo que entramos na Igreja; – Alegrar-se por fazer parte da Igreja e querer viver como membro da família de Deus.	Na igreja reúne-se a Igreja Jesus está no meio de nós	Mt 18, 19-20 **"onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles".**	Na catequese, Jesus está no meio de nós. Viver na família de Deus	Viver como Jesus ensinou.	Círio pascal. Fotografia da frontaria da igreja paroquial.

22	– Descobrir o amor a Deus como resposta ao seu amor para connosco; – Exprimir o amor a Deus, de modo especial pela oração.	Reunidos em nome de Jesus Que é preciso para ser feliz?	Mt 22, 35-37 **"Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração com toda a tua alma e com todo o teu pensamento..."**	Agradecemos a Deus o seu amor Aprendemos a cantar Ámen	Amarás o Senhor teu Deus. Ámen, «Assim seja»	Preparar o seguinte material: Círio pascal; Pequenas folhas ou cartões, um para cada participante.
23	– Acolher o mandamento do amor ao próximo, na sua ligação com o amor de Deus; – Pôr em prática o amor a Deus e ao próximo	É bom ajudarmo-nos uns aos outros Recordamos a resposta de Jesus para quem quer ser feliz	Mt 22, 37-38 **"amarás ao teu próximo como a ti mesmo"**	Quando nos amamos, Deus está connosco Pensamos como podemos amar os outros	Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Como amo…	– Convidar as famílias para assistir à próxima catequese para acertar detalhes da ***Festa do Pai-Nosso***. Preparar o seguinte material: Pagelas/convite com mensagem do catequista para os pais (modelo no Guia).
24	– Aprofundar o sentido de Igreja; – Fomentar a alegria por pertencer à Igreja; – Preparar pela oração, a festa do Pai-Nosso.	A grande família de Deus	1 Pe 2, 9-10 **"sois nação santa … povo de Deus."**	Preparamos a festa do Pai-Nosso Damos a paz uns aos outros	Nação Santa, Filhos de Deus.	Imagens de várias expressões de amor ao próximo. Círio pascal. Entrega do convite para os familiares: Festa do Pai-Nosso. Preparar todo o material necessário para a celebração da Eucaristia; adornar a igreja para que tenha um ambiente festivo; Estampas com o Pai-Nosso (uma por criança)

25	– Celebrar, em Igreja, a graça de sermos filhos de Deus; – Acolher e rezar o Pai-Nosso, como a oração por excelência da Igreja.	A festa O Pai-Nosso em festa	Gal 3, 26-28 **"todos vós sois filhos de Deus"** Mt 6, 7-15 **"Rezai, pois, assim: Pai-nosso..."**	**Compromisso** ***Rezar o Pai-Nosso todos os dias, para crescer na fé e no amor manifestado no perdão***	***FESTA DO PAI-NOSSO*** (que pode ser celebrada na Eucaristia Dominical ou inserida na Celebração da Palavra, realizada na igreja e em que participem outros membros da comunidade, para além dos familiares das crianças) Nota: Se a celebração for feita na Eucaristia Dominical, respeitem-se as normas litúrgicas do dia ÁLBUM DE FÉRIAS 2

Queremos conhecer Jesus

1º BLOCO

Nos primeiros encontros, aprofunda-se o conhecimento de Jesus, retomando-se temas apenas introduzidos no ano anterior. Assim, Jesus é apresentado como:

- Uma pessoa que, sendo em parte como nós, gostamos de escutar e de seguir como modelo.
- Com Ele, as crianças são motivadas para amar, respeitar, obedecer e dizer a verdade; na catequese, em família, na escola e na comunidade a que pertencem.

Nas catequeses antes do Natal, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Deus connosco. Pela sua encarnação, Deus dá-nos Jesus; e Maria, sua Mãe é, por isso, a bendita entre as mulheres.

CATEQUESE 1

DE NOVO JUNTOS COM JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A difícil missão do catequista

Nunca foi fácil ser catequista. E hoje talvez ainda seja mais difícil.

Não é fácil pela responsabilidade que esta missão compreende. Ser testemunha de Deus exige viver d'Ele e para Ele, de tal modo que Ele apareça ao vivo nas palavras e nos gestos, nas atitudes e nos pensamentos, nas convicções e projeto de vida. O catequista é, para as crianças, particularmente para as crianças desta idade, um dos rostos mais visíveis de Deus e do Seu Filho Jesus Cristo. Que ele possa fazer suas as palavras de Paulo: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20). E que as crianças se apercebam disso pela sintonia entre o que ouvem e o que veem. Hoje, como sempre, os gestos são mais expressivos do que as palavras e, por isso, mais convincentes. O catequista, "mais do que um mestre que transmite saberes, deve considerar-se um guia espiritual que acompanha no caminho do Senhor. O que só é possível se ele próprio tiver experiência pessoal do encontro com Ele e conhecer o caminho a percorrer – o encontro do qual nasce também a sua vocação: é do 'conhecimento amoroso de Cristo que brota o desejo de O anunciar, de «evangelizar» e levar os outros ao «sim» da fé em Jesus Cristo'.".[1]

Para se ser catequista é indispensável a ligação à Igreja: o catequista é "rosto e porta-voz da fé da Igreja e testemunha da experiência da fé das comunidades (...). Enquanto educador da fé, é o coração das nossas comunidades que vive da Palavra do Senhor e do pão da vida" (*Ibidem*). Como presença da Igreja, exige-se dos catequistas uma plena e ativa inserção nas comunidades a que pertencem. Exige-se que realizem a sua missão como um carisma que, no dizer de S. Paulo, deve ser exercida "para proveito comum" (1 Cor 12, 7), "para a construção do corpo de Cristo" (Ef 4, 12).

---

[1] Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo*, 2017, 31. Cit. Catecismo da Igreja Católica, 429.

O catequista vive da Igreja e para a Igreja. Só assim poderá estar em condições de levar as crianças a integrar-se plenamente nessa mesma Igreja.
Mas não é fácil a sua missão, sobretudo pelos espinhos que encontra: além dos sacrifícios em tempo, meios, esforço, depara-se por vezes com incompreensões, além do desinteresse de muitos pais, da falta de motivação das crianças, etc..
Valerá a pena?

2. O catequista – um apaixonado por Cristo

A cena da transfiguração de Cristo – relatada em Mc 9, 2-8 – e que está no centro desta catequese e da próxima, é a resposta de Cristo aos discípulos, aos quais havia chamado a atenção para a missão apostólica que os esperava: "Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8, 34).

Esta cruz é a que nasce da negação de si mesmo, do amor, da entrega da vida, no seguimento do Mestre "que tinha de sofrer muito e de ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos-sacerdotes e pelos doutores da lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias" (Mc 8, 31). Seguimento difícil, duro e espinhoso. Pedro percebeu-o e tentou demover Jesus do caminho da cruz e da verdadeira vida (Mc 8, 32).

Por tudo isto e para convencer os discípulos de que vale a pena seguir esse caminho, Jesus sobe com os três mais íntimos, a "um alto monte", símbolo para os judeus da proximidade de Deus, para aí ser invadido pelo sagrado: pelo branco, a cor da luz e da vida; pela presença de Elias e Moisés, duas figuras da História da Salvação que resumem a Lei/Aliança e os Profetas; pela nuvem que, ao mesmo tempo, nos traz um Deus imanente e nos separa d´Ele como ser sumamente transcendente; pela voz, cujas palavras são uma das mais belas e profundas declarações do amor de um Pai que se identifica plenamente com o seu Filho. A cena é tão fascinante e, simultaneamente, tão densa, pelo peso do sagrado que nela se manifesta, que a reação de S.Pedro seria, provavelmente, a nossa: "Mestre, como é bom estarmos aqui!"

A cena mostra aos discípulos, aos catequistas hesitantes, tímidos ou descomprometidos, que vale a pena arriscar a subida. Porque "quem quiser salvar a sua vida, há de perdê-la, mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há de salvá-la" (Mc 8, 35). Esta é a palavra que Deus nos convida a acolher e interiorizar, quando, depois de nos ter apresentado o Seu "Filho muito amado", conclui: "Escutai-o"... Este é um convite a deixar-se apaixonar por Ele, seguindo-O na sua paixão, no amor autêntico, que vai até ao dom da vida.

3. A gratificante missão do catequista

Ser catequista é gratificante, porque nasce de uma graça, a maior graça: aquela em que Deus desceu até nós na pessoa do seu amado Filho, para nele nos dar a vida. Foi e é esta graça que conquista, contagia, transforma... para nos fazer agentes dela.

O catequista vive desta graça. E, se vive dela, não pode deixar de a transmitir. Toda a graça se mantém como tal, se vivida no dom da vida, recebida gratuitamente.

Esta é também uma missão gratificante pelos efeitos que produz: pela vida que se dá àqueles a quem se fala de Deus, se conquista para Deus. Uma vida que eles por sua vez irão transmitir a outros, numa torrente que não tem fim. Ver a vida que se recebe e se dá a outros é ver a nossa vida, já neste mundo, ganhar dimensão de eternidade.

Esta é ainda uma missão gratificante pela vitória que se obtém sobre o próprio egoísmo e comodismo; sobre as frustrações que inevitavelmente vão surgindo; sobre as fraquezas e desânimos que vão surgindo.

E se a nossa missão é assim tão gratificante, então vale a pena investir tudo nela: o aprofundamento dos conhecimentos, a preparação cuidadosa das catequeses, o carinho pelas crianças, a atenção e acompanhamento dos pais e outros educadores e tantas outras coisas que as ocasiões nos vão proporcionando e que um catequista, apaixonado por Cristo, vai descobrindo.

Se ainda temos dúvidas, voltemo-nos de novo para Cristo transfigurado, no Seu amor de crucificado e ressuscitado, presente na Sua Igreja.

OBJETIVOS

- Fortalecer, pela admiração, a fé em Jesus;
- Dispor-se a vir sempre à catequese.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. À medida que a criança vai crescendo, aumenta progressivamente a sua sociabilidade e o gosto de viver em grupo: nesta idade já tem alguma experiência de vida em grupo, adquirida quer na escola, quer na catequese, ou nos tempos livres. Este ano de catequese deve fortalecer essa consciência de grupo, como vivência da sua convicção de membro de uma família cristã mais alargada, a Igreja. No grupo serão explorados os elementos específicos e identificativos da Igreja.
2. Por isso, é fundamental a adesão pela fé a Jesus Cristo. Nesta primeira catequese essa adesão é fortalecida através de uma característica das crianças desta idade: a capacidade para se deixarem fascinar pelo maravilhoso. A cena da transfiguração de Jesus é talvez aquela que nos Evangelhos mais suscita essa admiração. Por isso é

necessário um cuidado especial na sua apresentação, procurando sobretudo envolver as crianças na própria cena, ajudando-as a fazer suas as palavras de S. Pedro.

3. Antes de entrar na sala, o catequista deve procurar saudar cada criança do modo mais atencioso e afável. O mesmo se diga em relação aos pais ou outros educadores que venham trazer as crianças. Nunca esquecer que, na catequese, o testemunho do catequista é o principal meio de fomentar a adesão a Jesus.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus da catequese 24 do 1.º ano (Jesus a abraçar o globo);
- Imagem de Jesus vestido de branco;
- Corações de cartolina para todas as crianças e para o catequista;
- Dísticos "Moisés"; "Elias"; "Mestre, como é bom estarmos aqui!"

MÚSICAS

- Guiado pela mão;
- Quero estar sempre contigo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala: deve estar de um modo festivo e acolhedor.

- *No placar*, ao centro, a imagem de Jesus, em ponto grande, da catequese 24 do 1.º ano (Jesus a abraçar o globo terrestre).
- *Em cima da mesa* está a Bíblia fechada, rodeada de dois castiçais com as velas apagadas. Junto da Bíblia, de um lado e do outro, estão os catecismos das crianças. Se forem trazidos por elas, são recolhidos pelo catequista, fora da sala, e levados para a mesa, antes da entrada.
- *Entrada na sala:* se possível, com as crianças em duas filas, e cada par de mão dada. Entram a cantar: "**Guiado pela mão**".

Depois de se sentarem:

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Juntos de novo*

   Este cântico já era conhecido, não era? (...) Pois, foi aprendido e cantado na catequese do ano passado. Por isso cantámos tão bem! Quando aprenderam este cântico, cada menina e cada menino levou para casa os desenhos muito bonitos que tinham feito. Com certeza ainda os têm e durante as férias todos nos lembrámos muito de Jesus,

não foi? Eu lembrei-me muito dele e falei com Ele todos os dias. Quem mais se lembrou de Jesus? (...) E quem é que pensou nos encontros de catequese? (...)
Jesus está sempre connosco e nunca se esquece de nós. Nós sabemos isso e podemos cantar outra vez o **cântico** "Guiado pela mão" para mostrarmos a nossa alegria de estarmos com Jesus.
Então vamos fazer assim: de pé, damos as mãos uns aos outros, olhamos para a imagem de Jesus que está ali afixada e cantamos: ***"Guiado pela mão"*** *(Repetir só o refrão).*

Foi Jesus que nos guiou também para aqui, para a catequese. Por isso estamos muito contentes, por nos voltarmos a encontrar uns com os outros e, todos juntos, com Jesus. Eu também estou muito contente. Ele vai, durante este ano, ensinar-nos muitas coisas novas, que nos fazem muito felizes.
No caso de o catequista ser novo no grupo e/ou haver uma ou várias crianças que não faziam parte do grupo apresenta-se primeiro o catequista: nome, estado, profissão... e sobretudo a alegria e os motivos que o levam a ser catequista. Depois as crianças. A seguir, continuar:

2. *O nosso coração para Jesus*
Em sinal da nossa alegria, vamos fazer uma coisa: vou entregar a cada um e a cada uma um coração de cartolina. Cada um escreve o seu nome no coração e depois desenha ou escreve alguma coisa que mostre a alegria que sente por estar junto de Jesus, por pertencer ao grupo dele.
O catequista distribui os corações.
Todos escrevem ou desenham, incluindo o catequista.

II. PALAVRA

1. *Jesus sobe a um monte*
O catequista prepara o seu coração de cartolina e depois muda as figuras do placar: no lugar da figura inicial de Jesus, coloca a figura em silhueta branca. Terminados os desenhos das crianças, continua:

Podem guardar os vossos corações. Daqui a pouco vamos ver o que podemos fazer com eles.
Agora olhamos para o placar. *(Deixar contemplar).*

Está lá outra figura. De quem será? E assim tão branca!...
É a figura de Jesus. E porque será que está toda branca?
Vou-vos contar hoje uma coisa maravilhosa que aconteceu:

Um dia, Jesus convidou três dos seus amigos. Chamavam-se Pedro, Tiago e João. Eram os maiores amigos de Jesus, que Ele convidava para estar com Ele em ocasiões muito especiais.

Jesus subiu com esses amigos para um monte muito alto. E, no cimo do monte, a figura de Jesus começou a mudar: começou a ficar toda luminosa com uma luz muito forte; e a sua roupa foi ficando branca, mesmo muito branca, mais do que a neve.

Depois apareceram duas pessoas muito, muito importantes, que já tinham vivido havia muitos anos. Chamavam-se Moisés e Elias. Tinham sido grandes amigos de Deus e estavam no Céu. Apareceram, um de cada lado de Jesus, a falar com Ele.

O catequista interrompe o relato e, em silêncio, afixa de um lado e do outro da figura de Jesus, os dísticos "Elias" e "Moisés". Acende as velas nos castiçais que rodeiam a Bíblia.

2. *"Que bom estarmos aqui!"*

Não sabemos o que Moisés e Elias diziam a Jesus. Mas sabemos o que disse Pedro, um dos três amigos que viram aquela cena. Ele e os outros dois estavam tão maravilhados com Jesus luminoso e rodeado de pessoas vindas do céu, que disse o seguinte:

Leitura (Mc 9, 5)

"**Mestre, como é bom estarmos aqui!**
Façamos três tendas:
uma para Ti, uma para Moisés e outra para Elias".

Silêncio

Vamos pensar um pouco: não acontece também connosco gostarmos muito de estar com Jesus? Não o vemos assim luminoso como viram Pedro, Tiago e João. Mas vemo-lo com os olhos do nosso coração e entendemos como Ele nos ama. Por exemplo na missa: Quando Ele, através do senhor Padre, nos oferece o Seu corpo e o Seu sangue. Ou quando o vimos, na catequese do ano passado, a rezar a Deus, seu Pai. Ou quando no alegramos tanto por Ele, depois de morrer, voltar a viver, ter ressuscitado.

Vemos tudo isso com os olhos do nosso coração... e ficamos maravilhados com Jesus. E por isso é que gostamos tanto de estar com Ele. Gostamos tanto que temos vontade de dizer como Pedro: "Mestre, como é bom estarmos aqui!".

Afixar o dístico: *"Mestre, como é bom estarmos aqui!"*

Vamos dizer isso a Jesus com todo o nosso coração? *Dizem todos:*
"Mestre, como é bom estarmos aqui!"

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Cantamos a Jesus, nosso amigo*

   Neste primeiro encontro da nossa catequese deste ano, vamos aprender um cântico para dizermos a Jesus como somos amigos dele e como estamos contentes por termos recomeçado a catequese.

   O catequista ensaia o refrão:

   "**Quero estar sempre contigo,**
   Ó Jesus meu doce bem.
   És o meu melhor amigo,
   Conta comigo também".

   Depois de terem aprendido, cantam todos.

2. *Os nossos corações para Jesus*

   Agora que já cantámos a Jesus, vamos fazer assim: pegamos nos corações com o desenho que fizemos, ou as palavras que escrevemos e com os nossos nomes e vamos entregá-los a Jesus, para mostrar que queremos estar sempre com Ele. Jesus vai também ficar contente connosco, porque nos ama e nos quer ensinar ainda muitas mais coisas.

   Quando cada um chegar aqui à frente, junto do placar e da mesa onde está a Bíblia, diz, voltado para a imagem de Jesus: "Mestre, como é bom estar contigo".

   O catequista repete a pequena oração, até cada criança a fixar de memória. Entretanto, se alguma se esquecer, ajuda-a no momento da entrega. Cada um diz primeiro a oração e depois entrega o coração, afixando-o no placar em volta da figura de Jesus. Durante esse tempo podem ir cantando o refrão do cântico.

   Depois de todos os corações afixados, o catequista continua:

   Agora vou entregar-vos os catecismos. Vou chamar um por um, para vir aqui à frente, junto da imagem de Jesus e da Bíblia, porque o catecismo vai ajudar-nos a conhecer e a amar muito mais Jesus.

   O catequista diz a cada criança no ato da entrega:
   "***N...* recebe o catecismo para conheceres melhor Jesus**".

3. **Compromisso**

   Antes de irmos embora, vou pedir-vos que façam uma coisa lá em casa: Vou entregar a cada um uma folha, em que está escrita uma pergunta: "O que admiras mais em Jesus?"

Essa pergunta devem fazê-la a outra pessoa, de preferência ao pai ou à mãe ou outra pessoa da família. É como se fosse uma pequena entrevista. Escrevem na folha a resposta e trazem para o próximo encontro.

Também podem contar lá em casa aquilo de que falámos hoje: como queremos estar com Jesus, como Ele pode contar connosco…

Agora podemos cantar outra vez, para aprendermos bem a canção e batendo palmas em sinal da nossa alegria:
"**Quero estar sempre Contigo**"...
(*refrão e, eventualmente, uma ou duas estrofes*).

CATEQUESE 2

"ESTE É O MEU FILHO MUITO AMADO"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **No coração da catequese: Cristo**

São mais do que nunca oportunas as palavras de S. João Paulo II, na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, nº 5: "No coração da catequese, encontramos essencialmente uma Pessoa: Jesus de Nazaré, Filho único do Pai (...), que sofreu e morreu por nós e que agora, ressuscitado, vive connosco para sempre (...). Catequizar (...) é revelar, na Pessoa de Cristo, todo o desígnio eterno de Deus (...). É procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados". E qual o seu fim? – "Pôr em comunhão com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai, no Espírito, e fazer-nos participantes na vida da Santíssima Trindade".

Se a catequese é essencialmente um encontro com Cristo em que Ele se dá a conhecer, pelo amor, e nos convida ao amor, pode com razão perguntar-se quem é o autêntico catequista? Vejamos a resposta do Papa, no nº 6 do mesmo documento: «Na catequese, é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado; tudo o mais é-o em referência a Ele. E só Cristo ensina. Todo e qualquer outro o faz apenas na medida em que é seu porta-voz, consentindo em que Cristo ensine pela sua boca (...). Todo o catequista deveria poder aplicar a si próprio a misteriosa palavra de Jesus: "A minha doutrina não é minha, mas d'Aquele que me enviou" (Jo 7, 16)».

Assim, a catequese deve levar sempre o catequista e os catequizandos a encontrarem-se constantemente e cada vez mais com Jesus Cristo.

2. **"Este é o meu Filho muito amado. Escutai-O"**

Foi esta a mensagem que os três discípulos, testemunhas da Transfiguração de Jesus, ouviram da voz que falou da nuvem, que o mesmo é dizer, de Deus (Mc 9, 7). Esta mensagem é o elemento mais importante de toda a cena. Pela audição é plenamente confirmado o que aos três era transmitido pela visão: naquela pessoa, de vestes luminosas e entre duas figuras celestes, estava alguém em quem se condensavam

as fases mais representativas e mediadoras de Deus em toda a história da salvação documentada pelo Antigo Testamento.

São quatro as passagens bíblicas que estão sintetizadas nesta breve, mas densíssima revelação de Deus:

- O *Sl 2, 8*, sobre o futuro Messias ou Ungido e o seu poder dado por Deus, com estas palavras: "Tu és Meu Filho, Eu hoje te gerei".
- *Is 42, 1*, com a apresentação, feita pelo próprio Deus, de uma figura profética a que chama servo: "Eis o meu servo, que Eu amparo, o meu eleito, que Eu preferi".
- *Gn 22, 2*, com a ordem dada por Deus a Abraão para sacrificar o filho: "Pega no teu filho, no teu único filho a quem tanto amas".
- *Dt 18, 15*, com a promessa de Deus, transmitida por Moisés, de um profeta que seria, no futuro, voz de Deus no meio do Seu povo: "O Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, de entre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deves escutar".

Quer isto dizer que conflui para Jesus Cristo toda a ação salvífica de Deus. Nele se concentra, de um modo único e total, a salvação de Deus que, desde Abraão, se manifestou no seio do seu povo. Cristo está no centro da história da salvação. É única a sua relação com Deus. "O nome de Filho de Deus significa a relação única e eterna de Jesus Cristo com Deus seu Pai: Ele é o Filho único do Pai e Ele próprio Deus. Crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus é convicção necessária para ser cristão" (CIC 454).

3. Do conhecimento ao anúncio

S. Paulo chama "conhecimento" ao seu encontro com Cristo ressuscitado, que motiva a sua conversão e vocação apostólica. Na Carta aos Filipenses (Fil 3, 8) fala da "maravilha que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor". Na Carta aos Coríntios (2 Cor 4, 6) vê nisso um ato do Deus Criador: «O Deus que disse: "das trevas brilhe a luz" foi quem brilhou nos nossos corações, para irradiar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo».

Se o conhecimento de Cristo se deu no coração humano, quer dizer que conhecer é mais um ato do coração do que do intelecto. De facto, na tradição bíblica, o conhecimento é acima de tudo um processo afetivo. E entre nós, se pensarmos bem, não é diferente: conhecemos melhor aqueles a quem amamos e por quem somos amados.

Assim aconteceu com S. Paulo: a luz que Deus fez brilhar no seu coração era a mesma que brilhava no rosto de Cristo morto e ressuscitado, a luz da ressurreição que pôs fim para sempre às trevas do pecado e da morte, a luz do amor extremo, à escala divina.

Um amor que se apoderou de tal maneira dele, que a sua vida passou a ter nele todo o seu sentido: passou a irradiar essa mesma luz através da palavra do Evangelho e de uma vida marcada pela entrega em que esse mesmo amor brilhava com não menos intensidade.

O mesmo se passa connosco: «Deste conhecimento amoroso de Cristo brota o desejo de O anunciar, de "evangelizar" e levar os outros ao "sim" da fé em Jesus Cristo. Mas, ao mesmo tempo, faz-se sentir a necessidade de conhecer sempre melhor esta fé» (CIC 429).

Não há outro caminho para o catequista: o conhecimento de Cristo gera a necessidade de mais conhecimento, de mais amor. E quanto maior for esse conhecimento, mais se conseguirá transmitir o próprio Cristo.

OBJETIVOS

- Acolher a revelação de Jesus Cristo como Filho amado de Deus;
- Exprimir pela oração a fé em Jesus, Filho de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese forma uma unidade com a anterior, sendo o centro para o qual conflui a revelação de Jesus na cena da transfiguração. É uma catequese central e fundamental na caminhada catequética deste ano: é na relação filial única de Jesus com Deus Pai que está a base para O escutarmos, naquilo que vai revelar-nos em algumas das catequeses sobre a forma de vivermos como filhos de Deus e, depois do Natal, na oração dominical que nos vai ensinar e nos encaminha realmente para uma relação filial com Deus Pai.
2. O principal apoio para as crianças ouvirem a voz de Deus é a admiração que já têm por Jesus através da catequese do 1.º ano e do contacto com os outros cristãos.
3. Esta catequese tem o seu momento mais alto na Expressão de Fé que será a resposta à revelação de Deus. Tenha-se, por isso, um especial cuidado na preparação e realização deste momento celebrativo, seguindo as indicações propostas no desenvolvimento e adaptando-as, se necessário.

MATERIAIS

- Dísticos: "Elias" e "Moisés" (catequese anterior);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado"; "Escutai-o";
- Imagem de Jesus vestido de branco (catequese anterior);
- Corações da catequese anterior;
- Folhas com as respostas obtidas pelas crianças à pergunta entregue na catequese anterior;
- Uma ou mais folhas de papel.

MÚSICAS

- Quero estar sempre contigo;
- Jesus, eu amo-Te.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

A sala está preparada conforme foi deixada no encontro anterior:

- *No placar* a figura de Jesus vestido de branco, rodeada pelos corações ilustrados na catequese anterior pelas crianças e catequista.
- *Em cima da mesa* a Bíblia aberta em Mc 9, 2-8, acompanhada por um ou dois castiçais com as velas apagadas.
- *Se for possível, a Expressão de Fé, deve realizar-se numa igreja, o lugar especial para nos encontrarmos com Deus. Nesse caso, é importante que haja silêncio na igreja e o grupo deve ir para junto do sacrário.*
  Se tal não for possível, então crie-se na sala de catequese um ambiente que contribua mais para a oração: pode colocar-se um crucifixo junto da Bíblia.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O que mais admiramos em Jesus*

Conversar com as crianças sobre a pergunta sugerida para fazerem aos pais no final do encontro anterior.

À medida que vai ouvindo as crianças, o catequista pode fazer um pequeníssimo comentário. Se as crianças não forem muito numerosas e houver lugar no placar, pode pedir às crianças as folhas com as respostas e afixá-las. Se o grupo for grande, o catequista pode sintetizar as respostas numa folha que afixará junto da figura de Jesus. No final comenta:

É bom saber que há tantas pessoas que gostam de Jesus e que disseram d'Ele tantas coisas bonitas.

(No caso de poucas crianças terem trazido respostas, dialogar com elas sobre o que mais admiram em Jesus, acrescentando o catequista a sua própria resposta e registar o que for sendo dito numa folha de papel).

E agora que já falámos tanto de Jesus, podemos cantar o cântico que aprendemos na última catequese. E vamos fazê-lo a pensar em todas as coisas bonitas que sabemos e dissemos de Jesus, nas respostas que demos e que deram outras pessoas que também gostam de Jesus. Vamos pôr-nos de pé e cantamos:

"**Quero estar sempre contigo**"
(*refrão e 1.ª estrofe, batendo palmas*).

2. *Recordamos o que aconteceu a Jesus no cimo do monte*
Vamos lembrar agora aquilo de que falámos na semana passada. O que aconteceu quando Jesus subiu a um monte com alguns amigos? (...) Como se chamavam esses amigos? (...)

Deixar que se exprimam e ir recordando sucessivamente os diversos aspetos da Transfiguração de Jesus. Quando se chegar à luz que iluminou as vestes de Jesus, acender as velas junto da Bíblia. Depois de recordar as palavras de Pedro: "Mestre, como é bom estarmos aqui", recordar como cada uma e cada um fez suas as palavras de Pedro, oferecendo o coração escrito ou desenhado, assinado com o seu nome, para indicar como gosta de estar com Jesus.

II. PALAVRA

1. *Jesus é o Filho de Deus*
Pois bem, aquele encontro de Jesus no alto do monte, bem perto do céu, não terminou com aquelas palavras de Pedro. Falta ainda dizer o mais importante: aquilo que deixou os três amigos de Jesus muitíssimo mais admirados.
Quando Pedro acabou de dizer que era bom estar ali, veio uma nuvem do céu que os cobriu a todos: Jesus com Moisés e Elias e os três amigos Pedro, Tiago e João.
Quando se viram dentro da nuvem, os amigos de Jesus com certeza perceberam logo que ia acontecer mais alguma coisa maravilhosa. O que terá sido?

Leitura (Mc 9, 7):
Formou-se, então, uma nuvem
que os cobriu com a sua sombra,
e da nuvem fez-se ouvir uma voz:
"Este é o meu Filho muito amado.
Escutai-O".

Silêncio.

*Afixar o dístico "**Este é o meu Filho muito amado**", por cima da figura de Jesus; e o dístico "**Escutai-O**" por baixo.*

Quem terá dito estas palavras? (...)

Sim, foi Deus. Deus que pode tudo e dá vida a tudo e de quem Jesus falava a toda a gente. Deus que criou o céu e a terra, as plantas e os animais, as pessoas... Deus que é muito, muito amigo de todos. Deus é tão bom que nos deu Jesus!

2. *Escutar Jesus*
   Deus vem dizer-nos que Jesus é seu Filho. Um Filho a quem ama muito, mesmo muito. (*Exemplificar recordando algumas das respostas dadas na Experiência Humana*).
   Portanto, Jesus é o Filho muito querido, muito amado por Deus. Por isso quem ouve, quem escuta Jesus, está a ouvir o próprio Deus. Ninguém nos disse tantas coisas sobre Deus como Jesus e ninguém nos mostrou melhor do que Ele como é Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Preparação da oração*
   As crianças devem ser preparadas para o momento de oração, explicando-lhes os gestos que vão acompanhar as suas palavras: ajoelhar-se, inclinar-se, erguer as mãos. Só depois de devidamente preparadas, se dará início à oração. No caso de ser na igreja, a explicação será feita na sala de catequese.

   O que é que aqueles três amigos de Jesus devem ter feito, quando ouviram a voz de Deus? Devem ter feito o mesmo que nós ainda hoje fazemos na igreja, nalguns momentos mais importantes da nossa oração. Nesses momentos ajoelhamo-nos, em sinal de um grande respeito por Jesus. Já aprendemos, no ano passado, a fazermos uma genuflexão, só com o joelho direito no chão. Além dos joelhos, podemos usar outras partes do nosso corpo para nos ajudarem a rezar melhor: erguendo as mãos (*exemplificar*); também podemos inclinar-nos (*exemplificar*); assim como benzer-nos: fazermos o sinal da cruz, antes de começar e quando acabarmos de rezar (*exemplificar e exercitar com as crianças*).

   Muito bem. Agora que já sabemos como rezar com o nosso corpo, vamos rezar a Jesus, o Filho de Deus.

   Cantar também é rezar e podemos cantar-lhe hoje assim:

   "Jesus, eu amo-Te" (4x)
   "Tu és Filho de Deus"
   "Tu és o meu Senhor"
   "Jesus, eu creio em Ti"

2. *Compromisso*
   Atendendo à natureza da oração que se propõe para concluir a catequese, o catequista começa por explicar a tarefa proposta para esta semana:

Hoje, vamos conversar com Jesus de uma maneira muito bonita mas, para não interrompermos a nossa conversa, vou explicar o que vão fazer durante a próxima semana: *o catequista explica que as crianças devem recordar o que aprenderam nesta catequese (fazer a genuflexão ante o sacrário, rezar de forma recolhida e agradecida, por exemplo, de joelhos, e como se faz o sinal da cruz) e que, com a ajuda de algum membro da família, devem conversar em casa sobre isso e completar as palavras que estão na página 13 do catecismo. E conclui:*

Mas, o mais importante de tudo é pôr em prática o que aprendemos! Vamos já começar...

3. *Rezamos a Jesus, Filho de Deus*

Depois de ensaiar as sucessivas letras, o catequista convida para a oração. Se for na igreja, conduz as crianças até lá, procurando que não se dispersem. E, uma vez lá, procura levá-las ao recolhimento: através do silêncio exterior, tentar chegar ao interior. Ao passarem diante do sacrário, devem fazer a genuflexão.

Esta oração deve ser feita numa relação pessoal de muita intimidade com Jesus.
Então agora vamos falar com Jesus, nosso amigo e Filho de Deus.
Ajoelhamo-nos... e benzemo-nos:

"**Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen**".

Agora, de pé, cantamos, levantando as mãos e depois pousamo-las sobre o coração:
"**Jesus, eu amo-Te**"

Depois do primeiro verso, o catequista intercala algumas frases que podem ser repetidas pelas crianças:

- **Jesus, Tu nasceste para nós;**
- **Jesus, Tu cresceste como nós;**
- **Jesus, Tu falaste de Deus Pai...**

Depois canta-se o segundo verso, de mãos erguidas:
"**Tu és o Filho de Deus**" (...)

O catequista diz:

- **Jesus, tu és Deus como o Pai;**
- **Jesus, Deus Teu Pai é o Teu maior amigo;**
- **Jesus, Tu vieste do céu para seres nosso amigo...**

Canta-se o terceiro verso, inclinando levemente o corpo:
"**Tu és o meu Senhor**" (...)

Depois o catequista diz:

– **Jesus, Deus fez tantas coisas por meio de Ti;**

– **Jesus, Deus fez que depois de morrer ressuscitasses;**

– **Jesus, Tu dás-nos tantas pessoas que nos amam.**

No final volta-se a cantar, com os mesmos gestos, o primeiro verso do cântico ou o último:

"**Jesus, eu amo-Te**" ou "**Jesus, eu creio em Ti**".

Termina-se com o sinal da cruz:

"**Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen.**"

No fim, o catequista diz:

"**Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe**".

Crianças: "**Graças a Deus!**"

CATEQUESE 3

ESCUTAR JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A vida de uma palavra

Todos nós experimentámos certamente muitas vezes aquilo que uma palavra produz em nós, ou o que a nossa palavra produz nos outros, sobretudo em situações de desânimo ou até de desespero. Uma palavra de amizade e orientação, um conselho ou até uma repreensão podem, tantas vezes, salvar uma vida. Às vezes basta uma simples notícia e a vida muda, fica melhor; como também, infelizmente, sucede o contrário: há palavras que ferem e matam: uma calúnia, uma ofensa, uma mentira, uma injúria, um mau conselho... e tudo se desmorona, por causa de palavras ditas com essa intenção, ou simplesmente de um modo inadvertido.

É claro que, num caso como no outro, é preciso que a palavra seja ouvida, escutada, aceite. E isso depende de muitos fatores: do conteúdo da palavra, do modo como é dita... e sobretudo de quem a diz. Neste caso, da sua autoridade, do seu poder, da sua vitalidade. Se a palavra é transmissora (ou destruidora) de vida, será tanto mais eficaz e vivificante quanto mais vida tiver quem a pronuncia ou escreve. E uma vida construída sobre uma palavra cheia de vida, ganha aquela consistência e firmeza da casa construída sobre a rocha. Não há ventos, tempestade ou tormenta que a possam destruir. É o caso de uma vida construída sobre Jesus Cristo.

2. A Palavra de Vida

De Vida porque de Deus: "Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias que são os últimos, Deus falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem criou o mundo" (Hb 1, 1-2). É Ele o *Logos* (termo grego para *Palavra*) que "no princípio estava em Deus... e se fez carne e veio habitar entre nós" (Jo 1, 2. 14a).

E provou quem era e que "quem o vê, vê o Pai". De que modo? "Com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres; e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, com o envio do Espírito de verdade, completa

totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está connosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna" (DV 4).

Conhecemos Jesus Cristo por experiência própria, aliada à de tantos outros que, desde há mais de vinte séculos e até aos nossos dias, a Ele se entregam e nele confiam e, deste modo, adquirem uma vitalidade que se manifesta na vida que transmitem: pelo que dizem e pelo que fazem.

3. A Palavra que se tornou livro

A Bíblia nasceu da vida e para a vida. É fruto da vida do povo de Deus: Israel e a Igreja. É a consignação por escrito das experiências e acontecimentos constitutivos da história do povo de Deus, com a finalidade de alimentar a vida e a fé de todas as gerações que se seguiram.

E assim acontece de facto: não há celebração alguma na Igreja em que não se faça uma ou mais leituras da Sagrada Escritura. Se a isso juntarmos a leitura pessoal e em grupos, nas circunstâncias mais diversas, podemos concluir: nem a Igreja, nem cada um dos seus membros, podem viver sem a Palavra de Deus contida na Bíblia e por ela transmitida. Esta Palavra é transmissora de vida.

"A Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever. O Evangelho fala da semente que, uma vez lançada à terra, cresce por si mesma, inclusive quando o agricultor dorme (cf. *Mc* 4, 26-29). A Igreja deve aceitar esta liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas" (Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 22).

É na vida de todos os dias que esta Palavra se torna num edifício inabalável. O texto apresentado nesta catequese (Mt 7, 24-27) insere-se naquilo a que habitualmente chamamos "Sermão da Montanha" (Mt 5-7), porque situado pelo evangelista no "Monte" (5, 1), isto é, no "lugar" mais próximo de Deus. A montanha é, em todas as religiões, como que o eixo entre o céu e a terra, entre Deus e os homens. Quando Jesus é transfigurado no alto do monte (Mt 17, 1-9), as primeiras palavras que dirige aos seus discípulos têm um efeito semelhante ao que se passou com Ele: um efeito transfigurador, vivificante para a felicidade e vida de quem as escuta, acolhe e põe em prática, para que as suas palavras e ações sejam fonte de vida.

Também nós podemos ser transfigurados através de uma leitura permanente da Palavra que se tornou Livro, num profundo contacto de fé com Aquele que é para nós a Palavra mais viva de Deus... a Palavra da Salvação!

OBJETIVOS

- Despertar para a importância de escutar Jesus;
- Desejar pôr em prática as palavras de Jesus, escutadas na catequese e na missa;
- Venerar a Bíblia como Palavra de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças escutam e seguem com interesse aquilo que as satisfaz, que corresponde às suas necessidades e ao seu bem-estar momentâneo ou permanente. Talvez mais do que os adultos, devido à fase de crescimento e aprendizagem em que se encontram. E, na medida em que são conquistadas para Jesus, ouvem-no e seguem-no com um interesse tantas vezes exemplar. É na base disso que elas são convidadas a terem um respeito especial pela Palavra de Deus, contida na Bíblia, respondendo assim ao convite de Deus no monte da transfiguração: "Escutai-O!"
2. Dada a importância da Bíblia na vida da Igreja, particularmente nas suas celebrações, a parte da catequese referente à Palavra é apresentada como a leitura do Evangelho da missa. É uma ocasião para as crianças serem iniciadas nessa celebração e assim participarem nela de um modo mais atento.
3. A importância da Bíblia nesta catequese confirma o lugar central que ela vem ocupando em toda a catequese e prepara para acolher os ensinamentos que Jesus vai transmitir nas próximas catequeses. Se, neste processo, puderem ser envolvidos os pais, tanto melhor. A proposta final vai nesse sentido.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus vestido de branco (catequeses anteriores);
- Corações entregues pelas crianças e catequista (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Mestre, como é bom estarmos aqui"; "Este é o meu Filho muito amado"; "Escutai-O" (catequese anterior); "Glória a Vós, Senhor!";
- Duas ou três pedras que sirvam de suporte para a Bíblia, em vez da habitual estante ou almofada;
- Um pano para cobrir as pedras;
- Dois castiçais para ladear a Bíblia;
- Flores ou outros meios de ornamentação, em volta da Bíblia;
- Uma flor (verdadeira ou de papel) para cada pessoa.

MÚSICA

- Fala, Senhor, pela Bíblia (só o refrão).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar* está afixada a mesma figura de Jesus da catequese anterior, rodeada pelos corações entregues pelas crianças e catequista.
- *Em cima da mesa* estão dois castiçais, com as velas apagadas e, no meio, a Bíblia, não numa estante ou almofada habitual, mas encostada a duas ou três pedras, que servem de apoio e estão cobertas por um pano, que será retirado a seu tempo. Em volta da Bíblia podem ser colocadas também algumas flores ou outros elementos de ornamentação, para realçar a sua importância.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Lembramo-nos do que ouvimos na catequese?*
   Vamos ver quem se lembra bem do acontecimento da vida de Jesus de que temos vindo a falar nas catequeses que já tivemos este ano. Vamos todos pensar um bocadinho.
   O catequista assegura-se de que os catecismos estão todos fechados. Depois de um breve silêncio, continua:

   Quem quer começar a dizer aquilo de que se lembra? (...)

   O catequista vai ajudando as crianças a reconstituir o relato da transfiguração de Jesus. Quando chegar às palavras de Pedro e de Deus, tenta que as crianças as digam como está no Evangelho. Depois, afixa no placar, no mesmo lugar da catequese anterior, os respetivos dísticos: "Mestre, como é bom estarmos aqui"; "Este é o Meu Filho muito amado"; "Escutai-O".

2. *Quando as palavras são importantes não as esquecemos*
   Fomos capazes de nos lembrar do que ouvimos nas catequeses anteriores, porque percebemos como este acontecimento da vida de Jesus é muito importante e por isso escutámos todas as palavras que foram ditas. Quando damos atenção e escutamos bem não esquecemos facilmente.

   Nós ouvimos com atenção quando nos interessa aquilo que nos é dito: quando é para nosso bem e também quando gostamos muito das pessoas que nos falam. Por isso não esquecemos o que se passou com Jesus e as palavras que foram ditas por aqueles que estavam com Ele. *Chamar a atenção para as frases afixadas no placar.*

II. PALAVRA

1. *Na catequese escutamos Jesus*

   Em todas as catequeses devemos estar sempre com atenção, porque aqui é Jesus que fala connosco. E Jesus tem muitas coisas para nos dizer. Vamos aprender muitas coisas novas e tudo o que Ele nos diz é para nosso bem.

   Deus, que nos ama tanto, enviou-nos Jesus para nos falar. E Deus disse-nos no último encontro as palavras que estão ali: "**Este é o Meu Filho muito amado. Escutai-O**".
   Para nunca mais nos esquecermos delas, vamos todos dizê-la mais uma vez.
   Todos repetem essas palavras.

2. *Na Missa também escutamos Jesus*

   Vamos, portanto, escutar Jesus já que Ele nos fala aqui na catequese. Mas Ele não nos fala só aqui. Onde mais será que Jesus nos fala?

   (*Deixar que se exprimam e se não surgir essa resposta orientar para ela):*
   É na Missa. Quando vamos à missa ouvimos mesmo as palavras de Jesus. Estão escritas nos Evangelhos, que se encontram na Bíblia. E como são palavras de Jesus é sempre o Sr. Padre (ou o Sr. Diácono) que as lê. As outras palavras da Bíblia que se leem na missa são lidas por alguma outra pessoa: homem, senhora, ou até menino ou menina. E escutamo-las sentados.

   Quando são as palavras de Jesus, ou que nos falam daquilo que Jesus fez, estamos de pé.
   Às vezes, quando o Sr. Padre vai ler o Evangelho, até vai acompanhado por dois acólitos, cada um com uma vela acesa. É muito importante o que vai ler. É como uma luz que nos ilumina e nos mostra o caminho.

   Antes de ler, o Sr. Padre diz: "Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo <u>São Mateus</u>" *(utilizar o nome do evangelista do ano bíblico em que se está, uma vez que ainda não foi explicado que existem quatro Evangelhos e quais os seus autores).*
   E nós respondemos: "Glória a vós, Senhor!"
   Afixar o dístico: "**Glória a vós, Senhor!**"

   Estamos a louvar a Deus por nos ter mandado Jesus, pelas palavras de Jesus e por elas serem tão importantes.
   Vamos dizer outra vez, para não nos esquecermos: "**Glória a vós, Senhor!**"

3. *Jesus fala hoje connosco*

Depois de tudo o que dissemos vamos hoje ouvir as palavras de Jesus como fazemos na Missa.

Eu vou pegar na Bíblia, o livro da Palavra de Deus, e preciso de dois meninos, podem ser uma menina e um menino, para pegar nos castiçais com as velas... Vamos aprender mais um **cântico** para dizermos que queremos escutar com muita atenção as palavras de Jesus.

Ensaiar: "**Fala, Senhor!**"

Depois de ensaiar, apenas o refrão, o catequista pode organizar um cortejo, vindo de fora da sala: à frente as duas crianças com as velas acesas, seguidas pelo catequista com a Bíblia levantada, como na Missa. As outras crianças seguirão atrás e ficam todos de pé, cantando o refrão do cântico ensaiado.

Leitura (Mt 7, 24-27):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo S. Mateus

Crianças:
Glória a vós, Senhor!

Naquele tempo disse Jesus:
"Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática
é como o homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha.
Caiu a chuva, engrossaram os rios,
sopraram os ventos contra aquela casa;
mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha.
Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras
e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato
que edificou a sua casa sobre a areia.
Caiu a chuva, engrossaram os rios,
sopraram os ventos contra aquela casa;
ela desmoronou-se, e grande foi a sua ruína."

Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor!

Silêncio

Depois de colocados a Bíblia e os castiçais (com as velas ainda acesas) nos respetivos lugares, e com as crianças já sentadas, o catequista continua:

Vamos ver se percebemos bem o que Jesus acaba de nos dizer. O que foi que Jesus nos disse? (...)

Jesus disse-nos que não basta ouvir as suas palavras: devemos pô-las em prática, quer dizer: fazer o que Jesus nos ensina. E compara duas casas. Como eram essas casas? (...)

Deixar que se exprimam e depois levantar a Bíblia e descobrir as pedras que estão por baixo.

Temos aqui pedras e Jesus disse-nos que uma das casas estava construída sobre pedra ou rocha. Quando vieram a chuva e o vento, o que aconteceu? (...) Como estava construída a outra casa (...) Sim, estava sobre a areia. Com o vento e a chuva, o que aconteceu? (...)

As pessoas que ouvem as palavras de Jesus e fazem como Ele nos diz são fortes como a casa construída sobre pedra.

O catequista volta a colocar a Bíblia sobre as pedras, já destapadas, e convida:

Vamos dizer a Jesus que queremos fazer o que Ele nos ensina para sermos fortes como essa casa. Cantamos outra vez o **cântico**: "**Fala, Senhor**" (*só o refrão, duas vezes*).

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A Bíblia antes e depois de Jesus*

No ano passado já tivemos sempre na nossa catequese a Bíblia. Agora vou explicar uma coisa muito importante: Uma grande parte da Bíblia já estava escrita quando Jesus nasceu e viveu.

Mostrar o Antigo Testamento.

São palavras muito antigas que nos falam de Deus e em que Deus nos fala. Jesus lia muito essas palavras. Lia-as tantas vezes que até sabia muitas de cor. E Jesus fazia tudo aquilo que Deus nos diz nessa parte. A outra parte foi escrita depois de Jesus nascer e viver na terra.

Mostrar o Novo Testamento.

Estão lá as palavras que Jesus disse e muitas outras que nos falam d'Ele, como estas que temos aqui.

Indicar os dísticos afixados referentes à Transfiguração.

Agora percebemos como este livro é grande: é porque na Bíblia estão muitas palavras de Deus.

2. *Agradecemos a Deus ter-nos dado a Bíblia*
Se não tivéssemos a Bíblia não conhecíamos as palavras de Deus, por isso é muito bom podermos tê-la. Então vamos agradecer a Deus ter-nos dado as suas palavras.

Cada um de nós vai receber uma flor. Depois, vamos aqui à frente. E um de cada vez, voltado para o livro da Palavra de Deus, a Bíblia, diz aquelas palavras que aprendemos e dissemos há pouco: "Glória a vós, Senhor!"; depois, põe a flor junto da Bíblia, faz uma inclinação e volta para o seu lugar.

O catequista organiza o cortejo. Além da flor, ou em vez dela, pode também sugerir às crianças que deem um beijo na Bíblia, explicando, nesse caso, que o sacerdote ou o diácono também a beijam no final da leitura do Evangelho. Antes e no fim da entrega das flores (e, se forem muitas crianças, a meio pode-se cantar o ***cântico****:* **"Fala, Senhor"**; *o catequista pode cantar a 1.ª e 2.ª estrofes, retomando todos o refrão*).

3. **Compromisso**
No final, o catequista conclui:
Com certeza muitas meninas e meninos têm uma Bíblia lá em casa. Podem pedir aos pais que ponham a Bíblia num lugar em que se veja bem e quando olharem para ela vão lembrar-se do que falámos na catequese e pedir a Jesus que os ajude a fazer sempre aquilo que Ele nos tem ensinado. Podem até cantar o cântico que hoje aprendemos: **"Fala, Senhor"**.

E para mostrar que não se esqueceram de como são importantes as palavras de Jesus e como devemos colocá-las em prática, completam as frases que falam do que aprendemos nesta catequese, no vosso catecismo, na página 17, sempre com a ajuda de algum membro da vossa família.

OBS.: No fim desta catequese, o catequista recolherá os corações de cartolina que guardará para a celebração de Natal (catequese 8).

CATEQUESE 4

COM JESUS APRENDO A AMAR E A RESPEITAR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Quem é o maior?

A cena entre os Doze e Jesus narrada em Mc 9, 33-37 é, apesar da sua brevidade de apenas cinco versículos, de uma densidade tal que só a um leitor apressado e desatento passaria despercebida. É densa, antes de mais, pela sua dimensão humana. Querer ser o maior está longe de ser um mal. Pelo contrário: está nisso a mola que nos faz crescer. Desde crianças e nos mais variados aspetos da vida: no desenvolvimento físico e psíquico, no reconhecimento por parte dos outros, tão necessário para uma boa integração social.

Diz o Evangelista que à pergunta de Jesus – "que discutíeis pelo caminho?" – os discípulos "ficaram em silêncio, porque, no caminho, tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior" (v.33ss). O maior não é apenas o que tem competência, preparação, meios e qualidades pessoais para isso. É também e sobretudo o que as sabe usar, quer na ascensão ao poder como principalmente no seu exercício.

Mas o maior é afinal aquele que sabe respeitar. As diferenças são um bem para o indivíduo e para a sociedade. Ao vir ao mundo, o homem não dispõe de tudo o que é necessário para o desenvolvimento da sua vida corporal e espiritual. Precisa dos outros. O respeito é constitutivo daquele amor com que o outro é tratado e acolhido tal como é.

2. O maior é o que serve

Literalmente: "Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servidor de todos" (v.36). À primeira vista parece uma contradição: como se pode ser o primeiro, sendo o último? Seria de facto uma contradição, se Jesus não esclarecesse em que consiste a condição de último: ser servidor.

Não é, por isso, aquele que nada faz... Pelo contrário: o último é aquele que tudo faz pelos outros, porque, nada tendo, aquilo que por eles é feito, é movido pela gratuidade. Quem age assim é, de facto, o maior, porque a vida que tem, ao ser partilhada, se torna fecunda: gera novas vidas, dando vida a quem a não tem. A sua vida passa a ser a vida

dos outros, e a destes a sua vida, a exemplo do Mestre: Jesus tornou-se o maior, o Messias de Deus, porque, como "Filho do Homem", se entregou "nas mãos dos homens, que o mataram; mas, "tendo morrido, três dias depois" Deus ressuscitou-o (9,31). Na sua morte partilhou do modo mais extremo a vida... para alcançar aquela vida que não tem limites, porque vivida num amor infinito.

3. **"Os mais pequeninos"**

"E, tomando um menino, colocou-o no meio deles, abraçou-o"... (v.36). Um gesto encantador, pela ternura que exprime. Imaginemos, se quisermos, que essa criança da mais tenra idade é cada um de nós: abraçado por Jesus, junto do seu coração... Sim, precisamos de nos deixar abraçar por Ele, para compreendermos e aceitarmos a dimensão provocante do gesto: o maior, o que está de facto no centro é mesmo o mais pequenino, em idade, em dependência física e psíquica, em precariedade material e espiritual, em desprezo ou até exclusão social.

Para Jesus, e para Deus que O envia, é esse o maior, exatamente por ser o menor, o mais dependente, o mais necessitado, aquele que mais precisa de atenção e respeito. A medida do amor, do verdadeiro amor, é o outro, nas suas necessidades e carências. Na medida em que soubermos amar e respeitar os outros, encontraremos a verdadeira vida, já nesta vida que vivemos no aqui e agora de cada dia: encontraremos Deus, como Jesus e com Jesus, o maior, por ter sido o menor com os menores. Procuremos amar e respeitar como o Senhor nos ama e respeita: "Eu gostaria de dizer àqueles que se sentem longe de Deus e da Igreja, aos que têm medo ou aos indiferentes: o Senhor também te chama para seres parte do seu povo, e fá-lo com grande respeito e amor!" (Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 113)

OBJETIVOS

- Descobrir o amor especial de Jesus pelos mais pequeninos;
- Descobrir o respeito como forma e expressão do amor;
- Unir-se a Cristo no respeito e no amor para com todos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Até aqui as crianças apercebiam-se do bem e do mal que praticavam, conforme recebiam um louvor ou uma repreensão dos educadores. Nesta idade as crianças estão a começar a passar de uma moral orientada pelos adultos para uma moral autónoma e pessoal. Vão interiorizando os valores morais e compreendendo o sentido da responsabilidade e da justiça.
2. Todos esses valores morais têm a uni-los o amor, na sua dimensão cristã e na sua realização prática. Um amor cujo modelo e fundamento é Cristo. É com base na revelação que d'Ele foi feita nas catequeses anteriores que são propostos os valores morais nesta e nas catequeses seguintes.

3. O tema do respeito é, mais do que nunca, indispensável. Por um lado, as crianças têm hoje muito mais contacto com pessoas de diferentes origens, línguas e religiões, nomeadamente na escola, sobretudo em centros urbanos. Por outro lado, nem sempre é fácil a integração de todos.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus vestido de branco (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado" e "Escutai-o" (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Amar" e "Respeitar";
- Fotografias ou gravuras de pessoas de diferentes grupos humanos, diferentes idades, talvez a passarem na rua;
- Folhas de papel e lápis de cor.

MÚSICAS

- Fala, Senhor, pela Bíblia;
- Senhor, para Ti o meu coração.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* ao centro a imagem de Jesus vestido de branco usada nas catequeses anteriores, juntamente com os dísticos "Este é o Meu Filho muito amado" e "Escutai-O".
- *Na mesa:* a Bíblia, entre dois castiçais com as velas apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *As palavras do nosso maior amigo*

   Dialogar com as crianças sobre a Bíblia:

   Então os meninos e meninas que têm a Bíblia lá em casa lembraram-se de pedir aos pais para a porem num lugar especial? (...) Quem quer contar como foi? (...)

   E disseram que a Bíblia é muito importante porque tem as palavras de Deus, as palavras de Jesus? (...) Alguém se lembrou de cantar o cântico que aprendemos na última catequese? (...) Podemos cantá-lo agora aqui para dizermos a Jesus como gostamos de ouvir as suas palavras.

   Cantar o refrão do cântico: **"Fala, Senhor..."**

   Na semana passada ficámos a saber que Deus é tão nosso amigo que quis dar-nos as suas palavras para nós O conhecermos melhor e sabermos como podemos também ser amigos dele.

2. *Os nossos amigos*

Já sabíamos há muito tempo que Jesus é o nosso maior amigo, mas nós temos outros amigos. Vamos pensar nos nossos amigos...

Dialogar com as crianças sobre a amizade:

Somos amigos dos nossos amigos. Gostamos de os ajudar quando precisam de nós, quando estão doentes ou tristes... E eles também nos ajudam, não ajudam?

Apresentar as fotografias de diferentes pessoas.

Mas há muitas pessoas que vemos na rua, com quem nos cruzamos, que não fazem parte dos nossos amigos, porque não as conhecemos. Até na escola há muitos meninos que não fazem parte dos amigos, porque são de outra sala, mais velhos ou mais novos.

Dialogar com as crianças.

II. PALAVRA

1. *Quem é o mais importante?*

Jesus vai hoje dizer-nos o que devemos fazer para mostrar a nossa amizade para com os outros. Um dia, Jesus ia pelos caminhos da sua terra com os seus maiores amigos, os seus discípulos.

Eles gostavam muito de Jesus, mas às vezes não sabiam muito bem como haviam de fazer. E nesse dia os amigos de Jesus iam a conversar pelo caminho. Então começaram a discutir qual deles era o mais importante. Cada um queria ser mais importante do que o outro.

Quando chegaram a casa, Jesus sentou-se e perguntou aos discípulos o motivo por que vinham a discutir. Eles ficaram um bocado envergonhados, mas contaram-lhe que queriam saber qual deles era o mais importante.

2. *Jesus ama os pequeninos*

Antes de ouvirmos o que Jesus respondeu, vamos dizer-lhe que queremos escutar o que Ele tem para nos dizer.

O catequista acende as velas e pode entregar os castiçais a duas das crianças. Depois convida todos ***a cantar****:*

"Fala, Senhor" (*só o refrão, repetido*).

Leitura (Mc 9, 36-37):

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos

Crianças:

Glória a vós, Senhor!

Catequista:
Naquele tempo,
Jesus tomou um menino,
colocou-o no meio dos discípulos,
abraçou-o e disse:
"Quem receber um destes meninos
em meu nome
é a mim que recebe".

Palavra da salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor!

Silêncio

Jesus queria ensinar aos seus amigos que o maior não é o mais rico, o mais forte, o mais importante. Para Jesus todos contam: os mais pequeninos, assim como os mais pobres, aqueles de quem ninguém faz caso... Todos merecem o nosso amor e o nosso respeito.
Afixar os dísticos: "Amar" e "Respeitar".

Jesus gosta muito de todas as pessoas, mas queria explicar-nos que devemos ter ainda mais atenção aos mais pequeninos, como o menino que Ele chamou e abraçou. Os mais pequeninos e todos os que mais precisam de ajuda: os mais velhinhos, os doentes, os que vieram de outra terra e não conhecem ninguém, os mais pobres...

Jesus ama a todos, mas principalmente os mais necessitados.
Ama tanto, que disse uma coisa muito importante para nós, como acabámos de ouvir: "Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe".
Quem ajuda um pequenino, um velhinho, um doente está a ajudar Jesus.
Para não nos esquecermos disto, vamos aprender um **cântico** em que dizemos estas palavras de Jesus.

Ensaiar o refrão e a primeira e a última estrofe:

Senhor, para Ti o meu coração.
Senhor, para Ti o meu coração.

Jesus é o amigo das crianças,
Dos pobres, dos simples, dos pequeninos.

Aquele que acolhe uma criança
Acolhe Jesus, Filho de Deus.

É muito importante amar os outros, sobretudo aqueles que mais precisam.
Como devemos fazer para o conseguirmos?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Ter um coração como o de Jesus*
   Neste cântico que aprendemos dizemos a Jesus que o nosso coração é para Ele. Se lhe oferecermos o nosso coração, Ele pode ajudar-nos a ter um coração como o dele: amigo de todos, principalmente dos mais pequeninos e dos que mais precisam de ajuda. Vamos então cantar-lhe o cântico para lhe darmos o nosso coração. Quando cantarmos a primeira vez **"Senhor, para Ti o meu coração"** pomos as mãos no coração. Quando cantarmos a segunda vez, levantamos as mãos para o oferecer a Jesus.

   O catequista exemplifica e depois cantam todos **"Senhor, para Ti o meu coração"** *com os gestos indicados.*

2. *Amar e respeitar como Jesus*
   Distribuir as folhas de papel e colocar a jeito lápis de cor.
   Agora que já oferecemos o nosso coração a Jesus, vamos fazer assim: cada menina e cada menino vai desenhar na folha um coração bem grande, para dizer a Jesus que quer ter um coração como o dele. Depois vai pensar numa coisa que pode fazer para amar e respeitar uma pessoa que precise muito de ser amada e respeitada; e vai desenhar o que pensou dentro do coração.
   Acompanhar e orientar as crianças.
   Quando terminarem, podem cantar outra vez **"Senhor, para Ti o meu coração".**

3. **Compromisso**
   Depois, em casa, em conjunto com os pais, vão completar as palavras e pintar as letras do grande coração que está na página 21 do vosso catecismo. E, conversando, vão pensar em algo que pode ser feito em casa e que signifique mais amor e mais respeito entre todos. Depois, registam no espaço que diz «Na nossa casa». Então, é só pôr em prática aquilo que decidirem!

CATEQUESE 5

COM JESUS QUERO DIZER A VERDADE E OBEDECER

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. "Que é a verdade?"

É uma pergunta célebre. Foi feita por Pilatos durante o julgamento a que Jesus foi sujeito e após o qual foi dada a sentença da sua morte (cf. Jo 18, 38). Mas também é célebre porque é de todos os tempos. É também sinal de que não há uma resposta uniforme que satisfaça a todos. Talvez por não ser fácil realizar aquilo que está em causa na resposta. Por isso, talvez seja mais fácil e esclarecedor perguntar: onde está a verdade? Onde e quando é posta em prática ou, pelo contrário, rejeitada por comportamentos que a contradizem ou distorcem?

Sempre que a verdade não é respeitada é minada e destruída a relação com os outros. Nalguns casos com efeitos que podem levar à perda da vida. Veja-se o que aconteceu com Jesus: foi sacrificado ao medo de Pilatos de deixar de ser "amigo de César" (Jo 19, 12), de perder o lugar que ocupava. Rejeitou, por isso, a verdade, ou melhor, Aquele que é, por excelência, a verdade, enquanto Jesus demonstrou ser o que tinha proclamado, antes da pergunta de Pilatos: "Para isto nasci, para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Todo aquele que vive da verdade escuta a minha voz" (Jo 18, 37). Ele dá testemunho daquilo que conhece, daquilo que Ele próprio é.

Também a obediência é vital. Sem a obediência, nem o indivíduo cresce e vive para a dignidade da pessoa humana, nem na relação interpessoal se alcança aquela paz sem a qual a vida desaparece. Mas como fazer para se evitar uma obediência cega ou uma desobediência sem motivo e para que a autoridade seja exercida de um modo que permita e até motive para uma obediência livre e colaborante?

2. **"O Caminho, a Verdade e a Vida"**

Na Última Ceia Jesus diz aos discípulos: "Para onde eu vou, vós sabeis o caminho." Disse-lhe Tomé: "Senhor, não sabemos para onde vais, como podemos nós saber o caminho?" Jesus responde a Tomé: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim" (Jo 14, 4-6). Jesus é o caminho que leva ao Pai, o autor e a fonte da vida. Um caminho de verdade, percorrido na verdade...

As palavras de Jesus são pronunciadas na sequência do gesto totalmente inesperado com que abre a Última Ceia: a lavagem dos pés aos seus discípulos (Jo 13, 3-5). Um gesto de escravo, um gesto de quem se faz propriedade dos outros, rebaixando-se a eles, às suas necessidades, à sua vida. Um gesto de amor: "Ele que amava os seus que estavam no mundo amou-os até ao fim" (Jo 13, 1).

Um prelúdio e prenúncio do amor manifestado na cruz, em que se despojou de tudo, por aqueles pelos quais deu a vida. Foi então que Ele consumou a obra de entrega total ao Deus vivo e verdadeiro (Jo 19, 28. 30), de obediência à vontade do Pai.

Ouvir diz-se em latim *audire.* Ao amor a Deus, a Bíblia chama com frequência "obediência da fé". Isto é, a fé consiste realmente em obedecer (em latim, "obaudire"), porque começa por uma "audição": a da mensagem salvífica do amor inaudito e extremo de Deus, manifestado de um modo único e inexcedível na entrega de seu Filho, Jesus Cristo. "Obedecer na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade" (CIC 144).

3. **"A verdade vos fará livres"**

Dito de modo completo: "Se permanecerdes fiéis à minha mensagem, sereis verdadeiramente meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres" (Jo 8, 31). A Sua mensagem é a que está reunida no mandamento do amor, aquele que Ele mesmo viveu até ao extremo e nos deixou como identificativo dos seus discípulos. "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei, amai-vos uns aos outros. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 34ss).

É a verdade, filha predileta deste amor, que nos liberta do egoísmo e do comodismo. E é na verdade que encontramos a verdadeira obediência, a livre submissão, porque inserida no amor que, por sua vez, nasce do amor experimentado. Entregamo-nos, confiamos, submetemo-nos a Deus, porque antes Ele se entrega a nós e nos ama.

«O discípulo de Cristo aceita "viver na verdade", isto é, na simplicidade de uma vida conforme ao exemplo do Senhor e permanecendo na sua verdade. "Se dizemos que

estamos em comunhão com Ele e andamos nas trevas, mentimos, não praticamos a verdade"» (1Jo 1, 6 – CIC 2470).

OBJETIVOS

- Descobrir em Jesus a fonte da verdade, com base no amor e no respeito;
- Descobrir a importância da obediência, na sequência de Jesus;
- Querer dizer sempre a verdade e viver a alegria de obedecer como Jesus nos ensina.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Todas as crianças, num determinado período do seu crescimento, têm tendência para mentir. Podem ser várias as razões que a levam a isso: imaginação ou incapacidade de distinguir entre o real e o fantástico; imitação do que veem fazer aos adultos; medo do castigo, que tira a coragem de confessar verdades difíceis; sentimento de inferioridade que leva a criar realidades imagináveis que gostaria de viver; intenção de enganar os outros ou de esconder algo; repetida dificuldade que os adultos de referência possam ter em aceitar a verdade espontaneamente expressa pela criança.
2. Por tudo isto, a criança deve ser rodeada de um clima de abertura, sinceridade, confiança e alegria, que lhe permita um crescimento harmonioso e deve ser-lhe apresentada *a verdade como um valor fundamental* que a leva a viver de bem consigo e com os outros.
3. A criança precisa também de tomar consciência de que é bom para ela obedecer, porque as pessoas a quem obedece só querem o seu bem. Este é um ponto fundamental: a obediência é parte integrante do amor de quem dá a ordem e de quem a recebe e cumpre. A criança está numa idade em que a obediência é vital. Ela cresce na medida em que obedece a quem cuida dela e a educa. Mas nem sempre é fácil obedecer: por capricho ou egoísmo, por preguiça, por necessidade de se afirmar... Ou porque aqueles a quem deve obedecer não sabem mandar. Educar é uma arte que se aprende... muitas vezes pelo exercício mas, também, pela reflexão.
4. Na obediência, a criança precisa de tomar consciência, antes de mais, do bem que é para ela obedecer. *Um bem que lhe advém do bem que lhe querem as pessoas a quem obedece*. Este é um ponto fundamental: a obediência é parte integrante do amor de quem o dá e de quem o recebe. Mandar e obedecer são atos de amor... e, como tais, verdadeiramente eficazes.
5. Para que tal aconteça, é fundamental a comunhão com Deus que é por natureza amor. Ele está acima de tudo. É a Ele que as crianças são convidadas a obedecer. É n'Ele que se encontra a razão última e decisiva para a obediência aos educadores. Daí que a catequese culmine com a junção de todos na mesma oração: Deus, Jesus, educadores e educandos. Que seja um verdadeiro ato de fé.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus vestido de branco (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado"; "Escutai-o"; "Amor"; "Respeito" (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Verdade" e "Obediência".

MÚSICAS

- Quero dizer a verdade;
- Deus, nosso Pai, que sois tão bom.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* a mesma figura de Jesus vestido de branco das catequeses anteriores, rodeada dos dísticos: "Este é o meu Filho muito amado" e "Escutai-o" e ainda dos dísticos "Amar" e "Respeitar", nos mesmos lugares das catequeses anteriores: "Amar" na altura dos braços e "Respeitar" por baixo do anterior.
- *Na mesa:* a Bíblia, rodeada de dois castiçais, com as velas apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Dizer a verdade*

   Hoje vamos começar por ter uma conversa muito importante. Já nos aconteceu dizer mentiras, não aconteceu? (...) Pelo menos a mim já... E porque foi? *Deixar que as crianças se exprimam e ajudar a descobrir como o medo, a vergonha... nos podem levar a mentir. Não as forçar de forma nenhuma, deixando-as manifestar-se livremente.*

   Mas devemos ser capazes de dizer a verdade, mesmo quando nos custa. Por que razões não se deve mentir?
   Mais uma vez deixar as crianças exprimirem-se.

   Quando mentimos a nossa mentira pode até levar a culpar outra pessoa pelo que nós fizemos. Quando fazemos uma coisa que não devíamos, temos de ser capazes de dizer a verdade.

2. *Obedecer*

   Também já nos aconteceu desobedecer, não foi? *Dialogar com as crianças e procurar que elas exponham as razões porque desobedecem.*
   Às vezes não gostamos de fazer o que nos dizem... Temos vontade de fazer só o que nos apetece mesmo que não seja bom para nós.

II. PALAVRA

1. *A Verdade é importante*

Vamos ver o que nos diz Jesus a respeito da verdade e da mentira. Será que Jesus mentia? (...) Ele não podia mentir; era incapaz de alguma vez não dizer a verdade. E ensinou sempre isso aos seus amigos. Mas houve uma altura muito especial em que explicou bem como a verdade é importante.

Foi na Última Ceia, a última refeição que Jesus comeu com os seus amigos, antes de ser morto. Foi naquela refeição em que Ele lavou os pés aos discípulos. Depois de lhes ter lavado os pés, ensinou-lhes muitas coisas.

Disse-lhes que ia morrer e seguia por outro caminho que não era como os caminhos aqui da terra. Os discípulos não estavam a perceber que caminho era. Por isso Tomé, um dos discípulos, perguntou-lhe que caminho era esse.

Vamos ouvir o que Jesus respondeu.

Acender as velas.

Leitura (Jo 14, 6):

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João

Crianças:

Glória a vós, Senhor!

Catequista:

Naquele tempo,
Jesus respondeu a Tomé:
"Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.
Ninguém pode ir ao Pai, senão por Mim".

Palavra da Salvação.

Crianças:

Glória a vós, Senhor!

Silêncio

Pousar a Bíblia e indicar às crianças que se podem sentar:

2. *Jesus é a Verdade*

Repararam bem no que Jesus disse a Tomé e aos outros? (...)

Disse: "Eu sou". E depois juntou três palavras: "o Caminho, a Verdade e a Vida".

Vamos pensar na palavra do meio.

Afixar no placar, por debaixo do dístico "Respeito", o dístico "Verdade".
Depois continuar:
Jesus não só dizia a verdade, ensina-nos que Ele próprio é a verdade. Como é que se pode entender isto? (...)
Vamos pensar nas outras duas palavras: caminho e vida.
Jesus é o caminho, porque nos ensina o caminho para Deus pelo modo como Ele vivia. Nós podemos andar por caminhos bons e maus. Maus são os caminhos da mentira, da falta de amor e de respeito (*apontar os dísticos respetivos*). Jesus amava e respeitava todos. E porque amava e respeitava é que Ele dizia sempre a verdade. De tal maneira que Ele é a própria Verdade.

E nós? O que devemos fazer? Vamos cantar para dizer a Jesus que também queremos dizer a verdade.

Cântico: "Quero dizer a verdade"

3. *Jesus obedecia*
Mas Jesus disse que era o Caminho, a Verdade e a Vida. Ele quer ser o nosso caminho para a "Vida". Mas que vida será essa?
No ano passado falámos de um outro acontecimento da vida de Jesus. Quando Jesus tinha 12 anos foi, juntamente com Maria, sua Mãe, e com S. José, a Jerusalém, ao templo, à casa de Deus. O que aconteceu nessa altura? (...)

Deixar que se exprimam e, se necessário, ajudar a reconstruir o episódio de Lc 2, 41-49; depois concluir:
Quando a Mãe de Jesus lhe perguntou: ***"Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!" Ele respondeu-lhes: "Porque me procuráveis? Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?"***

Jesus quis ensinar-nos assim que obedecia sempre a Deus, seu Pai. Naquele momento, Maria e José, que amavam muito Jesus, não sabiam que o maior bem era Jesus ficar em Jerusalém, a falar com os sábios do templo. E foi só por isso que Jesus lá ficou. Depois voltou para casa com José e Maria, sua Mãe. E sabem como é que Ele se comportava? Vamos lembrar o que aconteceu a seguir.

Leitura (Lc 2, 51):
"**Depois desceu com eles,**
voltou para Nazaré
e era-lhes obediente".

Silêncio

Jesus obedecia ao seu Pai do Céu, mas obedecia também aos pais, Maria e José. Os pais procuram o que há de melhor para os filhos. Por isso é que os filhos lhes devem obedecer. E devemos sempre obedecer, como Jesus, a Deus, nosso Pai do Céu.
Afixar o dístico "Obediência".

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Amar e respeitar leva-nos a ser verdadeiros e obedientes*
A mentira separa-nos uns dos outros. Quem mente não respeita nem ama os outros. Está a enganá-los. Quando desobedecemos a Deus e às pessoas que nos ajudam a seguir o caminho de Deus, também não estamos a ser amigos, nem a respeitar Deus nem as pessoas que Deus pôs junto de nós.

Vamos olhar para o *placar* e ler as palavras que Jesus nos tem dito.

Podemos lê-las, todos ao mesmo tempo: **Amor, Respeito, Verdade, Obediência**.

Acabámos todos de dizer por que razões devemos dizer sempre a verdade: porque amamos os outros e os respeitamos. É o amor e o respeito que nos une uns aos outros. Se mentimos e enganamos os outros, estamos a prejudicá-los, não podemos ter aquela vida que Jesus nos dá, pelo caminho da verdade, do amor e do respeito, que leva ao Pai do Céu. Portanto, se estivermos em união com Jesus e procurarmos fazer como Ele temos a verdadeira vida.

Deus põe junto de nós pessoas para nos ajudarem a seguir o bom caminho: os pais... E quem mais? (...) *Deixar as crianças responder...* Os avós, os professores, os catequistas...

2. *Pedimos a Jesus que nos ajude a ser verdadeiros e obedientes*
Unidos a Jesus, estamos unidos uns aos outros. É Ele que nos dá coragem e força para amarmos, respeitarmos os outros, dizer-lhes sempre a verdade e obedecermos às pessoas que nos orientam no nosso caminho.
Para sermos capazes de dizer a verdade, vamos cantar o **cântico**:
"**Quero dizer a verdade**".

Convidar as crianças a porem-se de pé e, com as mãos levantadas, em gesto de oração e oferta, cantam "**Quero dizer a verdade**".

Agora de mãos dadas, em sinal da união que temos entre nós... cantamos outro cântico: **"Deus, nosso Pai, que sois tão bom".**

3. *Devemos saber em que ocasiões obedecer*

Mas pode haver casos em que nós não somos obrigados a obedecer. Nalguns casos devem, até, desobedecer. Sabem dizer quais são?

Escutar as crianças e completar e concluir, com clareza:

Quando é uma pessoa desconhecida, não se deve obedecer. Mesmo que vos ofereçam coisas boas ou vos digam que vos vão levar aos pais, a casa, à escola... Sabem que já houve meninos e meninas enganados. Portanto, muito cuidado.

Quando é uma pessoa conhecida e nos manda fazer uma coisa má: mesmo que seja alguém que parece gostar de nós. Neste caso, dizem que isso é uma maldade, um erro, e não fazem. O melhor é afastarem-se...

E quando não sabem bem se o que manda a pessoa amiga (pai, mãe, professor, etc.) é bom ou mau? Devem perguntar-lhe a razão pela qual vos mandam fazer isso. Se, mesmo assim, têm dúvidas, devem fazer o que essa pessoa manda, uma vez que essa pessoa quer mesmo o vosso bem e sabe mais do que as crianças.

Fora disso, quem desobedecer está a fazer mal.

4. **Compromisso**

Em casa, vamos cantar também este cântico! Já o sabemos bem! E, com a ajuda da família, vão completar e pintar com muito cuidado as letras das palavras mais importantes da nossa catequese de hoje (*mostra a página 25*): AMO*R*, R*E*SP*E*ITO, V*E*RDAD*E*, OBED*I*ÊNC*I*A. E podem copiar a oração que está nessa página, para um cartão bonito, e oferecer a alguma pessoa de quem gostem muito, porque queremos que as pessoas aprendam a viver como Jesus ensina. Mas, o mais importante, é colocarem em prática o amor, o respeito, a verdade e a obediência, como nos pede Jesus.

CATEQUESE 6

QUE BOM É TER JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **A tentação do mais fácil**

   Nas nossas escolhas há um critério que é absolutamente de evitar: optar pelo mais fácil, pelo que dá menos trabalho, pelo que exige menos esforço.

   Seria cair numa falha, infelizmente frequente na sociedade de hoje. Se determinados objetivos não são atingidos ou determinados valores não são respeitados por alguns, procura-se que isso seja regulamentado, normalizado, oficializado. Veja-se o que acontece, por exemplo, na atitude assumida em muitos países na política familiar: porque o aborto é praticado por alguns, faz-se disso uma lei para todos, sem chamar a atenção para a possibilidade de abertura a outras soluções que permitam respeitar a vida como um direito fundamental; ou porque surgem desentendimentos entre casais, regulamenta-se uma série de passos que permitem mais facilmente obter o divórcio do que procurar salvar o casamento.

   Os resultados desta opção, quase sistemática, por acertar a fasquia da exigência pelo nível mais baixo, sem pelo menos abrir perspetivas e incentivos para os que podem alcançar graus mais elevados, estão à vista: diminuição assustadora da natalidade, medidas educativas nada facilitadoras da promoção de valores... e, sobretudo, a oficialização do egoísmo e do individualismo.

2. **A radicalidade da mensagem cristã**

   Esta radicalidade manifesta-se, antes de mais, no duplo mandamento do Antigo Testamento, confirmado por Cristo como resumo da Lei, pela qual se orienta todo o agir moral, e como caminho para a vida eterna, a vida pela qual todos, consciente ou inconscientemente, suspiram: "Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças, com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10, 27).

Cristo realizou este duplo amor na sua forma mais radical: pela entrega da vida, primeiro durante a sua atividade messiânica de anúncio e instauração do Reino de Deus; e, de um modo pleno, no Monte Calvário, onde a entrega antes iniciada atingiu a sua expressão máxima e definitiva.

A fé em Cristo e no Deus que nele se manifesta não permite meios-termos: tem de ser total, como total é o amor de Deus a quem nos confiamos... e é total a felicidade que se alcança, lá no alto do monte da nossa própria transfiguração. Vale a pena tentar escalá-lo, na companhia de Cristo crucificado e ressuscitado e com a energia que Ele, pelo seu Espírito, transmite aos que a Ele se confiam.

3. **"Felizes os olhos que veem o que estais a ver"...**
"Porque, digo-vos, muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não o ouviram!" (Lc 10, 23-24).

São palavras ditas por Jesus num contexto significativo e provocatório. São precedidas do envio dos setenta e dois discípulos na mesma missão de anúncio, pela palavra e pela vida, do Reino de Deus realizada por Jesus (Lc 10, 1-16). Uma missão coroada de êxito para aqueles que receberam o anúncio e para os discípulos que o realizaram e assim viram os seus "nomes escritos no Céu" (Lc 10, 20). Um êxito que levou Jesus a estremecer "de alegria, sob a ação do Espírito Santo", e a manifestá-la numa oração de louvor ao "Pai, Senhor do Céu e da Terra", numa oração expressiva da comunhão total que os une (Lc 10, 21-22).

Felizes são aqueles que usufruem desta mesma comunhão e dos resultados que ela realiza neles e através deles: os que, levados por ela, se entregam totalmente ao anúncio do Reino de Deus, como ele se manifestou em Jesus.

Neste mundo em que vivemos, apesar da tentação do mais fácil, há muitas crianças, jovens e adultos que, em todas as áreas da sua vida, se deixam apaixonar por Cristo, de tal modo que não podem deixar de falar dele, numa linguagem feita mais por ações do que por palavras e, por isso, mais convincente, transformante, transfigurante.

OBJETIVOS

- Descobrir a alegria de seguir Jesus;
- Viver e exprimir essa alegria;
- Manifestar a fé em Jesus pela oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese recordam-se as catequeses do ano anterior e também as catequeses já feitas este ano, que formam uma unidade em torno da pessoa e mensagem de Jesus.

Não é apenas uma revisão ao nível dos conhecimentos adquiridos: deve ser, sobretudo, uma tomada de consciência da adesão de fé a Jesus e da consequente prática de vida.

2. As crianças terão a oportunidade de se darem conta de como já conhecem Jesus e de como Ele é o centro da vida de cada cristão, unindo-nos no amor uns aos outros.
3. No fim é feito o desafio de "subirem" todos, crianças e catequista ao monte da transfiguração para aí, de novo, escutarem Deus e contemplarem Jesus que se apresenta no seu lugar único na história da salvação e na vida da Igreja e de cada cristão.

MATERIAIS

- Catecismo do 1º Ano;
- Imagem de Jesus vestido de branco (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado"; "Escutai-o"; "Amor"; "Respeito"; "Verdade"; "Obediência" (catequeses anteriores);
- Dístico: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida";
- Fotografias: Monte Tabor; quadro representando a Transfiguração, no interior da Basílica com o mesmo nome.

NOTA – *Se estas duas fotografias puderem ser projetadas e, portanto, luminosas, ganharão um relevo muito especial.*

MÚSICAS

- "É bom estarmos juntos";
- "Jesus, eu amo-Te" (cf. Catequese 2).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar*: a imagem de Jesus vestido de branco, com os dísticos "Este é o Meu Filho muito amado", "Escutai-O", "Amor", "Respeito", "Verdade" e "Obediência", nos mesmos lugares das catequeses anteriores.
- *Na mesa:* a Bíblia, ladeada de dois castiçais.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *É bom estarmos juntos*

Vamos aprender um cântico novo muito bonito.

Ensaiar o cântico **"É bom estarmos juntos".**

Neste cântico dizemos que é bom sorrir, escutar, viver em Deus. E dizemos também que é bom estarmos juntos e sermos tão amigos que até nos chamamos irmãos.

Aqui no nosso grupo somos mesmo como irmãos. Então, de pé, vamos dar as mãos ... e, assim, de mãos dadas, como amigos e irmãos cantamos:
"**É bom estarmos juntos**".

Mas nós temos estado juntos porquê? (...) *No caso de o grupo vir junto com o catequista desde o ano anterior, acrescentar*: Até já estamos juntos desde o ano passado (ou: Já no ano passado na catequese todos se juntavam num grupo de amigos) para conhecermos melhor Jesus.

2. *Aprendemos muitas coisas sobre Jesus*
Fazer passar entre as crianças o catecismo do 1º ano e dialogar com elas sobre o que se lembram do catecismo. Depois levar as crianças a folhear o catecismo do 2º ano nas catequeses já dadas. Deixar as crianças comentar, recordar...
Aprendemos tantas coisas acerca de Jesus! Aqui na catequese e quando vamos à igreja... É bom conhecer Jesus e saber que estamos com Ele, não é?
Utilizar também a imagem e dísticos afixados para recordar o essencial das catequeses deste ano.
Afixar o dístico: **"Eu sou o caminho, a verdade e a vida"**.
Deixar as crianças ler e repetir alto.

Continuar:
Na última catequese, Jesus disse-nos isto. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Ele é o caminho para percorrermos, é a verdade para sermos felizes. Ele é a nossa vida.
Quando Jesus, no cimo do monte, ficou todo luminoso, rodeado de Elias e Moisés, duas figuras vindas do Céu, ouviu-se a voz de Deus...

Vamos todos ler ao mesmo tempo as palavras que estão aqui junto da imagem de Jesus:
"**Este é o meu Filho muito amado**".
"**Escutai-o**".

II. PALAVRA

1. *Escutamos Jesus*
Deus diz-nos para escutarmos Jesus, o seu Filho muito amado. E o que terá Jesus para nos dizer hoje?
Jesus tinha mandado os seus discípulos irem por diversas terras a ensinar por toda a parte as palavras de Jesus. Eles foram e tudo correu muito bem. Correu tão bem que, quando voltaram, Jesus quis agradecer a Deus, seu Pai do Céu, todas as coisas que os discípulos tinham conseguido fazer. E depois disse umas palavras que são mesmo para nós. Vamos ouvi-las com muita atenção.

O catequista pode acender as velas e entregá-las a duas crianças que as seguram enquanto faz a leitura.

Leitura (Lc 10, 23-24)

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas

Crianças:
Glória a Vós, Senhor!

Catequista:
Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
"Felizes os olhos que veem o que estais a ver,
porque, digo-vos,
muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram,
ouvir o que ouvis e não ouviram".

Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a Vós, Senhor!

Silêncio

2. *Nós podemos ver e ouvir Jesus*
Dialogar com as crianças sobre a leitura. (...)
Com estas palavras de Jesus nós podemos compreender que somos felizes, porque ainda agora ouvimos Jesus e ficamos a conhecê-lo tão bem como se estivéssemos a vê-lo a Ele. Por isso somos mais felizes do que os profetas e reis que viveram antes de Jesus vir à terra e que nunca puderam vê-lo nem ouvi-lo.

Os profetas eram pessoas amigas de Deus e que diziam ao povo as palavras de Deus. Mas nós sabemos até o que Deus Pai diz de Jesus.

Chamar a atenção para a frase no placar: **"Este é o Meu Filho muito amado".**
Nós vemos com os olhos do nosso coração e ouvimos as palavras de Jesus que estão na Bíblia.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Subimos ao monte*

Quando Jesus subiu ao monte com três discípulos e Deus Pai quis mostrar que Ele é de verdade o seu Filho, e se nós também lá estivéssemos? Vamos com os discípulos atrás de Jesus? (...) Como é que se chamam esses três discípulos? (...) Então vamos com Pedro, Tiago e João? (...)

Afixar a fotografia do Monte Tabor.

Temos aqui uma fotografia desse monte, na terra de Jesus. Chama-se Tabor e é muito bonito. Olhamos bem para ela e vemos que leva muito tempo a subir. Vamos fechar os nossos olhos e vamos pensar que estamos a subir com Jesus, com Pedro, Tiago e João...

No nosso coração, vamos dizendo a Jesus que estamos contentes, porque estamos com os nossos amigos, porque estamos com Ele, o nosso maior Amigo... E enquanto subimos, podemos ir cantando:
Cantar, de mansinho, "**É bom estarmos juntos**":

É bom estarmos juntos,
É bom sermos irmãos.

É bom sorrir, é bom cantar,
É bom viver em Deus. (Bis)

É bom sermos amigos,
É bom saber amar.

É bom seguir Jesus,
Dizer "aqui estou".

Chegamos ao cimo do monte, todos juntos e agora vamos olhar para a imagem de Jesus com Moisés e Elias.

Afixar a reprodução do quadro da Basílica da Transfiguração.
Este quadro está numa igreja que foi construída no cimo desse monte, na terra de Jesus. Lá estão também os discípulos...

Olhamos bem para ele e pensamos em Jesus cheio de luz. Agora olhamos para as

palavras que se ouviram, as palavras de Deus Pai, e vamos novamente lê-las todos ao mesmo tempo: "**Este é o meu Filho muito amado**". "**Escutai-o**".

2. **Nós amamos Jesus**

Agora podemos fazer como fizemos, quando ouvimos pela primeira vez o que Deus disse de Jesus lá no alto do monte. Ajoelhámo-nos e cantámos: "**Jesus eu amo-Te**". Então ajoelhamo-nos e benzemo-nos:

– "**Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen**".

Agora, de pé, cantamos levantando as mãos e depois pousando-as sobre o coração:
Cântico – "Jesus eu amo-Te" (4x)

Depois o catequista diz:

– **Jesus, Tu nasceste para nós;**
– **Jesus, Tu cresceste como nós;**
– **Jesus, Tu falaste-nos de Deus Pai...**

Canta-se o segundo verso, de mãos erguidas:
"**Tu és Filho de Deus**"

O catequista diz:

– **Jesus, Tu és Deus como o Pai;**
– **Jesus, Deus, teu Pai, é o teu maior Amigo;**
– **Jesus, Tu vieste do Céu para junto de nós...**

Canta-se o terceiro verso, inclinando levemente o corpo:
"**Tu és o meu Senhor**".

O catequista diz:

– **Jesus, Deus fez tantas coisas por meio de Ti;**
– **Jesus, Deus fez com que, depois de morreres, ressuscitasses;**
– **Jesus, Tu dás-nos tantas pessoas que nos amam.**

Canta-se, levantando as mãos e depois pousando-as sobre o coração o último verso:
"Jesus, eu creio em Ti" (...).

Termina-se com o sinal da cruz:
"**Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen**".

3. **Compromisso**

Nós amamos Jesus! Como para todos os cristãos, os amigos de Jesus, Ele é muito

importante para nós! Por isso, esta semana, em casa, vamos empregar algum do nosso tempo para pensar em Jesus, para tentar ser como Ele nos pede e para recordar o que aprendemos na catequese. Na página 29 do vosso catecismo está uma moldura para desenharem Jesus – com muito cuidado e com muita alegria – para mostrarem como Ele é importante para vós. E, depois, uma frase para copiarem (mostrar): Jesus, eu creio em Ti! Ao copiar essa frase estão a dizer que Jesus é importante na vossa vida!

CATEQUESE 7

JESUS, FILHO DE MARIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Ser mãe

Ser mãe é amar incondicionalmente. Amar mesmo antes de conhecer. Amar aquele filho ou filha que vai nascer. Todo o amor implica doação e entrega. O amor autêntico educa para o amor, para a doação mútua entre quem ama e quem é amado. Uma doação que exige renúncias, sacrifícios, perda da vida, para que esta se torne mais vida naqueles a quem é dada. Então, sim, a individualidade deixa de ser individualismo, o eu, próprio e necessário a cada pessoa, não cai no egoísmo. E há equilíbrio: no próprio e nas suas relações com os outros. E, quem diz equilíbrio, diz felicidade.

Ser mãe ou ser pai é amar assim. Muitos deles conseguem-no, porque são sensíveis Àquele que é, por natureza, amor: o Deus que se manifestou sobretudo no dom do seu Filho, Jesus Cristo, o Filho encarnado no seio, na vida e no amor de Maria.

2. "Felizes as entranhas que te trouxeram..."

São palavras transmitidas por S. Lucas (11, 27-28): "Enquanto Ele falava, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse: «Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram» " (v.27). Não há dúvida de que as palavras da mulher são ditas com a melhor das intenções. Qual é a mãe que não se sente orgulhosa pelo êxito e reconhecimento alcançado pelo filho que se formou no seu ventre e cresceu, amamentado pelo seu leite?

Mas Maria fez mais do que isso, mais do que ser sua mãe biológica. Daí a reação de Jesus que, longe de contradizer as palavras da mulher, as completa: "Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática" (v.28). Se alguém, para além de Jesus, o fez de um modo completo, foi Maria, sua Mãe.

"É graças à sua fé que ela vem a ser a Mãe do Salvador": segundo S.^{to} Agostinho, "Maria é mais feliz por receber a fé de Cristo do que por conceber a carne de Cristo" (in CIC 506). Ouve-o de Isabel: "Feliz de Ti, porque acreditaste" (Lc 1, 45). Ao que ela

responde com o *Magnificat*[1] que, no dizer de Bento XVI, é "um retrato, por assim dizer da sua alma" e "está inteiramente tecido com fios da Sagrada Escritura, fios tirados da Palavra de Deus. Vivendo intimamente permeada pela Palavra de Deus, pôde tornar-se mãe da Palavra de Deus encarnada". E como esta Palavra encontra a sua síntese no mandamento e na vivência do amor, conclui o Papa: "Enfim, Maria é uma mulher que ama. E como poderia ser de outro modo? Enquanto crente que, na fé, pensa com os pensamentos de Deus, ela não pode ser senão uma mulher que ama" (DCE 41) ...

3. "Santa Maria, Mãe de Deus..."

Continuemos com palavras de Bento XVI, na mesma encíclica: «À vida dos santos, não pertence somente a sua biografia terrena, mas também o seu viver e agir em Deus, depois da morte. Nos santos, torna-se claro que quem caminha para Deus não se afasta dos seres humanos, antes pelo contrário, está verdadeiramente perto deles. Maria é disso o exemplo mais luminoso. A palavra do Crucificado ao discípulo – (...) "Eis aí a tua Mãe" (Jo 19, 27) – vai-se tornando sempre nova e verdadeira no decurso das gerações. Maria tornou-se realmente Mãe de todos os crentes. À sua bondade materna, assim como à sua pureza e beleza virginal, recorrem as pessoas de todos os tempos e lugares do mundo, nas suas necessidades e esperanças, nas suas alegrias e sofrimentos, nos seus momentos de solidão, e também na partilha comunitária; e sempre experimentam o benefício da sua bondade, o amor inesgotável que ela exala do fundo do coração» (Ibidem 42).

«Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher "vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça" (Ap12, 1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza» (*Laudato Si*, Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum, 241).

OBJETIVOS

- Descobrir Maria, a Mãe de Jesus, como modelo de fé e de cumprimento da vontade de Deus;
- Confiar na mediação de Maria para corresponder à vontade de Deus;
- Iniciar a preparação da celebração de Natal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças aderem com muita facilidade a Maria, na sua condição de Mãe. E trata-se da Mãe de Jesus, a quem estão ligados desde o início da sua caminhada catequética.

[1] Primeira palavra, em latim, do cântico de N.ª S.ª, referido em Lc 1, 46-55, que começa "A minha alma glorifica (*magnificat*) o Senhor".

É a partir dele que descobrem o verdadeiro lugar de Maria na história da humanidade e na vida da Igreja. Com Maria, podem e devem encontrar o caminho para Deus e assim também para os outros.

2. Outra realidade a que as crianças são particularmente sensíveis é a celebração do Natal. Mas no meio do consumismo dominante nesta época do ano, correm o perigo de ser conduzidas para o que é mais contrário à condição cristã: o egoísmo. Ora o Natal cristão é acima de tudo a vivência do dom.
3. Nesse sentido, procura-se desde já preparar as crianças para a celebração do Natal: pelo afeto que encontram especialmente em Maria e, por meio dela, pela fé em Deus que se faz dom, de um modo especial, na encarnação do seu Filho. Daí que, nesta catequese, o Natal seja preparado e, em parte, já celebrado, em ligação com todas as catequeses anteriores, em que a escuta da Palavra e a prontidão para a pôr em prática foram temas e objetivos dominantes.

MATERIAIS

- Palavras AVÉ-MARIA em letras separadas;
- Gravuras: Anjo; Santa Isabel;
- Imagem de Nossa Senhora, que será usada no presépio e papel pardo para fazer uma gruta (deverão estar escondidos, por exemplo, tapados com um pano);
- Convite para os pais participarem na última catequese antes do Natal.

MÚSICA

- Avé-Maria, cheia de graça (A. Cartageno).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *O placar* estará vazio.
- *Na mesa:* a Bíblia (ladeada de dois castiçais com as velas apagadas).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O Natal já está perto*

   Já estamos perto de uma grande festa. Que festa é essa? (...) Sim, é o Natal. E que festa é o Natal? *Dialogar com as crianças* (...)

   Pois, é a festa do nascimento de Jesus, o nosso maior amigo, que tantas coisas nos tem ensinado aqui na catequese.

   É por isso que é uma festa tão bonita e tão importante. Até já começou a ser preparada, não foi? (...) Sim, já há sinais de Natal nas ruas, nas lojas, nas casas... Nas vossas casas já se começou a preparar o Natal? (...)

E qual será o sinal mais importante do Natal? (...)
O presépio é importante, porque procura mostrar-nos o que aconteceu quando Jesus nasceu. Por isso hoje vamos começar a construir o nosso presépio.

2. *Começamos a construir o presépio*
Distribuir as letras soltas de AVÉ-MARIA.
Com estas letras vão procurar formar umas palavras. E quando acharem as palavras ficam a saber qual é a primeira figura que vamos colocar para começar a construir o presépio.

Para facilitar a junção das letras, as crianças podem deslocar-se para um espaço da sala onde, sobre uma mesa, ou até no chão, possam colocar as letras e deslocá-las à vontade. Se forem muitas, podem formar 2 grupos, cada um com as mesmas letras. Terminado o trabalho, o catequista pergunta:

Então, quantas palavras temos? (...) E qual é a figura do presépio que vamos colocar? (...) Sim, é Maria, a Mãe de Jesus, Nossa Senhora.

O catequista distribui as letras pelas crianças e coloca-as pela ordem necessária para as poderem ir afixando no placar. Se tiver havido dois grupos, as palavras poderão ser afixadas em duplicado. Se, pelo contrário, o grupo for muito pequeno, as crianças poderão levar mais do que uma letra cada uma.

Quando as palavras estiverem afixadas, o catequista continua:
Já conhecemos bem estas palavras, "Avé-Maria"; e até sabemos dizer esta oração a Nossa Senhora. Então vamos começar o nosso presépio.

O catequista prepara a gruta com o papel pardo e apresenta a imagem de Nossa Senhora, com uma certa solenidade, colocando-a dentro da gruta e acende as velas, colocando-as nos dois lados da gruta.

Quem se lembra de quem disse a Maria as primeiras palavras desta oração?
Ajudar a reconstruir as cenas de ***Lc 1, 26-28*** *e* ***1, 39-42****, para as palavras "****Avé-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco****" e "****Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre****", e continuar:*
Portanto, primeiro veio um anjo do Céu para anunciar a Maria que Deus a escolhera para ser a Mãe do Salvador. *Afixar, no placar, do lado esquerdo do dístico "Avé-Maria", a figura do Anjo.*

Depois continuar:

A seguir foi S.ta Isabel que recebeu a sua prima Maria em sua casa e a cumprimentou com palavras muito bonitas.

Afixar no placar, do lado direito do dístico, a figura de S.ta Isabel e continuar:
E hoje somos nós que cumprimentamos Maria com as mesmas palavras.
Na segunda parte desta oração, pedimos-lhe que ela, que está no Céu, junto de Deus, peça por nós fazermos sempre aquilo de que Deus e Jesus gostam e não fazermos o mal.
Vamos nós agora rezar esta oração a Nossa Senhora? (...)
Então, de pé, dizemos todos: **Avé-Maria, cheia de graça...**

II. PALAVRA

1. *Cantamos Avé-Maria*
Já descobrimos qual é a primeira figura do nosso presépio e até já sabemos como rezar-lhe. Mas vamos ainda aprender um cântico em que cumprimentamos Nossa Senhora com as palavras do Anjo que estão afixadas no placar.
*O catequista ensaia pelo menos o refrão do **cântico "Avé-Maria cheia de graça"** (e possivelmente também a primeira estrofe). Depois convida as crianças a porem-se de pé para o cantarem. No fim, convidar as crianças a sentarem-se e continuar:*

2. *Maria, a melhor Mãe*
Já cantámos à Mãe de Jesus.
E agora vamos saber melhor por que razão Maria, a Mãe de Jesus, é tão importante para nós. Claro que o mais importante é ela ser Mãe de Jesus. Maria foi, sem dúvida, a melhor Mãe. Mas como é que sabemos isso?

Vamos ouvir o que disse dela o próprio Jesus.
Um dia, Jesus estava a ensinar as pessoas. No ano passado já ouvimos muitas das coisas que Jesus ensinava e que estão guardadas na Bíblia. Então, enquanto Jesus ensinava e estava a responder às perguntas das pessoas que o ouviam, uma mulher que ali estava ficou tão maravilhada com o que Ele dizia que disse: "Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram".

O que ela queria dizer era que devia estar muito feliz a Mãe de Jesus, que o tinha trazido dentro dela e lhe tinha dado de mamar. Ela dizia que a Mãe dele devia ser muito feliz por ter um filho assim. Vamos ouvir o que Jesus respondeu.

Leitura (Lc 11, 28)

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas

Crianças:
Glória a vós, Senhor!

Catequista:
Jesus respondeu:
"Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus
e a põem em prática".

Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor!

Silêncio

Então quem é que Jesus diz que é mais feliz? (...)
São "os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática".
E seria isso que fazia Maria, a Mãe de Jesus?
Como é que nós sabemos que ela procurava fazer sempre a vontade de Deus? (*Deixar que se exprimam e completar.*)

Uma das ocasiões mais importantes foi quando o Anjo lhe anunciou que Deus a escolhera para ser a Mãe de Jesus, o Salvador. A terminar o encontro com o Anjo, Maria respondeu: "***Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua Palavra...***".

Faça-se em mim, segundo a Tua Palavra. Como o Anjo falava em nome de Deus, Maria mostrou assim que só queria fazer a vontade de Deus. E por isso ela tornou-se a Mãe de Jesus, fazendo a vontade de Deus. E assim ela foi mesmo muito feliz. Não foi só porque trouxe Jesus dentro dela e cuidou dele com todo o cuidado, para Ele crescer. O mais importante para ser uma boa mãe é fazer sempre a vontade de Deus.

Também nós temos ouvido aqui na catequese o que Jesus nos tem dito para fazermos e sermos felizes. O que é que devemos fazer? (...) Sim, amar, respeitar, dizer a verdade, obedecer... e tantas outras coisas que Jesus ainda tem para nos dizer.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Rezamos à Mãe de Jesus e nossa Mãe*
   Começámos a fazer o nosso presépio. Já lá temos a imagem de Maria, mesmo pertinho da Bíblia, para mostrar que ela escutava sempre a Palavra de Deus e a punha em

prática. Também temos no placar as figuras do Anjo e de S. Isabel, que nos ensinaram a primeira parte da "Avé-Maria" e as primeiras palavras dessa oração: "Avé-Maria".

Então podemos fazer assim: vamos cantar "**Avé, Avé, Avé-Maria**" (*só o refrão, repetido*).
Agora, dizemos todos ao mesmo tempo:
"Avé-Maria, cheia de graça..."

2. *Também nós queremos fazer a vontade de Deus*
   Nós também queremos fazer a vontade de Deus. Queremos obedecer como Jesus, dizer a verdade, respeitar, amar, como Jesus nos ensinou a fazer. Mas nem sempre é fácil. Vamos ficar um bocadinho em silêncio. Cada uma e cada um de nós vai pensar no seu coração o que é mais difícil fazer para cumprir a vontade de Deus.
   Silêncio
   Vamos pedir a Maria, nossa Mãe, que nos ajude a fazer sempre a vontade de Deus, principalmente naquilo em que temos mais dificuldade.

   Oração silenciosa

3. **Compromisso**
   Durante a semana, vamos rezar todos os dias a Avé-Maria, pedindo sempre a Nossa Senhora que nos ajude a cumprir a vontade de Deus.

   Agora, que já sabem tão bem esta oração, vão completar as palavras com que rezamos na página 33 do vosso catecismo, e pintar as ilustrações e o fundo (*mostrar*) de um modo muito cuidadoso e bonito. E, durante a semana, não se vão esquecer de rezar com a vossa família!

   Para terminar, pode repetir-se o cântico da Avé-Maria.
   Antes de saírem, entregar os convites para os pais virem à última catequese antes do Natal.

CATEQUESE 8

JESUS É DEUS CONNOSCO

CELEBRAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Natal todos os dias?**

   Tornou-se quase um *slogan*: "Natal devia ser todos os dias". A formulação ("devia", no imperfeito) já deixa dúvidas acerca da convicção e da verdade da afirmação. Mas assim como só há um Domingo por semana também a celebração do Natal é única no ciclo anual. Se todos os dias fossem Natal, deixaria de haver Natal. Este distingue-se do resto dos dias do ano, exatamente pelo que é específico dele.

   A data em que agora celebramos o Natal começou por ser uma festa pagã da cidade de Roma: celebrava, nos dias que enquadravam o solstício de Inverno, o "Nascimento do Sol Invicto", porque invencível relativamente às trevas em que lentamente e todos os anos se vai afundando. Numa época em que o disco solar já era venerado como divindade tutelar do Império Romano, o imperador Aureliano elevou-a, em 274, a festa estatal, numa tentativa de assim contribuir para a coesão e a paz do Império, então seriamente ameaçada. Foram os cristãos de Roma os primeiros a opor-se à medida imperial. Na mesma data do ano passaram a celebrar o Natal de Jesus, o único que, por ter vencido a morte para sempre, proclamavam como "Sol da Justiça", com base em profecias do Antigo Testamento. A substituição terá sido também facilitada pelos textos bíblicos que tratam do nascimento de Jesus e que falam de luz e vida.

2. **Jesus: o "Deus connosco"**

   "Emanuel" corresponde ao hebraico "Im-manu-El" que, à letra, significa "connosco Deus". Possivelmente na origem era um grito de confiança em Deus, usado na liturgia do templo de Jerusalém: "Deus está/esteja connosco". Veja-se o refrão do Sl 46, 8.12: "O Senhor do universo está connosco!" E, neste mesmo sentido, aparece em Is 8, 10, a concluir uma série de desafios do profeta àqueles que, pela violência, ameaçam a existência do seu povo: "Traçai planos, que serão frustrados; ordenai ameaças, que não serão executadas, porque temos o «Im-manu-El»: Deus connosco".

Um grito de confiança em Deus que adquiriu, segundo Is 7, 1-16, um alcance particular, no confronto do mesmo profeta com o rei Acaz. À volta do 734 a.C., Acaz caiu na tentação de pedir socorro na guerra ao imperador da Assíria, uma medida que implicava uma sujeição a todos os níveis, incluindo o religioso. O profeta procura demovê-lo. Perante esta teimosia e esta notória falta de confiança em Deus, o profeta remata a sua intervenção com a célebre profecia: «Escuta, casa de David: não basta já serdes molestos para os homens, senão que também ousais sê-lo para o meu Deus? Por isso, o Senhor vos dará um sinal. Olhai: a jovem está grávida e vai dar à luz um filho, e há de pôr-lhe o nome de "Emanuel"» (Is 7, 13-14). A jovem era, na origem, provavelmente a rainha, que deveria dar à luz um descendente de Acaz. O Evangelista Mateus recorda esta profecia a José (Mt 1, 18-25): ao Filho que há de nascer de Maria, "hão de chamar Emanuel, que quer dizer Deus connosco" (Mt, 1, 23).

E, de facto, assim será: nunca Deus esteve tanto connosco como em Jesus de Nazaré.

3. Nos nossos dias

Ele continua connosco, antes de mais, através da sua Palavra, a Boa-Nova do Reino de Deus, através do Evangelho. Ele continua connosco, através daqueles que o seguem e que Ele continua a enviar no anúncio da mesma Boa-Nova do Reino. Um anúncio em que as ações confirmam as palavras, em que o modo de viver e atuar é uma encarnação viva da mensagem que transmitem: "Recebestes de graça, dai de graça" (Mt 10, 8). É na gratuidade que o amor encontra a sua expressão mais visível e ilimitada... e conquista mais gente para a vida. Ele continua presente, sempre que o semeador da Palavra sai a semear: uma sementeira sujeita a fracassos, desilusões, deceções, por falta de frutos; mas confiante de que haverá sementes que darão fruto: "umas cem, outras sessenta, outras trinta grãos por cada semente" (Mt 13, 8).

Ele continua connosco, sempre que o alimentamos quando tem fome, o vestimos quando anda nu, o visitamos quando está doente ou preso, na certeza de que Ele nos dirá: "Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes" (Mt 25, 40).

Ele continua connosco sempre que continuamos a ensinar tudo isto que Ele nos mandou fazer (Mt 28, 20): e em mais este Natal que é único, como todos os Natais, se o soubermos acolher com a confiança de quem lhe grita: "O Senhor esteja connosco!" Ele estará, de facto, no meio de nós.

OBJETIVOS

- Descobrir e acreditar que Jesus é Deus connosco;
- Celebrar o Natal em comunhão com Jesus e com os outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é constituída por uma celebração, feita na conclusão do 1º bloco de catequeses, centradas na condição divina de Jesus e nas orientações morais que d'Ele se foram recebendo. Nesta celebração é acentuada a vivência da fé em Deus, no seu Filho Jesus Cristo, referindo-se algumas outras figuras da História da Salvação através das quais Deus se revelou.
2. É acentuado o mistério da encarnação do Filho de Deus, fazendo-se uma unidade com as catequeses 1 e 2, em que a condição divina de Jesus foi revelada pelo próprio Deus: aquele que é transfigurado no alto do monte e apresentado por Ele como Filho muito amado é o mesmo que, pelo seu nascimento humano, se tornou Deus-connosco.
3. É muito importante a presença e participação dos pais das crianças. É uma ocasião para eles próprios serem elucidados sobre o significado do Natal e poderem vivê-lo com os seus filhos, na paróquia e depois na família.

MATERIAIS

- Figura de Jesus vestido de branco (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Este é o meu Filho muito amado"; "Escutai-o"; "Amar"; "Respeitar"; "Obedecer"; "Dizer a verdade"; "Avé-Maria";
- Corações com os nomes das crianças e catequistas (catequese 1 e seguintes);
- Imagens do presépio: Nossa Senhora, S. José, Menino Jesus; gruta de papel preparada na catequese anterior; pode haver um pouco de palha dentro da gruta;
- Dístico: "Deus connosco";
- Motivos, de preferência natalícios, de ornamentação da sala.

MÚSICAS

- Dlim-dlão;
- É bom estarmos juntos;
- Fala, Senhor;
- Alegrem-se os céus e a terra;
- Senhor, para ti o meu coração.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

Preparação da sala:

- *No placar*: Dísticos "Este é o meu Filho muito amado" (por cima da imagem de Jesus), "Escutai-o" (por baixo da imagem), estando os dísticos "Amar", "Respeitar", "Ser verdadeiro", "Obedecer" e "Avé-Maria", colocados à volta da imagem de Jesus.
- *Na mesa:* a Bíblia, aberta em Mt 1, 18-25, a gruta de papel com palha ao centro e, dentro dela, as imagens de Nossa Senhora e de S. José. A imagem de Jesus estará, de

preferência, fora da sala, juntamente com os castiçais. Se isso não for possível, devem estar colocados ao fundo da sala, de forma não visível.
- *Nas paredes (e outros lugares):* ornamentação festiva, de preferência de carácter natalício.
- Deve haver, dispostas em semicírculo, as cadeiras necessárias para os participantes.

Intervenientes na celebração: além do catequista que preside, um pai ou mãe para a leitura da Bíblia; e outro/outra para introduzir a imagem do Menino Jesus, sendo então ladeado(a) por duas crianças transportando castiçais com velas acesas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

ENTRADA E ACOLHIMENTO

Ainda fora da sala: à frente o catequista que preside, seguido das crianças em fila e dos seus familiares e outros catequistas, cantando o ***cântico:***

"**Dlim - dlão**" (*ou outro cântico natalício*)
Dlim - dlão, dlim - dlão; amor, alegria,
Dlim - dlão, dlim - dlão o sino anuncia;
Dlim - dlão, dlim - dlão, todos a cantar,
Dlim - dlão, dlim - dlão, chegou o Natal.

Jesus nasce,
Tem um segredo p'ra nos dizer:
Ele é Deus, vem viver connosco,
Faz-nos viver.

Todos juntos,
Nós festejamos com alegria:
Jesus Cristo faz anos hoje,
– ***Que lindo dia!***

Depois de todos nos seus lugares, as crianças à frente e os adultos atrás, o catequista indica que podem sentar-se e diz:
A nossa sala está preparada de uma maneira especial, porque hoje, aqui na catequese, é dia de festa: celebramos o Natal de Jesus. Estão aqui muitas coisas na sala que lembram as catequeses que já tivemos este ano. Vamos explicar tudo aos vossos pais? (...)
De quem é aquela figura branca que está no centro? (...)
E quem disse as palavras que estão por cima e por baixo dela? (...)
Quem quer lê-las alto? (...) E quem é esse "Filho muito amado"? (...)
Onde foram ditas estas palavras? (...)

Sim, foi no alto do monte, onde a figura de Jesus se tornou muito luminosa, rodeada de Moisés e Elias, e Deus disse: "Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o". Portanto, Deus mandou-nos escutar Jesus, seu Filho.
E o que nos tem dito Jesus? Podemos olhar para o placar...

Indicar às crianças que leiam em voz alta:
Amar, respeitar, dizer a verdade, obedecer. E nós temos feito isso? (...)
Bem, umas vezes sim, outras não. Mas todos sabemos que é bom fazer o que Jesus nos mandou e que Ele mesmo faz. Por isso cantamos, de pé:

"É bom estarmos juntos"

É bom estarmos juntos,
É bom sermos irmãos.

É bom sorrir, é bom cantar,
É bom viver em Deus. (Bis)

É bom sermos amigos,
É bom saber amar.

É bom seguir Jesus,
Dizer "aqui estou".

É bom dar alegria
Ao triste que a não tem.

É bom erguer os braços
E a todos abraçar.

1. ORAÇÃO

Também temos ali escrito "Avé-Maria". Maria foi a 1ª figura do presépio, que colocámos na catequese anterior. E rezámos-lhe uma oração. Qual foi essa oração? (...)
Vamos rezá-la agora? Então vamos todos erguer as mãos e voltados para a imagem da Mãe de Jesus, dizemos todos ao mesmo tempo:
"Avé-Maria, cheia de graça..."

2. PALAVRA

Dentro da gruta está outra figura. De quem será? (...)

Quem é S. José? (...) Sim, ele foi na terra o pai de Jesus. Mas quem é o verdadeiro Pai de Jesus? (...) Sim, é Deus, como acabámos de lembrar com as palavras ouvidas no cimo do monte.
Vamos ouvir como é que S. José se tornou o pai de Jesus na terra. S. José estava noivo de Maria, Ele era um homem muito bom. Na Bíblia diz que ele era "um homem justo". Uma noite teve um sonho e vamos ouvir que sonho foi.
De pé, cantamos:
"**Fala Senhor...**"

Fala, Senhor, pela Bíblia:
Tu és Palavra que salva!

Fala, senhor! Fala, senhor: Eu quero escutar.
Fala, senhor! Fala, senhor: Eu quero escutar.

Leitura (Mt 1, 20-21):

Leitor/a:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Todos:
Glória a vós, Senhor!

Naquele tempo,
o anjo do Senhor apareceu-lhe em sonhos
e disse-lhe: "José, filho de David,
não temas receber Maria, tua esposa,
pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo.
Ela dará à luz um filho,
ao qual darás o nome de Jesus,
porque Ele salvará o povo dos seus pecados".

Silêncio

Quando S. Mateus nos conta este sonho de S. José, junta-lhe umas palavras ditas muitos séculos antes por um profeta, um homem que falava em nome de Deus. S. Mateus diz-nos que essas palavras se cumpriram com o nascimento de Jesus. Vamos continuar a ouvir:

Leitor/a: (Mt 1, 23):

"**Eis que uma virgem conceberá**

e dará à luz um filho;
e hão de chamá-lo Emanuel,
que quer dizer: Deus connosco."
Palavra da Salvação.
***Todos*: Glória a Vós, Senhor!**

Silêncio

Aqui na nossa mesa, junto do presépio, está a Bíblia, onde vêm aquelas palavras do profeta. Qual foi o nome que o profeta disse que devia ser dado a Jesus? (...)

Na língua de Jesus é "Im-manu-el". Mas S. Mateus explica que essas palavras, que nós costumamos dizer Emanuel, querem dizer Deus connosco.
Então Jesus tinha dois nomes?

Não. Emanuel é a explicação de quem Ele é de verdade: Ele é Deus connosco.
Nós já sabemos o que Deus disse de Jesus: Este é o Meu Filho muito amado! Ele é o Filho de Deus, o próprio Deus, que veio viver connosco.

*Afixar o **dístico "Deus connosco"** por baixo do dístico "Ave-Maria".*
Fica muito bem aqui: "Avé-Maria" é o que dizemos à Mãe de Deus; "Deus connosco" é Jesus, o Filho de Deus e de Maria, como descobriu S. José, escolhido por Deus para ser o seu pai na terra.
Vamos dizer a nossa alegria por termos Deus connosco. De pé, dizemos:
Oração:

É bom ter Deus connosco em seu Filho, Jesus.
É bom saber que Deus veio ter connosco
Para nos livrar de todo o mal.
É bom saber que Jesus, o Filho de Deus,
Veio para nos salvar!

3. ADORAÇÃO DO MENINO

Mas no nosso presépio falta ainda a figura principal. Quem falta? (...)
Então vamos receber a imagem do Menino Jesus. Vai ser trazido por (*nome*), acompanhado por dois meninos com velas acesas. Cantamos com muita alegria:

"**Alegrem-se os céus e a terra**" (*ou outro cântico natalício*).

Alegrem-se os céus e a terra,
Cantemos com alegria,

Já nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.
Entrai, pastores, entrai
Por esse portal sagrado;
Vinde adorar o Menino
Numas palhinhas deitado.

Entrai, pastores, entrai
Por esse portal adentro;
Vinde adorar o Menino
No seu santo nascimento.

Depois de chegarem à frente, voltados para as crianças, o catequista, se achar oportuno, convida os presentes a irem beijar a imagem do Menino, nas mãos de quem a transportou. Durante esse tempo, continua-se a cantar o mesmo cântico ou o do início. No final, a imagem do Menino é colocada em cima da palha, dentro da gruta, ficando as velas acesas uma de cada lado da gruta.

4. ORAÇÃO E GESTO DA PAZ

Agora o nosso presépio está completo. Mas ainda podemos acrescentar mais alguma coisa. Tenho aqui os corações com os nossos nomes.
Distribuir os corações pelas crianças.
Agora podemos, cada um e cada uma de nós, pôr o coração junto do presépio. É uma maneira de dizermos a Jesus, Deus connosco, que somos amigos dele e estamos muito contentes por Ele estar connosco. Cada menino e cada menina vai acompanhado pelos pais quando for colocar o seu coração ao pé do presépio, porque foram os pais que vos inscreveram na catequese e que estão convosco todos os dias.
Enquanto colocamos os corações e cantamos: "***Senhor, para ti, o meu coração***".
Senhor, para ti o meu coração.
Senhor, para ti o meu coração.

Jesus é o amigo das crianças,
Dos pobres, dos simples, dos pequeninos.

"Deixai vir a Mim as criancinhas;
Seus anjos contemplam a Deus no Céu."

5. DESPEDIDA

Agora a nossa festa de Natal chegou ao fim, mas ainda falta o mais importante: celebrarmos

o nascimento de Jesus na missa da noite ou do dia de Natal. Também nas nossas casas já temos sinais de Natal? Que sinais são? (...) Decorações, árvore de Natal, presépio... Vamos para as nossas casas a saber melhor que a razão da alegria e das prendas do Natal é o nascimento de Jesus, que é Deus connosco, o Emanuel, a maior prenda que Deus nos deu.

Vamos sair a cantar esta alegria: ***"Alegrem-se os céus e a terra"***.

Alegrem-se os céus e a terra,
Cantemos com alegria,
Já nasceu o Deus menino
Filho da Virgem Maria.

NOTA – Compromisso: No final da celebração, o catequista recolhe os corações de cartolina e guarda-os para uso futuro. Indicar às famílias que, com a página 37 do catecismo, devem conversar com as crianças sobre o Natal como um tempo de paz: de ajuda mútua, de partilha, de alegria...

SÍNTESE DOUTRINAL DO 1º BLOCO

Jesus é o nosso maior Amigo

Jesus é o Filho de Deus

Na catequese, na missa, ainda hoje se escutam as suas palavras

A Palavra de Deus está na Bíblia

Jesus ensina-nos a amar, a respeitar, a dizer a verdade, a obedecer

Seguir Jesus é encontrar a verdadeira alegria

Maria, a Mãe de Jesus, é modelo de fé e de cumprimento da vontade de Deus

Natal: Jesus é Deus connosco

Aprendo a dizer "Pai-Nosso"

2º BLOCO

Após o Natal, o Batismo de Jesus é visto como a manifestação do amor de Deus Pai e início da sua atividade messiânica para anunciar o Reino de Deus.

É de Deus que, nos encontros seguintes, Jesus nos fala: como seu Pai e nosso Pai.

- Com isso, e ao mesmo tempo, as crianças vão sendo progressivamente introduzidas na oração que Jesus nos deixou como modelo.
- À medida que a vão aprendendo e compreendendo o sentido das suas palavras, serão motivadas para fazerem dela a expressão da sua fé que será afirmada na oração, nomeadamente, na oração em Igreja.
- Termina-se com uma referência vivencial ao Mistério Pascal: Jesus, entregando-se ao Pai, deu a vida por nós e, pela sua ressurreição, venceu a morte.

CATEQUESE 9

JESUS ANUNCIA-NOS O REINO DE DEUS SEU PAI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A (re)descoberta do religioso

Nota-se hoje em dia um interesse crescente pelas grandes religiões que, durante os séculos da sua existência, têm proporcionado aos crentes solução para as grandes questões que afetam a humanidade e que só em Deus encontram uma resposta. Visto de um modo muito genérico, este fenómeno tem, pelo menos nas sociedades ocidentais, a sua origem nos efeitos negativos de uma opção que consiste em construir a vida apenas sobre o ser humano: um humanismo sem Deus, que deu origem a uma série de situações desumanas e que criou um vazio no qual a vida humana perde o seu sentido último.

Também há, atualmente, muitas pessoas a rezar, pessoas que procuram retirar-se para escutar a Palavra de Deus e confrontar com Ele a sua vida. Há pessoas que peregrinam até um santuário, há pessoas que procuram, no silêncio e recolhimento de uma igreja ou mosteiro, saborear a paz que o lugar proporciona...

As razões para esta (re)descoberta da importância e necessidade da espiritualidade e da oração, são muitas e variadas. Mas na base de todas elas está, direta ou indiretamente, a (re)descoberta de que, sem Deus, a vida não tem sentido...

2. "Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus"

É este o título que Marcos dá ao seu livro. A Boa-Nova de que Jesus é o Messias e Filho de Deus, que começou por ser anunciada de viva voz, é por ele redigida por escrito, para que, deste modo, ultrapasse todas as fronteiras do tempo e do espaço e chegue até nós, com a mesma energia vivificante com que era anunciada pelas testemunhas do Ressuscitado.

Hoje somos nós os destinatários e, ao mesmo tempo, os mensageiros desta Boa-Nova. Na medida em que nos deixamos conquistar por ela, nos convertemos e acreditamos naquele que esta Boa-Nova anuncia, tornamo-nos seus mensageiros. Na medida

em que encontramos Cristo e ficamos por Ele possuídos, com o poder vivificante do seu amor, não podemos deixar de dar testemunho dele. Jesus anunciou a Boa-Nova predominantemente através das suas ações. Elas falavam por si. Nelas aparecia ao vivo o Reino de Deus que as suas palavras proclamavam.

E foi também com toda a sua vida que Jesus nos ensinou a rezar. "A oração cristã é uma relação de aliança entre Deus e a humanidade, em Cristo. É ação de Deus e do homem; jorra do Espírito Santo e de nós, toda orientada para o Pai, em união com a vontade humana do Filho de Deus feito homem" (cf. CIC 2562-2564).

3. "O Reino de Deus está próximo"

É com estas palavras que o Evangelista S. Marcos resume o "Evangelho de Deus" proclamado por Jesus, o Messias: "Completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho" (Mc 1, 15).

Antes (Mc 1, 1-13) faz a apresentação de Jesus como "Cristo, Filho de Deus" (v.1). Ou melhor, coloca o próprio Deus a introduzi-lo aos leitores, primeiro através da citação de algumas passagens do Antigo Testamento, depois através desse mensageiro, João Baptista, o último dos profetas, que aponta para Jesus como Aquele diante do qual não é digno de se inclinar para lhe desatar as correias das sandálias... "Ele há de batizar-vos com o Espírito Santo" (Mc 1, 7-8). Finalmente, aparece em cena o próprio Jesus que, no Batismo administrado por João, recebe a energia vivificante do Espírito e ouve da boca de Deus estas palavras: "Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus todo o meu agrado" (Mc 1, 9-11).

No Evangelho de S. Lucas vemos Jesus a estremecer de alegria sob a ação do Espírito Santo e a dizer: "Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado" (Lc 10, 21).

E se a bênção de Deus está na origem da oração de bênção pronunciada por Jesus, na alegria do Espírito Santo, esta mesma oração torna-se a fonte de mais bênçãos. A começar pelo próprio Jesus que, na sua oração sente e vive com especial intensidade a comunhão vital que o une ao Pai, assim imediatamente expressa: "Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho houver por bem revelar-lho" (Lc 10, 22).

OBJETIVOS

- Descobrir como Jesus é amado por Deus;
- Entender como a oração de Jesus manifesta a sua união com Deus;
- Alegrar-se pelo anúncio do Reino de Deus e querer tomar parte no anúncio deste Reino.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A mensagem do Reino de Deus, proclamada por Jesus no início da sua vida pública, depois da experiência determinante do seu Batismo, volta a ressoar na sala de catequese. E as crianças são motivadas a acolhê-la pela fé: é a resposta humana ao amor de Deus, uma resposta provocada pelo próprio Deus.
2. Esta catequese é a primeira de um conjunto sobre a oração, em que se insere, como parte central, a oração dominical. Como se aprende a rezar sobretudo rezando, todas estas catequeses têm um cunho essencialmente prático. Às crianças são oferecidos meios e modelos de oração, que são convidadas a assumir como oração própria.
3. Na sua base está a experiência vivificante e gratificante do Reino de Deus. É pela fé, expressa e vivida na oração, que o Reino de Deus é acolhido. E é pela colaboração no anúncio do Reino que Deus reina naqueles que a Ele aderem.

MATERIAIS

- Gravura do Batismo de Jesus;
- Uma cartolina vermelha, recortada em forma de coração e de tamanho bastante grande;
- Algumas tiras pequenas de cartolina e marcadores;
- Pequenos corações de cartolina com os nomes das crianças e do catequista (os mesmos usados em catequeses anteriores);
- Dísticos: "Pais/Mães"; "Jesus"; "Deus Pai"; "Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra".

MÚSICAS

- Dlim-dlão (ou outro natalício);
- Jesus Cristo é Senhor.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* Só o coração de cartolina vermelha.
- Os corações com os nomes estarão guardados até ao momento de serem entregues.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Recordamos o Natal*

   O catequista convida as crianças a cantar o ***cântico*** *utilizado na catequese da celebração do Natal:*

   "**Dlim-dlão**" (*ou outro natalício*).

Com este cântico de Natal que cantámos na última catequese estamos a recordar o nascimento de Jesus. Tivemos aqui uma festa muito bonita, com os vossos pais. E lá em casa? (...)

Dialogar com as crianças.

Espero que todos se tenham também lembrado de rezar a "Avé-Maria", a Nossa Senhora, Mãe de Jesus e nossa Mãe.

1. *O coração que tem mais amor*

Hoje no nosso placar, temos um coração muito grande. Quase não podia ser maior, senão nem cabia no placar.

De quem será este coração? Vamos tentar descobrir a quem é que ele pertence.

Para começar vamos pensar nas pessoas de quem mais gostamos... E vamos também pensar quem são as pessoas que mais gostam de nós...

Quem quer dizer em quem pensou? (...)

*É natural que as crianças mencionem os pais. Mas se surgirem outros nomes, o catequista escreve-os nas tiras de cartolina. Depois afixa no placar o dístico "**Pais/Mães**" (e eventualmente os outros nomes referidos).*

Então este coração grande (*apontar o placar*) é o dos vossos pais (*ou das outras pessoas mencionadas)*? (...)

Claro que os vossos pais têm um coração grande, um coração que vos ama muito.

Mas quem é que faz com que os nossos pais nos amem tanto? Quem coloca no coração deles um amor tão grande? (...)

Deixar que se exprimam e continuar:

Sem Jesus, os nossos pais não gostariam tanto de nós. Então, nesse caso, este coração deve ser o de Jesus.

*Afixar o dístico "***Jesus***".*

De facto, Jesus ama-nos mesmo muito. E um dos sinais disso é Ele dar-nos pessoas que nos amam tanto, pessoas com um coração grande.

Mas agora podemos fazer a mesma pergunta a Jesus: quem é a pessoa de quem Ele gosta mais e que mais amor lhe tem? Vamos ver o que Ele nos responde.

II. PALAVRA

1. *Jesus é batizado por João Batista*

Quando Jesus tinha cerca de 30 anos resolveu sair da sua terra para ir ter com João Batista. João era seu primo e tinha ido para junto de um rio, chamado Jordão.

Aí convidava as pessoas a serem melhores, a não fazerem maldades que ofendem a Deus e aos outros. E as pessoas que aceitavam o convite de João eram batizadas por ele: entravam na água do rio para mostrar que queriam lavar-se de todo o mal, emendar-se, serem melhores. João era conhecido como João Batista, porque batizava essas pessoas. Batizar quer mesmo dizer "entrar na água".

Aconteceu então que Jesus foi ter com ele para ser também batizado. Jesus não fazia maldades, não fazia pecados de que tivesse de se emendar. Mas queria mostrar a todos que achava bem o que João Batista ensinava e fazia.

Vamos saber o que aconteceu quando Jesus foi batizado por João Batista.

Leitura (Mc 1, 10-11):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Marcos

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Catequista:
Quando Jesus saiu da água,
viu serem rasgados os Céus
e o Espírito descer sobre Ele como uma pomba.
E do céu veio uma voz:
"Tu és o meu Filho muito amado,
em ti pus todo o meu agrado..."

Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Silêncio

*Afixar a **gravura do Batismo de Jesus**, deixar contemplar e dialogar sobre ela.*
De quem são estas palavras vindas do Céu? (...)
São parecidas com aquelas que Deus disse no alto monte, quando Jesus se tornou muito luminoso, não são?

Então quem é que tem mais amor a Jesus? (...) Deus Pai diz a Jesus que o ama muito, mesmo muito. E o Espírito Santo vem também mostrar que está com Jesus.
*Retirar a **gravura do Batismo de Jesus**.*

2. *O Evangelho é uma Boa Notícia*

Depois do seu Batismo, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho, dizendo: "**O Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e acreditai no Evangelho**".

Jesus começou a anunciar o Evangelho. "Evangelho" quer dizer Boa-Nova ou Boa Notícia. E essa boa notícia era: **o Reino de Deus está próximo**.

Quando as pessoas ficam a conhecer Deus e fazem o que Deus quer delas, então já estão no Reino de Deus: o Reino de Deus está onde as pessoas já não fazem maldades, sentem que são amadas e se sentem felizes.

Depois de Jesus ouvir a voz de Deus Pai a dizer que o amava muito, mesmo muito, começou a pregar, a dizer a toda a gente: o Reino de Deus está próximo. Então quem é que gosta mais de Jesus e de quem é que Ele gosta mais? (...)

*Afixar, por baixo do dístico anterior, o dístico: "**Deus Pai**".*

Então este coração tão grande representa também o coração de Deus. Agora sabemos que foi o Reino de Deus que Jesus nos veio anunciar.

3. *Jesus falava com Deus, seu Pai*

Depois de Jesus começar a anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus, começaram a juntar-se a Ele alguns amigos: eram homens e mulheres que aceitavam a sua Boa Notícia, se convertiam e andavam com Jesus.

Quando os discípulos de Jesus já eram muitos e já sabiam bem o que Jesus fazia pelo Reino de Deus, Jesus mandou um grupo deles para outras terras anunciar também que o Reino de Deus, o seu amor e a sua paz, tinha começado com Jesus. Diziam a toda a gente que Jesus era mesmo mandado por Deus, o seu Filho muito amado.

Passado um tempo, esses discípulos de Jesus voltaram e contaram-lhe tudo o que tinham feito e que muitas pessoas tinham aceitado a Boa Notícia do Reino de Deus e se tinham tornado amigas de Deus e dos outros. Nesse momento, **"Jesus estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo e disse"**:

Leitura (Lc 10, 21-22):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Lucas

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

Catequista:
"Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra,
porque escondeste estas coisas
aos sábios e aos inteligentes
e as revelaste aos pequeninos.
Sim, Pai,
porque assim foi do teu agrado.
Tudo me foi entregue por meu Pai,
e ninguém conhece quem é o Filho
senão o Pai,
nem quem é o Pai
senão o Filho
e aquele a quem o Filho
houver por bem revelar-lho."

Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor!

Silêncio

Há pouco ouvimos como Deus Pai falava de Jesus. Agora ouvimos Jesus a falar com Deus, seu Pai.

Afixar o dístico: ***"Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra".***
Como é que Ele falava? *Dialogar com as crianças...*
Jesus mostra como conhece o Pai e O ama. Jesus, o Filho de Deus muito amado, muito querido, fala com o Pai com muito amor e muita confiança.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Deus o amor que nos tem*
Já sabemos que aquele coração grande é o de Jesus, de Deus: ninguém nos ama tanto como Deus. O amor de todas as pessoas vem de Deus. As pessoas que procuram amar como Ele, estão a aceitar o seu Reino, o seu amor, a sua paz, como Jesus nos ensina. E nós com certeza também queremos fazer parte desse grupo de pessoas. (...) Então falta ali alguma coisa no placar. O que será? (...) Somos nós todos, não é verdade? Então vamos fazer assim: eu vou dar a cada uma e a cada um aquele coraçãozinho com o seu nome.
Entregar a cada criança o respetivo coração de cartolina.

Agora vamos colocar o nosso coração junto ao coração de Deus. E quando o colocamos dizemos:
"**Obrigado, meu Deus, pelo teu grande amor**".

Cada um coloca o seu coração, dizendo a frase.

2. *Queremos fazer parte do Reino de Deus*
   O catequista ensaia o ***cântico****:*
   "**Jesus Cristo é Senhor**" (*refrão e 1ª estrofe*).
   O refrão pode ser acompanhado dos seguintes gestos:
   "**Jesus Cristo é o Senhor** (mãos erguidas)
   Que do seu Pai nos traz (braços abertos)
   Um Reino só de amor (mãos pousadas no coração)
   Um Reino só de paz" (todos de mãos dadas).

   É um cântico bonito não é? E cantado também com o nosso corpo ainda é mais bonito. Com este cântico estamos a cantar o que Jesus hoje nos disse de Deus seu Pai: que Ele nos traz um Reino só de amor, um Reino só de paz. É uma alegria muito grande podermos fazer parte do Reino de Deus.

   Então vamos cantar o cântico, mas agora como uma oração.
   "**Jesus Cristo é Senhor**" (*refrão e 1ª estrofe*).

3. **Compromisso**
   Já que hoje falámos das pessoas de quem mais gostamos e que mais amor por nós têm, lá em casa podem contar a essas pessoas o que hoje ficaram a saber: vão ficar contentes por saber que elas também estão junto do coração de Deus. Depois, na página 41 do vosso catecismo, vão desenhar essas pessoas e completar as palavras com que podem agradecer a Deus o Seu Amor (*mostrar*). Muitas vezes, o amor que Deus tem por nós mostra-se através das pessoas que nos amam! E, ao longo da semana, não se esqueçam de rezar por essas pessoas!

CATEQUESE 10

PAI-NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **"Senhor, ensina-nos a rezar" (Lc 11, 1)**
   Foi o pedido feito pelos discípulos a Jesus, ao verem como Ele falava com Deus, seu Pai. Também nós podemos pedir como eles: Senhor, ensina-nos a rezar como tu rezaste!...

   - Quando subiste das águas do Jordão onde foste batizado, para partires, com a força do Espírito e as palavras do Pai, pelas terras da Palestina, na bela e feliz missão de instaurares o Reino de Deus (Lc 3, 21-22);
   - Quando, na sinagoga de Nazaré, te dispuseste a anunciar a Boa-Nova aos pobres, conforme a palavra profética que leste e comentaste (Lc 4, 16- 21);
   - Quando tomaste a decisão de alargar o anúncio do Reino a outras cidades, para além de Cafarnaum, por onde começaste (Lc 4, 42);
   - Quando, perante os sucessos da tua missão, te afastavas para lugares solitários (Lc 5, 16);
   - Quando subiste ao monte e, durante toda a noite, te preparaste para escolher os doze discípulos que irias constituir teus Apóstolos (Lc 6, 12-16);
   - Quando de novo subiste ao monte, onde foste transfigurado diante dos três discípulos que tanta dificuldade sentiam em compreenderem que deviam seguir-te até ao sacrifício da cruz (Lc 9, 28-36);
   - Quando os setenta e dois discípulos, por ti enviados a anunciar o Reino de Deus, regressaram com a alegria expressa nas palavras com que te relataram o êxito da sua missão (LC 10, 17-24);
   - Quando te retiraste para o Monte das Oliveiras e te preparaste para beber o cálice do sofrimento que te estava a ser preparado (Lc 22, 39-46);

- Quando, suspenso na cruz, respondeste à injustiça e ignomínia da crucifixão com o pedido de perdão para os teus algozes (Lc 23, 34);

- Quando, finalmente, ofereceste ao Pai o teu Espírito e, assim, venceste para sempre a morte (Lc 23, 46).

Ensina-nos, Senhor, a rezar para sermos mensageiros dignos da missão que nos confiaste de sermos tuas testemunhas até aos confins da terra (At 1, 8).

2. "Pai"

Escreve o poeta que "todo o homem quando é pai, toda a mulher quando é mãe, são a imagem de Deus, de onde toda a vida vem" (F. Melro). Na verdade, toda a paternidade/ /maternidade humana reproduz essa realidade que é a própria essência de Deus.

Na Sagrada Escritura, já no Antigo Testamento, Deus é por vezes apresentado como Pai, além de lhe serem atribuídas as funções paternas de origem de vida, de proteção, sustento... Israel atribui-lhe a vida que tem como povo, a intervenção decisiva na sua libertação do Egito e noutras libertações ao longo da história, a aliança que lhe garante a atenção amorosa de Iavé. Nalguns casos, Deus é também comparado a uma mãe (cf. Is 49, 15; Os 11, 1-4).

Jesus dá a este conceito uma expressão nova, fruto da sua relação única com Deus. Quando Jesus se dirigia a Deus chamava-lhe habitualmente "*Abbá*", um termo aramaico, diminutivo de "*Ab*", que, por isso, se devia traduzir por "Papá" e que até então era usado apenas no âmbito familiar: pelos filhos, predominantemente de tenra idade, para com os pais. Nunca, porém, tanto quanto se sabe, do ser humano para com Deus.

Portanto, entre Jesus e Deus havia uma ligação de filiação e paternidade idêntica àquela em que "filho e pai" eram usados em sentido próprio. Jesus manifestava consciência e convicção de ser naturalmente Filho de Deus.

Aos discípulos, que lhe pediam "Senhor, ensina-nos a rezar", Ele responde (Lc 11, 2): "Quando rezardes dizei: «Pai»...". O termo, que assim é traduzido para grego, a língua do NT, era provavelmente em aramaico, a língua falada por Jesus, "*Abbá*". A melhor prova disso é o facto de S. Paulo citar esse termo, no seu original, em duas passagens relativas à relação filial com Deus, adquirida pelos crentes a partir do Batismo (Rm 8, 15; Gl 4, 6). Em ambos os lugares, quem assim nos permite dirigir-nos a Deus é o seu Espírito e do seu Filho Único, Jesus Cristo: o mesmo Espírito que une, em comunhão "natural", Jesus com Deus, une-nos ao mesmo Deus seu Pai, tornando-nos também filhos e por isso podemos, com toda a razão, chamar a Deus "Papá", "*Abbá*".

3. **"Pai-Nosso que estais nos Céus"**

Na versão de Mt 6, 9, ao termo "Pai" é acrescentado o possessivo "nosso". Não para exprimir "uma posse, mas sim uma relação totalmente nova com Deus" (CIC 2786). «Quando dizemos Pai "nosso", reconhecemos, antes de mais nada, que todas as suas promessas de amor, anunciadas pelos profetas, se cumpriram na *Nova e Eterna Aliança* no seu Cristo: nós tornámo-nos o "seu" povo e Ele é doravante o "nosso" Deus» (Ibidem 2787).

Mas este "nosso" tem o seu fundamento em Cristo. «Rezando ao "nosso" Pai, é ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que nós nos dirigimos pessoalmente. Não dividimos a divindade, pois que o Pai é a sua "fonte e origem", mas confessamos desse modo que o Filho é por Ele gerado eternamente e que d'Ele procede o Espírito Santo» (Ibidem 2789). Neste sentido, neste "nosso" com que invocamos a Deus como Pai, está também envolvido Jesus Cristo. Sempre que rezamos Ele reza connosco, uma vez que é o seu Espírito que reza em nós (cf. também CIC 2790, 2792, 2793).

"Que estais nos céus"... *Céus*, não significa um lugar (o espaço), mas um modo de ser; não é o distanciamento de Deus, mas a sua majestade. O nosso Pai não está "algures", está "para além de tudo" o que podemos conceber da sua santidade. E é por ser Santo que Ele está mesmo junto do coração humilde e contrito: «É com razão que estas palavras: "Pai-Nosso que estais nos Céus" se referem ao coração dos justos, nos quais Deus habita como em seu templo. Por isso, também aquele que ora há de desejar ver morar em si Aquele a quem invoca» (S.^{to} Agostinho).

"Os *Céus* também poderiam muito bem ser aqueles que trazem em si a imagem do mundo celeste e em quem Deus mora e passeia" (S. Cirilo de Jerusalém – CIC 2794).

Para que assim seja, rezamos ao nosso Pai que está nos céus, não esquecendo que a oração da fé tudo pode, a oração em que, como filhos muito amados, nos entregamos confiantes a Deus nosso Pai.

OBJETIVOS

- Dispor-se a aprender a rezar com Jesus;
- Acolher e rezar a oração que Jesus nos ensinou;
- Compreender o sentido da invocação "Pai-Nosso que estais nos Céus".

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Uma catequese sobre a oração só resulta, se for feita em oração e em união com Jesus que é, para nós cristãos, o maior modelo de oração. Por isso, a experiência humana já é feita a rezar: assume-se a oração feita por Jesus na catequese anterior, em que Ele

rezou por aqueles a quem vai ensinar a rezar, mostrando, ao mesmo tempo, o lugar e o poder que a oração teve na sua vida e atividade messiânica.

2. Começamos nesta catequese a apresentar o Pai-Nosso, limitando-nos a introduzir o contexto em que surge nos Evangelhos e a apresentar a oração, sem termos ainda a preocupação de levar as crianças a memorizá-la. Essa memorização irá ser feita ao longo de todo o Bloco.
3. Nesta catequese apenas serão explicadas as primeiras palavras, permitindo às crianças aprofundar as noções de paternidade/filiação na nossa relação com Deus e começar a desmistificar o termo "céus".

MATERIAIS

- Coração grande (catequese anterior);
- Imagem de Jesus a rezar rodeado pelos discípulos;
- Dísticos: "Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra" (catequese anterior); "Senhor, ensina-nos a rezar"; "Pai-Nosso, que estais nos Céus";
- Tiras de cartolina com cada uma das preces do Pai-Nosso, numeradas (Documento 1);
- Leitor de CD e CD com o **Pai-Nosso** (melodia oficial).

MÚSICAS

- Pai-Nosso (melodia oficial);
- Vós, Senhor, sois o nosso Pai.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar* o coração grande de cartolina; a imagem de Jesus a rezar; o dístico: "Bendigo-te ó Pai, Senhor do Céu e da Terra".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A oração de Jesus*

   Hoje ainda temos aqui aquele coração muito grande. E representa o coração de quem? (...) Já sabemos que o amor de Deus é muito grande, por isso o representamos com este grande coração. Também sabemos que é o amor de Deus que põe o amor nos nossos corações, nos dos nossos pais, nos dos nossos amigos e de todas as pessoas. E nesta gravura o que está Jesus a fazer? (...) Sim, Jesus está a rezar, a falar com Deus, seu Pai.

   Nós também temos aqui umas palavras que ouvimos na última catequese. Quem disse estas palavras? (...) O que é que Jesus queria dizer a Deus quando rezou assim?

Dialogar com as crianças.
Jesus está a bendizer a Deus, a agradecer-lhe por todo o amor que o Pai tem por ele e também por nós. Jesus reza por todas as pessoas para que todas aceitem o Reino de amor e de paz, de Deus seu Pai.
Vamos rezar com Ele!
Podemos começar por nos benzer:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

E dizemos todos:
Obrigado, Jesus, porque és meu amigo
Obrigado, Jesus, porque rezas por mim.

Catequista:
Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra,
porque revelastes o teu reino de amor e de paz
aos pequeninos que creem em ti".

Todos:
Obrigado, Jesus, porque és meu amigo
Obrigado, Jesus, porque rezas por mim.
"**Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ámen**".

2. *Aprender a rezar com Jesus*
Vamos agora pegar no catecismo e vamos abri-lo na catequese 2. (*O catequista pode indicar a página*).
Que vemos aí? (...)

Jesus no alto do monte com três amigos seus, Pedro, Tiago e João, e a tornar-se luminoso, muito luminoso.

Podem ler as palavras de Deus que se ouviram: "Este é o meu Filho, muito amado. Escutai-o".
Antes disto acontecer, Jesus tinha estado a rezar no monte a Deus, seu Pai. Falou com Ele, como Filho que gosta muito de Deus e, por isso, é que Deus, depois, declarou que também o amava muito.

Para Jesus era muito importante rezar. E ele rezava muitas, muitas vezes. Quando tinha alguma coisa importante para fazer, rezava primeiro a Deus, seu Pai.

Os discípulos viam como Jesus rezava e então um deles fez-lhe este pedido:
*Afixar o **dístico**: "**Senhor, ensina-nos a rezar**" e deixar contemplar por uns momentos. Depois convidar a lerem todos juntos*:
"**Senhor, ensina-nos a rezar**".

II. PALAVRA

1. ***Jesus ensina-nos a rezar***
Será que Jesus ensinou mesmo os discípulos a rezar? (...) Claro que ensinou. E como os discípulos deixaram tudo isso escrito na Bíblia, assim Jesus também nos ensina a nós a rezar.
Então vamos já saber como foi.

Leitura (Mt 6, 9-13):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Mateus

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Catequista:
Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
"Rezai, pois, assim:
Pai-Nosso, que estais nos Céus,
Santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino;
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje.
Perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,
E não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal".

Palavra de Salvação.

Crianças:
Glória a Vós, Senhor!

Silêncio

Quem é que já conhece esta oração? (...) Onde é que costumamos rezá-la? (...) Sempre que vamos à missa, não é? Há alguma menina ou menino que já a saiba rezar? (...) Agora vamos ouvi-la cantada, como também se canta às vezes na missa.

Colocar CD com o Pai-Nosso cantado.

Podemos abrir os catecismos (*indicar a página 43*) e temos aí esta oração ensinada por Jesus. Vamos todos ler alto, devagarinho, com muita atenção...

2. *Pai-Nosso*

Afixar o dístico: "***Pai-Nosso, que estais nos Céus***".

Agora olhamos para as primeiras palavras da oração que Jesus nos ensinou. Jesus disse-nos que chamássemos a Deus **Pai**, como Ele chama. E depois juntou **nosso** *(apontar a palavra na frase)*.

Porquê? (...) Porque Deus é o Pai de todos nós. Somos todos filhos de Deus e irmãos de Jesus e por isso podemos dizer juntos a Deus: Pai-Nosso!

Vamos dizer? Do fundo do nosso coração, como filhos muito amigos...

Todos: *Pai-Nosso!*

3. *Que estais nos céus*

Jesus diz-nos também que o nosso Pai está nos Céus *(indicar as palavras na frase)*. O que será que isso quer dizer? Que anda lá por cima como os aviões, ou os foguetões? (...) Não, claro. Os céus de que Jesus fala são a vida no amor. Nos Céus de Deus só há amor e coisas boas: carinho, alegria, amizade para todos...

Deus deu-nos Jesus, que tanto nos ama, a nós e a todas as pessoas, para nos ensinar e nos abrir o caminho para os Céus.

Vamos dizer então, com todo o nosso amor: ***Pai-Nosso, que estais nos Céus!***

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Cantamos ao Pai dos Céus*

Vamos aprender um cântico para nos ajudar a dizer como estamos contentes, porque o Pai de Jesus também é nosso Pai.

Ensaiar o refrão:

"Vós, Senhor, sois o nosso Pai".

Agora podemos cantar ao Pai que está nos Céus, com o nosso coração e as nossas mãos levantados. Então, de pé, sabendo que Jesus também reza connosco, levantamos as mãos e cantamos:

"Vós, Senhor, sois o nosso Pai" (*refrão*).

Agora cantamos de mãos dadas, porque quando cantamos a Deus, que é Pai de todos, somos amigos e irmãos uns dos outros. Então de mãos dadas cantemos:
"Vós, Senhor, sois o nosso Pai" (*refrão e quarto verso*).
E agora, ainda de mãos dadas, vamos pensar nos nossos pais e mães da terra. Se eles estivessem aqui, também lhes dávamos as mãos. Então, unidos a eles cantemos:
"Vós, Senhor, sois o nosso Pai" (*refrão e quarto verso*).

2. *Rezamos como Jesus nos ensinou*
Começámos hoje a aprender a sério a oração do Pai-Nosso que nos foi ensinada por Jesus e vamos continuar a aprendê-la nas próximas catequeses. Aprender não é só saber de cor. É perceber bem o que estamos a dizer.

Agora vou distribuir por todos uns cartões com as frases do Pai-Nosso. Depois dizemos todos, como disse aquele discípulo de Jesus: "Senhor, ensina-nos a rezar". A seguir, quem tiver a 1ª frase lê-a; e depois quem tem a 2ª frase lê-a; e continuamos sempre assim até ao fim.
Mas vamos lembrar-nos de que estamos a rezar, a falar com o nosso Pai do Céu.

O catequista distribui os cartões com as frases pelas crianças, ficando mais do que uma com cada cartão, se forem muitas; ou cada criança com mais do que um cartão se, pelo contrário, forem muito poucas.
Então, voltados para aquela imagem de Jesus, pedimos:

***Todos*: Senhor, ensina-nos a rezar!**
1ª Criança (s): Pai-Nosso, que estais nos Céus
2ª Criança (s): Santificado seja o vosso nome.
3ª Criança (s): Venha a nós o vosso Reino.
4ª Criança (s): Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu.
5ª Criança (s): O pão nosso de cada dia nos dai hoje.
6ª Criança (s): Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.
7ª Criança (s): E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.
***Todos*: Ámen.**

3. **Compromisso**
A oração do Pai-Nosso é muito bonita e muito importante: foi Jesus quem nos ensinou a rezar a Deus Pai! Por isso contem aos vossos pais e familiares o que aprendemos com Jesus na catequese de hoje. Podem também pedir-lhes qua a rezem convosco. Os meninos e meninas que ainda não a sabem de cor podem rezá-la pelo catecismo. E, todas as noites podem rezar a Avé-Maria e o Pai-Nosso. Para vos lembrar disso estão estas imagens (*mostrar*) e frases para pintar e completar na página 44 e 45 do

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

1. **Pai-Nosso, que estais nos Céus,**
2. **Santificado seja o vosso nome.**
3. **Venha a nós o vosso Reino.**
4. **Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu.**
5. **O pão nosso de cada dia nos dai hoje.**
6. **Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.**
7. **E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.**

CATEQUESE 11

"SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. "Santificado seja"...

Não é fácil compreender todo o alcance significativo desta primeira prece da Oração Dominical, ou Pai-Nosso (cf. CIC nº 2807). Por várias razões. Mas esta petição é-nos ensinada por Jesus como um pedido, um desejo, uma expectativa na qual Deus e o homem estão empenhados.

«Quando dizemos "Santificado seja o vosso nome", estimulamo-nos a desejar que o nome de Deus, que é sempre santo em Si mesmo, seja também honrado como santo entre os homens, e nunca desprezado. E isto não é para benefício de Deus, mas dos homens» (Santo Agostinho, *Carta 130, a Proba, sobre a oração, 11-12*).

Desde a primeira petição ao nosso Deus, mergulhamos no mistério íntimo da sua divindade e no drama da salvação da nossa humanidade. Pedir-lhe que o seu nome seja santificado é envolvermo-nos "no desígnio benevolente que Ele de antemão formou a nosso respeito" (Ef 1,9), para que "sejamos santos e imaculados diante dele, no amor" (Ef 1, 4).

Não depende inicialmente de nós, porque o primeiro passo é dado por Deus. "É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o Seu Filho como vítima da expiação pelos nossos pecados" (1 Jo 4,10). Mas também depende de nós: a fé é a resposta humana a este amor extremo de Deus. É neste mistério de amor que somos convidados a mergulhar para que o Deus que assim se manifesta seja verdadeiramente santificado em nós, ou melhor santifique em nós.

2. O santo nome de Deus

O nome de Deus é santo, porque identificativo do seu ser, o Santo por excelência. À pergunta feita por Moisés ao Deus que se manifesta na sarça ardente, sobre qual é o seu nome, Ele responde: "Eu sou aquele que sou" (Ex 3, 14). Iavé é Deus, na medida em que está com os seus, para os libertar da escravidão a que estão a ser sujeitos

e os conduzir para uma terra onde, em plena liberdade, poderão saborear leite e mel. Ele é um Deus vivo, na medida em que dá a vida.

E é nesta grandeza, na sua glória inexcedível, que Ele é Santo. Santo, porque está acima de tudo o que é precário, terreno, limitado. Santo, porque é inexcedível no seu amor infinito. Santo, portanto, reconhecido, respeitado, adorado como tal. Foi este respeito sagrado que levou os judeus crentes, depois da experiência terrível do exílio na Babilónia (587 a.C.), a nem sequer ousar pronunciar o nome Javé. Por isso o substituíam de diversos modos, sendo o mais frequente o hebraico "*Adonaí*" que, à letra, significa "Senhor". Uma substituição que teve uma incidência decisiva na primeira tradução da Bíblia para grego, conhecida pela Tradução dos LXX. Aí o nome próprio de Deus é, quase sempre, traduzido por "*Kyrios*" – "Senhor". Um título que se impôs como nome, nomeadamente entre os primeiros cristãos que liam a Bíblia, predominantemente, na referida tradução grega.

Mas foi um título bem escolhido. "Senhor" exprime poder, mas o nosso Deus é *Senhor* pelo amor extremo com que está próximo de nós, tão próximo que se fez um *Deus connosco* em seu Filho Jesus Cristo.

3. Santo nos seus Santos

"Sede santos, porque Eu, o vosso Deus, sou santo" (Lv 11, 45). O título de "Santos" é hoje aplicado aos cristãos, já falecidos que, pela sua canonização, nos são propostos como modelos de santidade. Mas nos primeiros tempos do cristianismo não era assim: todos os cristãos eram tratados por santos. Era assim que S. Paulo, por exemplo, se lhes dirigia nas suas cartas: "aos chamados santos" (Rm 1, 6; 1 Cor 1, 2...).

Os cristãos eram aqueles que pelo chamamento de Deus aderiam ao Evangelho e pelo Batismo se tinham tornado "santos", propriedade divina, pessoas em quem Deus reina e se manifesta.

«Que a tua Santidade, ó Deus, seja uma estrela que caminha à nossa frente, a coluna de fogo que vai diante de nós, o assobio do pastor que nos serve de sinal... Na nossa humildade, somos a tenda onde Deus vai acampando no mundo, e cada dia vamos, num lugar diferente, num mundo novo... Como escrevia S.^{to} Agostinho: "A santificação do Nome de Deus é a nossa santificação". Os crentes (...) são servidores e viajantes, nómadas e enamorados peregrinos, leitores e ouvintes, adoradores implicados...» (Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na Terra,* p.75).

OBJETIVOS

- Compreender o significado da prece "Santificado seja o vosso nome";
- Descobrir o sentido e a importância do nome "Senhor";
- Contribuir para a santificação do nome de Deus pela oração em união com Jesus e por uma vida em união com Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Só é possível compreender um pouco do alcance da primeira prece da Oração Dominical através da sua prática. Por isso se investe na forma de conduzir as crianças à oração, um dos melhores meios para reconhecer como o nome de Deus é santo.
2. As crianças serão convidadas a conhecer os nomes e outros dados dos seus Santos patronos: se possível os que têm o mesmo nome que elas (ou então o Santo patrono da paróquia). Pela coincidência do nome, que diz muito às crianças desta idade, podem encontrar no patrono mais um incentivo à santidade. O catequista procure todos os meios para fornecer às crianças alguns dados biográficos sobre os Santos patronos. É uma boa oportunidade para solicitar a colaboração dos pais, instando-os, por exemplo, através de um email, a pesquisarem na internet essa informação, acompanhados dos filhos. Nesse caso, planifica-se uma catequese que inclua a presença e participação ativa dos pais.
3. Nesta catequese usam-se muito os gestos que podem acompanhar as expressões da oração. Devem ser bem explicados e, sobretudo, executados com respeito, não se esquecendo que a santificação inclui uma entrega total a Deus, de alma e corpo.

MATERIAIS

- Imagem da Última Ceia;
- Dísticos: "Jesus"; "Pai-Nosso que estais nos Céus" (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Senhor"; "O Senhor salva"; "Santificado seja o vosso nome".

NOTA – *Se existirem Santos ou Santas com os nomes das crianças, o catequista pode fazer uma pesquisa sobre a vida dessas pessoas, procurar imagens que as representem e colocar na parte de trás de cada imagem um pequeno texto que resuma a vida desse santo ou santa. Pode ser até que haja imagens de algum desses santos na igreja paroquial e, nesse caso, poderá indicar às crianças onde estão ou até levá-las a vê-las e a rezar junto delas. Se existirem mais do que um santo ou santa com o mesmo nome… escolher um ou uma. Se não for possível, encontrar santos para alguns nomes, referir o santo/santa a quem a igreja é dedicada. Se a dedicação da igreja for a alguma invocação de Jesus ou Nossa Senhora, escolher um santo/santa cuja imagem exista na igreja.*

MÚSICA

- Santo, Santo, Santo é o Senhor (J. P. Martins).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* o dístico "Pai-Nosso, que estais nos Céus";
- *Na mesa:* a Bíblia, ladeada por dois castiçais com as velas apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Santo é o Senhor!*

   Dialogar com as crianças: Quando vamos à missa, cantamos: "Santo, santo, santo é o Senhor..." Quem se lembra como cantamos? (...) *Cantar o cântico* ***Santo, Santo, Santo é o Senhor.***

   Neste cântico, ou mesmo quando dizemos as palavras sem as cantar, dizemos a Deus que Ele é santo, isto é, que Ele é muito, muito bom; que tem uma vida tão forte que chega para nos dar a nós e nos fazer bons como Ele. Também dizemos que Deus é Senhor. Esse é um nome muito antigo dado a Deus. Ele é que é o verdadeiro Senhor, Senhor de tudo e de todos, porque é Ele que dá vida a todos e a tudo quanto existe. É Ele que pode realmente ajudar todos, por isso Deus é o Senhor!

   Afixar o dístico: "***Senhor***".

2. *Jesus é o Senhor*

   Mas nós também chamamos Senhor a Jesus, porque Jesus é o Filho muito amado de Deus. Deus está presente nele. No nome "Jesus" também está a palavra "Senhor". Não parece, pois não? Mas na língua de Jesus, o nome **Jesus** quer dizer "O Senhor salva".

   *Afixar a seguir um ao outro os dísticos: "**Jesus**" e "**O Senhor salva**" e deixar contemplar...*

   Deus, o Senhor, salva-nos através de Jesus, que veio para nos salvar.

   Ser santo é ser bom, amar os outros como Jesus nos ensinou e ajudá-los a amar também, a serem bons também.

II. PALAVRA

1. *Santificado seja o vosso nome*

   *O catequista acende as velas, chama uma criança à frente, coloca nas suas mãos o **dístico "Santificado seja o vosso nome"**, indicando-lhe que o levante, voltado para as outras crianças. Depois o catequista pega no dístico, afixa-o e indica à criança que regresse ao seu lugar.*

   A seguir, prepara as crianças para o cântico acompanhado com gestos:

   Que significa ter as mãos juntas e levantadas (*o catequista faz o gesto*)? Significa que estão oferecidas a Deus. E quando inclinamos a cabeça? É um sinal de respeito.

Faz-se muitas vezes, na igreja e até fora da igreja. Para mostrar o respeito por alguém, inclinamo-nos diante dessa pessoa. Então agora vamos pôr as mãos juntas, inclinar a cabeça e cantamos:
"Santo, Santo, Santo é o Senhor".

Sabem o que é que nós fizemos com este cântico, cantado como oração e com estes gestos de respeito? (...) Vejam as últimas palavras que foram ali afixadas.

Vamos ler todos ao mesmo tempo:
"**Santificado, seja o vosso nome**".

E agora as duas frases que são as primeiras do Pai-Nosso:
"**Pai-Nosso, que estais nos Céus, Santificado seja o vosso nome**".

Leem todos juntos:

Com a nossa oração, feita com o corpo todo, já estávamos a santificar o nome de Deus, nosso Pai que está nos Céus.
Porque nos inclinámos com respeito ao nome de Deus... que é o Senhor!
Porque reconhecemos que Ele merece todo o nosso respeito. Porque dizemos que é "Santo", quer dizer que é muito, mesmo muito melhor do que nós.

2. *Jesus quer fazer-nos santos*
Afixar a gravura da Última Ceia e deixar contemplar.
Vemos aqui Jesus à mesa com quem? (...) Jesus estava a jantar, a cear, com os seus discípulos. Chamamos a essa refeição a Última Ceia. Já o ano passado na catequese se falou na Última Ceia. Quem se lembra do que aconteceu antes de Jesus se sentar à mesa com os discípulos? (...) Sim, Jesus lavou os pés aos discípulos para nos ensinar como devemos estar prontos a ajudar os outros. Agora vamos saber uma das coisas que Ele pediu ao Pai durante esse jantar. Vamos ouvir com muita atenção.

Leitura (Jo 17, 17-19):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

Catequista:
Naquele tempo,
Jesus rezou assim a Deus, seu Pai:
"Pai Santo,
Santifica na verdade
Aqueles que Tu me deste.
A tua Palavra é a verdade.
Tu me enviaste ao mundo
E também eu os enviei ao mundo
E por eles eu me santifico a mim mesmo
para que também eles sejam santificados
na verdade".

Palavra de Salvação.

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

Silêncio.

Acabámos de ouvir como Jesus pediu ao Pai pelos seus discípulos. Pediu para eles serem santificados, serem santos, vivendo na verdade e recebendo sempre no seu coração a Palavra de Deus. Mas não pediu só por aqueles discípulos que estavam à mesa com Ele. Pediu por todos os que haviam de se tornar seus discípulos, seus amigos. Então as palavras de Jesus são para todos nós. São para nós, para a nossa família, para os nossos amigos, para todos os que acreditam em Jesus e querem ser seus amigos. E como é que nós podemos ser santos, parecidos com o nosso Senhor? (...) Jesus ensinou-nos que devemos rezar para que o nome de Deus seja santificado. E que quanto mais amamos os outros, mais santos somos e mais ajudamos os outros a serem santos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Rezamos ao nosso Pai do Céu*
Chamar a atenção para os dísticos "**Pai-Nosso, que estais nos Céus**" "***Santificado seja o vosso nome***".
Deus é o nosso Pai. Vamos pedir-lhe que nos ajude a ser santos, a Ele que já é santo. Eu vou dizer outra vez a oração que Jesus fez por nós. E todos respondem:
"Pai-Nosso, que estais nos Céus,
Santificado seja o vosso nome!"
Oração:

Catequista:
Pai Santo,
santifica na verdade
estes meninos e meninas
que são teus e querem ser santos.

Crianças:
Pai-Nosso, que estais nos Céus,
Santificado seja o vosso nome!

Catequista:
Pai Santo,
santifica também os pais, avós,
familiares e amigos
destes meninos e meninas
e todos os cristãos
que existem no mundo
para que vivam segundo a tua Palavra
e sejam cada vez mais santos.

Crianças:
Pai-Nosso, que estais nos Céus,
Santificado seja o vosso nome!

Chamar a atenção para a página 48 do catecismo e mostrar que estas duas frases também lá estão.

2. *Ficamos a conhecer alguns santos*
Deus é santo, mas nós usamos a palavra "Santo" também para outras pessoas. Conhecemos alguns santos? (...) Dialogar com *as crianças sobre os santos de quem já ouviram falar.*
Santas são as pessoas amigas de Deus. São santificadas por Ele: tornam-se boas amigas, cada vez mais parecidas com Deus.

Conversar um pouco acerca dos santos representados na página: Santa Teresa de Calcutá viveu na Índia, ajudando os pobres e abandonados; S. Francisco, que conhecem do 1º catecismo (mostrar no catecismo 1) nasceu e viveu em Assis, na Itália, e fundou uma ordem de frades (à qual pertenceu S.to António), vivendo como os mais pobres e anunciando o amor de Deus por todos os seres humanos, respeitando também os animais e as plantas; S.to António era português, nasceu em Lisboa e foi frade franciscano, percorrendo os caminhos da Itália a anunciar a Palavra de Deus;

S.ta Teresinha (freira carmelita que morreu aos 24 anos) entregou-se a Jesus, rezando sempre por todos os que mais precisam de conhecer como Deus é santo e os ama. S. Francisco Marto e Santa Jacinta Marto eram dois meninos, pastorinhos da região de Fátima, a quem Nossa Senhora se mostrou. Embora fossem crianças, procuravam fazer sempre a vontade de Deus e rezavam muito, sobretudo pelas pessoas que não conheciam a Deus.

3. Compromisso

Esta semana vou pedir-vos um trabalho de detetive... Sabem o que é ser detetive? ... pois, alguém que resolve mistérios! Vamos lá ver qual será o mistério que devem resolver esta semana: trata-se de descobrir qual é o Santo Patrono da nossa Paróquia! Qual é o seu nome, que trabalho ele ou ela fez em nome do Senhor, isto é, vamos conhecer um bocadinho da sua história...

De acordo com as possibilidades das famílias ou dos materiais existentes na Paróquia – como obras de arte, folhetos, página da internet, ... – indicar às famílias alguns meios de consulta, que podem ser elencados num pequeno cartão com algumas explicações e enviado para casa, dirigido aos adultos.

Os resultados da pesquisa devem ficar registados na página 49 do catecismo. A síntese da pesquisa deve ocupar a parte introdutória da próxima catequese ou dar azo a um encontro especial das famílias que inclua um momento de oração bem preparado e um convívio.

Terminar com o cântico: ***Santo, Santo, Santo é o Senhor!***

CATEQUESE 12

"VENHA A NÓS O VOSSO REINO"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Reino

Quando se fala de Reino de Deus, o problema situa-se, de facto, ao nível daquilo que é expresso por tal linguagem. O Antigo Testamento refere-nos a desconfiança inicial em relação à instauração de um reino no seio do povo de Deus. Mesmo depois de estabelecida a monarquia, o profetismo, como voz crítica de Deus, defendia que o único Rei a quem todo o povo, incluindo o rei terreno, se devia submeter, era Deus. E é exatamente nessa perspetiva que se situa a atividade e a mensagem de Jesus Cristo.

"O que podemos dizer é que ele (o Reino) é inseparável de Jesus. (...) É inseparável deste *rasgar* da história aos pobres e infelizes, deste *bálsamo* derramado aos corações quebrantados, desta *palavra* de alento aos que já não esperavam nada. (...) Onde Jesus Cristo chegava, chegava o Reino. Onde Jesus Cristo estava, o Reino de Deus mostrava-se. Quando as pessoas tocavam em Jesus, estavam a tocar no Reino, quando o viam estavam a vê-lo. Quando escutavam as suas parábolas, estavam a escutar a gramática insuspeita do Reino. Jesus viveu a sua vida como manifestação extraordinária do Reino. O Reino de Deus coincidia com a presença de Jesus, e que efeitos extraordinários esta chegada provocava em tantas vidas". (Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na Terra,* p. 81).

2. O Reino de Deus

É assim que o Evangelho segundo S. Marcos sintetiza o "Evangelho" anunciado por Jesus Cristo, Filho de Deus: "Completou-se o tempo, e o *Reino de Deus* está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho" (Mc 1, 15). O anúncio da intervenção salvífica de Deus, esperada havia séculos, é completado com a exortação à fé e à conversão. A conversão ou inversão no modo de pensar e de agir é o pressuposto para a fé, a total entrega a Deus.

E assim acontece no resto do Evangelho: Jesus, aos sinais do reino, expressos nas suas ações poderosas contra todas as manifestações do mal, junta sempre, de um

modo explícito ou implícito, um convite à entrega de fé ao Deus que nele se revela e atua. Sem fé, não há milagres.

Esta é, de resto, uma constante em todos os outros Evangelhos. Por exemplo, em S. João (3, 1ss), no diálogo entre Jesus e Nicodemos, quando este manifestava a sua admiração pelos "sinais" (o termo joanino para os milagres) realizados por Jesus, este responde: "Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer do Alto não pode ver o Reino de Deus". E "renascer do Alto" é "nascer da água e do Espírito". Isto é, do Espírito de Deus, este Espírito vivificante, oferecido por Jesus, com os seus milagres e as palavras que os acompanham. Só esse participa no Reino de Deus.

3. "O Reino de Deus está entre vós"

Na medida em que cada crente se une aos outros crentes pelo mesmo amor que recebe de Deus, *entre* eles passa também a estar presente o *Reino de Deus*. É nesse sentido que na Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* se afirma: "o Reino de Cristo já está misteriosamente presente na Igreja (LG 3); ela é o "gérmen e princípio do mesmo Reino na terra" (nº 5). É o gérmen e princípio, na medida em que nela se vive de Cristo, a maior concretização e manifestação do domínio de Deus na terra; na medida em que ela o reconhece como *Senhor*, o título divino originariamente dado a Deus, como Cabeça do Corpo formado por cada um dos seus membros.

"O Reino de Deus é já uma realidade, é já um fermento... E se é verdade que o Reino de Deus representa também uma realidade escatológica, uma realidade do futuro, uma coisa que ainda há de chegar na sua plenitude; a verdade é que, embora sabendo nós que ela é dom futuro, o Reino de Deus é já uma realidade do hoje da minha vida. Hoje a minha vida está envolvida pelo Reino de Deus". (Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na Terra,* p. 83; cf. também (CIC 2817). A Igreja está ao serviço do Reino de Deus, isto é, tem como missão implantar o Reino de Deus em todas as pessoas e povos da terra.

OBJETIVOS

- Compreender o significado da petição "Venha a nós o vosso Reino";
- Aperceber-se de que o Reino de Deus já começou com Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Na base desta prece está a convicção de que o Reino de Deus já começou em Jesus. Por isso, a prece é explicada e situada na atividade messiânica de Jesus. Uma atividade que é continuada, até aos nossos dias, pela Igreja a que pertencemos.
2. Tratando-se de uma tarefa que só podemos realizar em comunhão de fé com Deus, a oração é imprescindível. Por isso, o compromisso no estabelecimento do Reino de Deus

tem de estar intimamente ligado à oração e ao anúncio da Boa Nova do Evangelho, Jesus. Dê-se, portanto, muito relevo à expressão de fé conclusiva.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus (sozinho) em oração;
- Dísticos: "Pai-Nosso que estais nos Céus" e "Santificado seja o Vosso nome" (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Venha a nós o vosso Reino"; "O Reino de Deus está entre vós";
- Imagens de situações e pessoas indicativas de sofrimento.

MÚSICA

- Jesus Cristo é Senhor (catequese 9).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* a imagem de Jesus em oração, com os dísticos (em ordem descendente): "Pai-Nosso que estais nos Céus" e "Santificado seja o Vosso nome".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Reis e Rainhas*

Observar com as crianças a primeira página desta catequese no catecismo.

Quem é que já brincou aos reis e rainhas? (...) E quem me sabe dizer o que fazem os reis e as rainhas? (...) Já viram na televisão alguma rainha ou algum rei de verdade? (...)

Os reis e as rainhas governam os países e procuram que as pessoas tenham aquilo de que precisam. Procuram que haja paz nas suas terras para as pessoas viverem bem. Mas nem sempre conseguem. Os reis e rainhas, como os presidentes e ministros, são pessoas como as outras e nem sempre fazem o que é melhor.

2. *O Reino de Deus está próximo*

Observar com as crianças a catequese 9 no catecismo (indicar a página).

Vamos ler o que Jesus começou a ensinar depois de ter sido batizado por João Batista: "**O Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho**".

Leem todos juntos.

Lembram-se? O Evangelho era a Boa Notícia que Ele dizia em todos os lugares por onde passava. Jesus vinha começar um Reino só de amor, um Reino só de paz.

Hoje vamos falar deste Reino de Deus, porque o verdadeiro Rei de todos é Deus; e vamos aprender mais um pouco da oração que Jesus nos ensinou.

O catequista acende as velas, chama uma criança à frente, coloca nas suas mãos o ***dístico "Venha a nós o vosso Reino"****, indicando-lhe que o levante, voltado para as outras crianças. De pé, cantam todos:* ***Jesus Cristo é Senhor*** *(só o refrão).*

Depois o catequista pega no dístico, afixa-o a seguir aos outros e indica à criança que regresse ao seu lugar e que devem todas sentar-se.

II. PALAVRA

1. *Jesus inaugura o Reino*
   Vamos ler em conjunto mais estas palavras de Jesus: lemos todos ao mesmo tempo: "**Venha a nós o vosso Reino**".
   São palavras que Jesus nos disse para rezarmos a Deus, nosso Pai. Então agora vamos ler as três frases que já aprendemos, todas seguidas:

   "**Pai-Nosso, que estais nos Céus,**
   Santificado seja o Vosso nome,
   Venha a nós o vosso Reino".

   Mas Jesus não vinha só anunciar o Reino de Deus: Ele também começou a construir esse Reino, o Reino de Deus, nosso Pai. Como seria? (...)
   João Batista, que tinha batizado Jesus, queria ter a certeza de que Jesus era mesmo enviado por Deus, seu Pai. Então, mandou uns amigos dele irem ter com Jesus.

2. *O Reino de Deus está entre nós*
   Vamos ouvir o que aconteceu.

   Leitura (Mt 11, 4-5):

   Catequista:
   Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Mateus

   Crianças:
   Glória a vós, Senhor.

   Catequista:
   Jesus respondeu aos enviados de João Baptista:
   "Ide contar a João o que vedes e ouvis:
   Os cegos veem e os coxos andam,

os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem,
os mortos ressuscitam
e a Boa-Nova é anunciada aos pobres".
Palavra da Salvação.
***Crianças*: Glória a vós, Senhor!**

Silêncio

Ouvimos que Jesus curava os cegos, os coxos, os doentes e ajudava e ensinava os pobres.
Afastava o que fazia sofrer as pessoas. O Reino de Deus já tinha chegado com Jesus.

Vamos cantar com alegria:
"**Jesus Cristo é Senhor**" (*só o refrão e batendo palmas*).

Mas algumas pessoas não acreditavam que Jesus entre nós era mesmo o Reino de Deus. E perguntavam a Jesus quando é que o Reino de Deus havia de chegar.

E Jesus dizia-lhes:
"O Reino de Deus está entre vós" (Lc 17, 21).

Então Jesus diz-nos que o Reino de Deus está entre nós. Está dentro das pessoas que conhecem e amam Jesus. E quando as pessoas fazem como Jesus, quando se amam umas às outras, quando vivem em paz umas com as outras, aí já está o Reino de Deus, porque aí está Jesus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O Reino de Deus ainda não está entre todos*
   Será que o Reino de Deus está em toda a parte? (...) Todos vivem no amor e na paz que Jesus quer para todos? (...)

   *O catequista mostra duas ou três **imagens** atuais **de cenas de guerra**, de **pobreza e miséria** e dialoga com as crianças:*
   Há pessoas que não se entendem e até há guerras terríveis... Há pessoas que não têm quase nada para viver...

   Por isso é que Jesus nos diz para rezarmos as palavras que aprendemos hoje, para o Reino de Deus chegar a todos.

   Vamos todos dizê-las outra vez e ao mesmo tempo:
   "**Venha a nós o vosso Reino**" (*pode repetir-se*).

2. *Rezamos por aqueles que ainda não vivem no Reino de Deus*

Talvez até aconteça nós conhecermos pessoas que não vivem no Reino de Deus... Pessoas que andam sempre zangadas umas com as outras, pessoas que estão a sofrer muito, muito tristes...

Cada um e cada uma de nós vai pensar um bocadinho. Até podemos fechar os olhos.

Depois de uns momentos de silêncio, o catequista convida as crianças a rezar novamente:

"**Pai-Nosso, que estais nos Céus,**
Santificado seja o Vosso nome,
Venha a nós o vosso Reino".

Com esta nossa oração, já estivemos a fazer alguma coisa para que o Reino de Deus venha, porque rezámos ao Pai do Céu, unidos a Jesus. E onde Jesus está, está lá o Reino de Deus. Por isso, agora, todos os dias vamos pedir: "Venha a nós o Vosso Reino".

*Pode cantar-se mais uma vez "**Jesus Cristo é Senhor**" (refrão batendo palmas).*

3. **Compromisso**

O catequista explica com clareza a tarefa da página 53 do catecismo, que deve ser realizada com a ajuda de um adulto (evitar dar exemplos para não condicionar as crianças na sua avaliação da realidade):

Vão pensar numa situação que vocês conhecem em que o Reino de Deus ainda não está presente e desenhar. Depois, pensar mais um bocadinho e descobrir o que poderiam fazer para ajudar a resolver essa situação, de modo que o Reino de Deus chegue a mais pessoas, venha até nós. E desenham-na também!

Depois, como nós vivemos esta alegria que nos dá Jesus ressuscitado, vivo, no meio de nós, vamos copiar a frase que está no catecismo (*mostrar*) «Jesus está vivo e está no meio de nós», para um cartão bonito, e oferecê-la a uma pessoa vossa amiga.

CATEQUESE 13

"SEJA FEITA A VOSSA VONTADE"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. "Pelos seus frutos os conhecereis"

É com estas palavras que Jesus responde a uma questão já antiga e sempre atual: como se distinguem os verdadeiros dos falsos profetas, aqueles que se "apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes" (Mt 7, 15).

Qualquer cristão que reduza a sua prática cristã aos momentos que passa dentro das paredes de um templo e que, no dia a dia, leva uma vida contrária àquilo que aí lhe é oferecido, está de facto a dar maus frutos. E tem que, no mínimo, pôr-se a si próprio a questão se não é mesmo uma árvore má. É que a "árvore boa não pode dar maus frutos, nem a árvore má dar bons frutos", diz-nos ainda Jesus. "E toda a árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo" (Mt 17, 18-19), a não ser que, entretanto, receba um enxerto que a transforme radicalmente. Deus não cessa de oferecer a sua graça e assim a conversão do ser humano é possível a todo o momento.

2. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor"...

"...Entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos Céus" (Mt 7, 21). São palavras inseridas na parte final do chamado *Sermão da Montanha* e prometem uma vida plenamente feliz a quem se reconhece "pobre em espírito" (Mt 5, 3). Uma vida feliz, porque o próprio Deus leva aqueles que a Ele se abrem e se entregam pela fé à prática de uma "misericórdia" que nasce de um "coração puro" e conduz à construção da verdadeira paz, mesmo tendo que enfrentar "perseguições por causa da justiça" que anunciam e põem em prática (Mt 5, 7-10) para serem "sal da terra" e "luz do mundo": pelas suas "boas obras", podem levar os que as veem e delas usufruem a glorificar o Pai que está nos Céus (Mt 5, 13-16).

Uma vida plenamente feliz, porque vivida de acordo com as palavras "da Lei e dos Profetas", tal como é proclamada e vivida por Jesus (Mt 5, 17-20). Nisto estão, pois, a Lei e os Profetas renovados e revitalizados por Jesus: "O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles em primeiro lugar" (Mt 7, 12).

3. "Seja feita a vossa vontade"...

«Foi em Cristo e pela sua vontade humana que a vontade do Pai se cumpriu perfeitamente e de uma vez para sempre. Ao entrar neste mundo Jesus disse: "Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade" (Hb 10, 7). Só Jesus pode dizer: "Faço sempre o que é do seu agrado" (Jo 8, 29). Durante a oração da sua agonia, Ele conforma-se totalmente com esta vontade: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22, 42). Eis por que Jesus "se entregou pelos nossos pecados (...) consoante a vontade de Deus" (Gl 1, 4). "Em virtude dessa mesma vontade é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo"» (Hb 10, 10; CIC 2824).

«S. Paulo radicaliza: "tudo vai passar". Exceto o amor, a caridade. Então que esse amor seja colocado como programa, prioridade, urgência. Um amor que nos chama a amar, não pelo nosso coração, mas pelo coração de Deus. Quando a nossa vontade se abre à vontade de Deus, o amor torna-se a sinfonia silenciosa da vida, a sua exaltação humilde e profusa, o seu perfume. (...) A medida do amor é dar-se sem medida. É um contrassenso pensar que o amor tem um horário, um turno, um guiché. Quem ama vive na atenção solícita, tem antenas, sensores, olhos que não se habituam nem conformam ao desamor. (...) Nós somos capazes disto, podemos dizer com audácia "Faça-se a vossa vontade assim na terra como no Céu", porque Deus também nos enche de uma medida transbordante de Amor». (Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na Terra,* pp. 95-96).

OBJETIVOS

- Compreender a prece "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu";
- Querer fazer sempre a vontade de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Procure-se motivar as crianças pela positiva, despertando nelas a alegria e a gratidão a Deus pelo bem que já realizam no cumprimento da sua vontade, já que naquilo que realizam para a vinda do Reino de Deus, estão a fazer a sua vontade.
2. Como sabemos, as sucessivas preces do Pai-Nosso formam uma unidade. Isso deve sempre transparecer nas frases que as crianças vão aprendendo a conhecer melhor.

MATERIAIS

- Figura de Jesus em oração (catequese anterior);
- Dísticos: "Pai-Nosso que estais nos Céus", "Santificado seja o vosso nome", "Venha a nós o vosso Reino" (catequeses anteriores);
- Dístico: "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu";
- Imagens: uma com uma pessoa em atitude de oração e outra com uma pessoa numa atividade caritativa;
- Leitor de CD e CD com melodia oficial do Pai-Nosso.

MÚSICAS

- Vós, Senhor, sois o nosso Pai;
- Pai-Nosso (melodia oficial).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* a imagem de Jesus em oração, com os dísticos (em ordem descendente) "Pai-Nosso que estais nos Céus", "Santificado seja o vosso nome" e "Venha a nós o vosso Reino";

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Os pais ficam contentes quando fazemos a vontade deles*
   Observar com as crianças o catecismo na primeira página da Catequese 13. Dialogar com as crianças acerca da ilustração e procurar encontrar outras situações semelhantes.
   Quando gostamos muito de uma pessoa queremos que ela fique contente e por isso fazemos aquilo de que ela gosta. Os pais ficam contentes quando fazemos a vontade deles. Eles querem o melhor para os filhos e as filhas, cuidam deles, educam-nos...

2. *Jesus também fazia a vontade dos pais*
   Nós sabemos como Jesus também gostava de fazer a vontade dos pais. Já aprendemos na catequese que ele obedecia aos pais (*dialogar sobre a catequese 5 e, se for oportuno, reler a frase no catecismo: "**Depois Jesus desceu com eles a Nazaré e era-lhes obediente**" – Lc 2, 51*).
   Jesus também fazia sempre a vontade de Deus, seu Pai do Céu.

   *Como nas catequeses anteriores, acender as velas e entregar a uma criança a 4ª frase do Pai-Nosso: "**Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu**", para que a apresente às outras crianças, cantando todos: "**Vós, Senhor, sois o nosso Pai**".*

   Depois, o catequista afixa o dístico no placar por baixo dos anteriores. E todos leem em voz alta:
   "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu".

II. PALAVRA

1. *"Felizes os que põem em prática a Palavra de Deus"*
   Porque será que Jesus nos manda rezar estas palavras a Deus nosso Pai que está nos Céus? Será mesmo importante fazer a vontade de Deus?

Vamos pegar nos catecismos e abri-los na catequese 7.
Indicar a página com as palavras: "Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática".

Quem quer ler as palavras que estão aí escritas? (...) *Depois leem todos em conjunto...*
Quando é que Jesus disse essas palavras? (...) Foi quando uma mulher lhe disse que Maria era feliz por ser a Mãe dele.

E Jesus respondeu que Ela é muito mais feliz, por escutar a Palavra de Deus e a pôr em prática.
Para Jesus o mais importante é dar muita atenção à Palavra de Deus para a compreender bem e poder fazer a sua vontade. Nós também podemos ser felizes, se escutarmos a Palavra de Deus e a pusermos em prática, se fizermos como Deus gosta e nos ensina.

2. *Fazer a vontade do Pai que está nos Céus*
Vamos ouvir o que Jesus tem hoje de novo para nos dizer.

Leitura (Mt 7, 21):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Crianças:
Glória a Vós, Senhor!

Catequista:
Naquele tempo, Jesus disse:
"Nem todo o que me diz:
Senhor, Senhor,
entrará no Reino dos Céus,
mas sim aquele que faz a vontade
de meu Pai que está nos Céus".

Palavra de Salvação.

Crianças:
Glória a Vós, Senhor!

Silêncio

*O catequista afixa **duas imagens**, uma com uma **pessoa em atitude de oração** e*

outra com uma ***pessoa numa atividade caritativa****. Depois de deixar contemplar as duas imagens, dialoga com as crianças:*
O que estão aqui a fazer estas pessoas? (...)

Sim, uma está a rezar, como nós tantas vezes fazemos. Está a dizer a Jesus: "Senhor, Senhor".
Nós ainda há pouco cantámos: **"Vós, Senhor, sois o nosso Pai".**
E o que está a fazer esta pessoa na outra imagem? (...) Rezar, dizer a Deus que Ele é bom. Mas não basta. Também é preciso ser bom para os outros, para que haja um Reino só de amor, só de paz. São precisas as duas coisas para fazer a vontade do nosso Pai que está nos Céus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Falamos com o Senhor*
   Agora que sabemos mais uma frase da oração que Jesus nos ensinou, vamos dizer com muita atenção e muito amor todas as que já sabemos:
   Pai-Nosso, que estais nos Céus,
   Santificado seja o vosso nome.
   Venha a nós o vosso Reino,
   Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu.

2. *Como é que nós fazemos a vontade de Deus*
   Agora vamos pensar nas coisas que fazemos para cumprir a vontade de Deus, nas que já fazemos e nas que podemos fazer.
   Silêncio. Enquanto pensam o catequista pode colocar, como música de fundo, a mesma melodia com o Pai-Nosso, usada numa catequese anterior.

3. **Compromisso**
   Depois, cada criança pode desenhar (ou escrever) na página 57 do catecismo aquilo em que pensou sobre o que pode fazer para cumprir a vontade de Deus. A tarefa deve ser terminada em casa, com a colaboração dos adultos.

   Pode-se rezar de novo:
   Pai-Nosso, que estais nos Céus,
   Santificado seja o vosso nome.
   Venha a nós o vosso Reino,
   Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu.

CATEQUESE 14

"O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A fome

A fome está, infelizmente, a tornar-se cada vez mais comum. E não apenas em outros continentes, de onde nos chegam cada dia as imagens mais angustiantes. Bem perto de nós, talvez mesmo na nossa vizinhança, existem pessoas carentes de uma alimentação suficiente e condigna. O seu número aumenta quase na mesma proporção em que aumenta a quantidade da riqueza de uns tantos, cada vez menos. Os (poucos) ricos são cada vez mais ricos e os (muitos) pobres cada vez mais pobres. E aí é que está o escândalo. Escreve Bento XVI na Exortação Apostólica "*Sacramento da Caridade*", nº 90: "Com base em dados estatísticos disponíveis, pode-se afirmar que bastaria menos de metade das somas imensas globalmente destinadas a armamentos para tirar, de forma estável, da indigência o exército ilimitado dos pobres". Escreve o mesmo Papa, ainda nesse documento, que "é impossível calar diante das imagens impressionantes dos grandes campos de deslocados ou refugiados – em várias partes do mundo – amontoados em condições precárias para escapar a sorte pior, mas carenciados de tudo. Porventura estes seres humanos não são nossos irmãos e irmãs? Os seus filhos não vieram ao mundo com os mesmos legítimos anseios de felicidade que os outros?"

2. "Dai-lhes vós mesmos de comer"

O desafio é feito aos discípulos no Evangelho de S. Marcos (6, 36), isto é, em pleno relato do que nos habituámos a chamar a multiplicação dos pães (Mc 6, 34-54). Na realidade, porém, é mais do que isso. A fome de pão é precedida da fome da Palavra, aquela fome que, segundo o profeta Amos, "não é fome de pão nem sede de água, mas de escutar a Palavra do Senhor" (Am, 8,11).

Pelo menos, é por aí que Jesus começa. Ao ver "uma grande multidão", "teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou então a ensinar-lhes muitas coisas" (Mc 6, 34). O Evangelista não diz que coisas são. Mas pelo conjunto do seu livro só pode tratar-se do anúncio do Evangelho de Deus com que Jesus inicia a sua atividade

messiânica: "Completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho" (Mc 1, 15).

Aquelas pessoas, como ovelhas desgarradas, acorrem a Jesus, famintas de luz, de orientação, aquela que só Deus pode dar. Por isso Jesus começa por ensiná-las.

A cena retrata também aquilo que, quando Marcos escreveu o seu Evangelho, já era prática da Igreja e continua a sê-lo até aos nossos dias: primeiro é necessária a evangelização, aprofundada pela catequese. Só depois tem lugar a celebração sacramental. Só na fé, é acolhida a graça oferecida pelos sacramentos.

Na Eucaristia a mesa do Pão é precedida pela mesa da Palavra.

3. "O pão nosso de cada dia nos dai hoje"

«Não dizemos "Meu Pai que estais nos Céus" e de igual maneira "Dai-me hoje o pão de cada dia". E nenhum de nós pede que seja perdoada apenas a sua ofensa, nem pede que só ele seja poupado à tentação ou liberto do mal. A nossa oração é pública e comunitária, e quando rezamos, rezamos por todo o povo, não apenas pelo indivíduo, porque todos formamos uma coisa só» (S. Cipriano).

Se formamos uma só coisa, vida partilhada significa vida alargada àqueles com quem a partilhamos. O nosso pão torna-se pão de outros. "A pobreza das bem-aventuranças é a virtude da partilha. Ela convida a comunicar e a partilhar os bens materiais e espirituais, não por coação, mas por amor, para que a abundância de uns remedeie a necessidade dos outros" (CIC 2833).

«Nós rezamos: "o pão nosso" porque, quando só eu tenho pão, é uma coisa muito triste. É um pão que não nos desce pela garganta. O pão da solidão não tem metade do sabor, ou um centésimo da alegria. Nós pedimos a Deus o nosso pão, o pão de todos, o pão para todos. (...) Temos de pedir a Deus que o nosso pão reúna e não separe. Que o nosso pão seja verdadeiramente "Pão": lugar onde as pessoas se sentam à volta e não o que acontece tantas vezes, quando o pão se torna aquilo que distingue e afasta. Pedir a Deus que o nosso pão celebre, evidencie a gratidão por Deus e o nosso Amor pelos outros. Pedir a Deus que o "pão de cada dia" não faça bem só ao estômago, mas também à alma e ao coração. Isto é, que o pão se possa revestir de um sentido tão humano que seja divino. Que o que em cada dia vamos construindo tenha um sentido transcendente e não seja apenas uma coisa muda, que nada diz. Que o trabalho não seja apenas uma atividade mecânica e obrigatória, mas que se pressinta nele algo mais: o Amor de Deus, o coração de Deus, a vida de Deus» (Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na Terra*, p. 101).

No pão que os filhos recebem das mãos dos pais vai a vida destes. E, se os pais, juntamente com o pão para o corpo, souberem transmitir aos filhos a Palavra do Deus que neles e por eles atua, então os filhos encontrarão a força e a orientação de que precisam para eles próprios, um dia, serem transmissores da mesma vida. Na verdade, a vocação de cada um de nós consiste em ser, unido a Cristo, "*pão repartido para a vida do mundo*" (SC 88).

OBJETIVOS

- Compreender a petição "O pão nosso de cada dia nos dai hoje";
- Fazer sua esta petição.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Sugere-se que os móveis da sala estejam ordenados de um modo o mais parecido possível com uma sala de jantar: assim, a mesa onde será colocada o cesto do pão estará rodeada pelas cadeiras em que se sentam as crianças.
2. De entre os muitos significados da prece hoje introduzida, destaca-se a necessidade do alimento para os que sofrem com fome e subnutrição. A relação com o pão eucarístico é tocada muito ao de leve, mas o suficiente para, um dia, as crianças compreenderem que o corpo de Cristo entregue por nós capacita-nos para partilharmos o nosso pão e a nossa vida.
3. Ter em atenção as situações concretas das famílias (pobreza, desemprego, abandono...) e as eventuais diferenças sociais entre as várias crianças que conduzam a experiências muito diversas face aos bens materiais. Garanta-se que as crianças mais fragilizadas, mais pobres, não se sintam penalizadas por alguns comentários ou pelo próprio conteúdo a transmitir.

MATERIAIS

- Figura de Jesus em oração (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Pai-Nosso que estais nos Céus", "Santificado seja o vosso nome", "Venha a nós o vosso Reino", "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu" (catequeses anteriores);
- Dístico "O pão nosso de cada dia nos dai hoje";
- Fotografia de um campo de refugiados;
- Gravura da multiplicação dos pães;
- Toalha para cobrir a mesa;
- Um pão grande ou dois (conforme o número de crianças);
- Um cesto para o pão (no início pode estar tapado com um guardanapo).

MÚSICA

- Vós, Senhor, sois o nosso Pai.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* está a figura de Jesus em oração, com os dísticos (em ordem descendente) "Pai-Nosso que estais nos Céus", "Santificado seja o vosso nome", "Venha a nós o vosso Reino" e "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu".
- *A mesa* com a Bíblia é deslocada para o meio da sala, de modo que as cadeiras das crianças possam formar quase um círculo em volta dela.
- Ou, de preferência, pode colocar-se nesse lugar (mais a meio da sala) uma outra mesa, onde serão colocados os pães.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Nem todas as pessoas têm a comida de que precisam*

   Hoje a nossa sala está um bocadinho diferente. Temos mais uma mesa (*ou a mesa mais ao meio da sala*) e nós estamos todos em volta dela. E a mesa tem uma toalha. É como nas nossas casas, quando nos juntamos para almoçar ou jantar.

   É bom quando nos juntamos à mesa nas nossas casas. É bom saber que temos a comida de que precisamos. Mas infelizmente não é assim para todas as pessoas. Há muitas pessoas no mundo que têm fome. Não é como nós quando chegamos a casa e dizemos que temos fome... É uma fome de passarem muito tempo a comer muito pouco...

   Mostrar a fotografia de refugiados e dialogar com a criança. (...)

   Não nos devemos esquecer de que há tantas pessoas que não têm o que nós temos, nem de agradecer sempre a Deus a comida que temos na mesa.

2. *O pão é símbolo de toda a nossa alimentação*

   Tendo muita atenção relativamente à situação económica e social das crianças, o catequista destapa o cesto, pega no pão (ou pães) e levanta-o(s) com uma certa solenidade.

   Nas nossas casas há sempre pão e muitas vezes quando falamos de pão queremos dizer toda a comida. Sem o pão e outras comidas, não podemos viver. Quem não come começa a ficar cada vez mais fraco e pode até morrer...

   Eu agora vou partir o pão, tirar um bocadinho para mim e posso dar a todos os meninos que quiserem.

   O catequista parte o pão em pedaços pequenos, distribui-os pelas crianças e vão comendo. Depois retoma:

   Comemos este pão para nos lembrarmos como é bom termos sempre a comida de que precisamos, porque o Pai do Céu dá forças e trabalho aos pais para não faltar pão nem

comida nas vossas casas (*ter em atenção: não insistir neste último aspeto se houver no grupo alguma criança a viver em graves dificuldades económicas por ter os pais desempregados, ou qualquer outra razão*). E também porque hoje vamos falar de uma ocasião, no tempo de Jesus, em que as pessoas não tinham pão, não tinham comida.

II. PALAVRA

1. *"Dai-lhes vós mesmos de comer"*

   Um dia, andava muita gente com Jesus, porque todos queriam ouvir o que Ele dizia e ensinava. Já estavam com Ele há bastante tempo e estavam num lugar deserto, onde não havia casas nem lojas onde pudessem encontrar alimento. As pessoas começaram a ter fome. E os amigos de Jesus foram-lhe dizer. Então Jesus respondeu aos discípulos: "**Dai-lhes vós mesmos de comer**".

   Jesus diz aos seus amigos que deem de comer às pessoas que têm fome. Mas como é que eles podiam dar de comer a tantas pessoas?
   Eles não tinham onde comprar comida, mas mesmo que houvesse ali lojas não tinham dinheiro que chegasse para comprar pão para tanta gente. Mas havia um rapaz que tinha cinco pães e dois peixes. Então levaram esse rapaz junto de Jesus.

2. *Jesus deu de comer a uma multidão de pessoas*

   Vamos ouvir o que Jesus fez.
   O catequista acende as velas e pega na Bíblia.

   Leitura (Mc 6, 41-43):

   Catequista:
   Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

   Crianças:
   Glória a Vós, Senhor!

   Catequista:
   Jesus tomou então
   os cinco pães e os dois peixes e,
   erguendo os olhos ao céu,
   pronunciou a bênção,
   partiu os pães e dava-os aos seus discípulos
   para que eles os repartissem.
   Dividiu também os dois peixes por todos.

Comeram até ficar saciados.
E ainda havia doze cestos
com os bocados de pão e os restos de peixe.

Palavra de Salvação!

Crianças:
Glória a Vós, Senhor!

Silêncio

Afixar a gravura da multiplicação dos pães, deixar observar e comentar.
Com o que uma pessoa deu, Jesus deu de comer a todos e ainda sobrou tanto! O que Jesus fez foi um milagre, uma coisa maravilhosa, para nos ensinar que devemos estar sempre prontos a partilhar com os outros, a dar-lhes aquilo de que eles precisam.
O Pai do Céu cuida de nós para que não nos falte comida. Vamos cantar-lhe com alegria: ***Vós, Senhor, sois o nosso Pai.***

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*
O catequista entrega as velas acesas a duas crianças e, a outra criança, o dístico "**O pão nosso de cada dia nos dai hoje**" *para que o levante e mostre aos outros como foi feito com os anteriores. Depois afixa o dístico por baixo dos outros e convida uma criança a lê-lo. A seguir, leem todos em conjunto:* "**O pão nosso de cada dia nos dai hoje**".

Agora já percebemos o que querem dizer estas palavras que Jesus nos ensinou. Quando as dizemos, estamos a pedir o pão, a comida para todos, todos os dias.
E também sabemos que há muitas pessoas que precisam que rezemos por elas, para que Deus as ajude e lhes dê o pão de cada dia para poderem viver.

2. *Pedimos pão para todos*
Então agora vamos pensar nas pessoas que Deus nos dá para termos pão e alimento: os pais e outras pessoas que trabalham para fazer o pão; e pensamos também nas pessoas que passam fome, que não têm comida que chegue.

Levantamos os nossos braços e mãos para Deus e, sabendo que Jesus reza connosco, dizemos:
Pai-Nosso, que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome.

Venha a nós o vosso Reino.
Seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

3. **Compromisso**

Agora que já sabemos uma grande parte do Pai-Nosso, da oração que Jesus nos ensinou, para a aprender toda de cor, vão rezando em casa e, se precisarem, com a ajuda dos pais ou outra pessoa da família, para conseguirem sabê-la bem. E (*mostrar*), na página 61 do catecismo temos uma receita de pão! Vamos lá ver quem é que, durante a semana, vai experimentar a receita! O pão quentinho é tão bom...

Havendo possibilidades materiais para isso (por exemplo, uma cozinha nas imediações) o catequista pode combinar com os pais uma preparação conjunta do pão, com as crianças e famílias, e um lanche partilhado de pão acabado de fazer "com as nossas próprias mãos".

CATEQUESE 15

"PERDOAI-NOS AS NOSSAS OFENSAS... E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO"

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **"Perdoai-nos... assim como nós perdoamos..."**

Há pessoas que sentem dificuldade em rezar a segunda prece da segunda parte do Pai-Nosso. Dizem que não são capazes de perdoar. Nesta situação, como noutras, é frequente a tentação de seguir o caminho errado. O desfecho, quando somos tentados, tanto pode ser o de sucumbir como o de sair mais reforçado nas capacidades postas à prova. Nesta segunda hipótese, a tentação ou provação é um bem, ou, pelo menos, acabou por se resolver como tal. Mas continua-se a sentir a necessidade da graça de Deus. Isto significa que se tem consciência das próprias incapacidades.

Até Jesus se confronta com toda a espécie de forças do mal, que tentam desviá-lo do cumprimento da sua missão de anunciar e instaurar o Reino de Deus até à morte e ressurreição; as tentações de Jesus são-nos apresentadas na sequência do Batismo, provavelmente para nos dizer que têm a ver com o dinamismo recebido pela descida do Espírito e pela declaração de amor por parte do Pai. Isto é, as tentações de Jesus inserem-se, também elas, no seu processo de "crescimento" e de transmissão da vida. O Pai, no batismo de Jesus, testemunha que Ele é o Filho muito amado e Jesus, vencendo as tentações, manifesta que ama o seu Pai ao ponto de vencer o mal que o rodeia.

Perdoar exige que a pessoa se transcenda a si própria: que vença as barreiras criadas pelas ofensas, as injustiças, as injúrias e que continue a dar-se a quem a ofendeu, não como se nada tivesse acontecido, mas no meio daquilo que realmente aconteceu. Mas não é fácil um amor assim. Então como pedir a Deus que me perdoe na mesma medida em que eu perdoo, se eu não for capaz de perdoar?

2. "Perdoai-nos as nossas ofensas"

A ordem dos membros da frase, neste caso, não é arbitrária. Embora seguido de um "assim como", na realidade começamos por pedir, primeiro, "perdoai-nos as nossas ofensas". Mas em que sentido?

"*Oh, que profundidade de riqueza, de sabedoria e de ciência é a de Deus!* (Rm 11, 33) E Deus não nos quer dar outra coisa que o seu perdão, acreditemos. Deus não nos quer dar outra coisa! A imagem de Deus que nos é relatada por Jesus é de um Pai que perdoa. Imaginemos o escândalo que Jesus provocou ao contar a parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32). Jesus estava a falar para pais de família, gente que sabia bem como educar os filhos. Como é que aquele autêntico malfeitor, que sai de casa e desbarata todos os bens, quando chega é tratado como um filho de rei! A ciência de Deus é o perdão. (...) O *Pai-Nosso* é a grande escola do perdão. Ao rezá-lo deparamo-nos sempre com este convite a mergulhar no Mistério do Perdão de Deus, num mar incalculável de Amor" (Tolentino de Mendonça, *Pai-Nosso que estais na Terra*, pp. 116-117).

«Se permitirmos a entrada dum mau sentimento no nosso íntimo, damos lugar ao ressentimento que se aninha no coração. (...) O contrário disto é o perdão; perdão fundado numa atitude positiva que procura compreender a fraqueza alheia e encontrar desculpas para a outra pessoa, como Jesus que diz: "Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem" (Lc 23, 34)» (*Amoris Laetitia*, Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa Francisco sobre o Amor na Família, 105).

É assim o perdão de Deus. E para Cristo até os inimigos se tornaram amigos. Porque foi sobretudo por eles que Ele deu a vida, doando-a até à última gota de sangue. E só nele, no Deus que nele se revela, eu encontro a capacidade para me transcender e perdoar.

3. E não nos deixeis cair em tentação

"*Não nos deixeis cair em tentação*. Rezemos devagar estas palavras, até elas se tornarem realmente nossas. Não me deixes, Senhor. Não me deixes quando as paredes do tempo se tornarem instáveis, e as palavras de hoje têm ainda a dureza do irremediável de ontem. Não me deixes quando recuo, quando quase me inclino, dobrado e vencido perante o avanço inflexível daquilo que me divide. Não me deixes atravessar sozinho os baços e alagados corredores da incerteza, ou perder-me no sentimento de fadiga e descrença. Não deixes que a dispersão do tempo tudo devore. Não me deixes tombar no descrédito quanto à vida. *Não nos deixeis cair em tentação*" (Ibidem, p. 139).

"É na intercessão que tudo se resolve e se esgota: uma intercessão que é, ao mesmo tempo, reconhecimento e confissão da própria culpa (se for o caso) e, pelo menos, da própria incapacidade" (CIC 2844).

E isso só é possível pela oração, e com uma confiança que nasce e se alimenta da mesma oração: da união com Cristo que já venceu "o príncipe deste mundo" (Jo 12, 31; 14, 30), também chamado "Diabo" [do grego διαβολος (*diábolos)* = aquele que separa)] que se mete entre nós e Deus para nos separar.

É nesse sentido que, com Ele, rezamos: *Livrai-nos de todo o mal.*

OBJETIVOS

- Compreender as preces "Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido" e "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal";
- Dispor-se a viver o perdão ao próximo e rezar a Deus para que nos ajude a não cair nas tentações e para que nos livre de todo o mal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O exame de consciência introdutório situa-se no percurso catequético feito até agora pelas crianças. O catequista deve escolher a alternativa que melhor se adapte ao seu grupo. Entretanto, o leque de possíveis ofensas é alargado a outros campos da vida das crianças. É fundamental a relação com Deus: todo o pecado, mesmo feito ao próximo, é sempre uma ofensa a Deus, e é de Deus que se recebe o perdão que leva ou deve levar à reconciliação com o próximo.
2. A sala mantém-se com uma disposição quase idêntica à da catequese anterior para, de algum modo, lembrar às crianças o lugar e o momento mais privilegiado da vivência do perdão: a Eucaristia, onde o gesto da paz é dado a seguir à Oração do Senhor.

MATERIAIS

- Dísticos: "Pai-Nosso, que estais nos Céus", "Santificado seja o vosso nome", "Venha a nós o vosso Reino", "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu", "O pão nosso de cada dia nos dai hoje" (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido", "E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal";
- Cesto (catequese anterior).

MÚSICAS

- Quantas vezes;
- Cantai o Senhor é bom;
- Pai-Nosso (melodia oficial da liturgia).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* a imagem de Jesus em oração e os dísticos (em ordem descendente) "Pai-Nosso que estais nos Céus", "Santificado seja o vosso nome", "Venha a nós o vosso Reino", "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu" e "O pão nosso de cada dia nos dai hoje".
- *Sobre a mesa*, deslocada mais para o meio da sala (como na catequese anterior), a Bíblia e o cesto vazio (usado na catequese anterior) e dois castiçais com as velas apagadas.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Exame de consciência*

   Vamos olhar para a imagem de Jesus e para a oração que Jesus nos tem ensinado nas catequeses anteriores (*Indicar os dísticos da oração).*

   E vamos pensar:

   - Temos rezado, falado com Deus todos os dias? (...)
   - Temos procurado ser amigos dos pais, avós, irmãos, das pessoas da nossa família? (...)
   - Temos respeitado os colegas, os amigos, todas as pessoas com quem nos encontramos? (...)
   - Temos obedecido aos pais, aos professores, (...) Temos sido verdadeiros? (...)
   - E temos ajudado todos os que precisam de nós? (...)
   - Temo-nos procurado interessar e rezar pelas pessoas mais pobres que não têm o pão de cada dia? (...)
   - E quando nos fazem mal? Desculpamos, perdoamos? Procuramos fazer a paz? (...)

2. *Pedimos perdão pelas nossas faltas*

   Eu nem sempre fiz tudo bem, como Deus gosta. E nos vossos corações cada um e cada uma sabe se fez sempre a vontade de Deus. Custa um pouco pensar nas coisas menos boas que fazemos. Mas só assim é que podemos voltar os nossos corações para Deus e pedir-lhe que nos desculpe, que nos perdoe e que nos dê forças para sermos melhores.

   O catequista ensaia o cântico: "Quantas vezes".

   Com este cântico, estamos a pedir perdão a Deus pelo que fizemos mal.

   Então vamos cantá-lo, pedindo perdão do fundo do nosso coração: "**Quantas vezes**".

   Deus perdoa sempre, porque nos ama muito e também nos ajuda a fazermos melhor a vontade dele.

II. PALAVRA

1. *Jesus ensina-nos como fazer quando nos zangamos*
   Já que às vezes não somos capazes de fazer o que Deus quer, Jesus ensina-nos como devemos comportar-nos.

   Leitura (Mt 5, 23-24):

   Catequista:
   Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus

   Crianças:
   Glória a vós, Senhor.

   Catequista:
   Naquele tempo,
   disse Jesus aos seus discípulos:
   "Se fores apresentar uma oferta sobre o altar
   e ali te recordares
   de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti,
   deixa lá a tua oferta diante do altar,
   e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão:
   depois volta para apresentar a tua oferta".

   Palavra da salvação.

   Crianças:
   Glória a vós, Senhor!

   Silêncio

   O que Jesus quer dizer é que, se fazemos mal a alguém, ainda antes de irmos à igreja, de irmos rezar, devemos pedir desculpa a quem fizemos mal, temos de ir fazer as pazes com essa pessoa.
   *Como nas catequeses anteriores, acender as velas e entregar a uma criança o novo dístico "**Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido**" para que o levante e o mostre às outras. Depois de contemplado, o catequista afixa-o a seguir aos outros. Leem todos juntos o dístico.*
   Deus perdoa-nos as nossas ofensas, o que fazemos mal, mas quer que também nós perdoemos a quem nos fez mal, a quem nos ofendeu. Deus quer também que nós sejamos capazes de pedir perdão quando tratamos mal alguém, quando ofendemos alguém. Isto é muito importante para vivermos como filhos de Deus.

2. *Precisamos da força de Deus para vencer o mal*

Nós ficamos contentes, porque Deus nos perdoa, mas gostávamos de não fazer mais maldades... Só que às vezes não é fácil. Parece que temos vontade de fazer mal...

Dialogar com as crianças...

Também Jesus foi tentado a fazer mal. Estava no deserto, num sítio com muita areia, onde não vive ninguém, onde não há plantas, nem água. Jesus estava a rezar, a preparar-se para ir anunciar o Reino de Deus. E teve a tentação de deixar todo o trabalho, todo o esforço que o esperava. Era mais fácil mostrar a todos o seu poder, fazer-se importante, mandar nas pessoas... Mas Jesus sabia que não era isso que Deus queria, por isso teve força para vencer o mal.

*Repetir o mesmo cerimonial de apresentação do dístico, desta vez com a única petição que ainda falta: "**E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal**". Depois afixar o dístico a seguir aos outros e convidar as crianças a lê-lo alto.*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Rezamos o Pai-Nosso.*

Agora já aprendemos todas as palavras da oração que Jesus nos ensinou. Chamamos a esta oração Pai-Nosso, porque começa com essas palavras. É uma oração em que estamos a falar com o nosso Pai do Céu e sabemos que somos os filhos muito queridos dele.

Então vamos fazer uns momentos de silêncio no nosso coração... agradecer a Jesus ter-nos dito que o Pai dele também é nosso Pai e ter-nos ensinado esta oração para lhe rezarmos...

E agora, de pé, vamos dizer todos juntos, levantando as nossas mãos para Deus nosso Pai:

"**Pai-Nosso, que estais nos Céus...**"

2. *Filhos do mesmo Pai, saudamo-nos como irmãos*

Somos todos filhos de Deus e por isso somos irmãos uns dos outros. Sabemos que devemos viver sempre em paz como o nosso Pai quer. Na missa damos uns aos outros a paz de Deus que Jesus Cristo nos veio trazer. Então, para mostrar que é em paz que queremos viver, com a ajuda de Deus, vamos fazer como na missa: damos um abraço ou aperto de mão ou um beijo aos colegas que estão ao nosso lado:

"**Saudai-vos na paz de Cristo**".

Depois deste gesto de paz cantamos com alegria:

"**Cantai o Senhor é bom**" (*refrão e 2ª estrofe*)

3. **Compromisso**

Em casa, vão continuar a rezar o Pai-Nosso, todos os dias, e para lembrar esse momento tão importante aqui está um desenho para pintar! (Indicar a página 65 do catecismo). E, a partir de hoje, quando rezam, pensam sempre em perdoar e em pedir a Deus que perdoe os erros cometidos. Já sabem que «Precisamos da força de Deus para vencer o mal» (mostrar, na página 64). Como é uma ideia tão importante para a nossa vida vamos pintar as letras desta frase com muito cuidado e também podem decorar o fundo da ilustração, para ficar ainda mais bonita.

CATEQUESE 16

QUE BOM É VIVER EM DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Ser santo

A santidade é, antes de mais, uma graça de Deus. "Foi Ele que nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor. Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade, para que seja prestado louvor à glória da sua graça, que gratuitamente derramou sobre nós, no seu Filho bem-amado" (Ef 1, 4-6).

É este o percurso da santidade que parte de Deus e se realiza na sua intervenção salvífica em Jesus Cristo: fomos por Ele escolhidos, predestinados, libertados do pecado, através do Evangelho que nos foi anunciado; fomos e somos amados por Ele, com um amor encarnado de um modo único por Cristo e concretizado no perdão; fomos por Ele constituídos colaboradores na realização plena do seu plano salvífico: "tudo submeter a Cristo, reunindo nele o que há no céu e na terra" (Ef 1, 10).

Esta graça da santidade é recebida pela primeira vez no Batismo, confirmada pela unção do Crisma, permanentemente alimentada pelo corpo e o sangue de Cristo na Eucaristia e renovada pelo perdão oferecido na Reconciliação. É por meio destes sacramentos que Deus nos faz santos: passa a habitar em nós e nós nele, como sua propriedade, membros do seu povo eleito, para proclamarmos as maravilhas daquele que nos chamou das trevas à sua luz admirável (1 Pe 2, 9).

Mas a vida em santidade exige uma entrega total a Deus, especialmente pela oração.

2. A oração dos Santos

Bem podemos chamar assim à Oração Dominical. Ela é "dominical", isto é, *do Senhor* (do latim *Dominus*, de onde vem também a palavra domingo, que é o dia do Senhor). Nesta oração, dirigimo-nos ao Deus único e verdadeiro, Senhor do Céu e da terra. E é Jesus, também Ele o Senhor, que nos oferece esta oração.

Consideremos atentamente os dois conjuntos de petições que compõem esta oração.

«O primeiro conjunto leva-nos até Ele, para Ele: o *vosso* nome, o *vosso* Reino, a *vossa* vontade! É próprio do amor pensar, em primeiro lugar, n'Aquele que amamos. Em cada um dos três pedidos, nós não "nos" nomeamos, mas o que nos move é o "desejo ardente", é mesmo "a ânsia" do Filho bem-amado pela glória de seu Pai: "Santificado seja [...], venha [...], seja feita". Estas três súplicas já foram atendidas no sacrifício de Cristo Salvador, mas agora estão orientadas, na esperança, para o seu cumprimento final, enquanto Deus não é tudo em todos» (CIC 2804).

«O segundo conjunto de petições [...] é oferenda das nossas expectativas e atrai o olhar do Pai das misericórdias. Parte de nós e diz-nos respeito já agora, neste mundo: "Dai-*nos* [...], perdoai-*nos* [...], não *nos* deixeis [...], livrai-*nos*". A quarta e quinta petição dizem respeito à nossa vida, como tal, quer para a alimentar, quer para a curar do pecado. As duas últimas dizem respeito ao nosso combate pela vitória da vida, que é o próprio combate da oração» (Ibidem 2805).

«Pelas três primeiras petições, somos confirmados na fé, repletos de esperança e abrasados pela caridade. Criaturas e, além disso, pecadores, devemos pedir por nós – um "nós" à medida do mundo e da história – que entregamos ao amor sem medida do nosso Deus. Pois é pelo nome de Cristo e pelo Reino do seu Espírito Santo que o nosso Pai realiza o seu desígnio de salvação para nós e para todo o mundo» (Ibidem 2806).

Em resumo: "As três primeiras, mais teologais, atraem-nos para a glória do Pai; as quatro últimas, como caminhos para Ele, expõem a nossa miséria à sua graça" (Ibidem 2803).

Elevamo-nos, portanto, para Deus e, n'Ele, descemos para nós.

3. Santos em comunhão com Cristo, o Santo de Deus

A oração do Pai-Nosso é também o modelo para toda a oração. O percurso que nela fazemos repete-se em muitas outras orações, com destaque para aquelas que o próprio Cristo faz nos Evangelhos. Por exemplo, no Evangelho de S. João 17, 20-23, onde Jesus, depois de rezar ao Pai Santo pelos discípulos de então, pede por todos aqueles que, ao longo da história haveriam de acreditar nele, levados pela palavra desses mesmos discípulos:

"Não rogo só por eles, mas também por aqueles que, por meio da sua palavra, hão de crer em mim, para que todos sejam um só, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti: que eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Eu dei-lhes a glória que tu me deste, de modo que sejam um, como nós somos um. Eu neles e tu em mim, para

que cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste a Eles como a mim."

À comunhão com Deus, na sua qualidade de Pai, corresponde a comunhão entre aqueles que a Ele se entregam como filhos. A primeira é condição imprescindível para a segunda: só no amor ilimitado de Deus é possível um amor igualmente ilimitado entre nós. Só na comunhão com o Deus do Céu se obtém a comunhão entre aqueles que nele creem, mas que continuam no mundo, não sendo já do mundo.

O elo entre o Céu e a terra é feito por Aquele que desceu do Céu para dar a vida ao mundo: "o Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer" (Jo 1, 18). É Ele, como bom pastor, que nos continua a dizer: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10). É Ele, depois de vencer a morte pelo dom total da sua vida, que nos dá o Espírito Santo Paráclito: "O Espírito da Verdade, que há de guiar-nos para a verdade completa" (Jo 16, 13).

OBJETIVOS

- Compreender a unidade e complementaridade das duas partes do Pai-Nosso;
- Rezar o Pai-Nosso como oração por excelência do Reino de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese justifica-se sobretudo para as crianças se aperceberem de que a primeira parte do Pai-Nosso, em que nos voltamos para Deus, exige a segunda parte, em que os pedidos têm a ver connosco e com a nossa relação com os outros. E vice-versa: a nossa vida como irmãos só é possível em plenitude a quem se entrega a Deus pela fé.
2. Toda a catequese deve decorrer num clima de oração. A sua ligação, na expressão de fé, com a celebração eucarística permite às crianças uma maior inserção na vida da Igreja que tem o seu centro na Eucaristia.

MATERIAIS

- Imagem de Jesus em oração (catequeses anteriores);
- Dísticos com as sucessivas petições do Pai-Nosso (catequeses anteriores);
- Dísticos "Como tu estás em mim e eu em ti, assim eles estejam em nós"; "Que eles sejam um só"; e "Vosso é o Reino e o poder e a glória para sempre".

MÚSICA

- Jesus Cristo é Senhor.

***NOTA** – Não esquecer a preparação e entrega dos convites para os pais participarem na próxima catequese, uma celebração que encerrará este 2º Bloco.*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

– *Placar:* Imagem de Cristo em oração e os dísticos com o Pai-Nosso.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O que é rezar?*

   Quando as meninas e os meninos entraram para a catequese no ano passado, alguns já sabiam rezar. Outros começaram a aprender aqui na catequese. O que é rezar? (...) *Deixar falar as crianças.*

   Sim, é falar com Deus, falar com Jesus. Quando é que nós rezamos? *Ouvir as crianças e completar, se necessário.*

   Na catequese aprendemos a rezar de manhã, (a oração da manhã)... a rezar à noite, (a oração da noite)... Aprendemos também a rezar antes de comer, para o Senhor abençoar a nossa refeição, e depois de comer para lhe agradecer o alimento que nos dá. Rezamos na catequese e na igreja, quando nos juntamos como irmãos e filhos de Deus...

2. *Falamos com o Pai do Céu como filhos*

   Nas últimas catequeses temos tido aqui esta imagem. (*Indicar a gravura de Jesus em oração*).

   É uma imagem de Jesus. E o que é que ele está a fazer? (...)

   Porque é que a temos tido sempre aqui? *Ouvir as crianças*... Temos falado de que Jesus rezava muito, falava muito com seu Pai do Céu. E vimos como os discípulos lhe pediram: "Senhor, ensina-nos a rezar!" Todas estas catequeses aprendemos com Jesus a melhor oração que podemos rezar a Deus. Já entendemos o que quer dizer cada frase e sabemos que esta oração se chama Pai-Nosso.

II. PALAVRA

1. *Jesus rezou por nós*

   Hoje vamos falar mais de como Jesus rezava. Vamos ouvir aqui, na nossa catequese, uma outra oração muito bonita de Jesus. Vamos ouvir Jesus a rezar, rodeado pelos seus discípulos, e vamos dar muita atenção para saber por quem é que ele reza.

   O catequista acende as velas e lê:

   Leitura (Jo 17, 20-21):

Catequista:
Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Catequista:
Naquele tempo,
Jesus rezou assim:
"Pai Santo,
não te peço só por estes,
mas também por aqueles que,
por meio da sua palavra,
hão de acreditar em mim.
que eles sejam um só,
como tu, ó Pai, estás em mim
e eu em ti:
que assim também eles estejam em nós
e o mundo acredite que tu me enviaste".

Catequista:
Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Silêncio

Então por quem é que Jesus rezou? (...) Ele falou dos discípulos, quando disse "estes", os que estavam ao pé dele. Mas depois rezou também por todos os que haviam de se tornar seus amigos, até hoje.

Isto é, todos os que haviam de escutar a sua palavra, as palavras que os discípulos ensinaram e escreveram. Todos os que, depois de terem conhecido Jesus e ouvido as suas palavras acreditaram nele. E quem serão estes? (...)

Somos nós e muitas outras pessoas: os nossos pais, avós, pessoas da nossa família, amigos e todos os que acreditam em Jesus.

2. ***O que pede Jesus para nós?***

Afixar o ***dístico:*** **"Como tu estás em mim e eu em ti, assim *eles estejam em nós*".**

Convidar as crianças a lê-lo.

Jesus quer dizer que nós temos de estar em Deus, como seus filhos muito queridos. Por isso é que na oração do Pai-Nosso começamos por falar com o Pai do Céu.

Chamar a atenção para as frases da primeira parte do Pai-Nosso: Nestas frases nós dizemos ao Pai como ele é santo, dizemos que queremos viver no Reino dele e que todos façam a vontade dele.

Agora, de pé, levantamos as mãos e os braços para Deus e rezamos todos, ao mesmo tempo:

"Pai-Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade,
assim na terra como no Céu".

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Unidos como irmãos*

Mas Jesus ainda pediu outra coisa para nós e é uma coisa muito importante.
*Afixar o **dístico:*** **"Que eles *sejam um só*".**
Convidar as crianças a lê-lo.

Jesus pediu para nós sermos "um só", quer dizer para sermos capazes de vivermos unidos, de sermos tão amigos uns dos outros que quase somos uma só pessoa.

Chamar a atenção para a segunda parte do Pai-Nosso.
É por isso que rezamos "O pão nosso de cada dia nos dai hoje". Pedimos o pão para nós e para todos. Mas isso ainda não chega, para sermos um só, para sermos amigos de todos.
Precisamos de perdoar aos outros, como Deus nos perdoa. E também pedimos a Deus: "Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal" para sermos capazes de não fazer as maldades que às vezes nos apetece fazer e podermos viver com todos como irmãos.

2. *Viver no Reino de Deus*

O Pai-Nosso ensina-nos que, se nos lembrarmos sempre de fazer a vontade de Deus, vivemos no seu Reino e conseguimos ser amigos e unidos como Jesus pediu para nós sermos.
Há pouco, quando rezámos a primeira parte do Pai-Nosso, levantámos as nossas mãos para o alto, para Deus, como o Sr. Padre faz na missa. Mas na missa, depois de todos rezarem ou cantarem o Pai-Nosso, o Sr. Padre reza uma outra oração, que acaba assim:

"...enquanto esperamos a vinda gloriosa
de Jesus Cristo nosso salvador".
E nós respondemos: "**Vosso é o Reino e o poder e a glória para sempre.**"

*Afixar o **dístico:*** "**Vosso é o Reino e o poder e a glória para sempre**".

Dizemos isto, porque Jesus tem realmente todo o poder de Deus. Ele quer construir connosco, como já sabemos, um Reino de paz e amor.

Então, agora vamos rezar a segunda parte do Pai-Nosso. E acabamos a nossa catequese com a oração que o Sr. Padre diz na missa e com esta frase.

E como devemos pôr as nossas mãos? (...) Vamos rezar com as mãos dadas, em sinal da nossa união. Pedimos assim a Deus as coisas de que precisamos aqui na terra. Às vezes também damos as mãos na missa.

De mãos dadas, rezam:
"O pão nosso de cada dia nos dai hoje.
Perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.
E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal".

Catequista:
"Livrai-nos de todo o mal, Senhor,
e dai ao mundo a paz em nossos dias,
para que, ajudados pela vossa misericórdia,
sejamos livres do pecado e de toda a perturbação,
enquanto esperamos a vinda gloriosa
de Jesus Cristo nosso salvador."

Crianças:
"**Vosso é o Reino e o poder**
e a glória para sempre."

3. **Compromisso**

Para recordar o que acabámos de rezar, na página 69 do catecismo está tudo registado. Em casa, vão ilustrar esse globo terrestre – é assim que se chama esse objeto, que representa a Terra – com uma situação que conheçam e que represente o Reino de Deus no nosso mundo. Fazemo-lo para agradecer a Deus a paz e a proteção que nos dá contra o mal. Podem desenhar com a ajuda da família.

Podem sair cantando o refrão do cântico **"Jesus Cristo é Senhor".**

CATEQUESE 17

"PAI, NAS TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO"

CELEBRAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. "Quando sou fraco"...

Não nos faltam ocasiões e situações em que experimentamos as nossas fraquezas, fragilidades, insucessos. Em si, as fraquezas são, no mínimo, desagradáveis. Mas também são um desafio a não nos resignarmos, a procurarmos os meios necessários para as vencermos, a deixarmos que despertem em nós energias adormecidas, a buscarmos auxílio nos outros e, deste modo, a aprofundarmos a comunhão com eles, a entregarmo-nos com redobrada intensidade ao Deus que tudo pode, como Senhor do Céu e da terra; numa palavra, a sermos mais humanos e mais cristãos.

Temos, para isso, inúmeros exemplos. É o caso de S. Paulo a quem pertencem as palavras: "Quando sou fraco..." Escreve-as no final da segunda Carta aos Coríntios e são das páginas mais belas das suas cartas (2 Cor 11, 16-12, 10). Paulo diz aí claramente: "Da minha fraqueza é que me gloriarei" (2 Cor 11, 30). Uma loucura, aos olhos humanos, também porque na raiz e base destas fraquezas está uma outra loucura: "um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios" (1 Cor 1, 23). A cruz, como sofrimento terrível e expressão máxima de ignomínia. Como foi possível a Jesus fazer dela a confirmação definitiva da sua condição de Messias, de Ungido de Deus? Que caminho seguiu Ele para transformar o fracasso em vitória, a vergonha em glória?

2. Com Cristo em oração

Os relatos da paixão e morte de Jesus estão envolvidos, nos três Evangelhos Sinópticos, em dois momentos de oração, a que S. Lucas junta um terceiro. São momentos decisivos, porque é neles, ou melhor, imediatamente antes deles, que Jesus se sente vacilar.

O primeiro segue-se à Última Ceia em que Jesus anuncia a traição de Judas e as negações de Pedro. Jesus retira-se para o Monte das Oliveiras, onde o assalta a tentação de recuar, de fugir. Vence-a, entregando-se à oração. Uma oração tão intensa

que, segundo S. Lucas "o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam por terra" (Lc 22, 43).

O segundo segue-se imediatamente à crucificação no meio de dois malfeitores. À injustiça da sentença e da sua execução, responde com a oração, a súplica do perdão de Deus para os seus algozes. Porque, diz Ele, "não sabem o que fazem" (Lc 23,34).

O terceiro momento da oração coincide, praticamente, com a sua morte. «Jesus, dando um forte grito, exclamou: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Dito isto, expirou» (Lc 23, 46). As últimas palavras gritadas por Jesus são tiradas do Sl 31, 6. São, portanto, Palavra de Deus. O último suspiro de Jesus é assim preenchido pelo próprio Deus. Maior comunhão não pode existir. O único termo que não faz parte do Salmo é "Pai". Jesus acrescenta-o, como havia feito em todas as outras orações. Em todas elas Ele trata Deus por Pai que, em aramaico, correspondia a "Abbá", expressivo da maior intimidade, da maior confiança, da maior entrega. Jesus abandona-se nas mãos do Pai.

3. ..."Então é que sou forte"

É assim que Paulo termina a frase referida acima: "Quando sou fraco..."

A graça, o amor gratuito e total de Deus, Paulo recebe-a de Cristo, através da oração com que a Ele se entrega: a graça com que Cristo se lhe manifestou, para o converter e constituir como seu Apóstolo, é renovada nele quando, na fraqueza, lhe pede insistentemente a sua ajuda para vencer o mal. Daí a reação do Apóstolo: "Com a maior alegria, portanto, me gloriarei antes das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo" (2 Cor 12, 9).

E que "força de Cristo" é esta que passa a habitar nele com mais intensidade? É o Evangelho que anuncia: a Boa-Nova da vitória de Cristo sobre a morte, através da sua própria morte, ou melhor, dom da vida, feito definitivamente na morte. Pelo sofrimento, aceite por causa de Cristo, revelava-se, de um modo especial, o amor com que Cristo deu a sua vida por nós. Cristo continuava a dar-se através daquele que a Ele se dera, desde a sua conversão e vocação, conquistado pelo seu amor infinito.

"Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é *a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado"* (Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium, 36)*.

OBJETIVOS

- Celebrar o mistério da morte de Jesus por amor;
- Descobrir o lugar e a importância da oração na vivência da paixão e morte de Jesus;
- Unir-se a Jesus, pela oração, na oferta da vida a Deus.

MATERIAIS

- Figura de Jesus em oração (catequeses anteriores);
- Dísticos: "Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua", "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" e "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito";
- Um crucifixo razoavelmente grande, de preferência com base para se sustentar de pé;
- Dois castiçais com velas;
- A Bíblia.

MÚSICAS

- Cristo Jesus, Tu me chamaste;
- Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito;
- Jesus, eu amo-Te;
- O Senhor salvou-me; ou Vitória, tu reinarás.

PREPARAÇÃO DA SALA:

- *No placar:* a figura de Jesus em oração;
- *Na mesa:* a Bíblia

Será necessário escolher previamente duas crianças para segurarem os castiçais; três pais/mães para fazerem as leituras; um pai ou mãe para segurar a cruz a quem deve ser explicado previamente o que terá de fazer. A cruz e os castiçais ficarão de preferência fora da sala (se tal não for possível, numa pequena mesa ao fundo da sala) cobertos com um pano.

ACOLHIMENTO E ENTRADA

Fora da sala, o catequista acolhe as crianças e os pais, prepara-os, ensaiando os cânticos que serão cantados na celebração. Entram em fila, na seguinte ordem: à frente o catequista que preside, seguido das crianças e dos familiares. Durante a entrada, cantam o ***cântico:*** "**Cristo Jesus, tu me chamaste**" (*1ª, 3ª e, se necessário, 4ª estrofe*).

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

Para quem foi que nós cantámos? (...)
E o que é que nós dissemos a Jesus? (...) "Estou aqui". Ele chama cada um de nós. E nós respondemos. Ele chama cada um pelo seu nome na catequese, na igreja... E cada um de nós respondeu: "Estou aqui".
Então cantemos outra vez, agora a olhar para a imagem de Jesus: "**Cristo Jesus, tu me chamaste**" (*só o refrão*).

I. ORAÇÃO

Naquela imagem Jesus está a rezar. Já vimos, nas catequeses anteriores, o que acontece às pessoas que rezam bem como Jesus. Mas falta uma coisa no placar. Que será? (...)
Falta a oração que Jesus nos ensinou... E sabem porque não está lá? É porque ela já está noutro lugar: está no nosso coração. Gostamos tanto dela que já nem precisamos de a ler. Já a sabemos de cor.
Então podemos rezá-la agora e vamos fazer assim: damos as mãos uns aos outros... e, ao mesmo tempo, levantamo-las, para Deus. Olhamos todos para a imagem de Jesus e rezamos juntos:
"**Pai-Nosso, que estais nos Céus...**"
Rezam o Pai-Nosso.

II. PALAVRA

1. *Jesus veio para fazer a vontade do Pai*
   Há pouco cantámos: "Quero subir à montanha". Que montanha, que monte será este? É que nós hoje vamos mesmo subir à montanha. Sem sairmos daqui, vamos ver Jesus a subir a uma montanha. Não é aquela em que Deus lhe falou... Aquela montanha em que Jesus ficou todo iluminado e se ouviu Deus dizer:... *Dialogar com as crianças sobre as palavras ouvidas* (...)

   Sim, "Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o."

   Hoje a montanha é outra. E em vez de Deus falar, é Jesus que vai falar a Deus, lhe vai rezar.

   Nesse monte, vai acontecer a Jesus uma coisa muito, mesmo muito triste.

   Nós sabemos que Jesus era muito bom: veio anunciar o Reino de Deus, fez coisas maravilhosas. Que coisas é que Jesus fez? (...)

Matou a fome a muitas pessoas, curou os doentes, os que não podiam andar... Mas apesar disso havia pessoas que não gostavam de Jesus. Algumas até procuravam uma maneira de o prender para o matarem.

E Jesus sabia disso: sabia que, mais cedo ou mais tarde, iriam prendê-lo e matá-lo. Mas Ele não tinha medo. Não deixava de falar de Deus, de ensinar as pessoas e de fazer o bem a todos, sobretudo àqueles que mais precisavam.

Vamos agradecer-lhe e dizer-lhe que o amamos muito? (...)

Cântico: ***"Jesus, eu amo-Te".***

Um dia, estava-se na altura de uma festa muito grande. Chamava-se a festa da Páscoa, mas não era como a nossa Páscoa. E, nessa festa, muitas pessoas iam a Jerusalém que era a cidade principal do país de Jesus. Era aí que a festa era maior. Jesus também lá foi com os seus discípulos, embora Ele soubesse que provavelmente o iriam prender.

Nessa festa havia sempre uma refeição importante. Jesus, depois de chegar a Jerusalém, fez essa refeição com os seus discípulos. Foi aquela ceia em que Ele lavou os pés aos seus discípulos, como falámos na catequese no ano passado e também já este ano. Jesus sabia que seria a última vez que comia com eles antes de morrer. Por isso, depois da ceia, Jesus retirou-se, acompanhado dos discípulos, para um jardim, onde havia muitas oliveiras; esse jardim até se chamava "Jardim das Oliveiras". E aí começou a sentir-se muito triste ... Ele sabia que a seguir o iam prender. Infelizmente um dos seus discípulos já tinha ido ter com os inimigos de Jesus para lhes dizer onde é que eles o podiam prender.

Jesus estava muito triste e quase sentiu vontade de fugir. Mas se fugisse como é que Ele fazia a vontade de Deus? Como é que Ele ia continuar a ensinar as pessoas sobre Deus? Então o que é que Ele terá feito? (...) O que está Jesus a fazer naquela imagem? Pois foi o que Jesus fez para vencer aquele medo, naquele Jardim das Oliveiras: começou a rezar.
Vamos ouvir, de pé, como foi a oração de Jesus.

Leitura (Lc 22, 42):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas
Todos:
Glória a vós, Senhor.
Pai/Mãe:
Jesus pôs-se de joelhos
e começou a rezar, dizendo:

"Pai, se quiseres,
afasta de mim este cálice;
contudo, não se faça a minha vontade,
mas a tua".

Catequista:
Palavra da salvação.

Todos:
Glória a vós, Senhor.

Silêncio

O catequista afixa, abaixo da imagem de Jesus, o ***dístico****: "****Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua****" e comenta:*

Jesus ensinou-nos umas palavras muito parecidas, não foi? Quais são? (...) "Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu."

Foi o que Jesus fez: em vez de fugir, pediu a Deus que lhe desse coragem para fazer sempre e até ao fim a sua vontade.

Vamos unir-nos a Jesus e dizer as palavras que Jesus nos ensinou? Então fazemos assim: primeiro eu digo as palavras de Jesus e depois todos respondem com as palavras do Pai-Nosso, parecidas com as de Jesus ("Seja feita a vossa vontade..."). Vamos rezá-las de mãos erguidas:

Catequista:
Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua.

Todos:
Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu.

2. *Jesus pediu perdão para quem lhe fazia mal*
A seguir Jesus foi mesmo preso e acabaram por condená-lo à morte. Foi muito triste, porque Ele não tinha feito mal nenhum. E também porque resolveram matá-lo pregando-o numa cruz. Jesus subiu um monte, carregando a cruz às costas... *Breve silêncio.*
No cimo do monte, pregaram-no na cruz e quando já estava na cruz ainda lhe diziam palavras más. Então o que terá feito Jesus? (...) Até nessa altura, a sofrer tanto, o que Jesus fez foi uma oração a Deus seu Pai. Vamos ouvir.

Um pai ou mãe abre a Bíblia em ***Lc 23, 34*** *e lê:*

Jesus dizia:

"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem".

O catequista afixa por baixo do dístico anterior ***o dístico****: "****Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem****".*

Estas palavras de Jesus também são muito parecidas com umas que Ele nos ensinou para nós rezarmos. Quais são? (...) "Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido."

Mas há uma diferença. Vamos olhar bem para as palavras ditas por Jesus... Ele não precisa de pedir perdão para as suas ofensas, para os seus pecados, porque nunca tinha feito nenhum. Mas pede perdão para aqueles que o estavam a ofender. Será que Ele também está a pedir perdão para os nossos pecados, as nossas maldades? Nós não estávamos lá a ofendê-lo. Mas, às vezes, fazemos algumas maldades: ofendemos os outros, temos muita dificuldade em perdoar, não dizemos a verdade, desobedecemos... Vamos todos pensar um bocadinho nessas coisas más que às vezes fazemos. E devemos rezar sempre, para Deus nos ajudar a compreender melhor aquilo que é bom fazer, aquilo que é o bem.

Depois de um breve silêncio:

Já pensámos e com certeza vimos que nós também ofendemos a Deus.

Jesus, na cruz, pede perdão a Deus, também para os nossos pecados. Sobretudo para as vezes em que não somos capazes de perdoar aos outros e nos queremos vingar deles, fazer-lhes mal.

Com a oração que Jesus faz por nós, vamos pedir perdão a Deus para os nossos pecados. Fazemos assim: primeiro dizemos todos juntos as palavras do Pai-Nosso "perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido" e depois eu digo as palavras de Jesus.

De pé... de mãos erguidas, podemos dizer todos:

Todos:

Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

Catequista:

Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

3. *Jesus entregou a sua vida ao Pai*

Agora que já pedimos perdão pelo mal que fizemos, vamos voltar ao que aconteceu a Jesus na cruz... É que ainda falta uma coisa muito importante que Ele fez.

Depois de Ele pedir perdão para os que lhe faziam mal, Jesus ia perdendo cada vez mais as forças. Mas ainda foi capaz de fazer outra oração. Foi a última e uma das mais bonitas. Vamos ouvir, de pé.

Leitura (Lc 23, 46):

Catequista:
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Lucas

Todos:
Glória a vós, Senhor.

Pai/Mãe:
Dando um forte grito,
Jesus exclamou:
"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito".
Dito isto, expirou.

Catequista:
Palavra da salvação.

Todos:
Glória a vós, Senhor.

Silêncio

O catequista afixa, por baixo dos dísticos anteriores, o ***dístico "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"*** *e comenta:*
Expirou quer dizer morreu. Foi assim que Jesus morreu. Ou melhor, deu a sua vida. Deu-se a Deus seu Pai: entregou-lhe o seu espírito, a sua vida... Por aqueles que o ofendiam e também por nós.
Vamos acompanhar Jesus nesta oferta da sua vida?
Então vamos cantar estas palavras, para as rezarmos melhor e nunca mais nos esquecermos delas. Vamos fazê-lo também com as nossas mãos, agora levantadas, em sinal de oferta (*o catequista exemplifica*).

Cântico: **"Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito."**

Repetem:
"Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito."

III. ADORAÇÃO DA CRUZ

1. *Agradecemos a Jesus o amor que nos tem*
   Jesus, na cruz, rezou com palavras muito parecidas com as da oração que Ele nos

ensinou. E, sobretudo, mostrou como devemos rezar. Podemos olhar para o placar. Quando rezamos esta oração, estamos a entregar-nos a Deus: entregamo-nos, ao pedir-lhe que se faça sempre a sua vontade, mesmo quando temos medo; entregamo--nos a Deus, perdoando aos outros, em vez de lhes respondermos com a vingança.
Estamos muito agradecidos a Jesus por todo o amor que nos tem e por tudo o que nos ensina. Podemos mostrar-lhe todo o nosso amor e agradecimento.
Vamos começar por receber com muito respeito a imagem de Jesus na cruz.
De pé e em silêncio, voltamo-nos todos para a porta da sala.

Neste momento é trazida a Cruz: à frente, duas crianças cada uma com um castiçal com a vela acesa, seguidas de um pai ou mãe que traz a cruz levantada. Entram devagar na sala até junto da mesa e do placar. Aí voltam-se para as restantes crianças e deixam contemplar por uns momentos. Depois o catequista diz:

Agora podemos mostrar o nosso amor e agradecimento a Jesus. Podemos adorá-lo na cruz onde deu a vida por nós.
Aproximamo-nos da cruz; quando chegamos ao pé dela, fazemos uma genuflexão (com o joelho direito no chão) damos um beijo a Jesus (ou tocamos-lhe com muito carinho e respeito) e depois benzemo-nos.
Quando nos benzemos, fazemos no nosso corpo uma cruz. Ficamos assim mais unidos a Jesus que, na cruz, deu a sua vida por nós, porque nos ama.

Durante a adoração pode cantar-se um ***cântico*** *apropriado*: "**Jesus eu amo-Te**" *(ou)* "**O Senhor salvou-me**" *(ou:)* "**Vitória, tu reinarás**" *(ou:)* "**Pai, nas tuas mãos entrego o meu Espírito**". *Quando estiver quase a terminar, as crianças que seguram os castiçais pousam-nos na mesa, para também elas fazerem a adoração. No final, a cruz deve ser colocada de pé em cima da mesa, de modo a continuar a ser vista por todos e a pessoa que a segurava fará então a sua adoração.*

IV. ORAÇÃO E GESTO DA PAZ

Foi bonito o que fizemos. Mas não basta mostrar a Jesus o nosso agradecimento. Temos de fazer o que Ele nos ensinou. E agora podemos rezar, como Ele rezou, a **oração** que nos tem ensinado. Assim ficamos mais unidos a Deus, seu Pai e nosso Pai, e unidos uns aos outros.
Vamos rezá-la, como já fizemos no princípio: de mãos dadas e levantadas para Deus...
Então rezemos:
"Pai-Nosso, que estais nos Céus..."
E agora, em sinal do amor que temos por todos, saudemo-nos uns aos outros na paz de Cristo. (*Depois do gesto de paz*):

V. DESPEDIDA E COMPROMISSO

Estamos em paz com Deus e uns com os outros. Podemos partir. Mas, antes de o fazermos, mostramos outra vez o nosso amor para com Jesus, cantando:

"Jesus eu amo-te.
Tu és o meu Senhor.
Jesus, eu creio em ti".

Estamos quase na altura de uma festa muito importante: a festa da Páscoa. Nela celebramos a morte de Jesus e a alegria da sua ressurreição. Na igreja, com as outras pessoas que também conhecem e amam Jesus, vamos festejar a Páscoa com toda a alegria, porque Jesus está vivo e nos ama.

Para melhor festejar a Páscoa e viver o amor de Jesus, na página 73 do catecismo encontram uma cruz que está desenhada com umas «joias». Já sabem que as joias são valiosas e muito bonitas, brilham muito... às vezes, nas grandes igrejas, encontramos crucifixos feitos com joias, porque a cruz de Cristo é muito importante para nós, é o sinal de que Ele ressuscitou. No nosso catecismo, essas joias serão uma oferta vossa a Jesus pois, cada dia, vão pintar uma joia quando rezam e uma joia quando fazem algo que agrada a Deus, faz a paz entre as pessoas. Vão ficar uns crucifixos lindos... feitos com o vosso amor a Jesus.

"Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe."

Todos:

"Graças a Deus."

SÍNTESE DOUTRINAL DO 2º BLOCO

Jesus é o Filho muito amado do Pai
Jesus anuncia o Reino de Deus
Jesus ensina-nos a rezar
O Pai de Jesus é o Senhor do Céu e da Terra
Deus é Santo e chama-nos à santidade
O Reino de Deus está onde estiver o amor e a paz de Jesus
Amar a Deus é fazer a sua vontade
Agradecemos o alimento de cada dia e pedimo-lo para todos
Pedimos perdão a Deus e aos outros pelas nossas ofensas
Com a ajuda de Deus podemos vencer as tentações e evitar o mal
Viver como Jesus ensinou é trabalhar para o Reino de Deus
Jesus cumpriu a vontade do Pai e deu a vida por nós, pedindo perdão para quem lhe fazia mal

Em Jesus somos irmãos

3º BLOCO

Nestes encontros, as crianças são levadas a redescobrir e a celebrar a fé em comunidade:

- Que Jesus Cristo está vivo e vive connosco;

- Que o Espírito Santo, principalmente pelo Batismo, faz de nós Filhos de Deus, irmãos em Cristo, e membros da Igreja.

O tema dos últimos encontros é o mandamento do amor a Deus e ao próximo, ensinado por Jesus durante a sua vida pública e realizado por Ele sobretudo na sua morte e ressurreição.

Encerra-se o ano com a entrega solene da oração do Pai-Nosso, no seio da comunidade.

CATEQUESE 18

RESSUSCITOU, ALELUIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A importância da Vigília Pascal

No canto do precónio pascal com o qual praticamente se inicia esta Vigília, a noite de Páscoa é solenemente proclamada como "noite bendita", "noite santa", "noite de graça", "noite ditosa", a noite, da qual está escrito: "A noite brilha como o dia e a escuridão é clara como a luz".

Nesta celebração está tudo o que a natureza nos oferece como elementos imprescindíveis para a vida: o fogo que aquece e a luz que ilumina; a água que purifica e sacia; o pão que alimenta e fortalece.

Está lá também a Palavra de Deus que nos conduz aos acontecimentos fundamentais da história da salvação; os sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia que nos iniciam numa caminhada com Deus que vai infinitamente para além das fronteiras desta vida terrena.

Por tudo isso, se canta no mesmo precónio pascal: "Ó noite ditosa, em que o Céu se une à terra, em que o homem se encontra com Deus". E encontra-se, porque se trata da "noite, em que Cristo, quebrando as cadeias da morte, se levanta vitorioso do túmulo".

Mas o precónio não fala apenas de acontecimentos passados: Cristo "levanta-se", o homem "encontra-se", o céu "une-se". Não se trata de acontecimentos que passaram à história, mas que se atualizam em todas as fases da história, através da própria celebração.

2. "Ressuscitou"

Tal é a inesperada Boa-Nova que, na versão de S. Lucas (24, 5-6), os anjos anunciam às mulheres que, na madrugada do primeiro dia da semana depois da morte de Jesus, acorrem ao sepulcro para ungirem o seu cadáver: "Porque buscais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui: ressuscitou".

A ressurreição de Cristo é obra de Deus. O mesmo Deus que, ao longo da história do seu povo, várias vezes o libertara de situações de morte e que, por isso, era reconhecido e aclamado como "Deus vivo e verdadeiro". Desde o princípio do Evangelho de Lucas que se sabia que Ele, o Filho de Maria, era o "Filho do Altíssimo" (Lc 1, 32). Uma condição que, no seu batismo, é confirmada pelo próprio Deus: "Tu és o meu Filho muito amado; em ti pus o meu encanto" (Lc 3, 22), e reforçada, com idêntica declaração de amor, no Monte da Transfiguração (Lc 9, 35).

A morte de Jesus consistiu na entrega total do seu espírito nas mãos do Pai e o Pai ressuscita-o de entre os mortos: quem entrega toda a sua vida ao Deus da vida, vence para sempre a morte. Assim Jesus manifestou e confirmou para sempre a sua condição real de Messias. "Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar de entre os mortos", diz Ele, já ressuscitado, aos discípulos que envia em missão anunciar por toda a parte essa Boa-Nova (Lc 24, 46).

"A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. (...) O fim último das restantes criaturas não somos nós. Mas todas avançam, juntamente connosco e através de nós, para a meta comum, que é Deus, numa plenitude transcendente onde Cristo ressuscitado tudo abraça e ilumina" (*Laudato Si*, Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum, 83).

3. Aleluia

É uma palavra de origem hebraica que significa "louvai", louvai o Senhor. Aparece no princípio e/ou no fim de vários Salmos. Provavelmente tinha-se tornado, desde o fim do exílio na Babilónia (538 a.C.), a exclamação de louvor mais usada pela comunidade judaica que se reunia no templo e nas sinagogas para adorar a Deus. Os cristãos adotaram esta expressão para exprimir a sua alegria e o seu louvor ao Deus que, na ressurreição de Cristo, lhes oferecia a maior graça, aquela que lhes permitia encontrar finalmente resposta para o maior desejo, a maior ânsia de qualquer ser humano: a de vencer a morte.

A ressurreição de Cristo é por isso o maior acontecimento da história da humanidade. E a sua notícia tornou-se na Boa-Nova do Evangelho que tanto impacto tem tido até hoje e que tanta vida tem dado a quem o acolhe e por ele se deixa orientar. Aos que nele acreditam e por ele se entregam ao Deus que nele se manifesta e atua, Jesus Cristo concede uma energia e um rumo de vida que ultrapassam todas as capacidades humanas. Veja-se o que tem sido e continua a ser a vida daqueles que, pelo Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, dele e para ele vivem e que irradiam fé, amor e esperança.

A alegria cristã tem uma das suas expressões privilegiadas nesse grito de louvor que nos une a Deus e que, já antes de Jesus, mas sobretudo nele e a partir dele, se revela com um poder e um amor inexcedível: o grito de "Aleluia" – "Louvai o Senhor".

OBJETIVOS

- Acolher a Boa-Nova da Ressurreição de Cristo;
- Celebrar na alegria a festa pascal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Em pleno tempo pascal, esta catequese pretende ser, tanto quanto possível, a celebração do acontecimento salvífico da Ressurreição de Cristo. É, por isso, explicitamente ligada sobretudo à celebração da Vigília Pascal. É nesse sentido que se explica o significado do "Aleluia" pascal, se realiza o rito da luz e se faz a profissão de fé (ainda que com palavras adequadas à compreensão das crianças). A referência ao Batismo é guardada para a catequese seguinte.
2. No centro, está o anúncio da Ressurreição de Cristo feito através do texto do Evangelho. O que começa como o relato de um acontecimento passado, termina com uma Boa-Nova dirigida às crianças no ato catequético. Para isso é fundamental a arte narrativa, animada pela fé do catequista e pela alegria com que faz suas as palavras dos Anjos dirigidas às mulheres que foram ao sepulcro. Também os cânticos propostos sintetizam essa mensagem.

MATERIAIS

- Dístico "Jesus", rodeado de raios luminosos e de diversas cores;
- Letras soltas do dístico "Aleluia";
- Gravura das mulheres junto do sepulcro vazio e anjos;
- Dístico "Ressuscitou";
- Círio pascal, se possível; ou uma vela grossa onde o catequista pinte, ou cole os motivos identificativos próprios do círio: a cruz e os algarismos identificativos do ano em que se está;
- Velas, uma para cada participante.

MÚSICAS

- Aleluia, glória ao Senhor;
- Ressuscitou para nossa vida.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- O *placar* está vazio.
- Na *mesa*: a Bíblia. As velas devem estar guardadas, assim como o círio pascal que só será apresentado na altura indicada.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A festa da Páscoa*

O catequista conversa sobre a vivência da Páscoa, mesmo que as crianças apenas falem de férias, ovos de chocolate, amêndoas... Não adiantar ainda muito sobre o verdadeiro sentido da festa.

Depois o catequista espalha em cima da mesa as ***letras da palavra "Aleluia",*** *soltas e desordenadas, e convida as crianças:*

Vamos começar por descobrir que palavra formam estas letras e colocá-las por ordem...
Orientar e ajudar, mas deixar as crianças descobrir.

Quem é que já conhecia esta palavra? (...) E onde é que se costuma ouvir dizer e cantar Aleluia? (...)

Sim, canta-se muito na igreja. E nesta altura do ano, ainda se canta mais. Vamos aprender a cantá-la.

O catequista ensaia:

"**Aleluia, aleluia, aleluia, aleluia, glória ao Senhor**."

2. *Aleluia, louvai o Senhor!*

Observar com as crianças a primeira página desta catequese no catecismo.

Onde estão estas pessoas? (...) Sim, estão na igreja... Foram à missa. Mas é uma missa especial. O que é que as pessoas têm nas mãos? (...) Têm velas acesas. É a noite de Páscoa e todos cantam com muita alegria as palavras que estão aqui escritas. Vamos cantar também:

"**Aleluia... glória ao Senhor**" (*refrão e 4ª estrofe*).

Mas o que quer dizer "Aleluia"? (...) É uma palavra muito antiga. E cantava-se muito na terra de Jesus. É uma palavra da língua do país de Jesus, uma língua que se chama hebraico. Em hebraico "Aleluia" quer dizer "Louvai o Senhor". É quase o mesmo que

cantámos no cântico: "glória ao Senhor". Então, quando cantamos, na língua de Jesus, "aleluia", estamos a cantar: "Louvai o Senhor". É como estarmos a cantar: "O Senhor é bom! O Senhor é grande!"

Agora que já sabemos o que quer dizer, podemos cantar:

"**Aleluia... glória ao Senhor**" (*refrão e 2ª estrofe*).

E porque será que nós cristãos cantamos mais vezes "Aleluia" nesta altura do ano? (...)

Por que razão é que nós agora louvamos mais o Senhor? (...)

II. PALAVRA

1. *Jesus ressuscitou*

Vou explicar porque é que nós cantamos mais vezes a palavra "Aleluia" nesta altura do ano.

Depois de Jesus ter morrido na cruz, um homem rico que era amigo de Jesus foi pedir a Pilatos, o governador romano, o corpo dele. Tirou o corpo de Jesus da cruz e pô-lo numa gruta de pedra (um sepulcro), que ficava num jardim. Depois tapou a entrada com uma pedra muito grande. Isto passou-se numa sexta-feira.

Quando chegou o domingo, algumas mulheres amigas de Jesus foram, logo de manhãzinha, ao sepulcro. Levavam perfumes para perfumarem o corpo de Jesus, como era costume naquele tempo. Mas quando lá chegaram viram que a pedra tinha sido afastada, o sepulcro estava aberto e o corpo de Jesus já lá não estava. Vamos ouvir o que aconteceu então.

Leitura (Lc 24, 4-6):

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:

Apareceram-lhes dois homens
em trajes resplandecentes.
Como as mulheres estavam amedrontadas
e voltassem o rosto para o chão,
eles disseram-lhes:
"Porque procurais entre os mortos
Aquele que está vivo?
Não está aqui,
Ressuscitou".

Palavra da salvação.
***Crianças*: "Glória a vós, Senhor".**

Silêncio

As crianças sentam-se e o catequista afixa a gravura das mulheres junto do sepulcro vazio, com os anjos, e deixa contemplar.
Os homens de vestes brilhantes eram dois anjos. Jesus já não estava morto. Tinha voltado a viver, tinha ressuscitado.

Afixar no centro do placar o ***dístico "Jesus"*** *envolvido em raios de luz e, por baixo, o* ***dístico "Ressuscitou"****. Deixar contemplar.*
Ressuscitou! Jesus ressuscitou, venceu a morte para sempre.

2. *Jesus ressuscitado dá-nos a sua vida*
Aquelas mulheres, que tinham ficado muito tristes com a morte de Jesus, procuravam-no entre os mortos, mas Ele estava vivo. E vieram dois anjos enviados por Deus dar a melhor notícia que elas podiam ouvir! Nós também amamos Jesus e também ficámos tristes quando ouvimos contar como ele morreu na cruz. Mas sabemos que ele está vivo para sempre.
Vamos cantar a alegria que sentimos com um cântico que até tem as palavras dos anjos: "**Procurais entre os mortos aquele que está vivo?**
Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia."

Eu canto a pergunta dos anjos e depois respondem todos:
"Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia."
(O catequista ensaia o refrão e depois convida as crianças a levantarem-se e a cantar:)

***Catequista*: "Procurais entre os mortos aquele que está vivo?"**
***Todos*: "Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia"** (*repetem o refrão*).

Agora já percebemos por que razão cantamos "Aleluia" – "Louvai o Senhor".

Temos razão para isso, não temos? (...) É a melhor coisa que Deus podia ter feito. Deus é grande e bom. Não deixou que Jesus ficasse morto para sempre. Se ele não tivesse ressuscitado, nós hoje não estávamos aqui, contentes porque ele está connosco.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A festa da Páscoa é uma festa de luz*

É tão importante que Jesus tenha ressuscitado que nós, os cristãos, fazemos por causa disso a maior festa do ano: a Páscoa. E celebramo-la sobretudo na noite de Sábado para Domingo. É a partir dessa noite que nós cantamos muito mais o Aleluia, louvando o Senhor. É nessa noite que a igreja se enche de luz e todas as pessoas têm velas para acender.

Podemos hoje repetir aqui um bocadinho dessa festa. É que também nós, hoje e aqui, acabámos de receber a notícia dos Anjos.

Apresentar o "círio pascal". Esta é uma vela que é benzida (ou como a que é benzida) na igreja na noite de Páscoa. Chama-se círio pascal. Tem a cruz para nos lembrarmos de que Jesus morreu por nós na cruz. Mas tem o ano em que estamos, porque Jesus está vivo connosco agora. E por isso vamos acender o círio, porque a luz lembra-nos a alegria de sabermos que Jesus está vivo. *O catequista acende o círio.*
Tenho aqui velas para nós. Podemos fazer como se faz na igreja na noite de Páscoa: acendemos as nossas velas naquela vela grande e depois, com as velas acesas, dizemos a Deus que acreditamos nele.

2. *Acreditamos em Deus que ressuscitou Jesus*
Acreditar, ou crer, é dizer a Deus que confiamos nele, que o amamos: a Ele e a Jesus ressuscitado.

O catequista distribui as velas.
Agora cada menina e cada menino vem acender a sua vela nesta vela grande que representa Cristo ressuscitado.

Quando todas as velas estiverem acesas, o catequista explica: Eu pergunto se acreditam em Deus, e todos respondem, levantando a vela acesa: "Sim, creio". "Creio" quer dizer "acredito".
É a melhor maneira de mostrarmos a nossa alegria por Jesus ter ressuscitado.
Podemos começar por cantar:

"**Aleluia... glória ao Senhor**" (*1ª, 2ª e 3ª estrofes).*
Catequista:
Acreditais em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra?

Todos (levantando as velas):
Sim, creio.

Catequista:
Acreditais em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que nasceu da Virgem Maria, morreu por nós na cruz, ressuscitou dos mortos e está vivo para sempre?

Todos (*levantando as velas*): **Sim, creio.**

Catequista:
Acreditais no Espírito Santo que nos faz santos?

Todos (*levantando as velas*):
Sim, creio.

Catequista:
Louvemos o Senhor, cantando de novo:
"**Aleluia... glória ao Senhor**" (*refrão e estrofe*:)
"**Glória ao Senhor nossa luz...**"

3. **Compromisso**
   O catequista explica que as crianças devem preencher os espaços em branco do texto de Lc 24, 5-6, conforme o que escutaram (página 77 do catecismo). Depois pintam o círio dessa página, colocando a indicação do ano pastoral em que estão: 20_ _.
   Do mesmo modo, convide-se as crianças a ler em casa, com a família, o texto da página 75 do catecismo e a colocar também o ano no círio pascal.

***NOTA** – Contactar os pais ou familiares quando vão buscar as crianças no fim da catequese, pedindo para trazerem no próximo encontro uma fotografia do batizado da criança (ou uma fotocópia dessa fotografia para evitar que se estrague). O catequista também poderá trazer uma do seu batizado (se a tiver) ou de um seu filho ou familiar.*

CATEQUESE 19

PELO BATISMO SOMOS FILHOS DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O Batismo: um simples acontecimento social?

É pelo batismo que qualquer pessoa é inserida na Igreja. As razões que movem os pais a pedir o batismo para os seus filhos são de diversas ordens e, no fundo da sua consciência, há muitas vezes motivos que talvez não saibam exprimir bem, mas que, na realidade, são os mais decisivos: motivos que têm a ver com o futuro dos seus filhos, com a vida que desejam para eles, isto é, uma vida que não se reduza à sua dimensão física e humana; motivos que nascem da observação da sociedade em que vivem, dos limites do que ela oferece aos seus membros, em ordem a uma educação verdadeiramente integral, em que a dimensão espiritual e religiosa não pode naturalmente faltar.

Mas seja o que for que move os pais de uma criança a pedir o batismo, é sempre Deus que atua neles. É dever da Igreja acolher os pais em nome de Deus e levá-los a descobrir, de um modo mais nítido, aquilo que na realidade procuram.

2. O sacramento do Batismo

Pelo sacramento do Batismo (juntamente com a Confirmação e a Eucaristia) "são lançados os *alicerces* de toda a vida cristã" (CIC 1212).

Numa das muitas passagens das suas cartas em que S. Paulo nos fala dele, diz-nos: "Todos vós sois filhos de Deus em Cristo Jesus, mediante a fé; pois todos os que fostes batizados em Cristo fostes revestidos de Cristo: não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3, 26-28).

É provável que estas palavras, na origem, fossem dirigidas a cristãos acabados de batizar, para lhes mostrar o que verdadeiramente tinha acontecido com eles: antes de mais, a relação nova que se havia estabelecido entre eles e Deus. Uma relação da filiação em que a vida humana, recebida dos pais, ganhava a dimensão de uma vida ilimitada, aquela que se revelou em Jesus Cristo, especialmente na sua morte e ressurreição.

Ao entregar-se a Deus na totalidade do seu ser, Jesus venceu a morte para sempre e abriu à humanidade inteira o caminho para a mesma vitória, o caminho para Deus. Esse ato de amor cria um novo ser, dá origem a "uma nova criatura" (2 Cor 5, 17; Gl 6,15).

Esta realidade expressa-se através de dois dos ritos mais significativos da celebração batismal: a água e a veste branca. A própria palavra "Batismo" significa, na origem, imersão, mergulho na água, como meio de purificação. O Batismo consiste em morrer para o pecado, para nascer para a vida que Cristo já tem enquanto ressuscitado (cf. Rm 6, 3-11). E é assim que ficamos "revestidos de Cristo". A veste branca, da cor da pureza, serve para nos identificar na nossa vida nova como cristãos.

3. A catequese batismal

No caso das crianças muito pequenas a catequese é posterior à receção do sacramento. Mas há sempre alguma catequese anterior dirigida aos pais e padrinhos para poderem exercer o seu dever e compromisso de educadores na fé.

O percurso catequético destinado às crianças e aos adolescentes insere-se numa caminhada catequética pós-batismal, mas com referências permanentes ao Batismo como sacramento que tem implicações em todos os campos da vida cristã.

Uma catequese sobre o Batismo não se pode contentar em explicar o sacramento do Batismo, mas tem de encontrar meios que levem as crianças a acolher, pela fé, a graça batismal que Deus lhes conferiu no seu Batismo.

"Nas regiões onde o Batismo das crianças se tornou largamente a forma habitual de celebração deste sacramento, esta transformou-se num ato único, que integra, de um modo muito abreviado, as etapas preliminares da iniciação cristã. Pela sua própria natureza, o Batismo das crianças exige um *catecumenado pós-batismal*. Não se trata apenas da necessidade duma instrução posterior ao Batismo, mas do desenvolvimento necessário da graça batismal no crescimento da pessoa. É o espaço próprio da *catequese*" (CIC 1231).

Hoje, no entanto, há cada vez mais crianças a frequentar a catequese que ainda não são batizadas. Normalmente, estão inseridas no grupo de catequese do seu grupo etário mas os catequistas devem prestar muita atenção ao seu percurso de fé e à sua preparação para a receção do batismo e da eucaristia (primeira comunhão), segundo o Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos (RICA) do qual consta um capítulo dedicado à iniciação cristã destas crianças, a Iniciação Cristã das Crianças em idade da Catequese.[1]

---

[1] Capítulo V, RITUAL DA INICIAÇÃO DAS CRIANÇAS EM IDADE DE CATEQUESE:
1. Rito da admissão dos catecúmenos.
2. Escrutínios ou ritos penitenciais.
3. Celebração dos sacramentos da iniciação.

OBJETIVOS

- Compreender que, pelo Batismo, nos tornamos filhos de Deus, em Jesus ressuscitado;
- Sentir a alegria de ser batizado.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese é uma continuação e um complemento da anterior, pela ligação do Batismo à ressurreição de Cristo e sua celebração na Vigília Pascal. Para isso devem contribuir no desenvolvimento da catequese o cântico "Ressuscitou para nossa vida", o círio pascal e a água.
2. É importante que cada uma das crianças se sinta feliz por ser filha de Deus a partir do seu Batismo.

MATERIAIS

- Dísticos "Jesus" e "Ressuscitou" (catequese anterior);
- Círio pascal (catequese anterior);
- Dísticos "Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo"; "Graças a Deus" e "Somos filhos de Deus";
- Fotografias dos batizados das crianças e do catequista (ou seu familiar);
- Recipiente/pequena bacia (se possível, de vidro) com água;
- Pano branco.

MÚSICA

- "Ressuscitou para nossa vida".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* os dísticos da catequese anterior "Jesus" (envolvido em raios de luz) e "Ressuscitou".
- *Na mesa:* a Bíblia, ladeada pelo círio pascal aceso e um recipiente ou pequena bacia (se possível de vidro), cheio de água e coberto por um pano branco.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Se houver no grupo crianças que ainda não foram batizadas, o catequista deve ter isso em conta e referir que essas crianças também serão batizadas como aconteceu com o catequista e com as outras crianças, fazendo sempre depois as devidas adaptações.

1. *O nosso batizado*

   Pedir às crianças que apresentem as fotografias do seu batizado e dialogar sobre elas. O catequista apresentará também a fotografia que trouxe. Se o grupo for pequeno, as crianças podem identificar as pessoas presentes na fotografia. De qualquer modo, procurar isolar os elementos comuns: a criança a ser batizada, o sacerdote, a água, a roupa branca…

   Quem é que já foi a um batizado? (…) O que é que o Sr. Padre faz nos batizados? (…) No dia do nosso batismo, o Sr. Padre também deitou água sobre a nossa cabeça. *Destapar a taça com a água e dobrar o pano, colocando-o ao lado.* A água do nosso batismo, que foi deitada sobre a nossa cabeça, lavou-nos de todo o mal. Também nos foi entregue uma vela, que os padrinhos seguraram, para nos lembrar que Jesus está vivo e é a nossa luz. E estávamos vestidos com roupa branca como este pano, porque ficamos limpos, puros, sem mancha, parecidos com Jesus.

2. *No Batismo recebemos a vida nova de Jesus ressuscitado*

   A vela que nos dão no Batismo é sempre acesa numa vela como esta que aqui temos e onde nós acendemos as nossas na semana passada. Quem se lembra como se chama esta vela? (…) E o que é que ela significa? (…) Ela representa Jesus ressuscitado, vivo para sempre. No Batismo recebemos a vida nova de Jesus ressuscitado.

   Ainda se lembram daquele cântico que aprendemos e cantámos na última catequese? "Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia" (…)

   Vamos cantá-lo outra vez e fazemos como aprendemos: eu canto as palavras "Procurais entre os mortos aquele que está vivo?" E para ser maior a nossa alegria até podemos cantar batendo as palmas.

   De pé, cantam:

   Catequista:
   "**Procurais entre os mortos aquele que está vivo**?"
   Todos *(cantando, ao ritmo das palmas)*:
   "**Ressuscitou para nossa vida, aleluia, aleluia**" (*repetem*).

II. PALAVRA

1. *Agradecemos a Deus dar-nos a sua Palavra*

   Quando vamos à missa há leituras da Palavra de Deus que não são feitas pelo Sr. Padre. No fim dessas leituras a pessoa que as lê, diz: "Palavra do Senhor", porque também são tiradas da Bíblia, mas não são dos Evangelhos que contam a vida de Jesus; e nós respondemos: "Graças a Deus!". Agradecemos a Deus as palavras que Ele nos diz.

   Afixar o dístico "**Graças a Deus**".

   Hoje vamos ficar a conhecer um bocadinho de uma carta de um grande amigo de Jesus

chamado Paulo. Quando eu disser "Palavra do Senhor", respondem todos "Graças a Deus".

2. *O Batismo torna-nos filhos de Deus*
Então vamos ouvir o que S. Paulo nos diz sobre o nosso Batismo, o que acontece connosco quando somos batizados.

Leitura (Gl 3, 26-27):

Catequista:
Leitura da carta de São Paulo aos Gálatas

Irmãos:
Todos vós sois filhos de Deus
em Jesus Cristo,
mediante a fé;
pois todos os que fostes batizados em Cristo
fostes revestidos de Cristo.
Palavra do Senhor.
***Crianças*: Graças a Deus.**

Silêncio

S. Paulo ensina-nos que quando somos batizados ficamos filhos de Deus de verdade, ficamos parecidos com Jesus Cristo, Filho de Deus. No cimo do monte, também a roupa de Jesus ficou branca e Ele ficou cheio de luz. E nós, no nosso batismo, temos roupa branca e uma vela acesa. É uma alegria muito grande saber que somos filhos muito queridos de Deus.

*Afixar o **dístico "Somos filhos de Deus"**.*
Nós podemos chamar a Deus nosso Pai, porque somos mesmo filhos de Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Recordamos o nosso Batismo*
Afixar o **dístico *"Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo"***.
Vamos todos ler o que está ali escrito. (...)

Quem diz estas palavras é o Sr. Padre quando nos batiza. Mas também diz o nome da pessoa que está a batizar. Chama-a pelo nome.

Agora vamos fazer assim: temos aqui esta taça com água. Cada um de nós vem aqui

à frente, molha os dedos da mão direita na água e benze-se, dizendo o seu nome e estas palavras "**Eu (*nome*) estou batizado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo**". (*O catequista exemplifica*).

(*Se for o caso, o catequista diz):* Para os meninos e meninas que ainda não foram batizados é um bocadinho diferente. Em vez de dizerem "Estou batizado", dizem: "Vou ser batizado".

2. *Cantamos a alegria do nosso Batismo*
E agora cantamos outra vez a alegria por Jesus ter ressuscitado e por nos fazer filhos de Deus pelo Batismo.
De pé, cantam:

Catequista:
"**Procurais entre os mortos Aquele que está vivo?**"

Todos (*ao ritmo das palmas*):
"**Ressuscitou para nossa vida...**"

Catequista:
"**Todos vós que fostes batizados estais revestidos de Cristo**".
Todos (*ao ritmo das palmas*): "**Ressuscitou para nossa vida...**"

No catecismo (*o catequista indica a página 80, referente aos dados do Batismo de cada criança*) faltam aí algumas coisas: em que dia e onde foram batizados e por quem. Isto para os meninos que já foram batizados. Os que ainda não foram batizados guardam o catecismo com muito cuidado e escrevem mais tarde, quando forem. (O catequista pode oferecer às crianças que ainda não foram batizadas um marcador bonito e «especial», para identificar esta página até ao «grande dia»).

Vão perguntar lá em casa. Se o pai e a mãe não se lembrarem, podem ver na cédula da vida cristã. E peçam-lhes também para ver todas as fotografias ou o vídeo do vosso Batismo.

3. **Compromisso**
Em casa vão conversar com a família sobre o vosso batizado – ou os preparativos que estão a fazer para o vosso batizado, possivelmente no próximo ano. É também uma boa ocasião para lembrar os Padrinhos e, talvez, telefonar-lhes, mandar-lhes uma mensagem ou um desenho a agradecer por terem esse importante papel na vossa vida. Depois, com a ajuda da família, vão recordar os objetos que usamos no batizado e que significam coisas importantes para todos os cristãos: aqui (*mostrar*) na página 81 do catecismo, estão desenhados os objetos e o seu nome, para completarem.

CATEQUESE 20

RECEBEMOS O ESPÍRITO SANTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Os sinais do Espírito

Estes sinais são quase todos elementos da natureza, imprescindíveis para a vida humana. Na tradição bíblica e na liturgia destacam-se os seguintes, todos eles referidos no Catecismo da Igreja Católica (694-701):

- O *ar* que respiramos e sem o qual não podemos viver. É tão importante que acabou por se tornar o termo mais usado para identificar a vida ou vitalidade que nos vem de Deus. "Espírito" corresponde ao latim "Spiritus" que traduz o grego "Pneuma" e o hebraico "Ruah", palavras que significam sopro, ar, vento. É nesse sentido que, no livro do Génesis (2,7), o ser humano, formado por Deus "do pó da terra", se tornou "um ser vivo" só depois de Ele lhe ter insuflado "pelas narinas o sopro da vida". E Jesus ressuscitado envia os seus discípulos na missão de transmitir o perdão, alcançado pelo amor ilimitado expresso na cruz com a entrega do Espírito ao Pai, depois de ter "soprado sobre eles" (Jo 20, 22-23).

- A *água* de que necessitamos para viver e que usamos todos os dias para nos lavarmos. Mas precisamos ainda mais de uma outra água: aquela que Deus promete através do profeta Ezequiel, aos exilados na Babilónia: "Derramarei sobre vós uma água pura e sereis purificados. Eu vos purificarei de todas as manchas e de todos os pecados" (Ez 36, 25); é a mesma água que Jesus promete aos que dele se aproximarem e nele crerem: "Como diz a Escritura, hão de correr do seu corpo rios de água viva" depois de Jesus ter "sido glorificado" (Jo 7,37-39). De facto, depois de ter entregado a Deus o seu Espírito, ainda brotaram do seu peito, perfurado pela lança do soldado, "sangue e água" para aqueles que, na fé, o contemplam trespassado (Jo 19, 34-37).

2. "Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho"

S. Paulo diz que é esse Espírito que, em nós, "clama: Abbá! – Pai". A intimidade familiar que Jesus manifestava na sua oração, em que chamava assim a Deus, apodera-se dos que, na fé, acolhem o Evangelho do amor de Deus, revelado no envio do "seu Filho,

nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei" (Gl 4, 4). É a entrega do Filho de Deus que assim nos oferece a possibilidade de uma vida nova e faz daqueles que a Ele aderem, pela fé e pelo Batismo, novas criaturas (2 Cor 5, 17; Gl 6, 15).

O cristianismo dá-nos a conhecer o amor inexcedível de Deus. Todos podemos experimentá-lo: os catequistas que, para a realização da sua missão, se confiam a Deus, o tratam como Pai na maior intimidade filial, adquirem mais energia, mais vitalidade, para serem verdadeiramente testemunhas do seu amor. E o Espírito de Deus que respiram é transmitido aos catequizandos que, através deles, descobrem a fonte última desse amor e aprendem mais facilmente a chamar Pai a Deus, porque O veem e O sentem no amor com que são tratados.

"É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra a sua unidade. O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho" (Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 117).

3. A ação do Espírito Santo no Batismo

Além da água, que ocupa um lugar central neste sacramento, entram na sua celebração outros símbolos: a unção com o óleo dos catecúmenos e, sobretudo, com o do Santo Crisma que liga o Batismo à Confirmação; o fogo, particularmente se o Batismo é celebrado na Vigília Pascal; a luz da vela acesa no círio pascal de Cristo que se tornou a luz do mundo. Mas todos estes símbolos ganham vida e se tornam transmissores da vida do Espírito Santo através da Palavra.

No Batismo, como nos outros sacramentos, a eficácia está sobretudo no seu autor, Deus, que entra num processo de comunicação em que intervêm, como seus mediadores e na seguinte ordem:

- Os leitores que proclamam as leituras bíblicas. É pelas suas vozes que Deus fala no momento em que as suas Palavras são lidas e escutadas.
- Os batizandos, sejam eles os catecúmenos que falam por si, sejam as crianças que dependem dos seus pais, padrinhos e restante comunidade crente; todos eles são convidados a proclamar a sua fé.
- O ministro do sacramento que derrama a água sobre o batizando, ao mesmo tempo que diz fazê-lo "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". Pela sua boca, o Espírito penetra no coração daquele que foi redimido por Cristo, o Filho de Deus, para entrar na comunhão filial com o Pai, que o ama infinitamente.

- O neófito que passa a proclamar a Palavra de Deus, através do testemunho cristão, dentro e fora da Igreja. Um testemunho que é dado pela palavra e pelo seu modo de viver.

OBJETIVOS

- Tomar conhecimento da ação do Espírito Santo em nós;
- Deixar-se guiar pelo Espírito, na oração e no amor a todos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Não é fácil levar as crianças a aperceberem-se da ação do Espírito Santo nelas e nos cristãos. A palavra "espírito" é demasiado abstrata para crianças desta idade. Daí que, mais do que falar dele, devem criar-se condições para que Ele fale, nomeadamente através da oração e do canto a que as crianças são convidadas e, sobretudo, da alegria que sentem nisso.
2. Por outro lado, é importante que elas tenham consciência de que essa alegria e a fé que pode despertar não dependem primariamente delas, mas de Deus que atua através do seu Espírito.
3. A Palavra de Deus, para melhor ser fixada, é apresentada como texto musicado.
4. É possível que no grupo haja crianças por batizar. Nesse caso, façam-se as devidas adaptações. Nessas crianças, esta catequese pode e deve despertar ou fortalecer o desejo e o gosto pelo Batismo e a sua preparação.

MATERIAIS

- Gravura do Batismo de Jesus (catequese 9);
- Dísticos "Pai", "Filho" e "Espírito Santo".

MÚSICAS

- Aleluia, Glória ao Senhor;
- Recebestes um Espírito.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Cantamos ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo*

   Todos se lembram ainda do que falámos nas últimas catequeses, não é verdade? (...) Sim, falámos da ressurreição de Jesus e do nosso Batismo, onde recebemos a vida nova de Jesus.

Foram catequeses com muita alegria e cantámos cânticos com a palavra Aleluia, que quer dizer o quê? (...) Louvai o Senhor! Vamos cantar outra vez um dos cânticos que aprendemos.

*Cantam **Aleluia, Glória ao Senhor** (refrão e as três primeiras estrofes que aclamam as três Pessoas da Santíssima Trindade).*

Com as nossas palavras louvámos Deus, nosso Pai; louvámos Jesus, nosso amigo e nosso Senhor; e louvámos o Espírito Santo.

2. *Batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*

Já falámos no Espírito Santo na catequese do ano passado. Além disso, nós benzemo-nos "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo". E rezamos: "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo..."

Também vimos na última catequese como foi que o Sr. Padre nos batizou. Como foi? (...) Sim, deitou água sobre a nossa cabeça, disse o nosso nome e a seguir: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

*Afixar os **dísticos** "**Pai**", "**Filho**" e "**Espírito Santo**".*

II. PALAVRA

1. *Quem é o Espírito Santo?*

Quem é o Espírito Santo? (...) Ele é Deus como o Pai e o Filho. Não tem corpo e, para nós podermos saber que ele também estava ali quando Jesus foi batizado, apareceu uma pomba.

Afixar a gravura do Batismo de Jesus e dialogar com as crianças, recordando o que foi dito sobre este acontecimento.

O nosso Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. Já falámos muitas vezes do Pai e do Filho, Jesus. Hoje vamos falar do Espírito Santo para podermos conhecê-lo melhor.

2. *O Espírito Santo em nós*

Na última catequese S. Paulo disse-nos o que acontece no nosso Batismo. E hoje vai continuar a dizer-nos palavras muito importantes.

Leitura (Gl 4, 4-6):

Catequista:
Leitura da carta de São Paulo aos Gálatas
Irmãos,
Quando chegou a plenitude do tempo,
Deus enviou o seu Filho,

para sermos adotados como filhos.
E, porque sois filhos,
Deus enviou aos nossos corações
o Espírito do seu Filho,
que clama: "Abbá! – ó Pai!"

Palavra do Senhor.

Crianças:
Graças a Deus.

Silêncio

No nosso Batismo o Espírito Santo enche de amor os nossos corações para podermos chamar a Deus "Abbá". Esta é mais uma palavra da língua de Jesus e quer dizer *Papá, Pai.*
Então o Espírito Santo é quem nos leva a chamar Pai ou Abbá a Deus. E como é que nós sentimos o Espírito Santo em nós? Quando sentimos uma vontade e uma alegria muito grande de rezarmos, por exemplo, o Pai-Nosso, onde chamamos Pai a Deus; ou quando sentimos uma amizade muito grande por Jesus e queremos ser como Ele. Ou quando queremos e conseguimos ser bons uns para com os outros. E nós conseguimos fazer muitas outras coisas boas, não conseguimos? (...) *Deixar as crianças lembrar outras coisas...* Em tudo isso é o Espírito Santo que está em nós.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Cantamos a alegria de termos em nós o Espírito Santo*
É bom sabermos que o Espírito Santo está em nós e nos ajuda a sermos bons. Vamos aprender um cântico que tem as palavras que S. Paulo nos disse sobre o Espírito Santo.

O catequista ensaia o cântico:
"**Recebestes um Espírito**".

Ensina também a cantar "Abbá, ó Pai!" com gestos: as mãos levantadas para o alto. Depois, de pé, cantam todos "**Recebestes o Espírito**" (*refrão e a 1ª e a 4ª estrofe*).

2. *Com o Espírito Santo, vivemos como filhos de Deus*
Neste cântico chamamos a Deus "Abbá", ó Pai", como Jesus fazia. E podemos mesmo chamar, porque desde o nosso Batismo nós somos realmente filhos de Deus. Já tínhamos aprendido com Jesus a chamar a Deus "Pai-Nosso". Podemos falar com Ele

exatamente como Jesus falava, como filhos muito queridos. E o Espírito Santo ajuda-nos a viver realmente como filhos de Deus.

Agora vamos fazer uns momentos de silêncio para pensarmos em tudo o que hoje dissemos acerca do nosso Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.

Silêncio

Antes de irmos embora vamos rezar todos juntos aquela **oração** que já sabemos: **"Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo"...**
No fim repetem o refrão do cântico "**Recebestes um Espírito**".

3. **Compromisso**
Na página 84 do catecismo encontramos escrito "ABBÁ" e o que significava na língua de Jesus. E significa...? (*escutar as crianças*) Papá, Pai... para nos recordar que Deus é um Pai que nos ama sempre. E para não esquecermos que o Espírito Santo nos ajuda a praticar o bem, está em nós, pintamos as letras e desenhamo-nos numa atitude de bondade para com os outros.

Catequista:
Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe.

Crianças:
"Graças a Deus".

CATEQUESE 21

ENTRÁMOS NA IGREJA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. É urgente o sentido de Igreja

A fé é uma comunhão da pessoa com Deus. Ninguém pode ser substituído por outro nessa relação. Mas é urgente o sentido de Igreja, porque a mensagem cristã e, consequentemente, a sua vivência é fundamentalmente comunitária. "Aquele que está sozinho, isto é, fechado em si mesmo, não conta para a Minha verdade; é afastado de Mim, porque a promessa divina está reservada àqueles que são muitos" (Revelações a S.ta Catarina de Sena, doutora da Igreja, padroeira da Europa). O dom da vida, realizado de modo único por Jesus Cristo na cruz foi oferecido por toda a humanidade. Se é deste amor que cada cristão nasce, não o pode ter e viver se não o põe em prática: em primeiro lugar e principalmente com os outros cristãos com os quais constitui uma família unida por laços profundos.

2. "Eu estou no meio deles"

É com esta promessa que terminam as palavras de Jesus em Mt 18, 19-20: "Digo-vos ainda: se dois ou três de entre vós se unirem na terra, para pedir qualquer coisa, hão de obtê-la de meu Pai que está nos Céus. Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles."

Tal é o poder da oração: reunidos em oração, com Jesus no meio deles, os fiéis unem-se ao Pai comum e a todos os seus filhos. Foi da entrega de Jesus e do consequente reconhecimento deste seu amor extremo que nasceu a Igreja. Entregar-se a Cristo é abrir a porta do coração e da vida a esse amor. Um amor que, naqueles que dele vivem, se exprime e concretiza no amor aos outros, sobretudo aos mais necessitados física e espiritualmente.

Para isso é preciso uma coragem e uma constância que ultrapassa as capacidades humanas. Daí a promessa: "Eu estou no meio deles". Palavras que evocam o nome dado a Jesus no princípio do Evangelho: "O Emanuel, o Deus connosco" (Mt 1, 23),

e também as palavras que Ele, ressuscitado, diz aos Onze, no final do Evangelho: "Eu estarei convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28, 20).

3. "A Comunidade cristã, mediadora da alegria do encontro com Cristo"

No documento "Catequese: a Alegria do Encontro com Jesus Cristo" (Conferência Episcopal Portuguesa, 2017) que os nossos Bispos publicaram sobre a catequese em Portugal, sublinha-se a importância e o papel da comunidade cristã na catequese:

"De facto «é sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e mulheres à conversão e a seguirem Cristo»[1]. Foi o caso de S. Paulo, na sua primeira viagem missionária, com S. Barnabé: tomada a decisão pela comunidade de Antioquia, de que faziam parte, foi dela que partiram, depois de terem jejuado e orado e lhes terem imposto as mãos (At 13, 3). E foi para lá que, no final, regressaram e à comunidade contaram tudo o que Deus fizera com eles (At 14, 27).
O mesmo acontece com a catequese, como aprofundamento do primeiro anúncio e «ação evangelizadora fundamental de cada Igreja particular» (a diocese). Toda ela «deve sentir-se responsável por este serviço»; porque «é ela que anuncia, que transmite o Evangelho, que celebra... Os agentes 'servem' este ministério e agem 'em nome da Igreja'»[2].

É na comunidade que as crianças devem tomar consciência progressivamente de que a Igreja é uma família na qual entraram pelo Batismo e se integram mais intensamente pela Confirmação e pela Eucaristia.

Na igreja-edifício onde a Igreja se reúne em volta daquele que está na sua origem, que é o seu fundamento e a fonte permanente da sua vida, Cristo, morto e ressuscitado, as crianças são levadas a inserir-se no seio da comunidade e a viver com ela as orações e cantos, os ritos e os gestos que lhes são apresentados e explicados na catequese. Daí a importância de estimular as crianças e as suas famílias a participarem na Eucaristia dominical.

OBJETIVOS

- Tomar consciência de que é pelo Batismo que entramos na Igreja;
- Alegrar-se por fazer parte da Igreja e querer viver como membro da família de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Para a maioria das crianças, como dos adultos, a Igreja é identificada com o edifício em que se reúnem os cristãos. Por isso, parte-se dessa noção para o sentido original

---

1 Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese*, 254.
2 Congregação para o Clero, *Diretório Geral da Catequese,* 218-219 (incluindo a nota 13).

e mais próprio do termo: a Igreja como assembleia dos cristãos reunidos por Cristo, desde o Batismo de cada um.

2. Como as catequeses anteriores, também esta é muito vivencial. As crianças adquirem o sentido da Igreja, na medida em que, no ato catequético, se sentem como membros da Igreja.

MATERIAIS

- Círio pascal (catequeses anteriores);
- Fotografia ou imagem da igreja (tirada de frente, de modo que seja visível a porta da igreja), se possível, da paróquia ou do lugar onde vivem as crianças;
- Dísticos: "IGREJA" e "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles".

MÚSICAS

- Cristo Jesus, Tu me chamaste;
- Somos a Igreja de Cristo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* uma fotografia da igreja paroquial.
- *Na mesa:* a Bíblia e o círio pascal (apagado).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A nossa igreja e o nosso batismo*

   Hoje temos aqui a fotografia de uma casa que nós conhecemos muito bem, não é verdade? (...) É a nossa igreja. Já lá fomos muitas vezes. Foi lá que alguns dos meninos (ou todos os meninos) foram batizados.

   Quando fomos batizados muito pequeninos, não nos lembramos de nada. Mas já vimos as fotografias (até já tivemos aqui na catequese fotografias dos nossos batizados) e os nossos pais com certeza nos contaram como foi.

   O Sr. Padre recebe na igreja os pais e os padrinhos que levam o menino ou a menina para batizar. Depois o senhor Padre pergunta aos pais o nome do filho ou filha que vai receber o Batismo. E a seguir pergunta aos pais: que pedis à Igreja para o/a... e diz o nome da menina ou menino. E os pais responderam: o Batismo.

2. *Marcados com o sinal da cruz*

Depois o Sr. Padre faz uma coisa muito importante. Com o dedo, faz uma cruz na testa da pessoa que vai ser batizada. E a seguir os pais e os padrinhos também fazem o mesmo (...)

Porque será que fazem uma cruz? (...) Porque foi na cruz que Jesus deu a vida por nós. A cruz é o sinal do cristão. Por isso é que nós nos benzemos, fazemos o sinal da cruz sobre o nosso corpo, como foi feito na nossa testa no dia do nosso batismo.

Nós estamos marcados com o sinal da cruz, o sinal de Jesus Cristo, somos cristãos. Vamos cantar um cântico muito bonito que já sabemos e que diz que Cristo nos chamou e que nós viemos à Igreja. A primeira vez que viemos pode ter sido no dia do nosso Batismo. Então cantamos:

"**Cristo Jesus, tu me chamaste**" (*só o refrão, cantado duas vezes).*

II. PALAVRA

1. *Na igreja reúne-se a IGREJA*

*O catequista afixa o **dístico "IGREJA"**. Deixar as crianças ler.*

Porque será que eu afixei esta palavra, se a igreja já ali estava naquela imagem? Nós chamamos igreja àquela casa onde nos reunimos para a missa, para os batizados, para os casamentos, para rezar. Mas de verdade a Igreja somos nós todos, a família dos que são batizados, filhos de Deus e recebem o Espírito Santo. Essa família é que é a verdadeira IGREJA.

No dia do nosso Batismo, nós entramos numa igreja-casa e somos recebidos por outras pessoas batizadas, cristãs, que são a Igreja de verdade. A igreja-casa só se chama assim porque é lá que se reúne a Igreja viva, formada por pessoas.

2. *Jesus está no meio de nós*

E Jesus vai dizer-nos hoje o que acontece quando nós, cristãos, nos reunimos uns com os outros.

Acender o círio.

Leitura (Mt 18, 19-20):

Catequista:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus.

Crianças:

Glória a vós, Senhor.

Catequista:
Naquele tempo,
disse Jesus aos seus discípulos:
"Se dois de entre vós
se unirem, na terra,
para pedir alguma coisa
hão de obtê-la, do meu Pai
que está nos Céus.
Porque, onde estiverem dois ou três
reunidos em meu nome,
eu estou no meio deles".

Palavra da salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Silêncio

*O catequista afixa o **dístico**: "**Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, eu estou no meio deles**". Deixa contemplar e pede a uma criança que leia.*

Em seguida repetem todos: "**Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles**".

Agora olhamos para a palavra que já ali estava: "**IGREJA**". A Igreja está onde estiverem dois ou três reunidos em nome de Jesus. E quem são as pessoas que se reúnem em nome de Jesus? (...) Sim, somos nós, os cristãos.
E, com Jesus no meio de nós, nós formamos a... "**IGREJA**".

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Na catequese Jesus está no meio de nós*
   Quando é que nós nos reunimos em nome de Jesus? (...) Sim, é na igreja, quando vamos à missa; mas é também aqui na catequese. Se estamos mesmo reunidos em nome de Jesus, então Jesus está no meio de nós. Todos nós que acreditamos em Jesus e fomos batizados "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" somos a Igreja, a Igreja de Cristo.
   *O catequista ensaia o cântico: "**Somos a Igreja de Cristo**" e cantam (refrão e 1ª estrofe).*

2. *Viver na família de Deus*

É muito bom sabermos que somos a Igreja, a família dos que são batizados.
Como é que devem viver os que são batizados? (...) *Dialogar com as crianças.*
Aqueles que pertencem à família de Deus pelo Batismo têm de viver como Jesus nos ensinou: obedecendo, dizendo a verdade, rezando, respeitando e amando todas as pessoas.
Para dizer a Jesus que queremos viver assim, damos as mãos, levantamo-las... e rezamos:
Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo
Como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

3. **Compromisso**
Na página 88 do catecismo vamos encontrar algumas imagens que mostram como os cristãos se reúnem em nome de Cristo, em IGREJA (*deixar as crianças identificar as imagens*). Em casa vão conversar com a família sobre estas maneiras que temos de fazer parte da Igreja e outras, que os adultos conheçam. Depois, preenchem e pintam as frases para a página ficar completa. E na página seguinte (*mostrar*) temos uma vela de batismo para pintar e frases que nos recordam como se deve viver como Jesus ensinou. Depois de rezarem "Glória ao Pai..." conversam sobre aquilo que já aprenderam sobre Rezar, Dizer a Verdade, Respeitar e Amar todas as Pessoas e completam as frases.

E podemos cantar de novo:
"**Somos a Igreja de Cristo**" (*refrão e as 3 estrofes*).

CATEQUESE 22

AMARÁS O SENHOR TEU DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?"

A pergunta é feita a Jesus, segundo o Evangelho de S. Mateus (22, 35-36), por um fariseu, especializado na Lei. O mesmo sucede no Evangelho de S. Marcos (12, 28): "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?" Trata-se de encontrar um princípio unificador para todas as leis que, já no Antigo Testamento, nomeadamente nos chamados livros da Lei (entre nós, mais conhecidos por Pentateuco), garantiam a ordem e, como tal, a existência do povo de Deus; leis que estão resumidas, como uma espécie de constituição, no chamado Decálogo, isto é, nas Dez Palavras, mais conhecidas por "Dez Mandamentos da Lei de Deus", inseridas na aliança entre Deus e o seu povo, celebrada no Monte Sinai (Ex 20, 1-17; Dt 5, 6-22).

No Evangelho de S. Lucas a pergunta, feita também por um doutor da Lei, é formulada numa perspetiva diferente: "Mestre, que hei de fazer para possuir em herança a vida eterna?" (Lc 10, 25). Isto é, uma vida sem as limitações que a podem impedir de se desenvolver ou que a destroem. Numa palavra: uma vida verdadeiramente feliz para sempre. Nesse sentido, a pergunta feita a Jesus é de todos os seres humanos e de todos os tempos. Pode ter outras formulações, de acordo com as circunstâncias em que cada um se encontra, mas todos querem ser felizes e procuram lutar por isso.

No entanto, não basta saber o que se deve fazer. É necessário ter capacidade e, por vezes, uma coragem que vai para além das forças naturais, a fim de realizar o que, teoricamente, se conhece como o caminho a seguir, o dever a cumprir.

2. "Amarás o Senhor teu Deus"

A resposta de Jesus é esta: "Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é igual a este: Amarás o próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas" (Mt 22, 37-40). O primeiro é uma citação adaptada do Livro do Deuteronómio, que todo o povo de Israel e cada um dos seus membros é

convidado a escutar e a pôr em prática incondicionalmente (cf. Dt 6, 5). O segundo cita o Livro do Levítico (19,18), onde o amor ao próximo aparece como um dos elementos que faz de Israel um povo santo, porque é propriedade do Deus Santo.

De resto, o Decálogo, nas suas duas partes, é constituído por este duplo amor. E na mesma ordem em que é apresentado por Jesus: primeiro o incondicional e total amor a Deus e, em segundo lugar, o amor ao próximo, exemplificado em 7 mandamentos. A ordem é indicativa da sua dependência: só no total amor a Deus é possível o amor ao próximo. Por outro lado, não há verdadeiro amor a Deus, se este não se prolongar e concretizar num correspondente amor ao próximo, isto é, a todos aqueles que Deus ama.

Veja-se o que, nesse sentido, nos é dito na primeira Carta de S. João «Se alguém disser: "Eu amo a Deus", mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão» (4, 20s).

3. "Ele amou-nos primeiro"

Só em Deus encontramos a capacidade para amar. Só Ele nos abre os olhos e o coração a uma dimensão que vai infinitamente para além daquilo que os olhos e o coração são capazes de alcançar. "Nós amamos porque Ele nos amou primeiro" (1 Jo 4, 19).

«O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação: "Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado" (Sb 11, 24). Então cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo» (*Laudato Si*, Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum, 77).

Esta realidade já nos é apresentada assim no Antigo Testamento: o decálogo, que inicia com o mandamento da adoração a Deus, é precedido da referência à poderosa libertação da escravidão no Egipto, realizada pelo Senhor Deus (Ex 20, 2). Ele realmente amou-nos primeiro e incondicionalmente.

E, no Novo Testamento, aquele Cristo que nos manda amar a Deus acima de tudo, é o "Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim". A partir da transformação operada em mim por esse amor, estou em condições de amar os outros, todos os outros, porque Ele deu a vida por todos. Se o deixarmos agir em nós, cada um poderá dizer como S. Paulo: "já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20).

OBJETIVOS

- Descobrir o amor a Deus como resposta ao seu amor para connosco;
- Exprimir o amor a Deus, de modo especial pela oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A pergunta feita a Jesus – que no Evangelho é formulada pelo escriba – é de todos os tempos. As crianças são convidadas a interrogar-se sobre ela e a pôr por escrito a sua resposta, para poderem inserir-se de um modo mais ativo na dinâmica da Palavra de Deus.
2. Como as crianças não terão facilidade em compreender o que se entende por Lei – embora já tenham uma noção do que é uma regra – interrogam-se sobre aquilo a que a Lei pretende conduzir: uma vida feliz, dentro do povo de Deus, que vive cumprindo a sua Lei.
3. Na oração que as crianças são convidadas a fazer é introduzido o "Ámen", tão usado nas nossas orações, particularmente na liturgia. É mais um meio para elas participarem ativa e conscientemente na oração de toda a Igreja.

MATERIAIS

- Dístico "Jesus" (catequeses anteriores);
- Folhas de papel pequenas, uma para cada pessoa;
- Dísticos: "Mestre, que devo fazer para ser feliz?", "Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento" e "Ámen";
- Círio pascal.

MÚSICAS

- Fala, Senhor, pela Bíblia;
- Ámen (melodia usada na liturgia eucarística).

***NOTA** – Se no grupo houver uma criança que leia muito bem, poderá ser ela a ler, no texto bíblico, a pergunta feita a Jesus.*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* o dístico "Jesus".
- *Na mesa:* a Bíblia e o círio pascal apagado.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Reunidos em nome de Jesus*
   Vimos na última catequese que, quando nos reunimos em nome de Jesus, ele está no meio de nós e faz a união entre nós. É por isso que vivemos em comunhão.
   Comunhão significa uma união muito grande.
   Jesus está aqui para nos falar e nós para o ouvirmos. É o que temos feito sempre na catequese.

2. *Que é preciso para ser feliz?*
   Mas hoje, antes de Jesus nos falar, vamos nós fazer-lhe uma pergunta. Eu vou pôr aqui a pergunta.
   O catequista afixa o ***dístico****: "****Mestre, que devo fazer para ser feliz?***
   Nós queremos ser felizes, não queremos? O que é que nos faz felizes? *Dialogar com as crianças...*

   Eu vou distribuir umas folhas. Cada menina e cada menino vai pensar naquilo que os faz felizes... e escreve aquilo que pensou.

   Depois de todos (incluindo o catequista) escreverem, o catequista retoma: Estas foram as nossas respostas àquela pergunta. Mas qual terá sido a resposta de Jesus?

II. PALAVRA

1. *A resposta de Jesus*
   Vamos fazer a pergunta a Jesus, todos ao mesmo tempo:
   "Mestre, que devo fazer, para ser feliz?"
   E agora preparamo-nos para ouvir a resposta de Jesus. Pomo-nos de pé e cantamos o cântico "**Fala Senhor**", com as mãos levantadas:
   "**Fala Senhor**" (*1ª estrofe e refrão*).

   O catequista acende o círio.

   Leitura (Mt 22, 35-37):

   Catequista:
   Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

   Crianças:
   Glória a Vós, Senhor.

Catequista:
Um dia,
aproximou-se de Jesus
um homem conhecedor da lei de Deus
e perguntou-lhe:
"Mestre,
qual é o maior mandamento da Lei?"
Jesus disse-lhe:
"Amarás ao Senhor teu Deus
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
Este é o maior e o primeiro mandamento".

Catequista:
Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a Vós, Senhor.

Silêncio

Depois de pousar a Bíblia e de as crianças se sentarem, o catequista afixa o ***dístico "Amarás ao Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento"*** *e comenta:*

É esta a primeira coisa que Jesus nos diz para fazermos e assim sermos felizes. Vamos todos ler, ao mesmo tempo, as palavras de Jesus.

(*Todos leem em conjunto as palavras do dístico e podem mesmo repetir a leitura*).

O mais importante, para sermos felizes, é amar a Deus, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso pensamento.

2. *Amarás o Senhor teu Deus*
Sabem porque é tão importante amar a Deus? (...) Porque ninguém nos ama tanto como Deus, ninguém nos dá tantas pessoas e tantas coisas boas. Querem dizer algumas das coisas que Deus nos dá? *Ouvir as crianças, estimulá-las e, se necessário, completar*:

- Deus criou o mundo tão belo e tão bom para nós.
- Deus deu-nos as pessoas que mais nos amam: pais, familiares, amigos.

- Foi Ele que pôs no coração dessas pessoas o amor por nós.
- E o mais importante de tudo: Deus deu-nos Jesus, o seu Filho querido, que nos amou tanto, tanto que deu a sua vida por nós.
- E é Deus que põe no nosso coração o Espírito Santo que nos faz ser tão amigos uns dos outros. Como vemos, temos muitas razões para amar a Deus com todo o nosso coração. Ninguém nos ama tanto como Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Deus o seu amor*

   Vamos agradecer a Deus todo o amor que nos tem. Podemos rezar a **oração** que já sabemos: "Glória ao Pai..." Então vamos pôr-nos de pé e levantamos as mãos: "**Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Ámen**".

   Deus deve estar muito contente connosco, porque estamos já a fazer o que Jesus nos diz para ser felizes. Quem reza, com muita atenção, como acabámos de fazer, está a mostrar que ama a Deus.

   E que mais podemos e devemos fazer para mostrar que amamos a Deus, de todo o coração? (*Deixar que se exprimam e, conforme as respostas, comentar ou completar*): Amamos a Deus, se vivermos como Jesus nos ensina e como o Espírito Santo nos ajuda a fazer.

2. *Aprendemos a cantar Ámen*

   O catequista afixa o dístico "Ámen".

   Temos aqui uma palavra que todos conhecemos, mas parece-me que ainda não sabem o que ela quer dizer.

   Alguém sabe o que quer dizer Ámen? (...) É mais uma palavra da língua de Jesus e Jesus disse-a muitas vezes. Quer dizer "Assim seja". Quando dizemos Ámen, estamos a dizer que é verdade o que estivemos a rezar, que achamos bem tudo o que se disse, que queremos unir-nos à oração que alguém diz ou que todos dizemos.

   É uma palavra tão importante que se diz muitas vezes e até se canta na igreja.

   Vamos dizer a Deus que queremos amá-lo muito e vamos cantar Ámen para dizer que é mesmo verdade e que queremos que assim seja sempre. *Ensaiar o cântico do* ***Ámen.***

   Oração:

   Catequista:
   Nós vos rezamos, Deus nosso Pai,
   que nos amais tanto.
   Queremos amar-vos com todo o nosso coração.
   Todos *(cantando):* **Ámen, ámen, ámen.**

Catequista:
Nós vos rezamos, Deus nosso Pai,
por todas as pessoas,
para que também elas vos amem com toda a sua alma.
***Todos** (cantando):* **Ámen, ámen, ámen.**

Catequista:
Nós vos rezamos, Deus nosso Pai,
por todos nós,
que queremos amar-vos sempre,
com todo o nosso coração,
com toda a nossa alma
e com todo o nosso pensamento.

3. **Compromisso**

Nesta página do catecismo (*indicar a página* 92) encontramos ilustradas muitas coisas belas e boas que o Senhor nos ofereceu: a natureza, os amigos, a família, a escola, o hospital que trata de nós quando estamos doentes... Tantas são as coisas que recebemos e que devemos agradecer! E para mais alguma coisa que apreciem muito, aqui está um espaço em forma de coração para escreverem ou para desenharem. E na página seguinte (*mostrar*), recordamos o que aprendemos hoje, *Ámen*, "assim seja": vão ler em casa os textos da página 93 e, talvez, cantar o cântico que aprendemos. E, depois, pintar muito bem a palavra Ámen, porque é uma palavra muito importante!

Todos (cantando):
Ámen, ámen, ámen.

CATEQUESE 23

AMARÁS O TEU PRÓXIMO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O amor ao próximo está inscrito na nossa natureza

É o Papa Bento XVI, na Encíclica "Deus é Amor", (DCE 31) quem o diz: "O aumento de organizações diversificadas, que se dedicam ao homem nas suas várias necessidades, explica-se fundamentalmente pelo facto de o imperativo do amor ao próximo ter sido inscrito pelo Criador na própria natureza do homem". E justifica esta afirmação com a crescente formação, nas sociedades dos nossos dias, de «organizações com fins caritativos ou filantrópicos, que procuram, face aos problemas sociais e políticos existentes, alcançar soluções satisfatórias sob o aspeto humanitário. Um fenómeno importante do nosso tempo é o aparecimento e difusão de diversas formas de voluntariado, que se ocupam de uma pluralidade de serviços. Tal empenho generalizado constitui para os jovens uma escola de vida que educa para a solidariedade e a disponibilidade para darem não apenas qualquer coisa, mas se darem a si próprios. À anticultura da morte que se exprime, por exemplo, na droga, contrapõe-se deste modo o amor que não procura o próprio interesse, mas que, precisamente na disponibilidade para "se perder a si mesmo" pelo outro (cf. Lc 17, 33 e paralelos), se revela como cultura da vida» (Ibidem 30).

De facto, é impressionante como, sobretudo os jovens e os reformados, gastam grande parte do seu tempo e das suas energias em tantas formas de entrega pelos outros: no próprio meio em que vivem e em continentes e países onde as carências e a miséria de toda a ordem são gritantes. É impressionante como, por exemplo, cada vez mais jovens passam as suas férias e até mesmo alguns anos do início da sua carreira profissional ao serviço generoso e desprendido dos mais necessitados nos chamados países de missão.

2. A necessidade do amor de Deus

Segundo o Papa, "o aumento de organizações diversificadas, que se dedicam ao homem nas suas várias necessidades, (...) é efeito também da presença, no mundo, do Cristianismo, que não cessa de despertar e tornar eficaz este imperativo, muitas vezes profundamente obscurecido no decurso da história" (Ibidem 31).

Nesta ação de dedicação aos outros é necessária constância, persistência. Servir os outros exige sacrifícios, renúncias, perdas. Quando no que se procura fazer, não se obtém os resultados projetados e procurados, ou se acaba até num fracasso total; ou quando o bem que se faz é causa de invejas, incompreensões e até perseguições, não admira que se perca o entusiasmo, se caia no desânimo e, pura e simplesmente, se desista.

É necessária uma força sobre-humana: aquela que nos oferece o Deus que é amor, só amor e sempre amor; o Deus que assim se revelou, todas as vezes em que interveio na história e o fez de um modo único em seu Filho Jesus Cristo.

"Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito, a fim de que todo aquele que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). Um dom inexcedível de Deus no dom do Filho que, pela doação da sua vida, obteve uma vida nova e ilimitada, para Ele e para quem, acreditando nele, é regenerado por esse amor.

3. O amor é constitutivo da Igreja

A afirmação é, mais uma vez, do Papa Bento XVI, na mesma Encíclica: "O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever, antes de mais, para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, isto é, em todas as suas dimensões: desde a comunidade local, passando pela Igreja particular, até à universal na sua globalidade" (n.º 20). É uma necessidade inerente à sua natureza, identidade e existência: "A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríplice dever: anúncio da Palavra de Deus (*Kerigma-Martyria*), celebração dos sacramentos (*Leiturgia*), serviço da caridade (*Diakonia*). São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo um ser separado dos outros. Para a Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que se poderia deixar a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência" (DCE 25).

E a razão última deste dever essencial está naquele que se encontra na origem da Igreja: Jesus Cristo com a entrega total da sua vida por nós. É Ele que, no testamento deixado aos seus na Ceia de despedida, no-lo diz: "Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 34-35).

Recordando estas palavras e Jesus, o Papa Francisco exorta-nos: "Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais" (Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 99). É este amor, que

teve a sua prova máxima na doação da sua vida pelos seus amigos (Jo 15, 13), que a Igreja proclama, ensina, explica pela Palavra, celebra e atualiza pelos sacramentos, de modo especial pelo da Eucaristia.

OBJETIVOS

- Acolher o mandamento do amor ao próximo, na sua ligação com o amor a Deus;
- Pôr em prática o amor a Deus e ao próximo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese está particularmente ligada à anterior: o amor a Deus tem de levar ao amor ao próximo. Assim, na proclamação da Palavra voltam a ser lidas as palavras de Jesus proclamadas na catequese anterior, para serem completadas com as que se referem ao amor ao próximo.

MATERIAIS

- Imagens de várias expressões de amor ao próximo;
- Dístico "Jesus" (catequeses anteriores);
- Dístico: "Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento" (catequese anterior);
- Dístico: "Amarás ao teu próximo como a ti mesmo";
- Círio pascal.

MÚSICAS

- Fala, Senhor, pela Bíblia;
- Ámen (melodia usada na liturgia eucarística);
- Se vos amardes uns aos outros.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala:

- *No placar:* o dístico "Jesus"; por baixo, o dístico "Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento".
- *Na mesa:* a Bíblia, o círio pascal (apagado).

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *É bom ajudarmo-nos uns aos outros*

   Apresentar as imagens de expressões de amor ao próximo e dialogar com as crianças.

   Tenho a certeza de que também já fizemos coisas parecidas... Ajudar o pai e a mãe, visitar uma pessoa doente, emprestar qualquer coisa a um colega que precisa... Quando fazemos isso, como é que nos sentimos? *Dialogar com as crianças.*

Sim, ficamos contentes, porque é bom ajudarmos os outros, como nós gostamos que nos ajudem. É bom sermos amigos.

2. *Recordamos a resposta de Jesus para quem quer ser feliz*
Vivermos com os outros como amigos é bom e faz-nos felizes. Mas na última catequese ouvimos Jesus dizer o que nos pode fazer realmente felizes, não foi? O que é que Jesus nos ensinou? (...)

As palavras de Jesus estão ali afixadas. Agora podemos ler todos ao mesmo tempo:
"**Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento**".

E até podemos cantar, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todo o nosso pensamento "Ámen":
"**Ámen, ámen, ámen**".

Já sabemos que quando dizemos Ámen estamos a dizer "assim seja". Estamos de acordo com as palavras de Jesus.

E por isso vamos procurar amar a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso pensamento.

II. PALAVRA

1. *"Mestre, que devo eu fazer para ser feliz?"*
Quando ouvimos na última catequese a pergunta que fizeram a Jesus, não ficámos a saber toda a resposta dele. Para sermos felizes, Jesus disse ainda outra coisa que todos devemos fazer.

O catequista acende o círio pascal.
E agora cantamos:
"**Fala, Senhor**" (*só o refrão*).

Leitura (Mt 22, 37-38):

Catequista:
Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Catequista:
Naquele tempo, perguntaram a Jesus:
"Mestre qual é o maior mandamento da Lei?"
Jesus disse:
"Amarás o senhor teu Deus
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
Este é o maior e primeiro mandamento.
O segundo é igual:
amarás ao teu próximo
como a ti mesmo".

Palavra da Salvação.

Crianças:
Glória a vós, Senhor.

Silêncio

O *catequista afixa o* ***dístico:***
"Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Depois comenta:
Jesus diz-nos para amar o próximo. E quem é o nosso próximo? (...)
O próximo é quem está ao pé de nós e precisa de nós. Aqui na catequese somos todos próximos uns dos outros. Em casa o próximo é a mãe, o pai, os irmãos... Na escola quem é o vosso próximo? ...Os colegas, a professora...São também as outras pessoas da nossa família, os nossos amigos, as pessoas que vivem ao pé de nós, aquelas que encontramos na rua, nas lojas... Jesus diz-nos que devemos amar a todos. Amar a todos, mesmo os que estão longe, que nós não conhecemos, mas que às vezes vemos, por exemplo, pela televisão.

2. *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*
Não sei se todos repararam bem nesta frase. Não diz só que devemos amar o próximo. Diz que cada um o deve amar como a si mesmo. Nós gostamos de nós mesmos? (...)
Claro que sim! Gostamos de todas as coisas que nos fazem ficar contentes. Então devemos querer o mesmo para os outros. Amá-los é querer para eles as mesmas coisas boas que queremos para nós. Ficarmos contentes porque eles estão contentes, ajudá-los sempre, não ter inveja de ninguém.
E nós também ficamos felizes por fazer bem e amar os outros, não é verdade?

Vamos pensar também porque será que Jesus nos manda primeiro amar a Deus...
É Deus que nos dá força e coragem para sermos bons para com os outros e amá-los. Se nós amarmos a Deus, temos mais forças para ser amigos dos outros. Se amarmos a Deus, Ele coloca no nosso coração o Espírito Santo que nos faz ser amigos dos outros, como Deus e Jesus são amigos de todos.
Vamos ler então toda a resposta de Jesus. Eu faço a pergunta e depois lemos todos ao mesmo tempo a resposta de Jesus.

Catequista:
Mestre, que devo eu fazer para ser feliz?

Crianças:
Amarás o senhor teu Deus
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com todo o teu pensamento.
E ao teu próximo como a ti mesmo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Quando nos amamos, Deus está connosco*
Há um cântico muito bonito com palavras que também foram ditas por Jesus e que tem muito a ver com o que aprendemos hoje. Talvez alguns meninos já o conheçam, porque se canta às vezes na igreja. É assim:
"**Se vos amardes uns aos outros,**
Deus permanece em vós".

Depois de ensaiar, o catequista diz:
Agora, de pé... damos as mãos uns aos outros e cantamos:
"**Se vos amardes uns aos outros**" (*refrão e 1.ª e 3.ª estrofes*).

2. *Pensamos como podemos amar os outros:* **compromisso**
Agora cada menina e cada menino vai pensar no que pode fazer para amar o próximo como Jesus nos ensina. *Momentos de silêncio...*

No catecismo há um espaço em forma de coração (*indicar a página 97*) onde cada um vai desenhar e escrever (com a ajuda de um adulto) aquilo que pensou fazer (ou uma das coisas que pensou...) para amar o próximo. Depois, é preciso fazer aquilo que pensámos!

No fim podem cantar novamente: "**Se vos amardes uns aos outros**" (*refrão e 3ª estrofe*).

CATEQUESE 24

SOMOS A IGREJA DE CRISTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Desânimo?**

   Estamos no fim do ano pastoral e é natural sentir algum cansaço, desânimo, talvez até vontade de desistir. Quem nunca sentiu os limites e as fragilidades das capacidades humanas, físicas, psíquicas e até espirituais?

   Às dificuldades da vida profissional junta-se a responsabilidade da vida familiar, as dúvidas acerca da nossa competência enquanto catequistas, o sentimento de sermos demasiado pequenos para a missão assumida. Tomámos sobre nós a tarefa de transmitir aos nossos catequizandos a mensagem de Jesus Cristo. Mas estaremos a ser capazes? Que espécie de catequistas temos sido? Que testemunho temos dado? Valerá a pena continuar?

   Quem se encontra neste estado de espírito nesta altura do ano deverá ler atentamente o que se segue. Mas se não se encontrar, deve lê-lo igualmente, porque pode um dia ter estes mesmos sentimentos, ou cruzar-se com alguém que precise de ser estimulado.

2. **"Basta-te a minha graça"**

   Foi assim que Cristo respondeu a Paulo, atormentado pelo que ele chama "um espinho na carne", provavelmente uma doença física crónica, dolorosa e humilhante, que o limitava na sua atividade apostólica. A respeito disso, escreve ele na segunda Carta aos Coríntios: «pedi três vezes ao Senhor que o afastasse de mim. Mas ele respondeu-me: "Basta-te a minha graça. Pois é na fraqueza que a força se manifesta plenamente"» (2 Cor 12, 8-9).

   E assim foi. Nem esse "espinho", nem contrariedades e obstáculos, fracassos e provações o fizeram baixar os braços, desistir ou parar na sua permanente e total dedicação ao anúncio do Evangelho e ao serviço das comunidades cristãs por ele fundadas. O que a natureza humana não lhe proporcionava era compensado e até superado pela graça de Cristo: por aquele amor incomparável que dele se apoderou no encontro com o ressuscitado a caminho de Damasco; aquele amor que o transformou, de

perseguidor de Cristo e da Igreja, em Apóstolo de Cristo e da Igreja... e em perseguido por causa de Cristo e da Igreja.

3. **"Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?"**
   Deus, totalmente presente e atuante em Cristo ressuscitado, leva Paulo a exclamar na Carta aos Romanos: "Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? (...) Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores, graças àquele que nos amou" (Rom 8, 35.37).

   É esta certeza absoluta do amor de Deus que tudo supera que é a nossa força. Não há dificuldades que possam vencer-nos. Podemos ser fracos, mas temos connosco a força do Senhor. Deus "amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito, a fim de que todo o que crê nele não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). Esta salvação é oferecida a todos e é como comunidade que a alcançamos, apoiando-nos uns nos outros. Para aqueles que acreditam em Jesus Cristo nada é impossível.

   Foi na esperança que fomos salvos, diz S. Paulo aos Romanos (Rm 8, 24). Foi este o título que o Papa Bento XVI escolheu para a sua segunda Encíclica: "*Spe salvi facti sumus.* Uma esperança fundada na transformação operada em nós pela fé (cf. Salvos na Esperança 2)". Que a caminhada de fé que temos vindo a fazer com os nossos catequizandos seja, de facto, a fonte daquela esperança que nos faz mais humanos e mais cristãos, no culminar de um ano de catequese em que, ensinando a rezar, aprendemos também a entregar-nos ao Deus que tudo pode e que se revela em Cristo. Caminhemos com a Igreja vivendo na firme esperança da vinda gloriosa do Senhor.

OBJETIVOS

- Aprofundar o sentido de Igreja;
- Fomentar a alegria por pertencer à Igreja;
- Preparar pela oração, a festa do Pai-Nosso.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese propõe-se que, do amor ao próximo e a Deus, as crianças sejam conduzidas a entender melhor a realidade da Igreja que vive desse duplo amor. Também se procura dar ainda mais força à oração que Jesus nos ensinou e que nos irmana como filhos do mesmo Pai.
2. No final da catequese o catequista entrega às crianças os convites para levarem aos pais para a Festa do Pai-Nosso, onde a presença e a participação dos pais é indispensável, visto serem eles os primeiros responsáveis pela educação da fé dos seus filhos.

MATERIAIS

- Dísticos: "IGREJA", "Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento" e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (catequeses anteriores);
- Convites do catequista para os pais (Documento 1);

MÚSICAS

- Cristo Jesus, Tu me chamaste;
- Somos a Igreja de Cristo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala: *No placar os dísticos*: "Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento" e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A grande família de Deus*

   Hoje é a última catequese deste ano. Só falta a grande festa que vamos fazer no dia (*o catequista indica a data da festa do Pai-Nosso*).

   Dialogar com a criança acerca da página 1 desta catequese no catecismo…

   Vemos aqui igrejas em toda a Terra. São diferentes umas das outras, porque as casas também são diferentes nos vários países. Em todo o mundo há igrejas, porque em todo o mundo há pessoas que pertencem à grande família de Deus, à IGREJA. *Afixar o dístico* "IGREJA".

2. *Na Igreja amamo-nos uns aos outros*

   Nós, que aqui estamos, também somos a Igreja. Vamos cantar a nossa alegria porque estamos aqui e porque somos Igreja.

   Cantam o **cântico**: **Somos a Igreja de Cristo** (*Só o refrão*).

   Nestas últimas catequeses cada um de nós aceitou a resposta que Jesus nos dá para sermos felizes. Essa resposta está ali afixada. Para nos lembrarmos bem dela, vamos lê-la todos juntos:

   "Amarás o Senhor teu Deus,
   com todo o teu coração, com toda a tua alma
   e com todo o teu pensamento.
   E amarás ao teu próximo como a ti mesmo."

II. PALAVRA

1. *Somos o Povo de Deus*

Estamos aqui reunidos mais uma vez, porque somos a família de Deus e sabemos quem nos chamou.

O catequista começa o cântico: **Cristo Jesus, Tu me chamaste** *e todos cantam o refrão.*

Sim, foi Cristo que nos chamou! E nós respondemos: "Aqui estou!"

Depois o catequista introduz a leitura:

Agora, para compreendermos ainda melhor que somos a Igreja, vamos ouvir umas palavras muito bonitas de um grande amigo de Jesus, o Apóstolo S. Pedro. Estão numa carta que ele escreveu e que faz parte da Bíblia. Quando ouvimos na igreja a leitura de uma carta e se diz, no fim, "Palavra do Senhor", o que é que nós respondemos? (...) Pois é: "Graças a Deus".

Leitura (cf. 1 Pe 2, 9-10):

Catequista:
Vós sois nação santa
a fim de proclamardes
as maravilhas daquele
que vos chamou das trevas
para a sua luz admirável,
a vós que outrora não éreis um povo,
mas sois agora povo de Deus.

Palavra do Senhor.

Crianças:
Graças a Deus.

Silêncio

Somos a Igreja, somos o Povo de Deus.

2. *Somos uma nação santa*

Todo este ano temos vindo a descobrir como Deus é nosso Pai, como todos somos irmãos e formamos a Igreja e como assim podemos ser verdadeiramente felizes.

Sabemos que devemos amar a Deus, com todo o nosso coração, a nossa alma e o nosso pensamento, e também amar o próximo como a nós mesmos. Porque somos todos filhos de Deus devemos amá-lo muito e ser amigos de todos. Ficamos assim cada vez mais parecidos com Deus, que é santo. Por isso S. Pedro nos diz que este povo, esta família que nós somos é uma nação santa.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Preparamos a festa do Pai-Nosso*

   Vamos ter daqui a pouco tempo, no dia..., a festa do Pai-Nosso. Vai ser com muita alegria que iremos celebrar essa festa em que todos os meninos e meninas vão receber o Pai-Nosso. Para nos prepararmos para esse dia, vamos rezar, com muito amor no nosso coração, o Pai-Nosso, a oração dos filhos de Deus.

   Pai-Nosso...

   O catequista pode indicar às crianças a página desta catequese onde poderá escrever, em casa, com a ajuda dos pais, o Pai-Nosso.

2. *Damos a paz uns aos outros*

   Quando as pessoas se amam como filhos de Deus vivem em paz umas com as outras. Quando vamos à missa, já vimos que, depois de rezarem o Pai-Nosso, as pessoas dão a paz umas às outras. Então agora vamos também fazê-lo aqui: damos um beijo ou apertamos a mão uns aos outros. Cada um diz: "A paz de Cristo esteja contigo" e a outra pessoa responde: "E contigo também".

3. **Compromisso**

   Em casa, para recordar muito bem que somos Nação Santa porque somos Filhos de Deus e a Igreja de Cristo, vamos pintar as frases da página 100 do catecismo (*mostrar*) e na página seguinte temos também uma tarefa para realizar com a família (*mostrar*): preparar a Festa do Pai-Nosso! Como agora já sabem rezar muito bem o Pai-Nosso, vão escrevê-la com a vossa mão e isso tem muito valor!

   Antes de saírem o catequista chama cada criança e entrega-lhe o convite (Documento 1) para os pais ou outros familiares.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Convite do(s) catequista(s) aos pais ou outros encarregados de educação das crianças. Pode ter o seguinte conteúdo:

Queridos pais de... (nome da criança).

Unidos ao vosso(a) filho(a) e em nome da nossa comunidade cristã, quero felicitar-vos e agradecer-vos pela forma como acompanhastes a sua educação cristã, durante este ano de catequese. Estamos a terminá-lo com o mandamento de Jesus: "Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu pensamento. E amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Mt 22, 37.39). Foi neste duplo amor que prometestes educar o vosso(a) filho(a) no dia do seu Batismo. E, na medida em que o tendes feito, o(a) vosso(a) filho(a) tem descoberto como Deus é nosso Pai, como todos somos membros da sua Igreja e como, assim, podemos ser verdadeiramente felizes.
É com essa alegria que iremos celebrar a Festa do Pai-Nosso no próximo dia (*data*), às (*hora*) na igreja de (*lugar*). Agradeço a vossa presença uns 30 minutos antes para podermos preparar devidamente a festa.

Como preparação mais próxima, permiti-me que vos faça a seguinte sugestão: rezai todos os dias, com o vosso filho(a) o Pai-Nosso, a oração dos filhos de Deus.

Com a maior amizade e estima:

(Lugar e data)
(Assinatura do catequista)

CATEQUESE 25

FESTA DO PAI-NOSSO

CELEBRAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A festa

Festejar é uma necessidade para o ser humano, por várias razões. Para festejar precisamos de nos encontrar uns com os outros, de conviver. Porque a vida consiste em "viver com", no intercâmbio de palavras, de gestos, de dons, em ambiente de descontração, de paz. Essa vertente social é absolutamente constitutiva da festa, embora esta compreenda refeições melhoradas e diversas manifestações artísticas, meios que muito contribuem para a comunhão entre os que festejam. A festa é necessária pelo que nela se festeja: acontecimentos e datas determinantes para a vida do indivíduo e/ou grupo humano em que está integrado. A história de cada pessoa, família, terra ou nação está cheia desses acontecimentos, que, pela sua densidade, vão muito para além dos momentos em que se realizaram. Revivê-los, se se trata de acontecimentos passados, ou simplesmente vivê-los com intensidade na altura em que sucedem, é reconhecer-lhes a sua importância, guardá-los para sempre na memória e nos hábitos da vida.

Numa festa comunitária entram, como elementos constitutivos, a palavra e o rito. A junção do relato com os gestos contribui para que o acontecimento celebrado seja revivido, de tal modo que ele se torne presente e seja participado pelos que o celebram. Este aspeto de memorial, na tradição judaico-cristã, é especialmente sentido na festa da Páscoa, decisiva para o nascimento e a constituição do povo de Deus do Antigo e Novo Testamento. Lembremos a solenidade com que nós, cristãos, vivemos a missa, o memorial da celebração da morte e ressurreição de Cristo.

2. O Pai-Nosso em festa

Em todas as festas cristãs tem de estar presente o Deus da vida, a quem por isso invocamos como "Pai". E chamamos-lhe "nosso", porque a vida que nos dá é, por natureza, vida partilhada e, portanto, comum a todos aqueles que, pela fé, a Ele se entregam. Se o acontecimento celebrado já une aqueles que o celebram, o Deus que

está na sua origem, que o provocou, que nele se revelou, é quem faz do grupo daqueles que nele creem um povo, uma Igreja constituída por uma comunhão indestrutível entre os seus membros.

E por isso é Ele quem faz festa connosco. Intervém nela através dos santos que festejamos, recordando acontecimentos e palavras das suas vidas em que mais se manifestou a ação salvífica de Deus e que fizeram deles modelos de santidade para todos os crentes. Intervém, de um modo especial, através do Seu Filho Jesus Cristo, o Mediador único da salvação nos sucessivos acontecimentos da vida humana que assumiu entre nós e que marcam o ritmo do ano litúrgico. Intervém, acima de tudo, no memorial da sua morte e ressurreição, celebrado em cada Eucaristia que, em qualquer festa cristã, deve ocupar o lugar central.

Intervém também através daqueles que Ele consagrou, de modo particular pelo sacramento da Ordem, para serem mediadores privilegiados dos seus dons salvíficos. Intervém através de toda a comunidade crente, o corpo de Cristo na terra. Intervém pela sua Palavra que, em dias de festa, é proclamada com redobrada solenidade; e pela oração e os cânticos expressivos da fé que vai no coração de cada crente e os une na sintonia das mesmas palavras e da mesma melodia. Intervém pelos gestos e ritos, animados pelas palavras e aspetos constitutivos da vida humana, para lhes dar aquela dimensão ilimitada que só Ele pode dar.

Assim, Ele faz festa connosco e, pela vida que nessas festas nos dá, fá-lo como pai, o "nosso Pai", a quem rezamos ou cantamos o "Pai-Nosso".

3. O "Pai-Nosso" na vida da Igreja

Se a Igreja é constituída pela comunhão dos filhos de Deus, não pode viver sem aquela oração que o seu Fundador, Jesus Cristo, lhe deixou para ser a sua oração, a que melhor exprime a identidade cristã de cada um dos seus membros e, por esse meio, mais contribui para a sua união vital numa única família.

De facto, é também pela Oração Dominical que nos tornamos cristãos, filhos de Deus e membros da Igreja. Vejamos o lugar que ela ocupa nos Sacramentos da Iniciação Cristã. No Batismo dos adultos, o Pai-Nosso é-lhes solenemente entregue umas semanas ou dias antes de serem batizados, para o rezarem em comunhão com toda a Igreja, na celebração em que, batizados e crismados, se tornam filhos do mesmo Deus, pelo Espírito Santo que dele recebem. No Batismo das crianças ele é recitado pelos seus pais, padrinhos e outros familiares, juntamente com toda a assembleia cristã que as acolhe. E "na liturgia eucarística, a oração do Senhor aparece como a oração de toda a Igreja" (CIC 2770).

Daí o lugar que esta oração deve ter no crescimento da fé e a necessidade de que esta entrega seja feita na comunidade reunida. Assim a receção do "Pai-Nosso" será uma autêntica festa, celebrada com um Deus que é Pai e que faz festa com todos os seus filhos.

OBJETIVOS

- Celebrar, em Igreja, a graça de sermos filhos de Deus;
- Acolher e rezar o Pai-Nosso como a oração por excelência da Igreja.

MATERIAIS

- Cartões com o "Pai-Nosso", um para cada criança.

MÚSICAS

- Cristo Jesus, Tu me chamaste;
- Aleluia, Glória ao Senhor;
- Recebestes um Espírito;
- Vós, Senhor, sois nosso Pai;
- Santo, Santo, Santo é o Senhor (J. P. Martins);
- Pai-Nosso que estais nos Céus (Carlos Silva) ou Jesus Cristo é Senhor;
- Jesus, eu amo-Te;
- Somos a Igreja de Cristo.

***NOTA** – Pode solenizar-se o cortejo de apresentação dos dons, com a participação de algumas crianças e pais. Escolher também um pai e uma mãe para fazerem a admonição que precede a primeira leitura e a própria leitura.*

I. RITOS INICIAIS

1. Cântico de entrada

Cristo Jesus, Tu me chamaste

2. Saudação e acolhimento

Depois da saudação inicial habitual, o Presidente da Assembleia pode dizer as seguintes palavras de acolhimento:

Meninos e meninas, Jesus disse-nos que onde estiverem dois ou três reunidos em seu nome, Ele está no meio deles.

Hoje estamos aqui reunidos e somos muito mais do que dois ou três. Saúdo com muita alegria os pais e outros familiares presentes, assim como toda a comunidade reunida para acolher estas crianças e suas famílias.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

Presidente (ou um catequista): Todos juntos somos a família de Deus. Como se chama esta família? (...) A Igreja de Cristo. Todos rezamos a Deus como nosso Pai, e, por isso, somos todos irmãos e irmãs. Estes familiares e amigos estão aqui especialmente por causa das meninas e meninos que este ano completaram o 2º ano de catequese. Hoje queremos todos fazer festa convosco. Como se chama esta festa? (...) A Festa do Pai-Nosso, porque durante este ano aprendestes a entender a oração mais bonita que temos. E todos nós queremos rezá-la convosco. Então preparemo-nos melhor para fazermos festa, com Jesus que nos chamou e a quem cada um respondeu: "Estou aqui".

Presidente: Para sermos mais amigos de Jesus e mais amigos uns dos outros, peçamos perdão pelas nossas maldades, pelos nossos pecados.

A Eucaristia prossegue como habitualmente.

3. Glória

"Aleluia... Glória ao Senhor"

(as três primeiras estrofes)

II. LITURGIA DA PALAVRA

1. 1.ª Leitura (*se não for obrigatória a do dia litúrgico*):

Admonição:

Pai/Mãe:

Já conhecemos as palavras de uma carta de S. Paulo que nos falam do nosso Batismo. Vamos ouvi-las de novo com muita atenção:

Leitura (Gl 3, 26-27):

Pai/Mãe:

Leitura da carta de São Paulo aos Gálatas
Irmãos:
Todos vós sois filhos de Deus
em Jesus Cristo, mediante a fé;
pois todos os que fostes batizados em Cristo
fostes revestidos de Cristo.
Palavra do Senhor.
***Todos:* Graças a Deus.**

2. Salmo responsorial

Recebestes um Espírito
Aleluia, glória ao Senhor! *(só o refrão)*

3. **Evangelho** (*se o dia litúrgico o permitir*):

Leitura (Mt 6, 9-13):
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Mateus
***Todos*: Glória a Vós, Senhor.**
Rezai, pois, assim:
Pai-Nosso, que estás nos Céus,
Santificado seja o teu nome,
Venha o teu Reino;
Faça-se a tua vontade,
Assim na terra como no Céu.
Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;
Perdoa-nos as nossas ofensas,
Como nós perdoámos aos que nos ofenderam;
E não nos deixes cair em tentação,
Mas livra-nos do mal.
Palavra de Salvação.
***Todos*: Glória a Vós, Senhor.**

4. **Homilia**
Sugestões, sobretudo para o caso de terem sido feitas as leituras bíblicas propostas atrás:
Recordar que começaram a aprender a rezar o Pai-Nosso com um pedido feito a Jesus: "Senhor, ensina-nos a rezar". Podem repetir: "**Senhor, ensina-nos a rezar**".
Aprenderam também, uma por uma as frases do Pai-Nosso que foram explicadas para ficarem a entendê-las melhor. Cada um pode pensar qual é a frase de que gosta mais e pode-se estimular as crianças para que algumas digam a frase em que pensaram e por que razão a preferem.
O Presidente pode ir comentando e completando brevemente, as respostas das crianças.

5. **Profissão de Fé/ Credo**

6. **Oração dos fiéis**
Às preces propostas para o dia litúrgico, juntam-se mais duas, adaptando a sua formulação à das preces feitas antes:
- Pelas crianças que vão receber o Pai-Nosso, para que o rezem todos os dias e, confiando-se assim a Deus nosso Pai, cresçam na fé e no amor.
- Pelos pais e familiares destes meninos, para que sejam para eles modelos de fé e de oração e os levem a reconhecer como Deus nos ama.

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. **Cântico do ofertório**
   Vós, Senhor, sois nosso Pai.
2. **Oração Eucarística**
   Uma das Orações Eucarísticas das Missas com crianças.

IV. RITOS DA COMUNHÃO

1. **Pai-Nosso**
   Se houver condições para isso, o Presidente convida as crianças (e eventualmente os respetivos pais) a rodearem o altar. Convida-os a unirem-se uns aos outros, dando as mãos, e, elevando-as para Deus, rezando com toda a assembleia, a oração que Jesus nos ensinou.

2. **Cântico da Comunhão**
   Pai-Nosso que estais nos Céus

3. **Cântico depois da Comunhão**
   Jesus, eu amo-te

4. **Entrega do Pai-Nosso**
   Antes da bênção final.
   O Presidente diz: "Recebei o Pai-Nosso, a oração que Jesus nos ensinou. Rezai-a todos os dias para serdes bons filhos de Deus."
   O catequista que acompanhou as crianças durante o ano chama cada criança pelo seu nome. As crianças aproximam-se acompanhadas pelos pais.
   O Presidente entrega a cada criança a folha com o Pai-Nosso.

5. **Cântico final**
   Somos a Igreja de Cristo

As crianças recebem também o *Álbum de Férias do catecismo 2:* para as ajudar a pôr em prática o que aprenderam ao longo deste ano e para rezarem com a família durante o período das férias escolares. São também convidadas a ilustrar ou a escrever, como memória futura, sobre a experiência de fé em comunidade que foi a Festa celebrada. Se possível, segue-se uma refeição em comum das crianças, famílias e catequistas.

SÍNTESE DOUTRINAL DO 3º BLOCO

Jesus ressuscitou

O Batismo torna-nos filhos de Deus em Jesus ressuscitado

O Espírito Santo guia-nos na oração e no amor a todos

Pelo Batismo pertencemos à Igreja, a família de Deus

Deus ama-nos e também nós devemos amá-lo e gostar de falar com Ele

O amor a Deus manifesta-se no amor ao próximo

Somos o Povo de Deus

Na Festa do Pai-Nosso, celebramos em Igreja a graça de sermos filhos de Deus

Reuniões de pais e familiares

1. Acolhimento:
- A sala deve estar preparada;
- É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
- Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projetando-a.

2. Introdução à reunião:
- Saudação inicial;
- Para que estamos aqui? (Objetivos)
- Como vamos organizar a reunião?
- Apresentação dos participantes (se for oportuna).

3. Apresentação do tema:
- Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
- Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
- Plenário ou resumo com as principais conclusões.

4. Encontro com os catequistas (por grupos):
- Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
- Dialogar sobre o grupo (como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
- Se houver casos delicados ou dificuldades com alguma criança, conversar em particular (no final ou noutro dia, num espaço cómodo e reservado, em que possam sentar-se).

5. Conclusões

Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:
- Agradecer a presença;
- Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
- Avisar sobre a próxima, se for o caso;
- Terminar com uma oração ou um cântico;
- Partilhar um chá / café.

CÂNTICOS[1]

CÂNTICOS – Guia 2º ano

Catequese 1

GUIADO PELA MÃO

Guiado pela mão
Com Jesus eu vou,
E sigo como ovelha
Que encontrou pastor.
Guiado pela mão
Com Jesus eu vou,
Aonde Ele vai.

Se Jesus me diz: "Amigo,
Deixa tudo e vem comigo!"
Como posso resistir ao seu amor?
Se Jesus me diz: "Amigo,
Deixa tudo e vem comigo!"
Minha mão porei na sua e irei com Ele!

Se Jesus me diz: "Amigo,
Deixa tudo e vem comigo!"
Como posso ser feliz sem ir com Ele?
Se Jesus me diz: "Amigo,
Deixa tudo e vem comigo!"
Seguirei o seu caminho, e irei com Ele!

Catequese 1
Catequese 2

QUERO ESTAR SEMPRE CONTIGO (*Manuel Martins*)

Por sentir-te aqui tão perto,
Que alegria sinto em mim.
Bom Jesus, amigo certo,
Deixa-me cantar-te assim:

---

[1] Letra dos cânticos correspondentes ao Catecismo 2 e ao CD musical editado pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã.

"Quero estar sempre contigo,
Ó Jesus meu doce bem.
És o meu melhor amigo,
Conta comigo também."

Quero ser luz a brilhar,
Semente de paz e de amor.
Quero ser sal a salgar,
Ao mundo dar mais sabor.

Quero ser um bom fermento,
Eu quero ser um farol.
Do Divino Sacramento,
Eu vou ser um girassol.

Catequese 2
Catequese 6
Catequese 17
Catequese 25

JESUS, EU AMO-TE *(R. Monteiro)*

Jesus eu amo-te. (4x)
Tu és Filho de Deus.
Tu és o meu Senhor.
Jesus eu creio em Ti.

Catequese 3
Catequese 4
Catequese 8
Catequese 22
Catequese 23

FALA, SENHOR, PELA BÍBLIA *(Letra: Ir. Miriam Kolling, Música: Acílio Mendes)*

Fala, Senhor, pela Bíblia:
Tu és Palavra que salva!

Fala, Senhor! Fala, Senhor: Eu quero escutar.
Fala, Senhor! Fala, Senhor: Eu quero escutar.

Fala, Senhor, pela Igreja:
É tua presença no mundo!

Fala, Senhor, pela História:
É tua vida entre os homens!

Fala, Senhor, pelas coisas:
São teus sinais de bondade!

O QUE FIZERDES AOS OUTROS *(Letra: F. Melro, Música: A. Cartageno)*

Palavra de Cristo
é como semente:
O amor nasce dela
E cresce na gente.

O que fizerdes aos outros
Será a Mim que o fareis.

Se os homens ouvissem
A voz de Jesus
Fugiam das trevas
Viviam na luz.

Amarmos os outros
É como ter asas,
Voar como as aves
Por cima das casas.

Amarmos os outros
É como quem faz
Da terra dos homens
A Terra da Paz.

OBRIGADO, JESUS, PORQUE ÉS MEU AMIGO! *(Carlos Silva)*

Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!
Obrigado, Jesus, porque gostas de mim!

Quando me levanto e falo contigo,
Eu sei que Tu estás em mim.
Quando amo os outros como Tu gostas,
Eu sei que Tu estás em mim.

Quando trabalho de boa vontade,
Eu sei que Tu estás em mim.
Quando obedeço e falo a verdade,
Eu sei que Tu estás em mim.

Catequese 4
Catequese 8

SENHOR, PARA TI O MEU CORAÇÃO *(Carlos Silva)*

Senhor, para Ti o meu coração.
Senhor, para Ti o meu coração.

Jesus é o amigo das crianças,
Dos pobres, dos simples, dos pequeninos.

"Deixai vir a Mim as criancinhas;
Seus anjos contemplam a Deus no Céu."

O reino dos céus é dos humildes,
Dos retos e puros de coração.

Aquele que acolhe uma criança
Acolhe Jesus, Filho de Deus.

Catequese 5

QUERO DIZER A VERDADE *(P. Teodoro Dias de Sousa)*

Ó Jesus, eu quero dizer a verdade
Quero dizer a verdade.

1. Em casa com os meus pais, eu quero dizer a verdade.
2. Na escola, com o professor e colegas, eu quero dizer a verdade.
3. Eu quero ser amigo de todos, dizendo sempre a verdade.
4. Eu quero ser amigo dos outros, dizendo sempre a verdade.

Catequese 5

DEUS, NOSSO PAI, QUE SOIS TÃO BOM *(Carlos Silva)*

Deus nosso Pai que sois tão bom:
Bendito sejais!
Glória a Vós, Senhor!

Catequese 6
Catequese 8

É BOM ESTARMOS JUNTOS *(J. Pedro Martins)*

É bom estarmos juntos,
É bom sermos irmãos.

É bom sorrir, é bom cantar,
É bom viver em Deus. (Bis)

É bom sermos amigos,
É bom saber amar.

É bom seguir Jesus,
Dizer "aqui estou".

É bom dar alegria
Ao triste que a não tem.

É bom erguer os braços
E a todos abraçar.

Catequese 7

AVÉ-MARIA, CHEIA DE GRAÇA (*A. Cartageno*)

Avé-Maria, cheia de graça
contigo habita Nosso Senhor:
Por dom divino entre as mulheres,
Tu és bendita, divina flor.

Avé, Avé, Avé-Maria.

Lírio de encantos, perfume e luz,
De cujo seio níveo brotou
Bendito fruto, Cristo Jesus,
O verbo eterno que a ti baixou.

Santa Maria, ó mãe de Deus,
Reza pelos filhos das tuas dores
Roga, intercede, porque são teus
E miseráveis pecadores.

Que a tua prece, Virgem poderosa,
Nos acompanhe pela vida além;
E que na morte venhas piedosa
Para assistir-nos, bendita Mãe!

Então, ó Virgem, Mãe do Senhor,
Em gozo eterno, suma alegria,
Nós bendiremos o teu amor,
Nós cantaremos: Avé, Maria!

Catequese 8
Catequese 9

DLIM - DLÃO *(Letra: Rosária Nunes, Música: A. Cartageno)*

Dlim - dlão, dlim - dlão, amor, alegria,
Dlim - dlão, dlim - dlão, o sino anuncia;
Dlim - dlão, dlim - dlão, todos a cantar,
Dlim - dlão, dlim - dlão, chegou o Natal.

Jesus nasce,
Tem um segredo p'ra nos dizer:
Ele é Deus, vem viver connosco,
Faz-nos viver.

Todos juntos,
Nós festejamos com alegria:
Jesus Cristo faz anos hoje,
– Que lindo dia!

Catequese 8

ALEGREM-SE OS CÉUS E A TERRA *(Popular)*

Alegrem-se os céus e a terra,
Cantemos com alegria,
Já nasceu o Deus Menino
Filho da Virgem Maria.

Entrai, pastores, entrai
Por esse portal sagrado;
Vinde adorar o Menino
Numas palhinhas deitado.

Entrai, pastores entrai
Por esse portal adentro;
Vinde adorar o Menino
No seu santo nascimento.

Esta noite à meia-noite,
Noite bem-aventurada,
Nasceu Jesus de Maria,
Ficou sempre imaculada.

Ó meu Menino Jesus,
Nascidinho na pobreza,
Tomai posse da minha alma,
Minha única riqueza.

Catequese 9
Catequese 12
Catequese 16
Catequese 25

JESUS CRISTO É SENHOR *(Letra: F. Melro, Música: C. Lameiro)*

Jesus Cristo é Senhor
Que de seu Pai nos traz
Um reino só de Amor,
Um reino só de Paz.
Um reino só de Paz.

A Deus glória nas alturas
E paz aos homens na terra!
Não seja Deus ofendido
Fazendo os homens a guerra.

Porque Deus é nosso Pai
E Jesus o nosso Irmão
Nós dizemos sim à paz
À guerra dizemos não!

Vós, homens não inventeis,
A paz à vossa maneira,
Pois à maneira de Deus
Paz é amor sem fronteira!

Cada criança que nasce
É divina promessa
De que toda a guerra acabe
E a paz na terra floresça!

Catequese 25

PAI-NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉUS *(F. Melro; Carlos Silva)*

Como Jesus nos revela,
Assim aclamamos Deus:
Santo, Santo é o vosso nome,
Pai-Nosso que estais nos céus.

Pai-Nosso que estais nos céus.

De tudo sois a origem,
Pai-Nosso que nos dais vida:
Dais a toda a humanidade
Vossa paterna guarida.

Do vosso excelso mistério
Nós recebemos a luz:
Sois nosso Pai que nos ama,
Porque sois Pai de Jesus.

Como nos céus seja feita
A vossa vontade na terra:
Aos famintos dar sustento;
Fazer a paz em vez de guerra.

Todo o homem quando é pai,
Toda a mulher quando é mãe
São imagem de Deus,
De onde toda a vida vem!

Por Jesus, eterno Filho,
Pelo Espírito de Amor:
Uma só família somos,
Em Deus Pai, nosso Senhor!

Catequese 10
Catequese 13
Catequese 14
Catequese 25

VÓS, SENHOR, SOIS O NOSSO PAI *(Carlos Silva)*

Vós, Senhor, sois o nosso Pai (bis)

1. "Nosso Redentor" é desde sempre o vosso nome.
2. Sois um Deus clemente, compassivo e bom.
3. Lento para a ira, rico em misericórdia.
4. Um só é o nosso "Pai", aquele que está no Céu.

Catequese 11
Catequese 25

SANTO, SANTO, SANTO É O SENHOR (*J. Pedro Martins*)

Santo, Santo, Santo é o Senhor!
Santo, Santo, Santo é o Senhor!

1. O céu e a terra proclamam a vossa glória.
   Hossana nas alturas!
2. Bendito o que vem em nome do Senhor.
   Hossana nas alturas!

Catequese 10
Catequese 13
Catequese 15

PAI-NOSSO *(Melodia oficial)*

Pai-Nosso, que estais no Céu
santificado seja o Vosso nome
venha a nós o Vosso reino
seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal. Ámen.

Catequese 15

QUANTAS VEZES *(Ir. Miriam Kolling)*

Quantas vezes eu não fiz o meu irmão feliz:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!
Quantas vezes, por preguiça, eu não rezei a Deus:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!
Quantas vezes com meu pai e minha mãe teimei:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!

Quantas vezes na escola eu não estudei:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!

Quantas vezes meus amigos eu não desculpei:
Perdão, Senhor, Perdão, Senhor!

CANTAI, O SENHOR É BOM *(G. Rey / A. Cartageno)*

Cantai, o Senhor é bom,
cantai, o Senhor é bom;
nas trevas brilhou sua luz.
Cantai, o Senhor é bom,
cantai, o Senhor é bom;
a vida nos deu em Jesus.

O Pai nos reúne,
o Pai nos reúne,
de nós faz um povo.
Por Cristo nos dá,
por Cristo nos dá
um coração novo.

O Reino chegou,
o Reino chegou
ao meu coração.
Jesus me salvou,
Jesus me salvou,
deu-me seu perdão.

É bela a notícia,
é bela a notícia
que Jesus nos traz:
Estou perdoado,
estou perdoado,
tenho a sua paz.

Catequese 17
Catequese 21
Catequese 24
Catequese 25

CRISTO JESUS, TU ME CHAMASTE *(H. Faria)*

Cristo Jesus, tu me chamaste,
Eu te respondo: "Estou aqui".
Tu me chamaste pelo meu nome,
Eu te respondo: "Estou aqui".

Quero subir à montanha,
Quero ouvir a tua voz.
Quero subir à montanha
E falar contigo a sós.

Disse Jesus aos Apóstolos:
Lançai as redes ao mar
Sereis pescadores de homens:
Dos homens que eu vim salvar.

A voz de Cristo nos chama,
Ouçamos o seu clamor:
Toma a tua cruz e segue-me,
Quem te fala é o teu Senhor.

Pelos caminhos do mundo
Procuro os que andam perdidos.
Se eu bater à tua porta
Não me feches os ouvidos.

Muitos poderão salvar-se
Se a tua fé for ardente.
O cristão é luz de Deus
A iluminar toda a gente.

Catequese 17

PAI, EM VOSSAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO *(P. Teodoro Dias de Sousa)*

Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito.
Em vós, Senhor, me refugio, jamais serei confundido,
Pela vossa justiça salvai-me.
Em vossas mãos entrego o meu espírito,
Senhor, Deus fiel salvai-me.

O SENHOR SALVOU-ME *(Carlos Silva)*

O Senhor salvou-me,
O Senhor salvou-me,
O Senhor salvou-me
Porque me tem amor.
O Senhor salvou-me
Porque me tem amor.

Por aquilo que o Senhor fez por ti
Reconhece quanto vales para Ele.

Não há maior prova de amor
Do que dar a sua vida pelo amigo.

Quando éramos seus inimigos
Jesus Cristo deu a vida por nós.
Eu vivo da fé no Filho de Deus
Que me amou e se entregou por mim.

VITÓRIA! TU REINARÁS!

Vitória! Tu reinarás!
Ó cruz, tu nos salvarás!

Catequese 18
Catequese 20
Catequese 25

ALELUIA, GLÓRIA AO SENHOR

Aleluia aleluia aleluia aleluia
Glória ao Senhor

1. Glória ao Senhor, nosso Pai! Glória ao Senhor, nosso Pai!
   Glória ao Senhor, nosso Pai! Glória ao Senhor!
2. Glória ao Senhor, Jesus Cristo! Glória ao Senhor, Jesus Cristo!
   Glória ao Senhor, Jesus Cristo! Glória ao Senhor!
3. Glória ao Espírito Santo! Glória ao Espírito Santo!
   Glória ao Espírito Santo! Glória ao Senhor!

Glória ao Senhor, nossa luz, glória ao Senhor, nossa luz!
Glória ao Senhor, nossa luz, glória ao Senhor!

Glória ao Senhor, nossa vida, glória ao Senhor, nossa vida!
Glória ao Senhor, nossa vida, glória ao Senhor!

Glória ao Senhor, nossa paz, glória ao Senhor, nossa paz!
Glória ao Senhor, nossa paz, glória ao Senhor!

Glória ao Senhor, nosso amigo, glória ao Senhor, nosso amigo!
Glória ao Senhor, nosso amigo, glória ao Senhor!

Catequese 18
Catequese 19

RESSUSCITOU PARA NOSSA VIDA *(F. Santos)*

Ressuscitou para nossa vida.
Aleluia, aleluia.

1. Procurais entre os mortos aquele que está vivo?
2. Sepultados com Ele no Batismo, vivamos uma vida nova.
3. Todos vós que fostes batizados estais revestidos de Cristo.

Catequese 20
Catequese 25

RECEBESTES UM ESPÍRITO *(Carlos Silva)*

Recebestes um Espírito que faz de vós filhos adotivos.
É por Ele que clamamos:
Abb'o, ó Pai.

Todos os que se deixam guiar pelo Espírito
Esses é que são filhos de Deus.

Esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito
De que somos filhos de Deus.

Se somos filhos de Deus, somos também herdeiros:
herdeiros de Deus e herdeiros com Cristo.

Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu,
a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus.

Catequese 21
Catequese 24
Catequese 25

SOMOS A IGREJA DE CRISTO *(P. Teodoro Dias de Sousa)*

Somos a Igreja de Cristo, e vivemos em comunhão.
Somos a Igreja de Cristo, é Jesus quem faz a união.

1. Desde o dia do Batismo
   chamamo-nos cristãos
   pertencemos à Santa Igreja,
   vivemos como irmãos.

2. Na família de Jesus
   todos têm um lugar
   e a única condição
   é n'Ele acreditar.

3. Sempre que nos reunimos
   em nome de Jesus,
   Ele está no meio de nós
   e dá-nos a sua luz.

Catequese 23

SE VOS AMARDES *(F. Silva)*

Se vos amardes uns aos outros,
Deus permanece em vós.
Se vos amardes uns aos outros,
Deus permanece em vós.

1. É este o meu mandamento:
   Amai-vos como Eu vos amei.

2. Não há maior prova de amor
   do que dar a vida pelos amigos.

3. Vós sereis meus amigos,
   se fizerdes o que vos mando.

4. Amai os vossos inimigos
   e orai pelos que vos perseguem.

ÍNDICE

PÁG.

Siglas 3

Apresentação 5

Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência 11

Introdução 13

Plano Pedagógico do 2º Catecismo 41

1º BLOCO – QUEREMOS CONHECER JESUS

Catequese 1 – **De novo juntos com Jesus** 51

Catequese 2 – **"Este é o meu filho muito amado"** 59

Catequese 3 – **Escutar Jesus** 67

Catequese 4 – **Com Jesus aprendo a amar e respeitar** 75

Catequese 5 – **Com Jesus quero dizer a verdade e obedecer** 81

Catequese 6 – **Que bom é ter Jesus** 89

Catequese 7 – **Jesus, filho de Maria** 97

Catequese 8 – **Jesus é Deus connosco** 105

2º BLOCO – APRENDO A DIZER "PAI-NOSSO"

Catequese 9 – **Jesus anuncia-nos o reino de Deus seu pai** 117

Catequese 10 – **Pai-Nosso que estais nos céus** 125

Catequese 11 – **"Santificado seja o vosso nome"** 135

Catequese 12 – **"Venha a nós o vosso reino"** 143

Catequese 13 – **"Seja feita a vossa vontade"** 149

Catequese 14 – **"O pão nosso de cada dia nos dai hoje"** 155

PÁG.

Catequese 15 – **"Perdoai-nos as nossas ofensas... e não nos deixeis cair em tentação"** 163

Catequese 16 – **Que bom é viver em Deus** 171

Catequese 17 – **"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito"** 179

3º BLOCO – EM JESUS SOMOS IRMÃOS

Catequese 18 – **Ressuscitou, aleluia** 191

Catequese 19 – **Pelo batismo somos filhos de Deus** 199

Catequese 20 – **Recebemos o Espírito Santo** 205

Catequese 21 – **Entrámos na Igreja** 211

Catequese 22 – **Amarás o senhor teu Deus** 217

Catequese 23 – **Amarás o teu próximo** 225

Catequese 24 – **Somos a Igreja de Cristo** 231

Catequese 25 – **Festa do Pai-Nosso** 237

Proposta para reuniões de Pais e Familiares 245

Cânticos 247